

Virtudes do Medo

Gavin De Becker

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Table of Contents

Prefácio

1 - Diante do perigo

2 - A tecnologia da intuição

3 - A academia de previsão

4 - Sinais de sobrevivência

5 - Incompletos estranhos

6 - Previsões de alto risco

7 - Promessas de matar

8 - Persistência, persistência

9 - Riscos ocupacionais

10 - Inimigos íntimos

11 - "Eu estava tentando recusar com delicadeza"

12 - Medo de crianças

13 - É melhor ser procurado pela polícia do que não ser procurado por ninguém

14 - Riscos extremos

15 - A inteligência do medo

Agradecimentos

Apêndice Um - Sinais de sobrevivência e estratégias para previsão

Apêndice Dois - Recursos para obter ajuda

Apêndice Três - Segurança armada

Apêndice Quatro - Violência no trabalho

Apêndice Cinco - Gavin De Becker, Incorporated

Apêndice Seis - Os elementos de previsão

Apêndice Sete - Perguntas a serem feitas à escola do seu filho

Bibliografia recomendada

GAVIN DE BECKER

VIRTUDES DO MEDO

Sinais de alerta que nos protegem da violência

Tradução de TALITA M. RODRIGUES

Versão digital: Maffalda. (Envie correções para maffalda arroba gmail ponto com.)

Rocco

Rio de Janeiro - 1999

Titulo original

THE GIFT OF FEAR

Survival Signals that Protect us from Violence

Copyright © 1997 by Gavin de Becker

Direitos mundiais para a língua portuguesa reservados com exclusividade à EDITORA ROCCO LTDA.

Rua Rodrigo Silva, 26 - 5o andar

20011-040 - Rio de Janeiro - RJ

Tel.: 507-2000 - Fax: 507-2244

Printed in Brazil/Impresso no Brasil

preparação de originais RYTA VINAGRE

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

B356v

Becker, Gavin de

Virtudes do medo : sinais de alerta que nos protegem da violência /
Gavin de Becker; tradução de Talita M . Rodrigues. - Rio de Janeiro :
Rocco, 1999

Tradução de: The gift of fear: survival signals that protect us from
violence

Inclui apêndices e bibliografia

ISBN 85-325-0898-7

I. Violência - Aspectos psicológicos. 2. Vitimologia - Psicologia. 3. Intuição (psicologia). I. Título.

98-0977CDD - 362.88

CDU - 343.98

Às duas pessoas que mais me ensinaram sobre coragem e bondade:
minhas irmãs, Chrysti e Melissa.

E a minha mãe, meu avô e meu pai.

Nota: Homens de todas as idades e de todas as partes do mundo são mais violentos do que as mulheres. Por isso, neste livro a linguagem se prende mais especialmente ao masculino. Quando se trata de violência, as mulheres podem ter orgulho de renunciar a serem reconhecidas através da linguagem, porque aqui, pelo menos, o politicamente correto seria estatisticamente incorreto.

GdeB

Sumário

Prefácio

1 - Diante do perigo

2 - A tecnologia da intuição

3 - A academia de previsão

4 - Sinais de sobrevivência

5 - Incompletos estranhos

6 - Previsões de alto risco

7 - Promessas de matar

8 - Persistência, persistência

9 - Riscos ocupacionais

10 - Inimigos íntimos

11 - "Eu estava tentando recusar com delicadeza"

12 - Medo de crianças

13 - É melhor ser procurado pela polícia do que não ser procurado por ninguém

14 - Riscos extremos

15 - A inteligência do medo

Agradecimentos

Apêndice Um - Sinais de sobrevivência e estratégias para previsão

Apêndice Dois - Recursos para obter ajuda

Apêndice Três - Segurança armada

Apêndice Quatro - Violência no trabalho

Apêndice Cinco - Gavin De Becker, Incorporated

Apêndice Seis - Os elementos de previsão

Apêndice Sete - Perguntas a serem feitas à escola do seu filho

Bibliografia recomendada

Prefácio

Todos nós sabemos que há razões suficientes para se temer as pessoas de vez em quando. A questão é: quando?

Diante do perigo, os seres humanos - como qualquer outra criatura sobre a terra - recebem sinais, e o mais claro deles é o medo. Ele nos pode guiar com segurança através de situações arriscadas. Mostrei em detalhes o que é realmente um risco (ao contrário do que nós possamos imaginar). Com esta informação, é possível não sentir tantos medos injustificados, e ouvir o medo que é genuinamente um sinal de proteção, o medo que é um dom.

A violência faz parte de todas as culturas porque faz parte dos seres humanos. Reconheço que ela tem um papel diferente nas diferentes partes do mundo. Este livro explora as peças do quebra-cabeça da violência humana analisando a sociedade americana mas, embora o comportamento humano seja universal, alguns aspectos são peculiares a uma determinada cultura. Por exemplo, os Estados Unidos são um país com mais armas do que adultos. Embora este não seja o caso do Brasil, há algo a se aprender com as experiências dos americanos.

Se você perceber que está correndo perigo com um estranho, um amigo, parente, funcionário, mesmo que a referência específica não se aplique ao Brasil, este livro pode, no mínimo, esclarecer a sua avaliação do nível de risco que está enfrentando.

Quando *Virtudes do medo* se tornou um *best-seller* nos Estados Unidos, milhares de leitores me contaram que ele lhes deu mais segurança. Ao mesmo tempo, disseram, o livro reduziu o poder que o medo injustificado tinha sobre suas vidas. Espero que isso também aconteça com você e com as pessoas que você ama.

GAVIN DE BECKER
Los Angeles, Califórnia

1 - Diante do perigo

Isto acima de tudo, recusar-se a ser uma vítima.

- *Margaret Atwood*

Ele provavelmente a vinha observando há algum tempo. Não temos certeza - mas o que sabemos é que ela não era a sua primeira vítima. Naquela tarde, num esforço para fazer todas as suas compras numa só viagem, Kelly havia superestimado o que seria capaz de carregar confortavelmente para casa. Justificando a sua decisão, enquanto lutava com o peso das sacolas, ela dizia a si mesma que se fizesse duas viagens teria que andar pelas ruas depois do anoitecer, e ela prezava muito sua segurança para fazer isso. Ao subir os poucos degraus diante do prédio em que morava, viu que tinham deixado a porta destrancada (de novo). Eles não entendem, ela pensou, mas apesar de aborrecida com o descaso dos vizinhos com a própria segurança, dessa vez gostou de não ter que ficar procurando a chave.

Depois de entrar, ela fechou bem a porta até ouvir o barulho do trinco. Kelly tem certeza de que a trancou, o que significa que ele já deveria estar lá dentro, no corredor.

Em seguida vinham os quatro lances de escada, que ela queria subir uma vez só. Já estava quase no terceiro andar quando uma das sacolas rasgou derrubando as latas de ração para gatos, que rolaram escada abaixo divertidamente, como se estivessem tentando fugir dela. A lata que ia na frente parou no segundo andar, e Kelly observou quando ela literalmente fez a curva, adquiriu mais velocidade e continuou saltando, como se não fosse nada, os degraus seguintes até desaparecer de vista.

"Peguei! Eu levo para você", alguém gritou. Kelly não gostou do tom de voz. Logo de início alguma coisa lhe soou errado, mas aí surgiu aquele rapaz simpático subindo a escada e catando as latas no meio do caminho.

- Eu ajudo você - disse ele.

- Não, não obrigada, eu posso me virar sozinha.

- Não parece. Para onde você está indo?

Ela hesitou um pouco antes de responder.

- Quarto andar, mas estou bem, sério.

Sem dar ouvidos a Kelly, naquele momento ele já estava equilibrando várias latas com um dos braços de encontro ao peito.

- Eu também estou indo para o quarto andar - ele disse -, e estou atrasado, a culpa não é minha, o relógio parou, portanto, vamos andando. E me dá isso aí.

Ele estendeu a mão para pegar uma das sacolas mais pesadas que ela carregava. Ela insistiu:

- Não, realmente, obrigada, eu agüento.

- Você é muito orgulhosa, sabia? - disse ele, sem largar a sacola de compras.

Kelly hesitou em largar a sacola, mas acabou cedendo, e esta troca aparentemente insignificante entre um estranha gentil e o alvo da gentileza foi o sinal - para ambos - de que ela estava disposta a confiar nele. Junto com o controle da sacola, ela passou o controle de si mesma para as mãos dele.

- É melhor a gente se apressar - disse ele, subindo os degraus na frente de Kelly. - Temos um gato faminto lá em cima.

Mesmo que naquele momento ele não parecesse desejar nada além de ser útil, ela ficou apreensiva, e não havia motivo para isso, pensou. Ele estava sendo gentil, e ela se sentiu culpada por desconfiar dele. Não queria ser aquele tipo de pessoa que desconfia de todo o mundo, e já estavam se aproximando da porta do seu apartamento.

- Sabe que um gato pode viver três semanas sem se alimentar? - perguntou ele. - Sei disso porque um dia esqueci de alimentar o gato de uma amiga minha que viajou.

Kelly estava parada diante da porta do seu apartamento, que tinha acabado de abrir.

- Agora pode me dar que eu levo - disse ela esperando que ele lhe entregasse as compras, aceitasse o seu agradecimento e fosse embora. Em vez disso, ele disse:

- Não, não vim até aqui para deixar você derrubar tudo de novo. - Como Kelly continuou hesitando, ele sorriu. - Ei, a gente deixa a porta aberta como as senhoras nos filmes antigos. Eu coloco isso lá dentro e vou embora. Prometo.

Ela o deixou entrar, mas ele não cumpriu a promessa.

Neste momento, em que está me contando a história do estupro e das três horas de suplício que viveu, Kelly interrompe a narrativa para chorar baixinho. Ela agora sabe que ele matou a facadas uma de suas vítimas.

Desde que nos sentamos frente a frente no pequeno jardim do meu escritório, Kelly não largou as minhas mãos. Ela tem 27 anos. Ames do estupro, era conselheira de crianças com perturbações mentais, mas não trabalha faz tempo. Aquele rapaz simpático foi responsável por três horas de angústia no seu apartamento e pelo menos três meses de recordações dolorosas. A segurança que ele espantou continuava oculta, a dignidade que ele feriu ainda não estava curada.

Kelly vai saber agora que ao dar atenção a um pequeno sinal de sobrevivência ela conseguiu salvar a sua vida, da mesma forma como havia se arriscado antes ao desprezar outros sinais. Seus olhos estão úmidos, mas seu olhar é claro quando me diz que deseja compreender todas as estratégias que ele usou. Ela quer que eu lhe diga o que foi que a sua intuição percebeu e que a salvou.

Mas isso é ela quem vai me dizer.

"Foi depois de ele já ter colocado o revólver na minha cabeça, depois de ele me estuprar. Foi depois disso. Ele se levantou da cama, se vestiu, depois fechou a janela. Olhou o relógio, e só então começou a agir como se estivesse com pressa."

- Tenho que ir. Ei, não fique tão assustada. Prometo que não vou machucar você. - Kelly sabia que ele estava mentindo. Sabia que ele planejava matá-la e, embora talvez seja difícil imaginar isso, foi aí, pela primeira vez desde o início do incidente, que ela sentiu um medo profundo.

Ele se aproximou dela com o revólver e disse:

- Não se mexa, nem faça nada. Vou até a cozinha pegar alguma coisa para beber, depois vou embora. Prometo. Mas você fique onde está. - Ele não precisava se preocupar com que ela desobedecesse às suas instruções porque, desde o momento em que lhe entregou a sacola, ela estivera totalmente sob o seu controle.

- Você sabe que não sairei daqui - ela lhe garantiu.

Mas assim que ele saiu do quarto, Kelly se levantou e foi atrás dele, arrastando o lençol.

- Eu estava literalmente atrás dele, como um fantasma, e ele não sabia que eu estava ali. Seguimos juntos pelo corredor. Num determinado momento ele parou, eu também. Ele olhou o meu aparelho de som, que estava tocando uma música, e foi até lá aumentar o volume. Quando ele se dirigiu para a cozinha, eu fiz meia volta e atravessei a sala de estar.

Kelly ouviu o barulho das gavetas sendo abertas quando saiu pela porta da frente, deixando-a escancarada. Foi direto para o apartamento do outro lado do corredor (que ela sabia que estava com a porta destrancada). Fazendo sinal com a mão para os vizinhos ficarem quietos, ela trancou a porta atrás de si.

- Eu sabia que se ficasse no meu quarto ele ia voltar e me matar, mas não sei porque tinha tanta certeza.

- Sabe, sim - eu lhe disse.

Ela dá um suspiro e continua.

- Ele se levantou e se vestiu, fechou a janela, olhou para o relógio. Prometeu que não me machucaria, e a promessa não fazia sentido. Aí ele foi para a cozinha beber alguma coisa, supostamente, mas eu o ouvi abrindo as gavetas. Ele procurava uma faca, é claro, mas eu soube disso muito antes. - Ela pára. - Acho que ele queria uma faca porque o revólver fazia muito barulho.

- O que a leva a pensar que ele estava preocupado com o barulho? - perguntei.

- Não sei. - Ela faz uma pausa mais longa, coro o olhar fixo, vindo-o naquele dia dentro do seu quarto. - ... Eu sei. Eu sei o que foi, eu sei o que foi. Foi o barulho, foi por isso que ele fechou a janela. Foi por isso que eu soube.

Como eleja estava vestido e supostamente indo embora, não havia razão para fechar a janela. Foi esse sinal sutil que a alertou, mas foi o medo que lhe deu coragem para se levantar sem hesitação e seguir rente ao homem que pretendia matá-la. Mais tarde ela descreveu um medo tão grande que superou qualquer outra sensação física. Um animal que estava oculto dentro dela se ergueu enorme usando os músculos das pernas de Kelly. "Eu não tive nada a ver com isso", explicou. "Fui transportada pelo corredor afora."

O que ela experimentou foi o medo real, não aquele que sentimos quando nos assustamos, nem quando assistimos a um filme, ou quando temos que falar em público. Este medo é o aliado poderoso que diz: "Faça o que estou lhe dizendo." Às vezes ele diz para a pessoa se fingir de morta, parar de respirar, correr, gritar ou lutar, mas para Kelly ele disse: "Fique quieta e confie em mim, vou tirá-la daqui."

Kelly me disse que estava se sentindo mais segura, sabendo que tinha atendido àquele sinal, sabendo que tinha salvado sua própria vida. Ela disse que estava cansada de ser acusada e de se culpar por ter deixado o rapaz entrar no seu apartamento. Disse que já tinha aprendido o bastante nas nossas reuniões para nunca mais se permitir ser vítima.

- Talvez seja o proveito que eu vou tirar de tudo isso - refletiu. - O estranho é que, com todas estas informações, eu agora não sinto tanto medo de sair por aí como antes, mas deve haver um jeito mais simples de aprender.

Eu já havia pensado nisso. Sei que a mesma coisa que salvou a vida de Kelly pode salvar a sua. Na coragem que ela demonstrou, na sua confiança em ouvir a voz da intuição, na sua determinação em compreender o que tinha acontecido, na sua enorme vontade de se livrar de um medo injustificado, eu vi que a informação deveria ser compartilhada não só com as vítimas mas também com outras pessoas que não precisarão jamais fazer parte desse grupo. Quero que este livro ajude você a ser uma delas.

Por estar sempre atento à violência, por ter previsto o comportamento de assassinos, perseguidores, prováveis futuros assassinos, namorados rejeitados, maridos desprezados, ex-funcionários zangados, assassinos em massa e outros, sou chamado de especialista. Posso ter aprendido muitas lições, mas a minha premissa básica nestas páginas é de que você também é um especialista na previsão de comportamentos violentos. Como qualquer criatura, você sabe quando está correndo perigo. É um dom que você tem. esse guardião interno inteligente pronto para avisá-lo da existência do perigo e guiá-lo através de situações arriscadas.

Aprendi alguma coisa sobre segurança durante anos indagando às pessoas vítimas de violência: "Você poderia ter pressentido o que estava para acontecer?" Quase sempre respondem: "Não, foi inesperado", mas se fico quieto, se espero um pouco, lá vem a informação: "Não me senti à vontade quando conheci aquele

cara..." ou, "Pensando bem, desconfiei quando ele se aproximou de mim", ou, "Agora percebo que já tinha visto aquele carro antes, naquele mesmo dia."

Claro, se percebem agora, é porque na hora sabiam. Todos nós vemos os sinais porque existe um código universal de violência. Você saberá nos próximos capítulos tudo o que precisa para decifrar esse código, mas a maior parte desse conhecimento está dentro de você.

No sentido real, a água que se ergue no meio do oceano como uma onda não se move; pelo contrário, é a energia que se move através dela. Neste mesmo sentido, a energia da violência se move através da nossa cultura. Alguns a experimentam como uma brisa leve porém desagradável, fácil de suportar. Outros são destruídos por ela, como se enfrentassem um furacão. Mas ninguém - ninguém - fica ileso. A violência faz parte da América e, mais do que isso, faz parte da nossa espécie. Ela existe à nossa volta, e existe dentro de nós. Como o povo mais poderoso da história, nós chegamos ao topo da cadeia alimentar do mundo, por assim dizer. Não tendo mais nenhum inimigo ou predador para nos ameaçar, enfrentamos a única presa que restou: nós mesmos.

Se alguém duvidar disso, saiba que só nos últimos dois anos morreram mais americanos vítimas de balas do que em toda a Guerra do Vietnã. Em comparação, no Japão inteiro (com uma população de 120 milhões de pessoas), o número de rapazes mortos por ano é o mesmo que em Nova York num único final de semana agitado. Nosso índice de assaltos à mão armada é cem vezes maior que o do Japão. Em parte porque somos uma nação com mais armas do que adultos, uma nação em que 20.000 armas de fogo são comercializadas todos os dias. Nenhuma avaliação da nossa segurança na América pode ser honesta sem analisar claramente essa estatística. Nesta mesma hora amanhã, mais 400 americanos sofrerão um ferimento a bala, e outros 1.100 enfrentarão um criminoso com uma arma na mão, como Kelly. Dentro de uma hora, outras 75 mulheres serão estupradas, como Kelly.

Nem privilégios nem fama impedirão a violência. Nos últimos 35 anos, mais figuras públicas foram atacadas na América do que nos 185 anos anteriores. Cidadãos comuns enfrentam a violência no emprego a tal ponto que, hoje, o homicídio é a principal causa de morte de mulheres no ambiente de trabalho. Vinte anos atrás, a idéia de um tiroteio no trabalho era exótica; agora está nos noticiários todas as semanas, e a forma de gerenciar o medo dos colegas é assunto freqüente no gabinete da diretoria.

Embora sejamos rápidos em julgar os registros de violação dos direitos humanos de todos os outros países do mundo, nós, os civilizados americanos, é que temos um índice de assassinatos dez vezes superior ao das outras nações ocidentais. Nós, os civilizados americanos, é que matamos mulheres e crianças com a freqüência mais alarmante. De fato (triste por sinal), se um Jumbo lotado

colidir com uma montanha matando todos os passageiros, e se isso acontecer todos os meses, um sim e o outro também, o número de pessoas mortas ainda seria inferior ao das mulheres assassinadas por maridos e namorados todos os anos.

Todo o mundo assistiu ao resgate dos corpos do prédio que explodiu na cidade de Oklahoma e, no final da semana, soubemos horrorizados que dezenove crianças tinham morrido no atentado. Hoje se sabe que setenta crianças morreram naquela mesma semana nas mãos de um dos pais, como em qualquer outra semana - e a maioria tinha menos de cinco anos de idade. Quatro milhões de crianças com mais sorte sofreram abusos físicos no ano passado, e não foi um ano atípico.

Estatísticas como esta tendem a nos distanciar das tragédias que envolvem cada um desses incidentes porque os números acabam nos impressionando mais do que a realidade. Trazendo as coisas mais para perto de nós, você mesmo conhece uma mulher que foi espancada, e provavelmente viu os sinais de alerta. Ela ou o marido trabalha com você, vive perto de você, pratica esporte com você, avia as suas receitas na farmácia, ou aconselha você na hora de pagar os impostos. Talvez você não saiba, entretanto, que as mulheres buscam os prontossocorros por ferimentos causados por seus maridos ou namorados com mais frequência do que por todos os acidentes de carro, assaltos e estupros juntos.

Falta, quase sempre, justiça no nosso sistema de justiça criminal, e com mais frequência ainda falta razão. Por exemplo, nos Estados Unidos existem cerca de três mil sentenciados à morte aguardando sua execução, muito mais do que em qualquer outra época da história mundial, no entanto a causa mais frequente de morte relatada entre esses presidiários é a "morte natural". Isso porque executamos menos de 2 por cento dos que foram condenados à morte. É mais seguro para estes homens viver no corredor da morte do que em alguns bairros americanos.

Exploro aqui a pena capital não para promovê-la, pois não sou advogado, mas porque a nossa atitude com relação a ela levanta uma questão chave para este livro: Somos realmente sinceros quando falamos em combater o crime e a violência? Parece que não. Este é apenas um exemplo do que aceitamos: Se somarmos o tempo que suas vítimas ainda teriam vivido, os assassinos no nosso país nos roubam quase um milhão de anos de contribuições humanas anualmente.

Apresentei estes fatos sobre a frequência da violência com uma intenção: aumentar as chances de você acreditar na possibilidade, pelo menos, de que você mesmo, ou alguém de quem você gosta, se torne uma vítima em algum momento da sua vida.

Essa crença é um elemento essencial para você reconhecer que está correndo perigo. Ela equilibra a negação, o poderoso e astuto inimigo das

previsões acertadas. Mesmo tendo aprendido estes fatos de vida e morte, alguns leitores ainda classificarão os riscos a fim de se excluir deles: "Claro, muitas mulheres são espancadas, mas não estou me relacionando com ninguém agora"; "A violência é problema para os jovens, ou muito idosos"; "Você só se arrisca se sair tarde da noite"; "As pessoas é que atraem isso", e outras desculpas. Os americanos são especialistas em não querer ver as coisas, um coro cuja canção poderia se chamar "Isso Não Acontece Por Aqui".

A negação é um efeito colateral interessante e insidioso. Apesar da paz de espírito com que se iludem as pessoas que se recusam a ver as coisas de frente, o tombo quando elas mesmas se tornam vítimas é muito, mas muito maior, do que o das pessoas que aceitam essa possibilidade. A negação é um esquema do tipo "economize agora para pagar depois", um contrato escrito em letras miúdas, pois a longo prazo a pessoa que nega acaba sabendo da verdade de alguma forma, o que leva a um nível de ansiedade pequena mas constante. Milhões de pessoas sofrem desse tipo de ansiedade, e a negação as impede de tomar a atitude que reduziria os riscos (e a preocupação).

Se, estudando uma outra criatura qualquer da natureza, descobríssemos uma história de violência intra-espécies como a dos humanos, sentiríamos repulsa. Consideraríamos isso uma enorme perversão da lei natural mas não negaríamos a sua existência.

Se estamos sobre os trilhos, só podemos evitar o trem que se aproxima se estivermos dispostos a vê-lo e prever que ele não vai parar. Mas em vez de melhorarem a tecnologia para previsões, os americanos melhoram a tecnologia para conflitos: armas, presídios, equipes da SWAT, aulas de karatê, spray de pimenta, armas que atordoam, Tasers, Mace. Agora, mais do que nunca, precisamos de previsões bastante exatas. Pense só em como vivemos: nos revistam para ver se estamos armados antes de entrar num avião, visitar a prefeitura, assistirá gravação de um programa de TV, ou ao discurso do presidente. Os prédios do governo estão cercados de barricadas, e para tomar uma aspirina é preciso um certo esforço para abrir a embalagem que se diz à prova de adulterações. Tudo isso é decorrência de atos praticados por menos de dez homens perigosos que chamaram a nossa atenção por nos assustarem. Que outro quorum na história dos Estados Unidos, salvo aquele que redigiu a nossa constituição, pode alegar ter causado tanto impacto no nosso dia-a-dia? Visto que o medo é um elemento tão central nas nossas experiências, vale a pena compreender quando ele é um dom - e quando é uma praga.

Vivemos num país em que uma pessoa com uma arma na mão e um pouco de sangue frio nas veias desestabiliza o nosso direito democrático de escolher os líderes da nação mais poderosa da história. O passaporte garantido para o mundo dos grandes feitos é a violência, e o assaltante solitário com uma idéia grandiosa e um revólver se tornou um dos ícones da nossa cultura. Mas.

comparativamente, pouco se tem feito para saber quem é essa pessoa, considerando-se a influência que ela tem sobre as nossas vidas.

Não precisamos aprender nada sobre violência, muita gente acha, porque a polícia trata disso, o sistema da justiça criminal trata disso, os especialistas tratam disso. Embora diga respeito a todos nós, e embora cada um de nós possa contribuir profundamente para encontrar a solução, deixamos esta dúvida crítica para aqueles que nos dizem ser impossível prever a violência, que o risco faz parte do jogo, e que a ansiedade faz parte da vida.

Nenhuma dessas "sabedorias" convencionais é verdadeira.

Todos nós, no decorrer de nossas vidas, temos que sozinhos fazer previsões importantes sobre comportamentos, sem a ajuda de especialistas. De uma relação enorme de pessoas que vão surgindo, temos que escolher quem incluir em nossas vidas - como patrões, funcionários, conselheiros, sócios, amigos, amantes, cônjuges.

Seja ela aprendida da maneira mais fácil, ou mais difícil, a verdade é que a sua própria segurança é algo que compete a você.

Ela não é responsabilidade da polícia, do governo, da indústria, do síndico do prédio de apartamentos ou da companhia de seguros. Com muita frequência pegamos o caminho mais fácil e investimos a nossa confiança sem avaliar se ela é merecida. Quando mandamos nossos filhos para a escola de manhã, acreditamos que ela vai cuidar da segurança deles, mas como você verá no Capítulo 12, isso pode não acontecer. Confiamos em guardas de segurança - a agência de empregos que nos deu o assassino Filho de Sam, o assassino de John Lennon, o Estrangulador de Hillside, e mais incendiários e estupradores do que você tem tempo de ler a respeito. A indústria de segurança tem merecido a sua confiança? O governo tem merecido? Temos um Departamento de Justiça, mas seria mais apropriado que tivéssemos um departamento de prevenção da violência, porque é disso que precisamos e é isso que nos preocupa. É ótimo que haja justiça, mas segurança é sobrevivência.

Assim como contamos com governo e especialistas, também contamos com a tecnologia para solucionar os nossos problemas, mas você verá que a sua solução pessoal para a violência não está na tecnologia. Ela virá de um recurso ainda maior, que sempre existiu dentro de você. Esse recurso é a intuição.

Talvez seja difícil aceitar a sua importância porque em geral a intuição é vista com desprezo por nós, seres ocidentais pensadores. Ela costuma ser descrita como emocional, irracional ou inexplicável. Os maridos censuram a "intuição feminina" das esposas e não a levam a sério. Se ela é usada por uma mulher para explicar uma escolha que fez, ou uma preocupação da qual não consegue se livrar, os homens nem escutam. Nós preferimos o pensamento lógico,

fundamental, explicável e frio que chega a uma conclusão suportável. De fato, os americanos adoram a lógica, mesmo quando ela está errada, e negam a intuição, mesmo que ela esteja certa.

Os homens, é claro, têm a sua própria versão de intuição, não tão leve e inconseqüente, eles dizem, como a feminina. A deles é mais visceralmente denominada um "sentimento instintivo", mas não é apenas um sentimento. E um processo mais extraordinário e mais lógico na ordem natural do que os mais fantásticos cálculos feitos pelo computador. É o nosso processo cognitivo mais complexo e, ao mesmo tempo, o mais simples.

A intuição nos conecta com o mundo natural e com a nossa própria natureza. Livre dos vínculos do julgamento, casada apenas com a percepção, ela nos leva a previsões com as quais nos maravilhamos mais tarde. "De alguma forma, eu sabia", diremos sobre o encontro casual que previmos, ou sobre o telefonema inesperado de um amigo distante, ou a mudança improvável do comportamento de alguém, ou a violência da qual nos livramos, ou, freqüentemente, da qual preferimos não fugir. "Eu sabia ..." Como Kelly sabia, e você pode saber.

O casal que vem me procurar para discutir o assédio e as ameaças que vem sofrendo por telefone quer que eu descubra quem está fazendo isso. Com base no que ouvem, é óbvio que se trata de alguém que eles conhecem, mas quem? O ex-marido dela? Aquele sujeito esquisito para quem alugavam um quarto? Um vizinho aborrecido com o barulho da obra que estavam fazendo no apartamento? O pedreiro que despediram?

O especialista vai lhes dizer quem é, pensam, mas eles é que vão me dizer. É verdade que tenho a experiência de milhares de casos, mas eles têm a experiência deste caso específico. Dentro deles, talvez escondidas onde eu possa ajudar a encontrar, estão todas as informações necessárias para se fazer uma avaliação precisa. Em algum ponto das nossas discussões sobre os possíveis suspeitos, a mulher invariavelmente diz algo assim: "Sabe, tem uma outra pessoa, mas eu não tenho um motivo concreto para pensar que seja ela. É uma sensação que eu tenho, e detesto até sugerir isso, mas..." E aí eles podem ir para casa, depois eu mando a conta, porque aquela será a pessoa. Seguiremos a intuição da minha cliente até que eu "soluciono o mistério". Serei muito elogiado pela minha habilidade, mas, quase sempre, só escuto e permito que eles escutem a si próprios. No início dessas reuniões eu digo: "Nenhuma teoria é remota demais para ser explorada, nenhuma pessoa está fora de cogitação, nenhum instinto é suficientemente insubstancial." (De fato, como você verá, todas as intuições têm fundamentos sólidos.) Quando os clientes perguntam: "As pessoas que fazem essas ameaças costumam fazer isso ou aquilo?" Eu digo: "Sim, às vezes", e esta é a permissão para se explorar alguma teoria.

Quando entrevisto vítimas de ameaças anônimas, não pergunto: "Quem

você acha que está lhe mandando estas ameaças?" porque a maioria das vítimas não imagina que alguém conhecido possa enviar ameaças. Eu pergunto: "Quem poderia estar fazendo isso?" e juntos fazemos uma lista de todos que teriam esta capacidade, independente de haver ou não um motivo. Depois peço aos clientes para atribuir um motivo, mesmo que absurdo, a cada uma das pessoas da lista. É um processo criativo que os deixa à vontade sem se sentirem pressionados a acertar. Por este mesmo motivo, em quase todos os casos uma das suas teorias imaginativas estará correta.

Com muita frequência, a minha maior contribuição para solucionar o mistério é a recusa em chamá-lo de mistério. Ele é um quebra-cabeça, com peças disponíveis suficientes para revelar a imagem. Eu já vi estas peças muitas vezes para reconhecê-las mais rápido do que algumas pessoas, mas a minha primeira tarefa é a de colocá-las na mesa.

Ao explorarmos as peças do quebra-cabeça da violência humana, vou lhe mostrar todas as suas cores e formas. Dada a sua própria experiência de uma vida inteira observando o comportamento humano - e as suas próprias características como ser humano - você verá que as peças já lhe são familiares. Principalmente, espero que você saiba que qualquer quebra-cabeça pode ser solucionado muito antes de se colocar todas as peças nos seus devidos lugares.

As pessoas fazem coisas, nós dizemos, "inesperadamente", "repentinamente", "inexplicavelmente". Estas palavras defendem o mito popular de que é impossível prever o comportamento humano. Mas para conseguir vencer o trânsito todas as manhãs, fazemos previsões arriscadíssimas e incrivelmente precisas sobre o comportamento de milhares de pessoas. Interpretamos de forma inconsciente pequenos sinais simples: um leve inclinar da cabeça ou o olhar momentaneamente sustentado de alguém que está a três metros de distância e que nos diz que é seguro passar na frente do seu monstro de duas toneladas. Esperamos que todos os motoristas ajam como nós agiríamos, mas ainda assim detectamos com atenção os poucos que não fariam o mesmo - portanto, estamos também prevendo o comportamento deles, por mais que digamos que é imprevisível. E cá estamos nós, nos deslocando a uma velocidade maior do que jamais alguém conseguiu antes deste século (a não ser que estivesse caindo do alto de um penhasco), nos esquivando de gigantescos mísseis de aço de alta velocidade, julgando a intenção de seus operadores com uma acuidade fantástica, e depois dizemos que é impossível prever o comportamento humano.

Prevemos com algum sucesso como uma criança reagirá a uma advertência, como uma testemunha reagirá a uma pergunta, como um júri reagirá a uma determinada testemunha, como um consumidor reagirá a um slogan de propaganda, como uma platéia reagirá a uma cena, como um marido

reagirá a um comentário, como um leitor reagirá a uma frase, e assim por diante. Prever o comportamento violento é mais fácil do que tudo isso, mas como fantasiamos que a violência humana é uma aberração cometida por outras pessoas diferentes de nós, dizemos que é impossível prevê-la. Assistindo ao documentário de Jane Goodall que mostra um grupo de chimpanzés perseguindo e matando outros machos do grupo, dizemos que o ataque foi provocado por territorialismo ou controle populacional. Com semelhante certeza, dizemos compreender a causa e o propósito da violência de todas as criaturas da terra - exceto da nossa.

A violência humana que mais abominamos e tememos, a que chamamos de "casual" e "absurda", não é nada disso. Ela tem sempre propósito e significado, para o perpetrador, pelo menos. Podemos preferir não explorar ou compreender esse propósito, mas ele existe e, se o rotulamos de "absurdo", não vamos entendê-lo.

Às vezes um ato violento é tão assustador que chamamos quem o comete de monstro, mas, como você verá, é descobrindo a humanidade daquele indivíduo - a sua semelhança comigo e com você - que esse ato pode ser previsto. Embora você vá conhecer agora novos fatos e conceitos sobre gente violenta, verá que a maioria das informações encontra algum eco na sua própria experiência. Você verá que até os tipos esotéricos de violência possuem padrões detectáveis e dão sinais de alerta. Você verá também que os tipos mais comuns de violência, aqueles com os quais nos relacionamos em algum nível, tal como a violência entre pessoas íntimas iradas, são tão reconhecíveis quanto o afeto entre íntimos. (De fato, a violência tem menos variedades de forma do que o amor.)

Pela televisão sabemos que um homem matou a mulher com um tiro, no trabalho dela. Ele havia recebido uma ordem de prisão e os papéis do divórcio no mesmo dia, que por coincidência era também o do seu aniversário. A reportagem fala que o homem tinha feito ameaças, fora despedido do trabalho e encostara o cano do revólver na cabeça da mulher na semana anterior ao assassinato, e que ele a perseguia. Mesmo diante de todos estes fatos, o repórter finaliza dizendo: "A polícia reconhece que ninguém poderia ter previsto que isto iria acontecer."

Isso porque queremos acreditar que as pessoas são infinitamente complexas, com milhões de motivações e variedades de comportamento. Não é assim. Queremos acreditar que com todas as combinações possíveis de seres humanos e sentimentos humanos, prever a violência é tão difícil quanto escolher o bilhete de loteria que vai ser sorteado, mas em geral não é tão difícil. Queremos acreditar que a violência humana foge à nossa compreensão, porque, se ela permanecer um mistério, não temos o dever de evitá-la, investigá-la ou prevê-la. Não precisamos nos sentir responsáveis por não ver os sinais se eles não estão ali para serem vistos. Podemos tentar nos convencer de que a violência

acontece sem avisar e quase sempre com os outros, mas, com a preservação destes mitos confortáveis, as vítimas sofrem e os criminosos prosperam.

A verdade é que toda idéia é precedida de uma percepção, todo impulso é precedido de uma idéia, toda ação é precedida de um impulso, e o homem não é um ser tão isolado que o seu comportamento não seja visto, seus padrões não sejam detectados. As perguntas mais ousadas têm respostas: A pessoa que está me preocupando vai tentar me machucar? O funcionário que vou demitir vai reagir de forma violenta? Como vou lidar com a pessoa que se recusa a ir embora? Qual a melhor maneira de reagir a ameaças? Que perigo um estranho pode representar? Como saber se uma babá não vai causar algum dano ao meu filho? Como saber se um amigo do meu filho não é perigoso? O meu próprio filho está dando algum sinal de que irá cometer violência no futuro? Finalmente, como posso ajudar as pessoas que eu amo a viverem com mais segurança?

Garanto que no final deste livro você estará em melhores condições de responder a essas perguntas, e terá motivos para confiar na sua capacidade já aprimorada de prever a violência.

Como posso ter tanta certeza disso? Porque há quatro décadas venho aprendendo com os professores mais bem qualificados.

Quando telefonei para Kelly e lhe disse que tinha resolvido passar um ano escrevendo este livro (no final foram dois), eu também lhe agradei pelo que me havia ensinado, como sempre faço com os clientes. "Não acho que você tenha aprendido nada de novo com o meu caso", disse ela, "mas qual foi aquele que realmente lhe ensinou mais coisas?"

Entre tantos para escolher, eu disse a Kelly que não sabia, mas assim que me despedi dela e desliguei o telefone percebi que tinha me enganado. Na minha recordação, era como se estivesse novamente naquela sala.

Uma mulher apontava o revólver para o marido, de pé diante dela com os braços estendidos. Ela empunhava ansiosa uma pequena pistola semi-automática, "Agora eu mato você", ela repetia devagar, quase como se estivesse falando para si mesma. Era uma mulher de 33 anos, esbelta e atraente, vestida com uma calça preta e uma camisa masculina branca. Na arma havia oito balas.

Eu estava em pé na soleira da porta, observando o desenrolar da cena. Como já tinha sido antes e voltaria a ser muitas vezes, eu era responsável pela previsão da ocorrência ou não de um assassinato, do cumprimento ou não das promessas de assassinato que aquela mulher havia feito. O risco era grande porque na casa, além do homem, havia também duas crianças pequenas.

Ameaças como as dela, eu sabia, são fáceis de fazer e bem mais difíceis de cumprir. Como todas as ameaças, as palavras a traíam admitindo o seu fracasso em influenciar os acontecimentos de uma outra forma mas, como acontece com quem ameaça, ela tinha que seguir em frente ou recuar. Ela

poderia se satisfazer com o medo provocado por seus atos e suas palavras, poderia se contentar com a atenção que tinha conseguido apontando o revólver, e deixar tudo ficar como estava.

Ou podia puxar o gatilho.

Nesta jovem mulher, as forças que inibem a violência e as que podem provocá-la cresciam e recuavam debatendo-se como ondas no meio de uma tempestade em pleno oceano. Sua atitude alternava entre hostil e silenciosa. Num determinado momento, a violência parecia a escolha óbvia; no instante seguinte, parecia ser a última coisa que ela faria. Mas a violência é a última coisa que algumas pessoas fazem.

O tempo todo a pistola permaneceu firmemente apontada para o marido.

Exceto pela respiração rápida e ofegante, o homem na mira da arma não se movia. Suas mãos estendiam-se rígidas diante dele como se fossem desviar as balas. Lembro-me de pensar por um momento se doía levar um tiro, mas outra parte do meu cérebro me puxou de volta ao trabalho que eu tinha iniciado. Não podia perder um só detalhe.

A mulher pareceu relaxar e em seguida calou-se de novo. Embora alguns observadores talvez tivessem interpretado este sinal como favorável, eu tinha que avaliar se o objetivo das suas pausas era recuperar a razão ou contemplar o assassinato. Percebi que ela estava descalça, mas descartei a observação como irrelevante à minha tarefa. Detalhes são fotos instantâneas, não quadros, e eu precisava determinar rapidamente quais os que se relacionavam, ou não, com a minha previsão. A confusão de papéis espalhados pelo chão perto de uma mesa tombada, o telefone fora do gancho, um copo quebrado atirado provavelmente quando a discussão estava mais branda - tudo foi avaliado e rapidamente descartado.

Então eu vi um detalhe muito significativo, embora fosse apenas um movimento de meio centímetro. (Nestas previsões, os grandes movimentos podem atrair a nossa atenção, mas raramente são os mais importantes.) A fração de centímetro que o polegar dela se afastou para descansar no chão colocou a mulher mais próxima do homicídio do que qualquer coisa que ela tivesse dito ou pudesse ter dito. Desta nova posição, ela iniciou um discurso irado. No momento seguinte, ela puxou para trás o cão da pistola, uma ênfase não tão sutil que lhe deu nova credibilidade. Suas palavras cruzavam a sala entrecortadas e aos trancos, e à medida que sua raiva crescia, talvez eu tivesse que me apressar e completar a previsão. Na verdade, eu tinha muito tempo. Isso porque as melhores previsões usam todo o tempo disponível. Quando eficaz, o processo se completa ali mesmo no limite entre previsão e percepção tardia, a linha entre o que poderia acontecer e o que acabou de acontecer.

É como a sua previsão arriscada sobre se o motorista do carro que vem vindo diminuirá ou não a velocidade, garantindo uma passagem segura - um

processo fantasticamente complexo, mas que acontece na hora certa. Embora não soubesse disso naquele dia, eu estava automaticamente aplicando e reaplicando a única ferramenta importantíssima de qualquer previsão: indicadores pré-acidentes.

Indicadores pré-acidentes são aqueles fatores detectáveis que ocorrem antes de se prever o resultado. Pisar no primeiro degrau de uma escada é um indicio pré-acidente que significa que você vai chegar lá em cima; pisar no sexto degrau é ainda mais significativo. Visto que tudo que uma pessoa faz é criado duas vezes - uma vez mentalmente, outra vez na sua execução - idéias e impulsos são indicadores pré-acidentes de ação. As ameaças de matar o marido revelavam uma idéia que já tinha dado um passo a caminho do resultado; introduzir a arma na discussão foi outro, como tinha sido a sua aquisição meses antes.

A mulher estava agora se afastando do marido. Para outra pessoa, isto poderia parecer uma retirada, mas eu soube intuitivamente que era o indicador pré-acidente final antes de puxar o gatilho. Como revólveres não são armas íntimas, o desejo dela de se distanciar da pessoa em quem ia atirar foi o elemento que completou a minha previsão, e rapidamente agi.

Fui saindo de manso pelo corredor, atravessei a cozinha, passei pelo jantar esquecido e queimando no fogão, entrei num quartinho onde uma menina dormia. Ao cruzar o quarto para acordar a criança, ouvi o tiro que eu havia previsto um momento antes. Fiquei assustado, mas não surpreso. O silêncio que se seguiu, entretanto, me preocupou.

Meu plano era tirar a criança de casa, mas abandonei a idéia e lhe disse para não sair da cama. Aos dois anos, ela provavelmente não compreendeu a seriedade da situação, mas eu tinha dez e sabia de tudo.

Não era a primeira vez que eu ouvia um tiro disparado dentro de casa; minha mãe já havia atirado contra mim acidentalmente poucos meses antes, a bala passou tão perto da minha orelha que eu ouvi o assobio antes que ela atingisse a parede.

Voltando para a sala de estar, parei ao sentir o cheiro de pólvora. Fiquei ouvindo, tentando imaginar o que estava acontecendo sem entrar de novo naquela sala. Estava tudo muito quieto.

Enquanto eu estava ali me esforçando para ouvir o mais leve som que fosse, escutei em vez disso um barulho enorme: vários tiros sendo disparados em seqüência. Estes eu não havia previsto. Fiz a curva rápido e entrei na sala.

Meu padraсто estava ajoelhado, todo encolhido no chão e minha mãe, inclinada sobre ele, aparentemente tentava socorrê-lo. Havia sangue nas mãos e nas pernas dele, e quando ele ergueu os olhos para mim procurei tranquilizá-lo com a minha calma. Eu sabia que ele nunca tinha passado por nada igual a isso

antes, mas eu tinha.

A arma estava no chão perto de mim. Abaixei-me e a peguei pelo cano. Estava desagradavelmente quente.

Em termos de previsão do que viria a seguir, a cena diante de mim era um bom sinal. Minha primeira idéia foi a de agarrar a arma e sair correndo pela porta dos fundos, mas, devido a uma nova previsão, eu a escondi atrás de uma almofada do sofá. Eu tinha concluído que minha mãe descarregara grande parte da sua hostilidade e frustração junto com as balas. Por enquanto, pelo menos, ela não só tinha recuperado a razão como passara a assumir o papel de esposa atenciosa, cuidando dos ferimentos do marido como se não tivesse tido nenhuma participação neles. Longe de ser alguém que despertasse preocupação, ela agora era uma pessoa a quem agradecíamos por estar cuidando de tudo. Ela garantiria que meu padrasto ficasse bem, trataria com a polícia e a ambulância, e colocaria as nossas vidas de novo ro lugar, com tanta certeza quanto se ela pudesse colocar de volta as balas no revólver.

Fui ver minha irmãzinha, que agora estava sentada esperando na cama. Tendo aprendido que depois de uma grave tormenta segue-se um período de bonança, deitei-me ao seu lado. Eu não poderia tirar uma folga nas minhas previsões, é claro, mas baixei um pouco o periscópio, e logo peguei no sono.

Quando a nossa família se mudou daquela casa no ano seguinte havia nove balas cravadas nas paredes e no chão. A casa continua lá. Imagino que as balas também.

Quando o Secretário de Justiça dos Estados Unidos e o diretor do FBI me premiamam pelo projeto do MOSAIC™, o sistema de avaliação usado hoje para filtrar as ameaças aos juizes do Supremo Tribunal dos Estados Unidos, tenho certeza de que nenhum dos dois sabia que ele tinha sido inventado por um garoto de dez anos, mas foi. Da mesma forma como eu decompunha os elementos individuais da violência quando criança, os sistemas mais sofisticados de intuição artificial prevêem a violência hoje. Meus fantasmas foram os meus professores.

Muitas vezes me perguntam como cheguei a trabalhar nisso. Visto em termos cinematográficos, a resposta viria num corte rápido de uma cena a outra: correndo aos onze anos de idade ao lado de uma limusine, gritando com outros fãs para ver de relance Elizabeth Taylor e Richard Burton, e na cena seguinte, oito anos depois, eu dentro da limusine trabalhando para o famoso casal. Assistindo à posse do presidente Kennedy pela televisão, corta, e vinte anos depois eu estava ao lado de outro presidente que tomava posse, e com outro presidente 12 anos depois disso. Assistindo chocado às notícias sobre o assassinato de Kennedy, corta, e trabalhando para o nosso governo prevendo e impedindo esses ataques. Assistindo chocado às notícias do assassinato do senador Robert Kennedy, cena seguinte, o desenvolvimento do sistema de avaliação hoje usado

para ajudar a filtrar as ameaças aos senadores dos Estados Unidos.

Tentando inutilmente impedir que um dos maridos de minha mãe batesse nela, cortaria para o treinamento de centenas de detetives da polícia da cidade de Nova York em novos métodos para avaliar situações de violência doméstica. Visitando minha mãe na ala psiquiátrica de um hospital depois de uma de suas tentativas de suicídio, cortaria para um circuito pelos hospitais para doentes mentais como conselheiro do governador da Califórnia. Principalmente, vivendo com medo cortaria para ajudar as pessoas a dominarem o medo.

Minha infância não foi um filme, é claro, embora tivesse seqüências com perseguições, cenas de lutas, tiros, seqüestro de avião, suspense de vida-ou-morte, e suicídio. O enredo não fazia muito sentido para mim quando criança, mas hoje faz.

Acontece que eu estava freqüentando uma espécie de academia e você, felizmente em outras matérias, também. Não importa o título do seu diploma, você também vem estudando as pessoas há muito tempo, desenvolvendo atentamente teorias e estratégias para prever o que elas farão.

Até alguns dos meus clientes se surpreenderão se souberem o que você acabou de ler sobre o meu treinamento inicial, mas quem visita o meu escritório tem várias surpresas. Ele é bastante incomum. Os clientes da Gavin de Becker, Incorporated, fazem parte de um grupo bastante diversificado: órgãos do governo federal (inclusive o U.S. Marshals Service, o Federal Reserve Board e a Central Intelligence Agency), promotores públicos, abrigos para mulheres espancadas, corporações gigantes, universidades, artistas de televisão, canais de televisão, departamentos de polícia, cidades, estados, estúdios de cinema, personalidades ligadas à cultura, líderes religiosos, atletas, políticos, artistas da mídia gravada, estrelas de cinema e estudantes universitários. Na lista dos clientes estão incluídas as mais famosas e as mais anônimas personalidades do mundo.

Quem trabalha no meu escritório assiste à posse de um presidente num extremo do país, e à entrega de Oscar e Emmy no outro. Passeia por entre a multidão observando manifestantes irados num dia, e no outro está na garagem do subsolo de Tribunal Federal. Excursionamos pela África, Europa, Ásia, Oriente Médio, América do Sul e sul do Pacífico aprendendo sobre a violência nesses lugares. Sobrevoamos a corrente do Golfo em jatos e balões de ar quente, descemos de barco o rio Amazonas, viajamos em limusines blindadas, em cima de elefantes e em riquixás, fomos sufocados por multidões hostis e asfixiados por multidões em adoração. Testemunhamos em comissões do Senado e percorremos instalações secretas do governo. Fizemos reuniões de equipe flutuando rio abaixo no meio da floresta, na calada da noite. Participamos de desfiles de automóveis junto com o presidente numa semana e viajamos no ônibus de transporte de prisioneiros na outra. Aconselhamos os alvos de tentativas de assassinato e as famílias dos que foram assassinados, inclusive a viúva de um

presidente estrangeiro morto. Fomos perseguidos por repórteres de tablóides e revidamos a perseguição. Estivemos de ambos os lados das câmeras do 60 Minutes, escondidos com a equipe deles numa história sobre uma fraude nacional e respondendo às perguntas insistentes de Ed Bradley numa outra história de assassinato.

Somos convocados pelo governo quando um fanático atira num médico que pratica aborto ou dispara sobre funcionários da federação. Somos chamados por Larry King quando ele precisa de um convidado para discutir se O. J. Simpson se encaixa no perfil de um esfaqueador de esposas, e somos chamados pelos advogados de acusação de Simpson pelo mesmo motivo. Visitamos cenários de assassinatos para aconselhar os sobreviventes assustados -às vezes, minutos após o crime. Aconselhamos pessoas que estão sendo ameaçadas, e nós mesmos já fomos alvos de ameaças de morte. Como eu disse, é uma empresa incomum, que só poderia existir nos Estados Unidos e, em muitos aspectos, só precisa existir nos Estados Unidos.

O que une tudo isto é a previsão. Minha empresa prevê o comportamento humano, de uma categoria principalmente: o violento. Com mais freqüência, prevemos a segurança. Aconselhamos líderes culturais e religiosos sobre como fazer para transitar entre o ser odiado demais e o ser amado demais. Aconselhamos corporações e agências do governo sobre como lidar com funcionários que possam reagir com violência. Aconselhamos pessoas famosas alvos de indivíduos importunos, perseguidores e possíveis assassinos. A maioria não se dá conta de que as personalidades da mídia encontram-se no centro de um remoinho de perseguições desesperadas e muitas vezes alarmantes. Percebe menos ainda que a perseguição de cidadãos comuns é uma epidemia que afeta centenas de milhares de pessoas todos os anos.

Entre todas as coisas fantásticas que existem nos Estados Unidos, você é capaz de imaginar um depósito, literalmente falando, de objetos assustadores e indesejáveis que os perseguidores enviaram aos alvos de suas incômodas perseguições, coisas como mil páginas de ameaças de morte, cartas de amor volumosas como uma lista telefônica, partes do corpo, animais mortos, fac-símiles de bombas, lâminas de barbear e bilhetes escritos com sangue? Você imagina que possa existir um prédio contendo mais de 350.000 comunicações obsessivas e ameaçadoras? Muitos dos meus 46 assistentes trabalham num prédio desses. Lá eles esclarecem os pontos mais obscuros da nossa cultura, buscando todos os dias melhorar a nossa compreensão do perigo, e todos os dias ajudando pessoas a controlarem o medo.

Embora menos de cinquenta dos nossos vinte mil casos tenham sido notícia de jornal, e embora a maior parte do nosso trabalho seja cautelosamente não-pública, participamos de muitas das mais arriscadas previsões já feitas por indivíduos e nações. Para sermos mais exatos, sistematizamos a intuição,

captamos e domamos apenas uma parte ínfima deste milagre.

Você possui um pouco desse milagre, e explorando as previsões arriscadas - as que implicam violência ou morte como resultado - você vai aprender a levar uma vida mais segura. Depois de discutir como a intuição funciona a seu favor, e como a negação é contra-producente para você, vou lhe mostrar que o medo, que pode ser fundamental para a sua segurança, está freqüentemente concentrado no lugar errado. Vou explorar o papel das ameaças nas nossas vidas e mostrar como você pode identificar o que é um aviso real e o que são apenas palavras. Vou identificar os sinais específicos de sobrevivência que recebemos das pessoas que podem nos prejudicar.

Como os sinais estão mais camuflados quando o atacante é desconhecido, começarei pelos perigos representados por pessoas estranhas. Esta é a violência que atrai o nosso medo e a nossa atenção, mesmo que só apenas 20 por cento de todos os homicídios sejam cometidos por estranhos. Os outros 80 por cento ficam por conta de pessoas que conhecemos, portanto focalizarei aquelas que contratamos, com quem trabalhamos, as que despedimos, aquelas com quem saímos, com quem nos casamos, de quem nos divorciamos.

Discutirei também a minúscula, porém influente, minoria cuja violência afeta a todos nós: os assassinos. Aproveitando a história de um homem que não chegou a realizar o seu plano de matar uma pessoa famosa (embora tenha matado outras cinco), oferecerei uma visão da vida pública que você ainda não conhece.

No Capítulo 15, você verá que, se a sua intuição estiver bem informada, o sinal de perigo soará na hora certa. Se você confiar nisto, não só estará mais seguro como poderá viver quase sem medo.

2 - A tecnologia da intuição

A tecnologia não vai nos salvar. Nossos computadores, nossas ferramentas, nossas máquinas não bastam. Temos que confiar em nossa intuição, em nosso verdadeiro ser.

- *Joseph Campbell*

"Entreí naquela loja para comprar umas revistas e, por algum motivo, de repente... tive medo, dei meia-volta e saí. Não sei o que me disse para sair, mas naquele mesmo dia, mais tarde, soube do tiroteio."

O piloto de avião Robert Thompson está me contando como conseguiu driblar a morte aqui mesmo em terra. Perguntei-lhe o que tinha visto, o que provocou a sua reação.

"Nada, foi um pressentimento. [Pausa.] Bem, pensando melhor, o cara atrás do balcão mal olhou para mim, fez só um rápido movimento de cabeça na minha direção, e acho que estou acostumado com os vendedores que olham o freguês de cima a baixo quando ele entra na loja, mas ele estava prestando atenção a outro freguês, e eu devo ter estranhado isso. Eu devo ter percebido que ele estava preocupado com alguma coisa."

Quando não raciocinamos, inerentemente respeitamos a intuição alheia. Se sentimos que outra pessoa está naquele estado típico de avaliação do perigo, ficamos alertas, como acontece quando vemos um gato ou cachorro que acorda de repente e olha atento para o corredor escuro.

Thompson continua: "Percebi que a atenção do vendedor estava concentrada num freguês vestido com um casaco grande e pesado e, é claro, percebo agora que estava fazendo muito calor, provavelmente era ali que ele escondia a arma. Só depois de ter visto nos jornais o tipo de carro que estavam procurando é que me lembrei de que havia dois homens sentados numa caminhonete no estacionamento, com o motor ligado. Agora está tudo claro, mas na hora isso não me disse nada."

"Na verdade disse", falei. Combinando o que poderia ser uma expressão de medo no rosto do vendedor, o homem vestido com um casaco pesado num dia quente, os homens no carro com o motor ligado, o conhecimento inconsciente de Thompson sobre roubos em lojas de conveniência adquirido durante anos ouvindo os noticiários, a lembrança inconsciente das freqüentes visitas da polícia àquela loja, diante da qual ele havia passado uma centena de vezes, e inúmeras outras coisas que talvez jamais saibamos sobre a experiência e o conhecimento de Thompson, não é de espantar que ele tenha saído dali momentos antes de um policial entrar por acaso e ser morto por um homem que foi surpreendido roubando.

O que Robert Thompson e muitos outros querem descartar como

coincidência ou pressentimento é de fato um processo cognitivo, mais rápido do que reconhecemos e muito diferente do pensamento passo a passo a que estamos acostumados e no qual gostamos de confiar. Acreditamos que o pensamento consciente é melhor quando a intuição parece disparar se comparada com o arrastar lento e laborioso da lógica. O maior feito da Natureza, o cérebro humano, em momento algum é mais eficiente ou poderoso do que na hora em que o seu receptáculo corre perigo. Em caso como esse, a intuição é catapultada para outro nível, a uma altura que se pode dizer graciosa, até milagrosa. Intuição é viagem de A a Z sem escalas. É o saber sem que se saiba por quê.

Exatamente naquela hora em que a nossa intuição é mais básica, as pessoas tendem a considerá-la surpreendente ou sobrenatural. Uma mulher conta uma história simples como se fosse algo místico: "Eu não podia acreditar! Eu sabia, quando o telefone tocou, que era a minha companheira de quarto dos tempos da faculdade, ligando depois de tantos anos." Embora as pessoas ajam como se prever um telefonema fosse um milagre, raramente é. Neste caso, a sua antiga colega de quarto se lembrou dela ao ouvir as notícias sobre a explosão do ônibus espacial. E um milagre ambas estarem assistindo ao mesmo noticiário junto com bilhões de outras pessoas? É um milagre que a associação mais forte com viagens espaciais das duas fosse a raiva que sentiam, quando estudantes, porque as mulheres jamais seriam astronautas? Uma mulher astronauta morreria na explosão do ônibus espacial naquela manhã, e as duas mulheres se lembraram uma da outra, mesmo depois de dez anos.

Estas intuições não-críticas, que de início nos impressionam, se rebelam com frequência um tanto rudimentares, especialmente se comparadas com o que a mente exprime quando há possibilidade de estarmos correndo perigo.

Em *A Natural History of the Senses*, a autora Diane Ackerman diz: "O cérebro é um bom contra-regra. Ele vai fazendo o seu trabalho enquanto nos ocupamos em representar os nossos papéis. Quando vemos um objeto, toda a península dos nossos sentidos desperta para avaliar a nova visão. Todos os lojistas do cérebro a consideram do seu ponto de vista, todos os funcionários públicos, todos os contadores, todos os estudantes, todos os fazendeiros, todos os mecânicos." Poderíamos acrescentar à lista de Ackerman os soldados e os guardas, pois são eles que avaliam o contexto em que as coisas ocorrem, a conveniência e o significado de literalmente tudo o que sentimos. Estes soldados e guardas separam o que é meramente comum do que é significativamente incomum. Eles avaliam a hora do dia, o dia da semana, a altura do som, a rapidez, do movimento, o odor do perfume, a suavidade da superfície, todo o mosaico de cada momento. Eles descartam o que é irrelevante e valorizam o que é importante. Reconhecem os sinais de sobrevivência que nós nem sabemos (conscientemente) que são sinais.

Depois de anos avaliando a intuição como a pedra angular da segurança,

soube para meu gosto e surpresa que a raiz da palavra intuição, tuere, significa "guardar, proteger". Foi o que aconteceu com Robert Thompson. Impressionado por ter escapado por um triz, ele depois quis saber por que o policial não teve a mesma intuição. Pode ser que o policial tenha visto coisas diferentes. Thompson viu só um carro no estacionamento, mas o policial viu dois, provavelmente fazendo a loja parecer muito freqüentada. Embora a expressão do vendedor sinalizasse medo para Thompson, é provável que o policial tenha visto alívio naquele mesmo rosto quando entrou na loja. É também provável que o policial experiente tenha sido prejudicado por uma atitude muito comum quando se é especialista em alguma coisa. Ele se baseou na noção correta, porém traiçoeira (neste caso), de que os assaltos à mão armada são menos freqüentes durante o dia.

Muitos especialistas perdem a criatividade e a imaginação dos menos informados. Familiarizaram-se de tal forma com os padrões conhecidos que não reconhecem ou respeitam a importância de uma idéia nova. Usar a experiência significa, afinal de contas, eliminar detalhes insignificantes em favor daqueles que se sabe serem relevantes. O mestre zen Shunryu Suzuki disse: "A mente do principiante está vazia, livre dos hábitos do veterano, pronta para aceitar, duvidar e aberta a todas as possibilidades." A prova disso são as pessoas que gozam da chamada sorte do principiante.

Até os cientistas confiam na intuição, consciente e inconscientemente. O problema é que nós os desencorajamos a fazer isso. Imagine que você tenha ido se consultar com um médico, um especialista qualquer, e mal entrou na sala para ser examinado ele lhe diz: "Você está ótimo; ao sair pague à recepcionista, por favor." É compreensível que você ache que essa opinião, a que ele chegou intuitivamente, não vale o preço da consulta, embora seja o mesmo diagnóstico que ele lhe daria depois de muito sondar, auscultar e apalpar com seu sofisticado equipamento. Um médico amigo meu precisa provar aos pacientes sua capacidade científica para que eles aceitem a sua intuição. "Eu chamo isso de sapateado. Depois de alguns passos, os pacientes dizem: 'Está bem, estou vendo que você sabe dançar', e ai acreditam em mim."

O amador na loja de conveniências nos ensina que a intuição, quando ouvida, vale muito mais do que o simples conhecimento. A intuição é um dom que todos nós possuímos, enquanto que reter conhecimentos é uma habilidade. Raro é o especialista que combina uma opinião informada com um grande respeito por sua própria intuição e curiosidade. A curiosidade é a nossa resposta quando a intuição sussurra: "Aí tem coisa." Eu a utilizo sempre no meu trabalho porque ela é capaz de revelar informações que os clientes estão escondendo de si mesmos.

Muitas vezes retorno a detalhes da conversa que um cliente forneceu mas nos quais não se deteve. Fico particularmente interessado naqueles que não são

elementos necessários à história, aqueles que podem parecer insignificantes não fosse o fato de terem sido mencionados. Digo que estes detalhes extras são satélites, lançados no espaço para mais tarde irradiarem de volta informações valiosas. Não os perco de vista.

Uma cliente, que disse ter recebido ameaças de morte anônimas depois de uma longa e litigiosa ação judicial, tinha certeza de que elas vinham do homem a quem havia processado, mas a sua história incluía outros detalhes: "Depois de encerrado o caso, soube que o sujeito continuava muito zangado, mas me surpreendeu que ele chegasse a me ameaçar de morte. Um dia, eu estava discutindo a decisão judicial com Tony - que já foi estagiário do meu advogado, mas não trabalha mais para ele - e eu lhe disse: 'Espero que encerrando o caso fique realmente tudo resolvido', e pensei que ficaria, mas aí as cartas de ameaça começaram a chegar."

Qual é o satélite na história? Um dia, eu estava discutindo a decisão judicial com Tony - que já foi estagiário do meu advogado, mas não trabalha mais para ele... Estes detalhes sobre uma pessoa de quem minha cliente fez um comentário não são elementos-chave da história, mas o fato de tê-los incluído foi um sinal para mim.

"Fale-me sobre o sujeito que trabalhou para o seu advogado."

"Oh, Tony? Ele foi despedido, uma das muitas vítimas do caso, eu acho. Ele foi tão gentil comigo. Estava interessado no processo, mas parece que se descuidou de outras responsabilidades. Mesmo depois de despedido, ele continuou vindo ao tribunal para me apoiar, e eu gostava disso. Quando o caso foi encerrado, meu advogado deu uma festa mas não convidou Tony. Foi triste porque ele me telefonou e disse: 'Espero que continuemos a nos ver assim mesmo. [Uma pausa.] Você não acha...?'"

Minha cliente então descreveu várias outras coisas estranhas que Tony tinha feito, acompanhadas da revelação (mais precisamente, recordação) de que Tony tinha lhe dito que estava ajudando uma conhecida que recebia ameaças de um ex-namorado. Uma personagem tão alheia à história - um detalhe aparentemente insignificante - transformou-se em suspeito e, no final, comprovou-se o culpado. De alguma forma, minha cliente sempre soube que ele era o maior suspeito, mas recusava-se a reconhecer isso, preferindo acusar o adversário antipático em vez do seu gentil aliado.

Quantas vezes, depois de tomar alguma decisão, você já não disse: "Eu sabia que deveria fazer aquilo?" Significa que você recebeu o sinal, mas não lhe deu ouvidos. Todos nós sabemos como respeitar a intuição, embora com frequência não a nossa. Por exemplo, as pessoas tendem a atribuir aos cachorros toda a habilidade intuitiva. De fato lembro-me de uma história recente que uma amiga me contou: "Ginger reagiu muito mal ao nosso novo empregado, até rsnou para ele. Parece que percebeu que ele não é confiável, por isso vou

examinar outras propostas."

"Deve ser isso", brinquei com ela. "A cadela sente que você deve contratar outro empreiteiro porque este não é honesto."

"A ironia", expliquei, "é que é bem mais provável que Ginger esteja reagindo aos seus sinais do que você aos dela. Ginger é especialista em interpretar você, e você é a especialista em interpretar outras pessoas. Ginger, por mais esperta que seja, não sabe se o empreiteiro vai inflacionar os custos em seu próprio benefício, se ele é honesto, se vale mais a pena trabalhar com um orçamento fixo, se a recomendação dada por um antigo cliente foi um tanto reticente, se o modelo do carro dele é sofisticado nem se ele respondeu polidamente, mas com evasivas, às suas perguntas diretas." Minha amiga achou graça da revelação de que Ginger, cuja capacidade intuitiva ela não hesitou em superestimar, na verdade é uma total idiota quando se trata de obras de reforma. De fato, Ginger é ainda menos que isso, porque nem sabe falar. (Se existe algum cachorro com intuição suficiente para perceber o que seus donos estão lendo aqui, retire o que eu disse.)

Ao contrário do que se acredita sobre a intuição dos cachorros, as suas próprias capacidades intuitivas são muito superiores (e como você fica mais experiente a cada dia que passa, neste exato momento está no auge da sua forma). Ginger percebe e reage ao medo nos humanos porque sabe intuitivamente que uma pessoa assustada (ou animal) tem mais probabilidade de ser perigosa, mas ela não tem nada que você não tenha. O problema, de fato, é aquele algo mais que você tem e o cachorro não: o raciocínio, e isso é que atrapalha a sua percepção e intuição. Com o raciocínio vem a capacidade de desrespeitar a intuição se você não puder explicá-la pela lógica, vem a ansiedade de julgar e condenar seus sentimentos em vez de honrá-los. Ginger não se distrai pensando em como as coisas poderiam, costumavam ou deveriam ser. Ela percebe apenas o que é. A nossa confiança na intuição dos cachorros quase sempre é uma forma de nos permitir ter uma opinião que, de outra forma, seríamos forçados a chamar (que Deus me perdoe) de infundada.

Você é capaz de imaginar um animal reagindo ao dom do medo da mesma forma como fazem certas pessoas, irritadas e com desprezo em vez de lhe dar atenção? Nenhum animal na vida silvestre, com um medo repentino, desperdiçaria energia mental pensando: "Não deve ser nada." Mas nós nos censuramos por acreditar, nem que seja por um instante, na sensação de que alguém está nos seguindo numa rua aparentemente deserta, ou na possibilidade de que alguém esteja se comportando de maneira sinistra. Em vez de nos sentirmos gratos por possuir um recurso interno poderoso, gratos pela autopreservação, em vez de acreditarmos que as nossas mentes possam estar trabalhando a nosso favor e não simplesmente nos pregando peças, apressamo-nos a rir desse impulso. Nós, ao contrário de todas as outras criaturas na natureza,

preferimos não explorar - e até ignorar - os sinais de sobrevivência. A energia mental que usamos buscando explicações ingênuas para tudo poderia ser utilizada de maneira mais construtiva para avaliar as informações importantes que recebemos do ambiente.

Todos os dias, pessoas empenhadas em desconfiar astuciosamente de sua própria intuição tornam-se, enquanto pensam, vítimas de violência e acidentes. Portanto, quando nos perguntamos por que somos vítimas com tanta frequência, a resposta é clara: É porque somos bons nisso.

Não há cooperação maior que uma mulher possa dar a um futuro atacante do que ficar o tempo todo dizendo a si mesma: "Mas ele parece um cara tão legal". No entanto, é exatamente isso que muita gente faz. Uma mulher está esperando o elevador e, quando a porta se abre, ela vê um homem lá dentro que a deixa apreensiva. Como não costuma sentir medo, pode ser que seja o adiantado da hora, o tamanho dele, o jeito como ele a olhou, o índice de ataques ocorridos no bairro, um artigo que ela leu no ano passado - não importa. A questão é: ela sente medo. Como reage ao sinal de sobrevivência mais forte da natureza? Ela o reprime, dizendo a si mesma: "Me recuso a viver assim. Não vou insultar esse sujeito fechando a porta na sua cara." Se o medo não desaparece, ela se convence a deixar de ser tola, e entra no elevador.

Agora, qual é a maior tolice: esperar mais um pouco pelo próximo elevador, ou entrar numa câmara de aço à prova de som com um estranho de quem ela está sentindo medo?

Mesmo quando a intuição se manifesta de forma mais evidente, mesmo quando a mensagem é recebida, ainda assim vamos buscar opiniões externas antes de ouvirmos a nós mesmos. Há a história de um psiquiatra que ouviu de um paciente: "Ultimamente, quando a minha mulher vai para a cama eu encontro algum pretexto para não subir até ela pegar no sono. Se ela ainda estiver acordada quando eu entrar no quarto, entro no banheiro e fico lá até ter certeza de que ela já está dormindo. Você acha que eu estou inconscientemente evitando ter relações sexuais com a minha mulher?" O psiquiatra respondeu astutamente: "O que ficou inconsciente nisso tudo?"

Quando as vítimas me explicam, depois do fato ocorrido, que "inconscientemente" sabiam que estavam em perigo, eu poderia fazer a mesma pergunta: "O que ficou inconsciente?"

A estranha forma como as pessoas avaliam o risco esclarece um pouco o que nos faz preferir, frequentemente, não evitar o perigo. Tendemos a dar toda a nossa atenção aos riscos que fogem ao nosso controle (quedas de aviões, desastres em usinas atômicas), enquanto ignoramos aqueles que sentimos serem de nossa responsabilidade (a morte provocada por fumo, má alimentação e acidentes de carro), ainda que estes últimos tenham muito mais probabilidade de nos prejudicar. Em *Why the Reckless Survive*, o livro excepcional do dr. Melvin

Konner sobre você e eu (e todos os outros seres humanos), ele observa que "bebemos e dirigimos sem cinto de segurança e acendemos mais um cigarro... e depois cancelamos a viagem para a Europa baseados numa única chance em um milhão de acontecer um atentado terrorista árabe". Muitos americanos que não viajam para ver as pirâmides, com medo de morrer no Egito, ficam em casa onde o perigo de morrer é vinte vezes maior.

Embora corramos intencionalmente alguns riscos, não os aceitamos quando impostos por outras pessoas. Konner observa que parece que estamos dizendo: "Se eu quiser morrer de tanto fumar, o problema é meu, mas se uma empresa estiver tentando me impor alguma coisa com amianto ou gás paralisante, vou ficar furioso." Toleramos riscos familiares de preferência àqueles que não conhecemos. O seqüestro de um avião em Atenas nos preocupa mais do que o pai que mata um filho, mesmo que um aconteça raramente e outro todos os dias.

Negamos porque fomos feitos para ver o que queremos ver. No seu livro *The Day the Universe Changed*, o historiador James Burke diz que "é o cérebro que vê, não o olho. A realidade está no cérebro antes de ser experimentada, ou os sinais que captamos com os olhos não teriam sentido". Esta verdade ressalta o valor de se ter na mente as peças do quebra-cabeça antes de precisarmos delas, pois só assim podemos reconhecer os sinais de sobrevivência.

Sem dúvida nós nos preocupamos o suficiente com isso para aprender os sinais: Uma pesquisa feita por Harris revela que uma enorme maioria de americanos percebe os grandes riscos nas áreas do crime e da segurança pessoal. Se isto for verdade, é preciso fazer algumas perguntas sobre violência e sobre nós mesmos. Por exemplo, faz sentido saber mais sobre o que leva um homem a comprar determinada marca de lâmina de barba do que sobre o motivo que o faz comprar uma arma? E por que ficamos fascinados quando uma personalidade famosa é atacada por um assassino, o que acontece uma vez a cada dois ou três anos, mas não nos interessa se uma mulher morre esfaqueada pelo marido ou namorado, o que acontece a cada duas horas? Por que na América existem milhares de centros de prevenção do suicídio e nenhum centro de prevenção de homicídios?

E por que adoramos as retrospectivas (como nas reprises constantes nos noticiários sobre fatos ocorridos em determinados dias, semanas e anos) mas desconfiamos das previsões, que na verdade podem fazer alguma diferença nas nossas vidas?

Uma das razões é que não precisamos desenvolver as nossas habilidades de previsão num mundo onde os especialistas nos dirão o que fazer. Katherine, uma jovem de 27 anos, me faz uma pergunta (a mim, o especialista) que quase todas as mulheres na nossa sociedade deveriam considerar: "Como saber se o homem com quem estou saindo vai se transformar num problema? Existe um

checklist dos sinais de alerta sobre assassinos?"

Em vez de responder logo, eu lhe pedi para me dar um exemplo do que estava querendo dizer.

"Bem", disse, "eu saía com este sujeito chamado Bryan, que ficou meio obcecado comigo e não queria me largar quando eu quis parar de sair com ele. Nós nos conhecemos na festa de um amigo meu, e ele deve ter pedido a alguém o número do meu telefone. Antes mesmo que eu chegasse em casa, ele já tinha deixado três recados. Eu lhe disse que não queria sair com ele, mas ele estava tão entusiasmado com a idéia que eu não tive outra escolha. No início ele foi muito atencioso, parecia sempre saber o que eu queria. Era agradável, mas também me deixava um pouco constrangida. Como, por exemplo, quando eu disse que estava precisando de mais espaço para arrumar meus livros e ele apareceu um dia com prateleiras, pregos e martelo e montou uma estante. Eu não podia dizer não. E ele interpretava tudo o que eu dizia. Certa vez ele me convidou para ir a um jogo de basquete, eu disse que talvez fosse. Depois ele disse: 'Você prometeu.' Também, falou de coisas sérias cedo demais, tal como vivermos juntos, casarmos e termos filhos. Ele começou brincando com isso na primeira vez em que saímos, e depois deixou de ser apenas uma brincadeira. Ou quando ele sugeriu que eu tivesse um telefone no meu carro. Eu não tinha certeza se queria isso, mas ele um dia pediu emprestado meu carro e instalou um telefone. Era um presente, o que eu ia dizer? E, é claro, ele me ligava sempre que eu estava no carro. E era tão inflexível que eu nunca usava aquele telefone para ligar para o meu ex-namorado. Depois ele ficava zangado até se eu falasse com o meu ex-namorado. Finalmente, quando lhe disse que não queria ser sua namorada, ele não quis me ouvir. Basicamente insistiu em que eu continuasse o relacionamento com ele e, como eu não continuei, ele me forçou a isso de uma certa forma ligando sempre para mim, aparecendo de surpresa, mandando presentes, falando com meus amigos, surgindo no meu trabalho sem ser convidado. Nós nos conhecíamos apenas há um mês, mas ele agia como se fosse o relacionamento mais importante da sua vida. Portanto, quais os sinais de alerta desse tipo de cara?"

Katherine tinha, é claro, respondido à sua própria pergunta (mais sobre perseguições de namorados no Capítulo 11). O melhor conselho que eu poderia lhe dar talvez não a deixasse satisfeita: "Escute a si própria." Os especialistas raramente nos dizem que já sabemos as respostas. Nós queremos um checklist, eles estão interessados nos nossos cheques.

Talvez os maiores especialistas em previsões de alto risco diárias sejam os policiais. Os que têm experiência de rua aprenderam sobre a violência e os seus sinais de alerta, mas a negativa sem controle pode eclipsar todo este conhecimento. O especialista em sobrevivência da polícia, Michael Cantrell, aprendeu isto muitas vezes na sua carreira.

Quando Cantrell já trabalhava há quatro anos como policial, seu colega, a quem chamarei de David Patrick, lhe contou que tinha tido um sonho em que "um de nós levou um tiro".

"Preste mais atenção a esse sonho", Cantrell respondeu, "porque não serei eu."

Patrick voltou a falar nisso, anunciando um dia: "Tenho certeza de que vou levar um tiro." Cantrell acabou acreditando nele, principalmente devido às estratégias de sobrevivência relaxadas de Patrick. Em uma das suas incursões juntos, eles pararam ao lado de um carro onde estavam três homens. Embora o motorista fosse cordial, Cantrell intuitivamente percebeu o perigo porque os outros dois homens continuaram olhando fixamente em frente. Ele ficou aflito porque o colega não estava alerta ao possível risco que corriam e parecia mais interessado em acender um cachimbo encostado no carro de patrulha. Cantrell pediu ao motorista que saísse do carro e, quando o homem abriu a porta, viu uma arma no chão e gritou "Arma!" para o colega, mas Patrick não reagiu com atenção suficiente. Eles sobreviveram ao perigo mas, sem conseguir se livrar do pressentimento de que a premonição do colega estava certa, Cantrell foi discuti-la com o seu supervisor. O sargento lhe disse que ele estava exagerando. Sempre que Cantrell lhe pedia para falar no assunto, o sargento brigava com ele: "Olha aqui, em todo este tempo que servi neste departamento jamais saquei uma arma, e não me lembro de termos tido nunca um tiroteio por aqui."

Um dia, quando Cantrell estava de folga, Patrick reuniu-se com outros policiais da patrulha para ouvir a descrição de dois homens que tinham participado de vários assaltos à mão armada. Dentro de poucas horas, Patrick (dirigindo sozinho) observou dois homens que se encaixavam na descrição discutida na reunião. Um deles estava num telefone público, mas não parecia estar falando com alguém. O outro ia e vinha, várias vezes, olhando a vitrina de um supermercado. Patrick tinha razões mais do que suficientes para pedir ajuda, mas deve ter ficado preocupado com o papel que faria caso esses caras não fossem os criminosos. Os homens viram Patrick e se afastaram. Ele os seguiu com o carro da patrulha. Sem pedir nenhuma descrição ou requisitar ajuda, ele sinalizou para os homens. Desceu do carro e pediu a um deles que virasse de costas para ser revistado. Mesmo tendo visto o bastante para desconfiar, mesmo tendo reconhecido e conscientemente considerado que estes poderiam ser os dois homens procurados pela polícia, ele continuou ignorando os sinais de sobrevivência. Quando finalmente ele registrou um sinal de grande perigo vindo de um homem ao seu lado, já era tarde. Com o canto do olho, Patrick viu a arma que, subindo lentamente, disparou no seu rosto. O homem puxou o gatilho seis vezes quando Patrick caiu. O outro sacou uma arma e atirou nas costas de Patrick uma vez.

Depois que os dois criminosos fugiram, Patrick conseguiu alcançar o rádio

do carro. Quando reproduziram a gravação da comunicação para Cantrell ouvir, ele ouviu nitidamente o sangue saindo às golfadas da boca de Patrick enquanto ele tentava pronunciar: "Levei um tiro. Levei um tiro."

Surpreendentemente, Patrick se recuperou e voltou a trabalhar na polícia. Tempos depois, ainda relutando em assumir a responsabilidade por sua segurança ou sua imprudência, ele disse a Cantrell: "Se você estivesse comigo, isso não teria acontecido."

Lembra daquele sargento que acusou Cantrell de estar exagerando? Ele decidiu que o risco era pequeno com base apenas em dois fatores: nunca sacara a arma em toda a sua carreira e não se lembrava de nenhum dos homens do seu departamento ter sido baleado. Se este segundo fator valesse para uma previsão, então o tiro que Patrick levou deveria ter feito o sargento mudar de critério na avaliação dos riscos. Aparentemente não mudou, porque, poucos meses depois, ele mesmo foi baleado numa loja de conveniência.

Cantrell trocou a polícia pelo mundo dos negócios, mas todas as semanas ele dedica voluntariamente parte do seu tempo a ensinar o dom do medo aos policiais. Agora as pessoas escutam quando ele diz para ouvirem a si mesmas.

Além da total negativa dos sinais intuitivos, existe uma outra forma de arranjar problemas. Nossa intuição falha quando é carregada com informações imprecisas. Visto que somos editores do que entra e do que é investido de credibilidade, é importante avaliar de onde vêm as nossas informações. Eu expliquei isto numa apresentação para centenas de assessores do governo encarregados de lidar com ameaças na CIA - Central Intelligence Agency -, baseando as minhas observações num risco muito raro para nossa segurança: ataques de cangurus. Contei à platéia que cerca de vinte pessoas por ano são mortas por animais normalmente mansos, e que os cangurus sempre revelam um conjunto específico de indícios antes e depois de atacar:

- 1) Parecem estar sorrindo (na verdade estão mostrando os dentes).
- 2) Verificam compulsivamente as bolsas para se certificar de que ela esteja vazia (jamaís atacam quando estão transportando filhotes).
- 3) Olham para trás (pois fogem logo depois de matar).

Depois destes sinais, eles investem, brutalmente socam o inimigo, e saem galopando.

Pedi a dois membros da platéia para se levantarem e repetirem os três sinais de alerta, e ambos descreveram sem erro o sorriso, a verificação de não ter nenhum filhote na bolsa e o olhar para trás para garantir a retirada. De fato, todos naquela sala (e você agora) não vão mais esquecer, pelo resto das suas vidas, desses sinais. Se um dia, amanhã ou daqui a dez anos, vocês estiverem frente à frente com um canguru, vão se lembrar logo desses indicadores de perigo iminente.

O problema, eu contei à platéia na CIA, é que eu inventei esses sinais. Fiz isso para demonstrar os riscos de uma informação errada. Na verdade, eu não sei nada sobre o comportamento dos cangurus (portanto, esqueça os três sinais, se puder - ou fique longe de cangurus hostis).

Nas nossas vidas, somos constantemente bombardeados com sinais de cangurus disfarçados de conhecimento, e a nossa intuição depende de nós para decidir em que ela deverá acreditar. James Burke diz: "Você é o que você sabe." Ele explica que os europeus no século XV sabiam que tudo no céu girava em torno da Terra. Até que o telescópio de Galileu mudou essa verdade.

Hoje, Burke observa, vivemos de acordo com uma outra verdade e, "como as pessoas no passado, desprezamos os fenômenos que não se encaixam na nossa visão porque estão 'errados' ou ultrapassados. Como nossos ancestrais, nós sabemos a verdade verdadeira".

Quando se trata de segurança, existe um bocado de "verdades verdadeiras", e algumas delas colocam as pessoas em risco. Por exemplo, é sempre melhor para a mulher que está sendo perseguida por um ex-marido conseguir uma ordem de prisão? Esta sem dúvida é a sabedoria convencional, mas há mulheres mortas todos os dias por homens contra quem elas possuem ordens judiciais, documentos quase sempre inúteis que a polícia encontra na bolsa ou no bolso das vítimas. (Mais sobre isto no Capítulo 10.)

Talvez a maior falsa verdade seja a de que algumas pessoas simplesmente não são intuitivas, como se lhes faltasse, de alguma forma, este elemento chave de sobrevivência.

Cynthia é professora substituta, uma mulher bonita e divertida, totalmente diferente das substitutas chatas e muito importunadas de que a maioria de nós se lembra dos tempos de escola. Um dia, durante o almoço, Cynthia se queixou comigo de que não era uma pessoa intuitiva. "Só percebo os sinais quando já é tarde; não tenho aquela voz interior que algumas pessoas possuem."

Mas, eu a lembrei, várias vezes por semana ela entra numa sala cheia de crianças de seis e sete anos de idade, que ela nunca viu antes, e rapidamente faz uma avaliação automática e inconsciente de como será o comportamento delas no futuro. Com curiosa exatidão, ela prevê quem, entre os trinta, procurará testá-la mais, quem incentivará as outras crianças a se comportarem bem ou não, quem vai obedecer, que estratégias disciplinares funcionarão melhor, e daí por diante.

"É verdade", disse ela. "Todos os dias eu tenho que prever o que as crianças farão, não sei explicar como consigo isso." Depois de pensar um pouco, ela acrescentou: "Mas não consigo prever o comportamento dos adultos."

Isto é interessante, porque a diversidade de comportamentos nas crianças é muito, mas muito maior do que nos adultos. Raros são aqueles que atiram de repente alguma coisa de um lado a outro da sala e depois caem na gargalhada.

Raras são as mulheres que, sem nenhum motivo aparente, levantam as saias até a cabeça ou se debruçam sobre a mesa do vizinho e arrancam os seus óculos. Raros são os adultos que derramam tinta no chão e espalham com os pés. Mas todos esses comportamentos são familiares aos professores substitutos.

Prever o comportamento rotineiro de adultos numa mesma cultura é tão simples que nem mesmo nos preocupamos em fazer isso de forma consciente. Reagimos apenas ao que é incomum, ao que está sinalizando que ali pode haver algo que valha a pena prever. Nem percebemos o homem sentado ao nosso lado no avião há cinco horas até que, com o canto do olho, vemos que ele está lendo a revista que temos nas mãos. O problema é que avaliamos intuitivamente as pessoas o tempo todo, com bastante atenção, mas essa atenção só se torna consciente se existir um motivo para isso. Vemos tudo, mas editamos a maior parte do que vemos. Portanto, se alguma coisa desperta o nosso interesse, devemos prestar atenção. Esse é um músculo que muitas pessoas não exercitam.

No almoço, eu disse a Cynthia que lhe daria um exemplo do que é escutar a própria intuição. Estávamos num restaurante onde nenhum de nós tinha estado antes. O garçom era um homem exageradamente atencioso e eu presumi que fosse oriundo do Oriente Médio.

Eu disse: "Veja o nosso garçom, por exemplo. Nunca o vi e não sei nada sobre ele, mas posso lhe dizer que não é só o garçom - ele é dono deste restaurante. Ele é do Irã, onde sua família dirigiu restaurantes de sucesso antes de mudarem para os Estados Unidos."

Como não havia nenhuma expectativa de que eu acertasse, fui dizendo o que me vinha à cabeça. Eu achava que estava inventando, criando urna história. Ou melhor, eu estava evocando, descobrindo a história.

Cynthia e eu continuamos a conversa, mas na minha cabeça eu ia destruindo a teoria que tinha acabado de expressar com tanta certeza. Do outro lado da sala, vi a gravura de um elefante na parede e pensei. "Oh, ele veio da Índia, não do Irã; isso faz sentido, porque um iraniano seria mais assertivo do que este sujeito. E, definitivamente, ele não é o dono."

Quando ele voltou à nossa mesa, eu já tinha concluído que todas as minhas previsões estavam erradas. Relutante, perguntei quem era o dono do restaurante.

"Sou eu."

"É o seu primeiro restaurante?"

"Sim, mas minha família possuía vários restaurantes de sucesso no Irã. Nós os vendemos para vir para a América." Virando-se para Cynthia, ele disse: "*E você é do Texas." Cynthia, que não tem nenhum sotaque texano, perguntou como é que ele soube.

"Você tem olhos do Texas."

Não importa como foi que eu adivinhei com tanta precisão o seu status no

restaurante, o seu país de origem e a história da sua família, também não importa como foi que ele soube que Cynthia era do Texas, nós soubemos. Mas eu apostaria a minha vida nesta metodologia? Faço isso todos os dias e você também, e eu não me saí melhor usando a lógica consciente.

Cynthia também falou do que ela chama de a "linguagem corporal dos carros", a sua capacidade de prever os movimentos prováveis dos carros. "Sei quando um carro está para entrar na minha frente sem sinalizar. Sei quando um carro vai, ou não, virar à esquerda na minha frente." Muita gente reconhece satisfeita esta capacidade e dirige todos os dias com absoluta confiança na sua capacidade de interpretar os movimentos dos carros. Na verdade, é óbvio que essas pessoas são especialistas em leitura de gente, mas como é impossível ver o motorista por inteiro, lemos a sua intenção, o seu nível de atenção, competência, sobriedade, cautela, tudo através dos mínimos movimentos daquele grande objeto de metal ao seu redor.

Portanto, pensamos: Somos capazes de prever o que cangurus, crianças e carros vão fazer, mas não somos capazes de prever o comportamento humano para salvar as nossas vidas.

A história de China Leonard não é sobre violência. Mas é sobre vida e morte, e sobre a negação da intuição. Ela e o filho pequeno, Richard, tinham acabado de se acomodar numa das salas do Hospital St. Joseph onde o menino seria preparado para uma cirurgia simples no ouvido. Ele costumava encher os médicos de perguntas mas, quando o dr. Joseph Verbrugge Jr., o anestesista, entrou na sala ele calou a boca. Nem mesmo respondeu quando o dr. Verbrugge perguntou se estava nervoso. "Olhe para mim!", o medico exigiu, mas Richard não respondeu.

O menino obviamente não gostou daquele médico ríspido e antipático, e China sentiu a mesma coisa mas também sentiu algo mais do que isso. Um forte impulso intuitivo lhe passou pela cabeça: "Cancele a operação", ele insistia, "cancele a operação". Ela imediatamente reprimiu esse impulso e iniciou uma busca racional de algo que explicasse a sua falta de fundamento. Desprezando a sua intuição sobre o dr. Verbrugge em favor da lógica e da razão, ela garantiu a si mesma que não se pode julgar alguém pela sua personalidade. Mas, de novo impulso: "Cancele a operação." Como China Leonard não é uma pessoa preocupada por natureza, foi preciso um certo esforço para silenciar a sua voz interior. "Deixa de ser boba", ela pensou, "o St. Joseph é um dos melhores hospitais do estado, é um hospital- escola; pertence às Irmãs de Caridade, pelo amor de Deus. É de se supor que este médico seja bom."

Derrotada a sua intuição a cirurgia seguiu como programada, e Richard morreu num procedimento simples. É uma história triste em que aprendemos que as palavras "eu sei" têm mais valor do que "eu sabia".

Mais tarde, revelou-se que alguns dos colegas do dr. Verbrugge também estavam preocupados com ele. Afirmavam que ele era desatento no trabalho e, o mais grave, em pelo menos seis ocasiões seus colegas relataram que ele parecia estar dormindo durante as cirurgias. Para a equipe do hospital, estes eram sinais evidentes, mas não sei ao certo o que China e seu filho viram. A preocupação deles - seja qual for - se justificou com a morte do menino, e eu considero que isso é o suficiente.

Houve gente na mesa de cirurgia que ouviu e em seguida negou a sua intuição. O cirurgião disse a Verbrugge que Richard respirava com dificuldade, mas Verbrugge não fez nada. Uma enfermeira disse que estava preocupada com a aflição do garoto mas "preferiu acreditar" que Verbrugge era competente.

Um dos médicos que analisou o desempenho das pessoas na sala de cirurgia parecia estar falando de negativas em geral ao dizer com muita perspicácia: "É como acordar num quarto cheio de fumaça, abrir a janela para deixar a fumaça sair e voltar para a cama."

Ví muitas vezes que as vítimas, quando começam a se recuperar do choque da violência, voltam mentalmente àquele mesmo corredor, ou estacionamento, lembram-se de visões, cheiros e sons, quando ainda podiam optar, antes de se submeterem ao controle nocivo de alguém, antes de se recusarem a aceitar o dom do medo. Quase sempre comentam sobre algum detalhe em particular: "Agora eu percebo isso, mas na hora não." É claro que se isso está na cabeça delas agora é porque também estava naquela ocasião. O que estão querendo dizer é que só agora aceitam a sua importância. Aprendi com isto que o processo intuitivo funciona, embora quase sempre não tão bem quanto o seu principal adversário, o processo de negação.

Quando negamos, os detalhes necessários para uma previsão melhor passam flutuando silenciosamente como bóias salva-vidas e, ainda que seja mais confortável para o homem ao mar acreditar que continua na sua cabine, em breve o sonho cobrará seu preço. Conheço isso muito bem; passei metade da minha infância e da minha vida de adulto praticando previsões enquanto aperfeiçoava a negação.

3 - A academia de previsão

Sou capaz de tudo o que todos outros seres humanos são. Esta é uma das grandes lições de guerra e vida.

- *Maya Angelou*

Antes de completar 13 anos, eu vi um homem levar um tiro, vi outro ser socado e chutado até desmaiar, vi um amigo quase morrer golpeado no rosto e na cabeça com um cabo de aço, vi minha mãe viciando-se em heroína, vi minha irmã apanhar e eu mesmo já era um veterano nisso depois de passar metade da minha vida sendo espancado. O que estava em jogo nas minhas previsões naquela época era tão importante quanto hoje - era uma questão de vida ou morte - e eu via como minha responsabilidade garantir que todos sobrevivêssemos. Não foi o que aconteceu, e durante muito tempo me considerei responsável por isso também, mas o meu objetivo ao lhe contar toda esta história não é falar de mim; é falar de você. De você porque, apesar de motivado por ocorrências diferentes, você sentiu as mesmas emoções que eu. Embora algumas fossem dolorosas e outras assustadoras, nenhuma das minhas experiências causou algum impacto sobre mim que tenha sido maior do que o pior impacto que você já sofreu na sua vida.

As pessoas às vezes dizem que não conseguem imaginar o que foi passar por uma determinada experiência, mas você é capaz de imaginar tudo o que o ser humano sente e, como vera, essa é a capacidade que faz de você um especialista em prever o comportamento dos outros.

Você quer aprender a identificar pessoas com tendências violentas, a se sentir seguro diante do perigo. Bem, como você já sabe tudo sobre seres humanos, esta expedição começa e termina em território familiar. Você vem freqüentando a sua academia há anos e, para receber o seu diploma em prever atos violentos, existe apenas uma verdade que você precisa aceitar: não há nenhum mistério no comportamento humano que não possa ser solucionado em sua cabeça ou em seu coração.

Nicholas Humphrey, da Universidade de Cambridge, explica que a evolução nos dotou de introspecção especificamente para que pudéssemos "tomar como modelo outros seres humanos e, portanto, prever seus comportamentos". Para conseguir fazei isso, temos que ser o que Humphrey chama de "psicólogos naturais". Temos que saber, diz ele, "o que é ser humano".

Ajudei uma jovem promotora chamada Mareia Clark quando ela ainda não era conhecida, na sua brilhante acusação no caso do assassino Robert Bardo. Bardo matou a atriz Rebecca Schaeffer e Clark o pôs em prisão perpétua. Quando o entrevistei lá, sua relativa normalidade me tirou do campo seguro do *NÓS* e *ELES* - especialistas e assassinos - para o mundo das nossas características

humanas compartilhadas. A notícia pode não ser agradável, mas você, eu e Bardo temos muito mais coisas em comum do que divergentes.

O famoso psiquiatra Karl Menninger disse: "Eu não acredito em mente criminosa. A mente de todo o mundo é criminosa; todos nós somos capazes de fantasias e pensamentos criminosos." Dois grandes cérebros da história, Albert Einstein e Sigmund Freud, foram ainda mais longe. Numa extraordinária correspondência, eles exploraram o tema da violência humana. A carta de Einstein concluiu que "o homem tem em si a necessidade de odiar e destruir".

Na sua resposta, Freud concordou "sem reservas", acrescentando que os instintos humanos podem ser divididos em duas categorias: "Os que procuram preservar e unir, e os que procuram destruir e matar." Ele escreveu que o fenômeno da vida evolui a partir da sua "atuação conjunta e mutuamente oposta".

Como prova das opiniões de Einstein e Freud, existe o fato de que a violência e o homicídio ocorrem em todas as culturas. No seu livro sobre as origens da violência, *Demonic Males*, Richard Wrangham e Dale Peterson dizem que os seres humanos modernos são "os aturdidos sobreviventes de um hábito constante, há cinco milhões de anos, de agressões letais". Os exploradores cientistas que saíram em busca de comunidades capazes de desmentir a crença na violência universal dos homens voltaram para casa frustrados. Os habitantes das ilhas do Pacífico Sul foram erroneamente romantizados como não-violentos em *Coming of Age in Samoa*, de Margaret Mead. O povo das ilhas Fiji, corretamente visto hoje como o mais cordial do mundo, não muito tempo atrás era um dos mais violentos da humanidade. Os !Kung das Kalahari foram chamados de "povo inofensivo" num livro com esse mesmo título, mas Melvin Konner, cuja busca de respostas o levou mais de uma vez a estudar os povos nômades africanos, concluiu que "freqüentemente os etnógrafos descobrem o Éden no meio do mato para, em seguida, ver essa descoberta substituída por informações mais exatas".

Embora estejamos vivendo na era espacial, nossas mentes ainda são da idade da pedra. Somos competitivos, territorialistas e violentos, exatamente como nossos ancestrais macacos. Há quem insista que não é assim, que afirme que jamais mataria alguém mas, invariavelmente, acrescenta uma advertência reveladora: "A não ser, é claro, que a pessoa tentasse fazer mal a alguém que eu amo." Portanto, o recurso da violência está em todos; o que muda é a nossa visão da justificativa.

Estudando e entrevistando quem usa a violência para alcançar seus objetivos, aprendi há muito tempo que preciso encontrar nessas pessoas algo de mim mesmo e, o que é mais perturbador às vezes, encontrar em mim mesmo algo que seja delas. Deve haver um lugar onde prender o fio de linha antes de mergulhar na escuridão de alguma mente obscura; tem que haver algo familiar

em que me agarrar.

Um homem mata uma vaca com um machado, abre a carcaça e depois entra nela para sentir como é; mais tarde, usa o machado para matar o seu irmão de oito anos. Outro homem mata os pais com um tiro nos olhos. Nós usamos a palavra *desumano* para descrever estes assassinos, mas eu conheço os dois, e eles não são desumanos - são, precisamente, humanos. Conheço muitas outras pessoas iguais a eles; conheço seus pais, e os pais das suas vítimas. Seus atos violentos são repugnantes, sem dúvida, mas não são desumanos.

Quando o assaltante de um banco atira num guarda de segurança, todos compreendemos por que, mas no caso de assassinos hediondos, as pessoas resistem à idéia de compartilhar com eles a sua humanidade. Isso porque a separação entre *NÓS* e *ELES* é muito mais confortável. Em meu trabalho, não posso me dar a esse luxo. O que está em jogo em algumas previsões exige que eu reconheça e aceite intimamente o que observo nos outros, não importa quem sejam, não importa o que tenham feito, não importa o que possam fazer, não importa onde isso vai me levar. Haverá talvez um dia na sua vida em que você não vai poder se dar ao luxo de dizer que não reconhece as intenções sinistras de alguém. Sua sobrevivência talvez dependa desse reconhecimento.

Embora os antropólogos há muito tempo se concentrem nas diferenças entre os povos, é o reconhecimento das semelhanças que nos permite prever com mais exatidão a violência. Claro, aceitar que alguém é humano não significa desculpar o seu comportamento. Esta lição é provavelmente mais difícil quando se convive com os indivíduos mais violentos e perigosos do mundo, aqueles a quem você chamaria de monstros, aqueles que cometeram atos que você acha que jamais passariam pela sua cabeça. Muitos cumprem pena no Atascadero State Hospital, na Califórnia. Eu fundei e financio um programa lá que se chama "Bichinhos para os Pacientes", que permite que eles cuidem de pequenos animais. Muitos destes homens passarão o resto de suas vidas presos sem receber visitas, e um ratinho ou pássaro poderá ser tudo o que eles possuem.

Lembro-me de como os pacientes reagiram à morte de uma porquinha-da-índia que tinha sido um dos primeiros animais do programa. Ao perceberem que o velho animal estava doente, tentaram achar um jeito para ele não morrer, embora a maioria soubesse que isso era impossível. A coordenadora do programa, Jayne Middlebrook, enviou-me este relatório:

Um paciente, Oliver, se encarregou de garantir que não faltasse nada ao animal doente. Pediu para ficar com ela no quarto "para não ficar sozinha de noite, caso resolva morrer nessa hora". Finalmente, a velha porquinha-da-índia não conseguia mais se mexer e respirava com dificuldade. Oliver reuniu alguns pacientes na minha sala e ela morreu nos seus braços, cercada por um grupo incrivelmente consternado. Não houve

quem não ficasse com os olhos cheios d'água naquela ala do hospital enquanto os pacientes vinham se despedir dela, saindo depois em silêncio.

Muitas vezes conversei com você sobre os efeitos destes acontecimentos sobre os pacientes, entre os quais alguns, emocionados com a morte de um animal, choraram pela primeira vez o mal que causaram a outras pessoas. Agora quero falar sobre meus próprios sentimentos. Sentada na minha sala, observando os pacientes, todos criminosos, muitos culpados de crimes brutais, a maioria perdida em meio aos mais variados vícios (você escolhe), doenças mentais (a que você quiser), e considerada a escória, eu vi um lampejo de compaixão, um fragmento de emoção, um vislumbre de humanidade que a sociedade acredita faltar a estes homens (e, quase sempre, falta). É verdade que a maioria está exatamente onde deve estar; soltá-los na sociedade é inconcebível, mas não podemos desprezara sua humanidade porque, se o fizermos, nos tornaremos menos humanos.

Portanto, mesmo num conjunto de assassinos monstruosos, há algo de você e de mim. Quando aceitamos isto, aumentam as nossas chances de reconhecer o estuprador que tenta abusar da nossa boa-fé para entrar nas nossas casas, o indivíduo que se emprega para cuidar das crianças com a finalidade de molestá-las, o assassino de esposas no trabalho, o assassino a esmo. Quando aceitamos que a violência é cometida por gente que parece e age como gente, silenciámos a voz que nega, a voz que sussurra: "Este cara não parece ser um assassino."

Nosso julgamento pode classificar uma pessoa como inofensiva ou sinistra, mas a sobrevivência é melhor resguardada pela nossa percepção. O julgamento resulta num rótulo, como chamar Robert Bardo de monstro e deixar por isso mesmo. Esses rótulos traçam unia linha nítida entre aquele "desequilibrado" e nós, mas a percepção leva você um pouco mais adiante.

Afinal de contas, os cientistas não observam o pássaro que destrói os próprios ovos e dizem: "Bem, isso não acontece nunca; este aí não passa de um monstro." Pelo contrário, eles concluem corretamente que, se aquele pássaro agiu assim, outros poderão fazer o mesmo, e deve haver nisto algum propósito da natureza, alguma causa, alguma previsibilidade.

As pessoas que cometem violências terríveis podem agir a partir de muitas opções. Não preciso fazer uma lista de horrores para demonstrar isso - você pode encontrar a prova dentro de você mesmo. Imagine o que você acha que seja a pior coisa que alguém possa fazer a outro ser humano; imagine algo

pior do que qualquer coisa que já tenha visto no cinema, lido ou ouvido a respeito. Imagine algo *original*. Pare de ler agora e invoque esta coisa terrível.

Agora, só pelo fato de você ter conseguido imaginar esse horror, pode ter certeza de que alguém já sofreu isso, porque tudo o que um ser humano é capaz de fazer a outro já foi feito. Ato de horror e violência extraordinários acontecem, e não podemos saber por que se considerarmos o comportamento raro como se fosse algo exterior a nós mesmos. Aquela idéia que você acabou de invocar estava dentro de você, e portanto faz parte de nós. Para realmente colocarmos em prática nossos sistemas de previsão e prevenção, elevemos aceitar que estes atos são cometidos por gente que pertence ao "nós" da humanidade, não por intrusos que vieram se introduzindo sorrateiramente.

Certa noite, faz poucos anos, o lendário cientista comportamental do FBI, Robert Ressler, o homem que cunhou o termo "*serial killer*" - assassino compulsivo - veio jantar na minha casa. (Ressler escreveu o livro *Whoever Fights Monsters...*, cujo título se origina de uma citação de Nietzsche sobre a qual já refleti várias vezes: "Quem combate monstros deve cuidar de não se transformar, nesse processo, também num monstro. Pois quando você olha muito tempo para o abismo, ele também olha para você.") Eu tinha acabado de ler uma prova de *O silêncio dos inocentes* e discutia o seu personagem fictício (eu achava) que matava mulheres jovens para retirar as suas peles e fazer com elas um "*tailleur* feminino". Ressler, muito tranqüilamente, respondeu: "Oh, o caso Ed Gein", e descreveu o homem que roubava cadáveres do cemitério e retirava as peles, que curtia para depois usá-las. Ressler sabia que nada que é humano vem de fora. Ele tinha aprendido o bastante sobre os chamados monstros para saber que eles não se encontram em calabouços góticos ou florestas úmidas. Eles estão nos centros comerciais, nas escolas, nas cidades, como nós.

Mas como encontrá-los antes que possam vitimar alguém? Com os animais, isso depende da perspectiva: o gatinho é um monstro para o passarinho, e o passarinho é um monstro para a minhoca. Com o homem, também é uma questão de perspectiva, porém mais complicada porque o estuprador pode começar como um estranho encantador, o assassino pode ser um fã. O predador humano, ao contrário dos outros, não se veste tão diferente de nós para podermos reconhecê-lo sempre a olho nu.

O olho vendado, é claro, jamais o reconhecerá. É por isso que dedico este capítulo e o próximo à remoção das vendas, à revelação de verdades e mitos sobre os disfarces que alguém pode estar usando para fazer de você a sua vítima.

Começarei com uma história muito batida que você já ouviu tantas vezes nos noticiários transmitidos pela televisão: "Os moradores descrevem o assassino como um homem tímido e reservado. Dizem que ele era um vizinho tranqüilo e cordial."

Você já não está cansado disto? A equipe de jornalistas da TV faria uma

interpretação mais exata e honesta dessas entrevistas se dissesse: "Os vizinhos não sabem nada de relevante." Em vez disso, eles apresentam não informações como se fossem informações. Poderiam também dizer (e às vezes dizem): "O funcionário do pedágio, que há anos recolhe as suas moedas, descreveu o assassino como uma pessoa tranqüila e normal." Pela freqüência do clichê, chega-se quase a acreditar que essa aparente normalidade é indicio de um crime odioso iminente. Não é.

Uma das coisas que prenunciam criminalidade violenta é a violência na infância. Por exemplo, a pesquisa de Ressler confirmou uma estatística surpreendentemente constante sobre os assassinos compulsivos: 100 por cento tinham sido maltratados quando criança, seja por atos de violência, negligência ou humilhação.

Isso não lhe passaria pela cabeça assistindo às reportagens sobre a infância em família de um suposto *serial killer*, Ted Kaczynski, que se acredita ser o Unabomber. Elas nos dizem que sua mãe era "uma boa mulher, de quem os vizinhos gostavam", como se isso tivesse alguma importância. Os vizinhos, em geral, só têm uma qualificação para aparecerem nas reportagens dos jornais: estão dispostos a falar com os repórteres. Você não acha que mais alguma coisa, fora o que os vizinhos sabem, pode ter acontecido naquela casa quando Ted e seu irmão, David, eram crianças?

Observe só alguns fatos sobre a família: os Kaczynski criaram dois filhos, ambos se afastaram da sociedade, vivendo vidas isoladas e anti-sociais. Um deles morou durante um certo tempo numa vala que ele cavou no chão - e esse era o *sadio*, David, que nunca chegou a matar ninguém. Se os promotores estão certos, então o "louco", Ted, cresceu tornando-se um assassino compulsivo brutal que age à distância. Mas os vizinhos dizem aos repórteres que nunca viram nada de extraordinário, os repórteres dizem que a família era normal, e o mito de que a violência tem geração espontânea se perpetua.

Não pretendo aqui acusar os pais que criam filhos violentos, porque há casos em que atos terríveis são cometidos por pessoas com perturbações mentais orgânicas, que a National Alliance of Mental Illness denomina corretamente de "Doenças Inimputáveis". (Também é verdade que muitos doentes mentais foram maltratados na infância.) A predisposição genética também pode ter alguma participação na violência mas, sejam quais forem as cartas que couberam a uma determinada família nesse jogo da vida, os pais têm no mínimo o que Daniel Goleman, autor de *Inteligência emocional*, chama de "uma janela de oportunidade".

Essa janela foi fechada durante a infância da maioria das pessoas violentas. Para compreender quem estas crianças maltratadas se tornaram, é preciso começar por onde elas começaram: como pessoas comuns. Uma cresceu, estuprou Kelly e matou outra mulher; outra assassinou Rebecca

Schaeffer, outra ainda matou o policial logo depois que Robert Thompson saiu daquela loja de conveniência, e uma escreveu o livro que você está lendo. Infâncias difíceis não justificam nada, mas explicam muita coisa - assim como a sua infância explica. A melhor maneira de aguçá-la sua capacidade de prever o que os outros farão é pensar de uma forma introspectiva. Pergunte e responda por que você faz determinadas coisas.

Quando o assassino Robert Bardo me contou que era tratado em casa como o gato da família, alimentado e largado no quarto, me ocorreu pedir a ele que comparasse a sua infância com a vida que estava levando atualmente na prisão.

BARDO: É a mesma coisa, no sentido de que estou sempre recolhido dentro de mim mesmo na minha cela, exatamente como em casa.

GDeB: Existe alguma diferença entre o que você faz aqui e o que você fazia quando era criança?

BARDO: Bem, aqui eu tenho que ser mais social.

GDeB: Em casa ninguém lhe exigia que fosse social?

BARDO: Não, aprendi isso na prisão.

Enquanto houver pais preparando os filhos para pouco mais do que a prisão, não teremos dificuldades em manter nossos presídios lotados. Embora a sociedade pague a conta, o ônus maior recai sobre cada vítima dos crimes.

Ao estudar a infância de maus-tratos e descaso de Bardo, não pude ignorar a semelhança de algumas das nossas primeiras experiências. Também me surpreendeu a extraordinária interseção de nossas experiências adultas, ambas traçadas como se estivéssemos em extremos opostos do assassinato.

A revelação me fez lembrar de Stacey J., um futuro assassino que conheci muito bem. Durante anos meu escritório impediu que ele conseguisse se encontrar com um cliente meu por quem estava obcecado. Fiquei conhecendo a sua família de tanto ligar para lá pedindo que tomassem um avião até Los Angeles para levá-lo para casa, ou das vezes que eles ligaram para meu escritório para avisar que Stacey estava indo ver meu cliente, ou que ele tinha roubado um carro, ou fugira de um hospital para doentes mentais. Certa vez, eu o encontrei no chão de uma cabine telefônica, com as roupas rasgadas, sangrando com ferimentos em ambas as pernas e em todo o rosto e totalmente enlouquecido depois de uma semana sem tomar os remédios. A caminho da sala de emergência, ele descreveu as origens do seu interesse pelo assassinato: "Quando mataram John Kennedy, foi aí que eu soube; foi quando tudo começou." Stacey e eu fomos profundamente afetados pelo mesmo acontecimento, duas crianças de dez anos sentadas cada uma na frente de uma televisão, exatamente

na mesma hora. Em parte devido ao que assistimos naquela época, hoje estamos juntos, um ameaçando uma figura pública, o outro protegendo uma figura pública.

Durante os quinze anos que meu escritório monitorou o comportamento de Stacey, ele amadureceu um pouco mas volta e meia ainda exige a nossa atenção ou a do Serviço Secreto (porque ameaça matar Ronald Reagan). Quando o vejo, alguns anos bem, outros terrivelmente mal, gordo e sofrendo com os efeitos colaterais dos remédios, penso nele aos dez anos, e penso nos caminhos que tomam as vidas das pessoas.

Embora eu mesmo não acabasse me transformando num homem violento, me tornei uma espécie de embaixador entre os dois mundos, fluente nos dois idiomas. Sou capaz de lhe dizer um pouco sobre a maneira de pensar de muitos criminosos porque é semelhante a como eu mesmo pensei durante grande parte da minha vida. Por exemplo, como a minha infância era só previsão, aprendi a viver no futuro. Eu não sentia as coisas no presente porque desejava ser um alvo móvel, já lá no futuro antes que alguma coisa pudesse realmente me atingir. Esta capacidade de viver no amanhã, ou no ano seguinte, me deixava imune à dor e ao desespero dos piores momentos, mas também me tornava imprudente quanto à minha própria segurança. Imprudência e demonstrações excessivas de coragem são características de muitas pessoas violentas. Há quem chame isso de ousadia ou bravura mas, como você verá no capítulo sobre assassinos, o "heroísmo" tem duas faces.

Quando criança, só me sobravam as distrações que iludiam o tempo: eu me preocupava e previa o que ia acontecer. Minha visão do futuro era melhor do que a da maioria das pessoas porque o presente não me distraía. Esta obstinação é outra característica comum a muitos criminosos. Até aquilo que costuma amedrontar a maioria das pessoas não me interessava quando garoto, porque eu já estava tão acostumado com o perigo que ele não me assustava mais. Assim como o cirurgião a quem o sangue não causa mais repugnância, o mesmo acontece com os criminosos violentos. Pode-se detectar esta característica nas pessoas que não reagem como você reagiria a coisas chocantes. Se alguém que acabou de assistir a uma forte discussão fica abalado, por exemplo, pode-se dizer que essa pessoa é calma.

Outra característica comum aos criminosos predadores (e muitas outras pessoas também) é a necessidade percebida neles de estarem sempre no controle. Pense em alguém que você conheça e que possa chamar de controlador viciado. Essa pessoa, como a maioria das pessoas violentas, foi criada num lar caótico, violento ou com gente viciada. No mínimo, era um lar em que os pais não agiam de forma coerente e confiável, um lugar onde o amor era incerto ou condicional. Para ele ou ela, controlar os outros passou a ser o

único modo garantido de prever o comportamento deles. A motivação para se tornar um perito controlador é grande porque, para os seres humanos e todas as outras sociedades animais, a incapacidade de prever comportamentos é absolutamente intolerável. (O fato de a maioria das pessoas agirem de forma previsível é literalmente o que mantém unidas as sociedades humanas.)

Ao falar sobre estas características, não estou querendo dizer que todos os homens que são imprudentes ou corajosos, que se mantêm calmos quando outros estão assustados, que querem controlar tudo tendem a ser violentos; estas são apenas três pecinhas do quebra-cabeça da violência humana para informar melhor a sua intuição.

Outra é que os assassinos não são tão diferentes de nós como gostaríamos de pensar. Protegerei o anonimato da amiga que me contou sobre uma experiência que teve aos vinte anos. Estava tão zangada com um ex-namorado que teve fantasias de matá-lo, embora soubesse que jamais faria uma coisa dessas. Ela estava indo para o trabalho um dia quando aconteceu uma estranha coincidência: o ex-namorado atravessou a rua bem na frente do seu carro. A presença do rapaz ali naquele momento lhe pareceu um sinal e, com mais raiva ainda, ela pisou fundo no acelerador. O carro ia a oitenta quilômetros quando bateu nele, mas pegou só a perna, porque ele se desviou em cima da hora, o que lhe salvou a vida. Não fosse o ruído do seu carro, esta mulher hoje estaria marcada como uma assassina comum. Em vez disso, ela é uma das pessoas mais famosas e admiradas do mundo, alguém que você não identificaria como sendo uma assassina.

Provavelmente você conhece mais gente que já tentou matar alguém do que imagina, como eu mesmo soube quando Mark Wynn me contou uma história sobre o seu violento (hoje ex) padrasto: "Meu irmão e eu resolvemos dar um basta, mas não tínhamos uma arma para atirar nele e sabíamos que não poderíamos lhe dar uma punhalada. Tínhamos visto um comercial na televisão de um spray para matar insetos e, como era letal, pegamos a garrafa de vinho do nosso padrasto na prateleira e a enchemos com o inseticida. Mais tarde, ele entrou na sala com a garrafa e começou a beber. Sem perceber que estava bebendo veneno, esvaziou a garrafa. Aí nós ficamos esperando que ele caísse estrebuchando no chão e morresse."

O que faz a história de Mark Wynn duplamente interessante é que ele é o sargento Mark Wynn, fundador da Divisão de Violência Doméstica de Nashville, considerada a mais inovadora do país. Mark só não é um assassino porque o padrasto não morreu, e, apesar de ter freqüentado a "escola do crime", como ele diz, não se tornou um criminoso. (Mais sobre por que uns se tornam criminosos e outros não no Capítulo 12.)

Eu garanto, um dia você já se sentou ao lado de alguém cuja história, se você a conhecesse, o deixaria boquiaberto. Ele pode até ter cometido o tipo de

crime que vemos nos jornais da TV, o tipo de ato que nos faz perguntar: "Quem seria capaz de fazer isto?" Bem, agora você sabe... qualquer um é capaz de fazer isso.

Embora as nossas experiências na infância afeiem grande parte do que fazemos, uma história de violências não garante um futuro violento. Conta-se sobre o dramaturgo David Mamet, um gênio do comportamento humano: quando foram lhe dizer que dois artistas famosos integrantes do elenco de uma das suas peças estavam se queixando, ele brincou: "Se não queriam ser estrelas, não deveriam ter tido infâncias terríveis."

Não há nada de original em dizer que alguém que enfrentou grandes desafios na juventude cria grandes coisas na idade adulta. De artistas a cientistas, até o presidente Clinton (que levou um tiro do padrasto quando garoto), gente com segredos de infância são capazes de dar as melhores contribuições públicas. O menino que sofre violência e vê mortes evitáveis pode crescer e ajudar os outros a fugirem da violência e da morte que pode ser evitada. O garoto cujo pai é morto por assaltantes pode amadurecer e trabalhar como agente do Serviço Secreto protegendo o presidente (pai). A menina cuja mãe morre de Alzheimer pode ser tornar uma famosa neurologista. O menino que foge ao caos instalado ao seu redor enfumando-se na sua própria imaginação vai ser o adulto que enriquece milhões de frequentadores de cinema com essa mesma imaginação. Estas pessoas estão nos seus empregos por algo mais do que um contra-cheque. Existem razões para o que fazemos, e essas razões às vezes se revelam.

Infelizmente, muitos filhos da violência contribuirão de outra forma para a nossa nação: com mais violência - contra seus filhos, contra suas esposas, contra você ou contra mim. E é por isso que os temas relacionados com a infância e com as nossas características humanas compartilhadas aparecem num livro escrito para ajudar você a se sentir mais seguro.

Quando não encontrar mais nenhum ponto em comum para ajudá-lo nas suas previsões, lembre-se de que a grande maioria das pessoas violentas começou como você, sentiu como você se sentiu, quis o que você quis. A diferença está nas lições que eles aprenderam. Fico triste em saber que, neste mesmo momento em que escrevo estas palavras e quando você as estiver lendo, alguma criança está aprendendo que a violência existe, aprendendo que, tratando-se de crueldade, é melhor dar do que receber.

Não fossem as lembranças no meu trabalho, nada disto me importaria, mas conheci gente demais brutalizada na infância que devolveu tudo à sociedade multiplicado por dez. Podem ter crescido parecidas com todo o mundo, mas enviam sinais sutis que revelam suas intenções.

4 - Sinais de sobrevivência

"As pessoas deveriam aprender a ver, e assim evitar todos os perigos. Como o homem sensato que se mantém longe dos cães raivosos, não se deve fazer amizade com homens maus."
- *Buda*

Kelly ficou apreensiva desde o momento em que ouviu a voz do estranho, e agora quer que eu lhe diga por quê. Mais do que tudo, foi o simples fato de haver alguém ali, porque, não tendo escutado nenhuma porta se abrindo, Kelly sabia (pelo menos intuitivamente) que ele deveria ter ficado escondido à espreita perto do corredor de entrada. Só quando conversamos é que ela percebeu que, ao lhe dizer que ia para o quarto andar, ele não mencionou porquê. Foi Kelly que preencheu as lacunas, concluindo que ele ia visitar os Kline, que moravam no apartamento em frente ao seu. Agora, enquanto conversamos, ela percebe que, se os Kline tivessem recebido o seu hóspede pelo interfone, ela deveria ter ouvido o ruído da tranca elétrica soltando e a senhora Kline já estaria lá de cima dialogando em voz alta com ele. Foi por causa disso tudo que a intuição de Kelly deu o sinal de alerta.

Kelly me diz que não deu ouvidos a si mesma porque não havia nada no comportamento do homem que explicasse o medo que ela sentiu. Se em algumas coisas é preciso ver para crer, em outras é preciso crer para ver. O comportamento do estranho não combinava com a imagem que Kelly fazia de um estuprador, e ela não podia conscientemente reconhecer o que não reconhecia. Nem você pode, portanto uma das formas de reduzir os riscos é aprender a reconhecê-los.

Um criminoso hábil que atua em contato direto com sua vítima é um especialista em não deixar que ela veja os sinais de sobrevivência, mas os próprios métodos que ele usa para ocultá-los podem ser reveladores.

Associação forçada

Kelly me pergunta quais foram os sinais que o seu atacante revelou, e eu começo com o que chamo de "associação forçada". Ela aparece quando ele usa o "nós" ("Temos um gatinho faminto lá em cima"). A associação forçada é uma maneira eficaz de estabelecer uma confiança prematura porque é difícil rejeitar uma atitude que diz estamos-no-mesmo-barco sem ser grosseiro. Entende-se que compartilhar de uma situação desagradável, como fica" preso num elevador enfiado ou chegar ao mesmo tempo diante de uma loja que acabou de fechar as portas, faça as pessoas ignorarem as diferenças sociais. Mas associação forçada não é coincidência; ela é intencional e dirigida, e é uma das formas de

manipulação mais sofisticadas que existe. O sinal perceptível da associação forçada é a projeção de um propósito ou experiência onde isso não existe: "Nós dois"; "Somos uma equipe"; "Como vamos lidar com isto?"; "Para nós isso basta" etc.

O filme de David Mamet, *O jogo de emoções*, é uma maravilhosa exploração de trapaças e artistas trapaceiros que mostra como funciona a associação forçada. Um jovem soldado entra num escritório da Western Union no fim da tarde; está ansioso para saber se o dinheiro que ele precisa para comprar uma passagem de ônibus vai chegar antes que a Western Union feche. Tem outro homem lá dentro, aparentemente na mesma situação. Os dois se solidarizam enquanto aguardam, e aí o homem diz ao soldado: "Olha, se o meu dinheiro chegar primeiro eu lhe dou o que você precisa. Depois você me devolve quando voltar à base." O soldado se emociona com a gentileza, mas o estranho retruca: "Você faria a mesma coisa por mim."

De fato, o estranho não está no mesmo barco, não está esperando nenhuma ordem de pagamento. Ele é um artista da trapaça. Como se pode prever, só o dinheiro do soldado chega, e quando o escritório da Western Union fecha ele insiste com o estranho para que aceite uma parte. Os melhores trapaceiros fazem com que a vítima queira participar.

Kelly não reconheceu de forma consciente o que a sua intuição sabia, portanto não pôde aplicar uma defesa muito simples contra a associação forçada, que é a de se recusar claramente a aceitar a idéia de parceria: "Não pedi a sua ajuda e não a quero." Como muitas das melhores defesas, esta tem o custo de parecer rude. Kelly hoje sabe que é um preço barato, comparativamente falando.

A segurança é a maior preocupação de todas as criaturas e justifica uma resposta aparentemente abrupta e negativa. Se estamos numa fila e uma pessoa pisa pela segunda vez no nosso pé, dizemos "Ei!", não achamos que fomos grosseiros. Até achamos que fomos comidos. Isso porque a conveniência da nossa reação está relacionada com o comportamento que a provocou. Se as pessoas vissem a associação forçada como o comportamento inconveniente que é, talvez não nos sentíssemos tão preocupados em não parecer rudes.

A associação forçada se faz em muitos contextos e por muitas razões, mas, quando aplicada por um estranho a uma mulher em situação vulnerável (se ela está sozinha numa região distante ou despovoada, por exemplo), é sempre inconveniente. Não se trata de parceria ou coincidência - trata-se de estabelecer um rapport, uma espécie de relacionamento em que se procura criar uma identidade com o outro, e isso pode ou não ser bom, dependendo do porquê alguém busca esse relacionamento.

Em geral, criar um rapport tem mais fama do que merece. Ele é percebido como algo admirável, quando na verdade é quase sempre usado por

motivos egoístas. Mesmo que os motivos pelos quais as pessoas busquem o rapport não sejam sinistros, tais como estabelecer uma conversa agradável com alguém que você acabou de conhecer numa festa, isso não significa que uma mulher deva ter alguma coisa a ver com todos os estranhos que se aproximam dela. Talvez o motivo mais admirável de se buscar o rapport seja o de colocar a pessoa à vontade mas, se essa é a única intenção de um estranho, seria bem mais simples deixá-la sozinha.

Charme e simpatia

O charme é outra capacidade superestimada. Observe que eu disse capacidade, não uma característica inerente à personalidade. O charme é sempre um instrumento direcionado que, assim como o rapport, tem um motivo. Ter charme é compelir, controlar pelo fascínio ou atração. E seduzir. Pense como sendo um verbo e não um traço da personalidade. Se você disser a si mesma conscientemente, "Esta pessoa está tentando me seduzir", ao contrário de "Esta pessoa é charmosa", conseguirá entender melhor. Com mais frequência, quando você vê o que há por trás do charme, ele não é sinistro, mas há ocasiões em que você ficará feliz por ter o olhar.

São tantos os sinais que ficam estampados no rosto, comentei com Kelly. Ela intuitivamente leu o rosto do seu agressor, como está lendo o meu agora, e como eu estou lendo o dela. Paul Eckman, psicólogo da Universidade da Califórnia, em San Francisco, diz: "O rosto nos fala de sutilezas de sentimentos que só um poeta consegue expressar em palavras." Uma das formas de sedução é o sorriso, que Eckman chama de o sinal mais importante de intenção. Ele acrescenta que o sorriso também é "o disfarce típico usado para mascarar as emoções".

Leslie Brothers, psiquiatra da Universidade da Califórnia, em Los Angeles, diz: "Se eu estiver tentando enganar alguém, essa pessoa terá que ser um pouco mais esperta do que eu para me enxergar por trás dos meus artifícios. Significa, portanto, que existe uma espécie de corrida armamentista."

O criminoso predador faz o possível para que esta corrida armamentista se pareça com uma détente, um relaxamento da tensão entre forças guerreiras. "Ele era tão gentil", é um comentário que costumo ouvir de pessoas descrevendo o homem que, momentos ou meses depois de tanta gentileza, as atacou. Devemos aprender e depois ensinar aos nossos filhos que gentileza não é o mesmo que bondade. Ser gentil é uma decisão, uma estratégia de interação social; não é um traço de caráter. Quem está querendo controlar os outros quase sempre se mostra como uma pessoa gentil no início. Como o rapport, o charme e o sorriso enganador, a gentileza não solicitada frequentemente tem um motivo que acabará se revelando.

Kelly concorda com um movimento de cabeça e me lembra que o seu atacante foi "muito gentil". Eu lhe falo de uns versos de Edward Gorey, mestre do humor negro:

*The proctor buys a pupil ices
And hopes the boy will not resist,
When he attempts to practice vices
Few people even know exist.**

[* O inspetor compra sorvetes para o aluno / E espera que o menino não resista. / Quando ele tenta praticar seus vícios / Há pouca gente que sabe. (N. da T.)]

Sim, o inspetor é bastante gentil em comprar doces para o menino, e é gentil de muitas outras formas, mas isso não é credencial para as suas boas intenções.

Já em 1859. num livro intitulado Self Help (pioneiro de um novo gênero, o de auto-ajuda), Samuel Smiles disse que a própria personalidade é "simplesmente um veículo de autopromoção". Ele escreveu que "homens cujos atos não são coerentes com suas palavras não merecem respeito, e o que eles dizem não tem valor". Infelizmente, isso na época em que vivemos não é tão verdadeiro. Ao contrário de quando as pessoas viviam em comunidades pequenas e não podiam escapar ao seu comportamento no passado, nós vivemos numa era de encontros isolados anônimos e muita gente se tornou especialista na arte da persuasão rápida. A confiança, antigamente conquistada por ações, hoje é adquirida com palavras e gestos de prestidigitação.

Eu encorajo as mulheres a rejeitarem explicitamente as abordagens indesejadas, mas sei que isso é difícil. Assim como o rapport tem boa reputação, a franqueza das mulheres na nossa cultura é muito mal vista. A mulher que é clara e objetiva é considerada fria, uma prostituta, ou ambas as coisas. Principalmente, espera-se que a mulher reaja a tudo o que um homem lhe comunicar. E a reação tem que ser a de disponibilidade e atenção. Considera-se atraente que ela se mostre um pouco indecisa (o oposto de explícita). Espera-se que as mulheres sejam cordiais e flexíveis e, no contexto da abordagem por um estranho do sexo masculino, a cordialidade prolonga a duração do encontro, eleva as expectativas dele, aumenta o seu investimento e, na melhor das hipóteses, é uma perda de tempo. Na pior das hipóteses, ela é útil para o homem com intenções sinistras, possibilitando que ele obtenha grande parte das informações necessárias para avaliar e depois controlar a sua futura vítima.

Quem está querendo enganar você, eu explico a Kelly, quase sempre usará uma técnica simples que tem um nome simples: excesso de detalhes. Como a história do gato que o homem disse que deixou sem comida no apartamento da amiga: excesso de detalhes. A referência que ele fez ao fato de deixara porta aberta, "como as senhoras nos filmes antigos": excesso de detalhes. A desculpa que deu para dizer que está sempre atrasado ("a culpa não é minha"): excesso de detalhes.

Quando as pessoas falam a verdade, elas não pensam que alguém esteja duvidando delas, portanto não sentem necessidade de se apoiar em mais detalhes. Mas, quando mentem, mesmo que o que estejam dizendo seja verossímil para você, *para elas não é*, portanto não param de falar.

Cada detalhe pode ser apenas uma tacinha que elas jogam na estrada, que juntas podem fazer parar um caminhão. A defesa é permanecer conscientemente atento ao contexto em que os detalhes são apresentados.

O contexto está sempre evidente no início da interação e em geral no fim, mas o excesso de detalhes pode nos fazer perdê-lo de vista. Imagine-se olhando pela janela de um trem que está saindo da estação. Os detalhes passam por você, ou você por eles, devagar no início. À medida que o trem vai adquirindo velocidade, você vê mais detalhes, mas cada um deles mais rapidamente: um pátio vazio, uma frase grafitada, crianças brincando na rua, uma construção, a torre de uma igreja, até que o trem atinge uma velocidade tal que obriga você a ver os componentes individuais se transformarem... num bairro. Esta mesma transição pode ocorrer quando uma conversa se toma... um assalto. Vigaristas de todos os tipos dependem de conseguirem nos distrair do que é óbvio.

Kelly se viu mergulhada em tantos detalhes que perdeu de vista este simples contexto: o homem era um estranho. Sempre que o trem corria a uma velocidade que a deixava desconfortável, sempre ela que poderia ver o que estava acontecendo, como quando ele tirou a sacola da sua mão mesmo diante de sua recusa, ele fazia o trem andar mais devagar com alguma nova observação irrelevante. Ele usou detalhes interessantes para que ela o visse como alguém familiar, alguém em quem poderia confiar. Mas ela o conhecia superficialmente; ela conhecia a vigarice, não o vigarista.

Quem reconhece a estratégia do Excesso de Detalhes vê a floresta sem perder a capacidade de continuar vendo algumas árvores realmente importantes. Se abordado por um estranho na rua, de noite, não importa o quanto envolvente ele seja, você não deve nunca perder de vista o contexto: ele é um estranho que abordou você. Um bom exercício é se lembrar ocasionalmente de onde você está e qual o seu relacionamento com as pessoas a sua volta. Se o homem com quem ela saiu estiver abusando da sua hospitalidade, por exemplo, não importa o quanto ele seja divertido e charmoso, a mulher tem que se manter focalizada no contexto pensando simplesmente: "Eu já lhe pedi duas vezes para ir embora." A

defesa contra o excesso de detalhes é simples. ter sempre consciência do contexto.

Distribuição de papéis

Outra estratégia usada pelo estuprador de Kelly chama-se distribuição de papéis. Um homem rotula uma mulher fazendo uma leve crítica, esperando que ela se sinta forçada a provar que ele está errado. "Você deve ser muito esnobe para falar com tipos como eu", ele dirá, e a mulher vai se livrar da pecha de "esnobe" falando com ele. Um homem diz a uma mulher: "Até parece que você não lê jornal", e ela se põe a provar que é inteligente e bem-informada. Quando Kelly recusou a ajuda do seu agressor, ele disse, Eslá sendo muito orgulhoso, sabia?, e ela reagiu ao rótulo deixando que ele a ajudasse.

A distribuição de papéis sempre implica um leve insulto, e em geral um que possa ser fácil de refutar. Mas como é a reação em si que o rotulador deseja, a defesa é ficar em silêncio, agir como se não tivesse ouvido nada. Se você se deixar envolver, poderá ganhar a discussão, mas talvez perca algo muito maior. Não que a opinião de um estranho tenha alguma importância, mas quem rotula nem mesmo acredita no que está dizendo. Acredita apenas que a técnica funciona.

Agiotagem

O próximo sinal que explico a Kelly é o que chamo de agiotagem: "Ele queria ajudá-la porque assim ela seria sua devedora, e quando se deve alguma coisa a alguém fica mais difícil lhe pedir que vá embora." E o agiota mais tradicional empresta com prazer uma pequena quantia mas é cruel na cobrança dos juros. Da mesma forma, o criminoso predador generosamente oferece ajuda mas está sempre calculando o débito. A defesa é estar consciente de dois fatos raramente lembrados: ele se aproximou de mim, e eu não pedi ajuda. Portanto, embora a pessoa possa no final das contas ser um gentil desconhecido, fique atenta a outros sinais.

Todos nós conhecemos o estranho que se oferece para ajudar uma mulher com as sacolas do mercado; com frequência ele é um agiota simples e ingênuo procurando fazer amizade. O débito que ele registra no seu livro caixa em geral pode ser pago facilmente, um rápido bate-papo resolve. Mas ele tem algo em comum com o criminoso predador que impõe à vida de alguém a sua falsa caridade: motivo. Não existe nenhum movimento de preocupação espiritual que se dedique a aliviar as mulheres americanas do peso das sacolas do supermercado. Na melhor das hipóteses, a agiotagem é uma estratégia que equivale à de perguntar a uma mulher: "Vem sempre aqui?" Na pior delas, explora a idéia de obrigação e justiça da vítima.

Não estou focalizando aqui o criminoso que simplesmente se aproxima, mostra uma arma e exige dinheiro. Isso porque este é distintamente mais óbvio do que os que usam as estratégias que descrevi.

É importante esclarecer que a associação forçada, o excesso de detalhes, o charme, a delicadeza, a distribuição de papéis e a agiotagem são todas técnicas usadas no cotidiano por quem não tem nenhuma intenção sinistra. Você talvez já tenha reconhecido várias dessas estratégias como as usadas em geral por homens que estão querendo apenas uma oportunidade de conversar com uma mulher. Não estou pretendendo tolher os movimentos de algum Casanova imaturo, mas os tempos mudaram, e não há dúvida de que nós, homens, podemos descobrir outras formas de abordagem não tão cheias de artifícios e manipulações.

A promessa não-solicitada

Para o sinal seguinte, peço a Kelly que volte ao momento em que hesitou deixar que seu agressor entrasse no apartamento. Ele dissera: "Vou só largar isso e depois vou embora, prometo."

A promessa não-solicitada é um dos sinais mais seguros porque é quase sempre um motivo questionável. As promessas são usadas para nos convencer de uma intenção, mas não são garantias. Garantia é uma promessa que oferece alguma indenização se a pessoa não cumprir o que prometeu; ela se compromete a fazer tudo de novo se as coisas não acontecerem como disse que aconteceriam. Mas promessas não oferecem essa caução. Elas são os instrumentos mais vazios do discurso, mostrando nada mais do que o desejo que uma pessoa tem de convencer você de alguma coisa. Portanto, além de ver todas as promessas não-solicitadas com ceticismo (estejam elas relacionadas, ou não, com a sua segurança), vale apenas fazer a si própria esta pergunta: "Por que esta pessoa precisa me convencer disso?" A resposta, como verá, não está nela - está em você. O motivo que leva uma pessoa a prometer alguma coisa, o motivo pelo qual ela precisa convencer você, é que ela está vendo que você não está convencida. Você tem dúvida (que é uma mensageira da intuição), provavelmente porque há motivos para duvidar. O grande dom da promessa não-solicitada é que a própria pessoa que promete lhe diz isso!

Com efeito, a promessa ergue um espelho em que você tem uma segunda chance de ver o seu próprio sinal intuitivo; a promessa é a imagem e o reflexo da sua dúvida. Sempre, em todos os contextos, desconfie da promessa não-solicitada. Quando o estuprador de Kelly lhe disse que ia embora depois de beber alguma coisa na cozinha, ele percebeu que ela estava duvidando, e acrescentou: "Eu prometo".

Eis a defesa: quando alguém disser, "eu prometo", você responde (pelo menos interiormente): "Você tem razão, estou hesitando em confiar em você, e

talvez por um bom motivo. Obrigado por me mostrar isso."

Ignorar um "não"

É tarde e eu sugiro a Kelly discutir o resto amanhã, mas quero outro sinal antes de pararmos. Como todas as vítimas de crimes realmente terríveis, ela está ansiosa para entender o que aconteceu, para compreender e poder ter controle sobre isso. Portanto, eu lhe Talo de mais um sinal, talvez o mais universalmente significativo de todos: quando um homem ignora, ou não leva em conta, um não. O estuprador de Kelly o ignorou várias vezes, de várias formas. Primeiro ela disse que não, não queria a sua ajuda. Depois ela lhe mostrou mais um não quando não largou imediatamente a sacola.

Atos são muito mais eloquentes e dignos de crédito do que palavras, particularmente uma palavra tão curta e desvalorizada como o "não", e particularmente quando ela é dita de forma hesitante ou sem convicção. Portanto, quando Kelly disse não e logo depois concordou, deixou de ser um não. "Não" é uma palavra que nunca deve ser negociada, porque a pessoa que prefere não ouvi-la está tentando controlar você.

Nas situações em que cabem ofertas de ajuda sem serem solicitadas, tais como as abordagens de um vendedor ou comissário de bordo, é apenas desagradável se você tiver que recusá-las três vezes. Com um desconhecido, entretanto, a recusa em ouvir um não pode ser um sinal importante de sobrevivência, da mesma forma com um pretendente, um amigo, um namorado, até com o marido.

A pessoa que se recusa a ouvir um "não" demonstra que está querendo o controle, ou não quer abrir mão dele. No caso de estranhos, mesmo aqueles que estão com a melhor das intenções, nunca, jamais, ceda na questão do "não", porque vai abrir espaço para mais esforços no sentido de controlar a situação. Se você deixar alguém dissuadi-la da palavra "não", poderá estar usando um cartaz com as letras "você comanda".

A pior maneira de reagir quando alguém se recusa a aceitar um "não" é ir apresentando negativas cada vez mais fracas e acabar cedendo. Outra reação comum útil ao criminoso é a negociação ("Agradeço, mas quero tentar sozinha primeiro"). Negociações falam de possibilidades, e favorecer o acesso de alguém que a deixa apreensiva não é uma possibilidade que você vai querer na sua agenda. Eu encorajo as pessoas a se lembrarem de que "não" é uma frase completa.

O processo usado pelo criminoso para selecionar a vítima, que eu chamo de "entrevista", é semelhante ao movimento do tubarão que fica rodeando sua potencial presa. O criminoso predador, de qualquer tipo, está procurando alguém, alguém vulnerável que lhe permita controlar a situação. E assim como ele está

sempre sinalizando, também sabe ler sinais.

O homem num estacionamento subterrâneo que aborda uma mulher na hora que ela está colocando as compras na mala do carro e se oferece para ajudar pode ser um cavalheiro ou estar conduzindo uma entrevista. A mulher que enrijece ligeiramente os ombros, que parece intimidada e diz hesitante: "Não, obrigada, acho que já consegui", pode ser a sua vítima. Ao contrário, a que se vira para ele, ergue as mãos num gesto de "pare", e diz objetivamente: "Não quero a sua ajuda", tem menos probabilidade de ser a sua vítima.

O homem decente compreenderia a reação dela ou, melhor, não teria abordado uma mulher sozinha, a não ser que ela estivesse obviamente precisando de ajuda. Se o homem não compreende a reação e se afasta aborrecido, isso também é bom. De fato, qualquer reação - até raiva - de um homem decente que não tinha nenhuma intenção sinistra é preferível a continuar recebendo a atenção de um homem violento que talvez esteja se aproveitando do seu cuidado em não ser rude.

Quando a mulher está sozinha e precisando de ajuda é melhor que ela escolha alguém a quem pedir isso, em vez de esperar uma abordagem não solicitada. A pessoa que você escolhe provavelmente não será tão perigosa quanto a que escolher você. Isso porque a possibilidade de escolher inadvertidamente um criminoso predador para quem você é o tipo certo de vítima é muito remota. Eu digo às mulheres que peçam ajuda a outras mulheres se precisarem, e também é mais seguro aceitar a oferta de uma mulher do que de um homem. (Infelizmente, é raro as mulheres se oferecerem para ajudar outras mulheres, e eu gostaria que isso acontecesse com mais frequência.)

Quero esclarecer que muitos homens se oferecem para ajudar sem qualquer intenção sinistra ou egoísta, sem outro intuito além de ser gentil e cavalheiro, mas estou falando daquelas ocasiões em que eles se recusam a aceitar um "não", e isso não é cavalheirismo - é perigo.

Quando alguém ignora essa palavra, pergunte a si mesma: Por que este indivíduo está querendo me controlar? O que ele quer? É melhor se afastar, mas se isso não for possível, a reação mais favorável para sua segurança é continuar insistindo, radicalmente, sem se importar com a etiqueta. "Eu disse NÃO!"

Quando encontro gente ainda inibida com a aparente grosseria desta reação (e são muitas), eu imagino este diálogo depois que um estranho recebeu um não de uma mulher a quem acabou de abordar:

HOMEM: Que frescura. Qual o seu problema, moça? Só estava tentando ajudar uma mulher bonita. Que paranóia é essa?

MULHER: Você tem razão. Eu não deveria desconfiar. Estou exagerando. Quer dizer, só porque um homem insiste numa abordagem que eu não solicitei, numa garagem subterrânea, numa sociedade em que o número de

crimes contra as mulheres cresce quatro vezes mais rápido do que o índice de crimes em geral, e três entre quatro mulheres sofrem um crime violento; e só porque eu mesma já ouvi histórias de crimes horrendos contadas por todas as minhas amigas; e só porque tenho que pensar onde estaciono, onde ando, com quem falo, com quem saio sem saber se alguém vai me assassinar, estuprar ou quase me matar de susto; e só porque várias vezes por semana alguém faz uma observação inoportuna, olha para mim, me assedia, me segue, ou emparelha o carro com o meu; e só porque tenho que lidar com o corretor do meu apartamento, que me dá arrepios nem sei bem por quê, mas pela maneira como me olha, se pudesse, alguma coisa ele faria e íamos os dois parar nas manchetes de jornal; e só porque os homens não sabem nada destas questões de vida-ou-morte e eu fico parecendo uma tola por ser prudente, ainda que viva no centro de um redemoinho de possíveis riscos, isso não significa que uma mulher deva desconfiar de um estranho que ignora um "não".

Quer os homens sejam, ou não, capazes de entender, acreditar ou aceitar isso, é assim que as coisas são. As mulheres, particularmente nas cidades grandes, vivem em estado constante de desconfiança. Suas vidas estão literalmente por um fio, de uma forma que os homens nunca experimentaram. Pergunte a um conhecido seu: "Quando foi a última vez que você se preocupou ou teve medo de que outra pessoa pudesse machucá-lo?" Muitos homens não se lembram de um incidente deste tipo há muito anos. Faça a uma mulher a mesma pergunta e quase todas lhe darão um exemplo recente ou dirão: "Ontem à noite", "Hoje", ou mesmo "Todos os dias".

Ainda assim, as preocupações femininas com a segurança são frequentemente motivo de críticas por parte dos homens de suas vidas. Uma mulher me contou que era alvo constante das zombarias e sarcasmos do namorado sempre que ela falava de medo ou segurança. Ele dizia que as precauções dela eram tolice e perguntava: "Como você consegue viver assim?" Ao que ela respondia: "Como viver diferente?"

Tenho uma mensagem para as mulheres que se sentem forçadas a defenderem as suas preocupações com a segurança: dizer ao senhor Eu-sei-tudo-sobre-perigo que ele não tem nada a contribuir quando o assunto é a sua segurança pessoal. Diga a ele que o seu instinto de sobrevivência é um dom da natureza e ela sabe muito mais sobre a sua segurança do que ele. E diga a ele que a natureza não está lhe pedindo aprovação.

É compreensível que as opiniões dos homens e das mulheres sobre a segurança sejam tão diferentes - homens e mulheres vivem em mundos diferentes. Não me lembro de onde foi que ouvi esta descrição simples de um contraste notável entre os gêneros, mas que é surpreendentemente exato:

basicamente, os homens têm medo de que as mulheres riam deles, enquanto que, basicamente, as mulheres têm medo de que os homens as matem.

Encaminhei Kelly ao IMPACT, que considero ser o melhor curso de autodefesa para mulheres. Hoje ela é uma das instrutoras lá, ajudando outras mulheres a prestar atenção aos sinais. No IMPACT, que existe nas principais cidades dos Estados Unidos, as mulheres têm confrontações físicas reais com instrutores do sexo masculino que representam o papel de assaltantes. (Os homens usam roupas acolchoadas para suportar socos e chutes.) As mulheres aprendem não só as táticas de defesa física mas também técnicas para lidar com estranhos que fazem abordagens indesejadas. (Ver Apêndice 2 para mais informações sobre o IMPACT.)

A maioria das alunas do IMPACT está mais preocupada em evitar que o homem fique zangado, achando que isso pode transformar uma pessoa cuja intenção era favorável em alguém perigoso. Mas veja bem, é impossível neste contexto transformar um homem comum, decente, num estuprador ou assassino. Felizmente, entretanto, é possível transformar você mesma numa pessoa que reage aos sinais tendo assim menos possibilidade de se tornar uma vítima da violência.

Recentemente pude ver de perto várias das estratégias esboçadas aqui. Eu estava num vôo de Chicago para Los Angeles, sentado ao lado de uma adolescente que viajava sozinha. Um homem de uns quarenta anos que a estava observando do outro lado do corredor tirou os fones do ouvido e lhe disse num tom de cumplicidade: 'isto aqui não está tocando alto o suficiente pai? mim!' E estendeu a mão para ela dizendo: "Meu nome é Billy." Embora não parecesse de imediato, a frase era na verdade uma pergunta, e a menina respondeu exatamente o que Billy esperava: ela lhe disse o seu nome completo. E lhe estendeu a mão, que ele ficou segurando por mais tempo do que o necessário. Durante a conversa que se seguiu, ele não lhe fez nenhuma pergunta direta, mas sem dúvida recebeu muitas informações.

Ele disse: "Detesto chegar numa cidade sem saber se alguém vai estar me esperando." A garota respondeu dizendo que não sabia como iria do aeroporto até a casa onde ia ficar. Billy fez outra pergunta: "Os amigos às vezes decepcionam a gente." A jovem respondeu explicando: "As pessoas com quem vou ficar (portanto, não era a família) estão me esperando num vôo mais tarde".

Billy disse: "Adoro a independência de chegar numa cidade sem ninguém saber." Era o oposto do que ele tinha dito momentos antes sobre detestar chegar e não ter ninguém esperando por ele. E acrescentou: "Mas você provavelmente não é assim tão independente." Ela lhe disse logo que viajava sozinha desde os 13

anos.

"Você parece uma mulher que eu conheci na Europa, parece mais uma mulher do que uma adolescente", ele disse ao lhe passar o seu próprio drinque (uisque) que a aeromoça acabara de lhe servir. "Você fala como se estabelecesse as próprias regras."

Eu esperava que ela recusasse o drinque, o que fez de início, mas ele insistiu: "Vamos, você pode fazer o que quiser", e ela deu um gole.

Examinei Billy, o físico musculoso, a velha tatuagem aparecendo no pulso e a bijuteria barata. Observei que ele estava bebendo álcool num vôo matinal e não tinha bagagem. Vi as botas novas de caubói, as calças jeans e a jaqueta de couro novas. Eu sabia que ele tinha estado preso recentemente. Ele reagiu ao meu olhar conhecedor assertivamente: "Como vai, meu chapa? Fugindo de Chicago?" Balancei a cabeça concordando.

Quando Billy se levantou para ir ao banheiro, colocou mais uma isca na sua armadilha: inclinando-se bem para a menina, ele deu um longo sorriso e disse: "Seus olhos são incríveis."

Em apenas alguns poucos minutos, eu vi Billy usar a associação forçada (não havia ninguém esperando os dois, ele disse), o excesso de detalhes (os fones de ouvido e a mulher que ele conheceu na Europa), a agiotagem (o drinque oferecido), o charme (o elogio aos olhos da menina), a distribuição de papéis ("Você provavelmente não é assim tão independente"). Eu também o vi rejeitando o "não" da garota quando ela recusou a bebida.

Quando Billy se afastou, eu perguntei à menina se poderia lhe falar um momento, ela respondeu hesitando que sim. E um ponto a favor do poder das estratégias predadoras o fato de que ela gostou de conversar com Billy mas desconfiou um pouco do passageiro (eu) que pediu permissão para lhe dirigir a palavra. "Ele vai lhe oferecer uma carona para sair do aeroporto", eu lhe disse, "e não é um cara legal."

Vi Billy de novo na esteira das bagagens, quando se aproximou da garota. Embora eu não pudesse escutar o que diziam, o diálogo era evidente. Ela sacudia a cabeça e dizia não, e ele não aceitava. Ela se manteve firme e ele finalmente se afastou com um gesto irado, não como o sujeito "legal" que tinha sido até então.

Não havia filme naquele vôo, mas Billy me permitiu assistir à representação clássica de uma entrevista que, por pouco mais do que o contexto (um estranho de quarenta anos e uma adolescente sozinha), foi um jogo arriscado.

Lembre-se, o cara mais legal, o sujeito sem nenhuma agenda egoísta, aquele que não quer nada de você, não vai abordá-la. Você não está comparando o homem que a aborda com todos os outros homens, cuja grande maioria não tem intenções sinistras. Pelo contrário, você o está comparando com outros

homens que abordam, sem serem solicitados, mulheres que estão sozinhas, ou com outros homens que não escutam quando você diz não.

Na minha empresa, quando fazemos previsões complexas de alto risco, parte da técnica também envolve comparação. Vamos imaginar que estamos prevendo se um ex-namorado vai agir de forma violenta com a mulher que ele está perseguindo. Procuramos primeiro identificar características que o separe da população como um todo. Para isso, imagine um círculo contendo 240 milhões de americanos. No centro estão os poucos milhares de homens que matam quem eles ameaçam. Partindo figurativamente do limite externo dos 240 milhões de pessoas, eliminamos todas aquelas que não têm o sexo desejado, são jovens ou velhas demais, ou estão desqualificadas. Buscamos então determinar se o comportamento deste homem é mais semelhante ao dos que estão no centro do círculo.

E claro que uma previsão envolvendo a segurança não é um simples mapa estatístico ou demográfico. Se fosse, a mulher que atravessa o parque sozinha num fim de tarde poderia calcular o risco assim: existem 200 pessoas aqui; 100 são crianças, portanto não é preciso se preocupar com elas. As 100 restantes, todas menos 20, são casais; 5 dessas vinte são mulheres, significando que a preocupação recai sobre as 15 que ela possa encontrar (homens sozinhos). Mas, em vez de agir com base nesta avaliação demográfica, a intuição da mulher focalizará o comportamento dos 15 (e o contexto desse comportamento). Qualquer homem sozinho pode chamara sua atenção por um instante, mas, entre esses, apenas aqueles que estão fazendo determinadas coisas se aproximarão mais do centro do círculo de previsão. Os homens que olham para ela, mostram um interesse especial, seguem-na, agem furtivamente, ou se aproximam dela e, tão muito mais próximos do círculo do que aqueles que passam por ela distraídos, brincam com um cachorro, andam de bicicleta ou dormem na grama.

Por falar em atravessar um parque sozinha, vejo freqüentemente as mulheres violando algumas regras básicas da natureza no que se refere à segurança. A mulher que corre escutando música com os fones de um walkman tapando os ouvidos desativou o sentido de sobrevivência com mais chances de alertá-la sobre abordagens perigosas: a audição. Para piorar as coisas, aqueles fios pendurados nas orelhas revelam, para quem quiser ver, a sua vulnerabilidade. Outro exemplo são as mulheres que, apesar de não saírem por aí com os olhos vendados, é claro, não usam plenamente os seus recursos visuais; elas relutam em olhar de frente os estranhos que as perturbam. Achando que está sendo seguida, a mulher arrisca uma olhadela, na esperança de conseguir ver alguém com a sua visão periférica. É melhor virar completamente, ver tudo, e olhar a cara de quem a está perturbando. Não só ela terá mais informações, como estará dizendo que não é uma vítima hesitante e assustada esperando por ele. Você é um animal da natureza, plenamente dotada de audição, visão,

inteligência e defesas perigosas. Você não é uma presa fácil, portanto não se comporte como tal.

Previsões de crimes de estranho contra estranho devem em geral se basear em poucos detalhes, mas até o crime mais simples de rua é precedido por um processo de seleção da vítima que obedece a um certo protocolo. Os crimes mais complicados, como os cometidos pelo esturpador e assassino compulsivo de quem Kelly escapou, exigem que uma série de condições específicas sejam satisfeitas. Certos aspectos de seleção da vítima (ter a aparência ou "tipo" certo, por exemplo) fogem em geral à influência da vítima, mas aqueles que implicam tornar-se disponível para um criminoso, tais como a possibilidade de acesso, o ambiente e a circunstância (tudo parte do contexto), são determináveis. Em outras palavras, você pode influenciá-los. Principalmente, você pode controlar a sua reação aos testes aplicados pelo entrevistador. Você vai conversar com um estranho, se prefere não fazer isso? Você pode ser manipulada pela culpa ou sentimento de que deve alguma coisa àquela pessoa só porque ela lhe ofereceu ajuda? Vai ceder aos desejos de um indivíduo só porque ele que ", ou resolverá se sentir mais forte se alguém quiser controlar a sua conduta? O mais importante, você vai honrar a sua intuição?

Reconhecer que está sendo entrevistada não significa considerar todos os encontros inesperados como se fossem parte de um crime, mas reagir aos sinais se e à medida que eles ocorrerem. Confie, porque o medo que você sentir provavelmente tem fundamento, pois, quando se trata de perigo, a intuição acerta sempre pelo menos em dois aspectos importantes:

- 1) É sempre uma reação a alguma coisa.
- 2) Quer sempre o melhor para você.

Tendo acabado de dizer que a intuição acerta sempre, posso imaginar a resistência de alguns leitores, portanto vou esclarecer. A intuição acerta sempre nas formas como eu observei, mas nem sempre a interpretamos da forma correta. É óbvio que nem tudo o que prevemos acontece, mas como a intuição é sempre uma resposta a alguma coisa, em vez de fazer rapidamente um esforço para afastá-la com uma explicação ou negar o risco possível, é mais sensato (e mais fiel à natureza) fazer um esforço para identificar o risco, se ele existe.

Não havendo risco, não perdemos nada e acrescentamos um novo elemento discriminativo à nossa intuição, para que o alarme não dispare novamente na mesma situação. Este processo de acrescentar novos elementos distintivos é uma das razões de termos dificuldade, no início, em dormir numa casa nova: a sua intuição ainda não classificou todos aqueles pequenos ruídos. Na primeira noite, o barulho do freezer ou da água no aquecedor pode ser um

intruso. Na terceira, a sua mente já está sabendo o que é e não a desperta. Você pode achar que a intuição não está funcionando enquanto você dorme, mas está. Conheço um vendedor de livros que costuma voltar para casa das suas viagens tarde da noite: "Eu entro com o carro na garagem, abro e fecho a porta dos fundos, subo as escadas, abro a porta do quarto, largo a mala no chão. tiro a roupa e me deito na cama - e a minha mulher não acorda. Mas se o nosso filho de quatro anos abrir a porta do seu quarto no meio da noite, ela pula da cama no mesmo instante."

A intuição está sempre aprendendo, e embora possa de vez em quando enviar um sinal que não se revele tão urgente, tudo o que ela lhe comunica é significativo. Ao contrário da preocupação, ela não faz você perder tempo. A intuição pode enviar uma entre várias mensagens para chamar a sua atenção, e como elas diferem segundo a urgência, é bom conhecer como se classificam. O sinal intuitivo mais importante, o mais urgente, é o medo; coerentemente, deve sempre ser ouvido (mais sobre isso no Capítulo 15). Em seguida vem a apreensão, depois a suspeita e aí a hesitação, a dúvida, o pressentimento, os palpites e a curiosidade. Tem também os sentimentos insistentes, as idéias que não vão embora, as sensações físicas, o espanto e a ansiedade. Em geral, esses são menos urgentes. Mas, se você não tiver preconceitos contra esses sinais quando eles ocorrerem, estará aprendendo a se comunicar com você mesma.

Há outro sinal raramente reconhecido, que é o humor.

Um exemplo excelente é o de um caso em que todas as informações ficaram ali esquecidas como uma grande safra estorricando ao sol. A recepcionista estava de folga naquele dia. então Bob Taylor e outros da Califórnia Forestry Association resolveram distribuir a correspondência. Quando viram o pacote, o examinaram e conversaram sobre o que fazer com ele. Estava endereçado ao ex-presidente da associação, e eles discutiram se deveriam ou não simplesmente encaminhar o pacote para ele. Quando Gilbert Murray, o atual presidente, chegou, colocaram-no a par da discussão. Murray disse: "Vamos abrir."

Taylor se levantou e soltou uma piada: "Vou voltar para a minha sala antes que a bomba estoure." Ele seguiu pelo corredor até a sua mesa. mas antes mesmo de se sentar ouviu a enorme explosão que matou o seu chefe. Foi a intuição que impediu a bomba de matar Bob Taylor.

Todas as informações de que ele precisava estavam ali e foram descartadas pelos outros, não antes porém que a intuição de Taylor enviasse a todos um sinal na linguagem mais clara possível: "Vou voltar para a minha sala antes que a bomba estoure."

Aprendi a ouvir as piadas dos clientes quando discutimos a possibilidade de algum risco. Se, ao me levantar para deixar a sala de um presidente de

empresa, ele diz "Ligo para você amanhã - se não levar um tiro antes", volto a me sentar para conseguir mais informações.

O humor, particularmente o humor negro, é uma forma comum de comunicar uma preocupação real sem o risco de se sentir bobo depois, e sem abertamente mostrar que está com medo. Mas como evolui este tipo de observação? Ninguém faz uma busca consciente de todos os seus arquivos mentais para encontrar alguma coisa engraçada para dizer. Se fosse assim, Bob Taylor poderia ter olhado para o pacote endereçado para um homem que deixara a empresa há um ano e dito com mais graça: "Deve ser um panetone que está perdido no correio desde o Natal", ou um outro comentário qualquer entre milhares. Ou não teria feito comentário nenhum. Mas com este tipo de humor, a idéia que se torna consciente é, no contexto, tão estranha que chega a ser absurda. E é exatamente por isso que ela é engraçada. A questão é que a idéia se tornou consciente. Por quê? Porque todas as informações estavam ali.

O pacote enviado pelo Unabomber à Califórnia Forestry Association era muito pesado. Estava coberto de fitas adesivas, tinha muitos selos, e despertou tanto interesse naquela manhã que várias pessoas especularam se poderia ser ou não uma bomba. Elas observaram a empresa em Oakland citada no endereço do remetente, e se tivessem ligado para o auxílio à lista telefônica, teriam descoberto que era fictícia. Ainda assim, o pacote foi aberto.

Há poucas semanas, o executivo de publicidade Thomas Mosser recebeu um desses pacotes na sua casa em Nova Jersey. Pouco antes de abrir, teve a curiosidade de perguntar à mulher se ela estava esperando uma encomenda. Ela respondeu que não. Mosser fez uma boa pergunta mas, logo em seguida, ignorou o que estava querendo saber. Morreu ao abrir o pacote (também enviado pelo Unabomber).

O inspetor dos correios, Dan Mihalki, diz: "Ouvi várias vezes falar que as pessoas comentam, 'Parece uma bomba', mas mesmo assim abrem. E coisa para os psicólogos responderem. Talvez não queiram chamar a polícia e depois ficar sem graça se não for nada."

O próprio Unabomber zombou de algumas das 23 pessoas que se feriram com suas bombas. Dois anos depois de se machucar num desses atentados, o cientista de computadores de Yale, David Gelenter, recebeu uma carta do Unabomber: "Se você fosse esperto teria percebido que muita gente não gosta de como tecnonerds iguais a você estão mudando o mundo e não teria sido idiota a ponto de abrir um pacote inesperado de origem desconhecida. Quem tem muitos diplomas nem sempre é tão inteligente quanto pensa."

Para fazer justiça às vítimas, observo que as bombas enviadas pelo correio são muito raras e não representam o tipo de risco com que é normal se preocupar, mas a questão é que estas vítimas/ícaras»; preocupadas o bastante para comentar isso. De qualquer forma, a ^ pessoas também costumam fazer

piada sobre crimes mais comuns antes de se sacrificarem por um risco que podem evitar.

Um grupo de funcionários da Standard Gravure estava almoçando quando se ouviu um barulho lá fora. Alguns pensaram que fossem fogos de artifício, mas um deles brincou a respeito de um colega zangado: "Deve ser o Westbecher voltando para acabar com a gente." No momento seguinte, foi mesmo Joseph Westbecher quem entrou na sala atirando, e uma das balas acertou o piadista. Prestem atenção ao humor, principalmente ao humor negro. Poder ser mais útil do que dar uma boa gargalhada.

MENSAGEIROS DA INTUIÇÃO

Sensações insistentes

Idéias persistentes

Humor

Espanto

Ansiedade

Curiosidade

Palpites

Pressentimentos

Dúvida

Hesitação

Suspeita

Apreensão

Medo

O primeiro mensageiro da intuição de Kelly foi a apreensão. China Leonard recebeu a mensagem sobre adiar a cirurgia do filho através de uma forte e persistente idéia. Michael Cantrell tinha um sensação insistente sobre a atitude relaxada do companheiro. O sinal de sobrevivência de Bob Taylor sobre o pacote com a bomba veio através do humor negro. Robert Thompson recebeu o sinal mais forte - o medo - ao sair logo daquela loja de conveniência.

Essa foi a mesma mensagem que uma jovem chamada Nancy ouviu, sentada no banco do carona de um carro esporte estacionado. Seu amigo tinha deixado o motor ligado quando saiu para sacar dinheiro de um caixa eletrônico. De repente, sem saber por quê, Nancy sentiu muito medo. Sentiu que estava correndo perigo, mas de onde ele vinha? Honra lhe seja feita, ela não esperou a resposta. Com a respiração suspensa, os braços começaram a se movimentar. Ela tentou travar a porta, mas já era tarde. Um homem entrou pelo lado do motorista, apontou um revólver para a barriga dela e partiu com o carro, raptando Nancy.

Ela não tinha visto o homem, então porque o sinal de medo? Uma imagem minúscula no espelho retrovisor do lado oposto do carro, um vislumbre

de oito centímetros de jeans - esse foi o seu sinal de que havia um homem de jeans bem perto do carro e se movendo muito rápido. Esse foi o seu sinal corretamente interpretado de que ele ia entrar no carro com uma intenção sinistra. Tudo isso brilhou num pedacinho de azul, significativo apenas no contexto, que ela não teve tempo de entender mas que a sua intuição já havia entendido. Se alguém tivesse tentado convencer Nancy a trancar o carro com base apenas nesta fugaz imagem azul, ela talvez tivesse contestado, mas o medo é muito mais convincente do que a lógica.

Nancy sobreviveu a cinco horas de suplício seguindo uma outra intuição: ela ficou o tempo todo conversando com o estranho perigoso. Mentalmente, ela se ouvia repetindo: "Calma, calma, calma." Externamente, ela agia como se estivesse falando com um bom amigo. Quando seu raptor lhe disse para descer do carro atrás de um armazém a quilômetros de distância da cidade, Nancy sentiu que ele não atiraria numa pessoa que já conhecia, e estava certa.

Discuti extensamente os sinais de alerta que podem ajudar você a não ser mais uma vítima da violência mas, ainda que as suas previsões sejam excelentes, você continua com a possibilidade de se encontrarem situações perigosas. Embora muitas vezes me peçam conselhos sobre como se deve reagir a um assaltante ou ladrão de automóveis, por exemplo, não tenho uma lista de atitudes para cada tipo de risco que você poderá enfrentar, porque abordagens padronizadas são perigosas. Há quem diga sobre o estupro, por exemplo, não resista, enquanto outros dizem resista sempre. Nenhuma das duas estratégias é a correta em todas as situações, mas existe uma que é: ouvir a sua intuição. Não sei o que é melhor para você numa situação perigosa porque não tenho todas as informações, mas você sempre as terá. Não dê ouvidos à lista divulgada pelos noticiários na televisão, nem aos artigos publicados em revistas, nem ao que a sua amiga lhe contou que fez. Ouça a sabedoria adquirida por ter escutado tudo ao escutar a si mesma.

As histórias neste capítulo falaram do perigo representado por estranhos, mas e o risco que corremos com aquelas pessoas que permitimos que participem das nossas vidas, tais como funcionários, patrões, gente com quem saímos, com quem nos casamos? Estes relacionamentos não começam no primeiro encontro - e muitos deles não conservamos. Nossos relacionamentos começam com previsões, previsões que determinam - literalmente - a qualidade e o curso de nossas vidas. Portanto, é hora de examinar a qualidade dessas previsões.

5 - Incompletos estranhos

"Um monte de pedras deixa de ser um monte de pedras no momento em que um único homem o contempla, tendo dentro de si a imagem de uma catedral."

- Antoine de Saint-Exupéry

Veja se consegue imaginar isto: Estamos no ano 2050, e as previsões sobre as pessoas são perfeitas. Elas são feitas utilizando-se um teste químico de alta tecnologia. Você pode aceitar a carona de um estranho, pode pedir a um sem-teto desconhecido para cuidar da sua casa enquanto você viaja. Você pode fazer isto sem medo que eles lhe causem algum dano porque as previsões quanto às intenções e ao caráter são totalmente confiáveis.

Você está deslizando no seu hovercraft uma tarde, levando a sua filha de seis anos ao parque, quando o bip toca chamando-o para uma reunião de negócios urgente. Assim mesmo você vai para o parque e procura um estranho qualquer com quem deixar a sua filha. Lá está uma mulher de meia-idade sentada num banco lendo um livro, e quando você se senta ao seu lado ela sorri. Usando um equipamento que quase todo mundo tem hoje em dia, você lhe aplica um teste instantâneo de alta tecnologia, o mesmo ela faz com você, e ambas passam com louvor. Sem hesitar, você lhe pede para olhar a menina durante algumas horas enquanto vai à reunião. Ela concorda, vocês trocam algumas informações sobre como entrar em contato uma com a outra, e lá vai você tranqüila, porque previu satisfeita que esta estranha é emocionalmente saudável, competente, não usa drogas e é confiável.

A história parece artificial, mas já fazemos todas essas previsões sobre as babás. Só que não tão rapidamente nem com tanta precisão.

Com a tecnologia atual, quanto tempo você teria que passar com uma estranha para que ela deixasse de ser uma estranha? Em quantos dos seus testes de baixa tecnologia uma babá teria que passar para você confiar nela? Nós fazemos esta previsão comum, porém muito arriscada, analisando um pedido de emprego e fazendo algumas perguntas, mas vamos vero que é isso realmente. Para princípio de conversa, não entrevistariamos uma mulher que conhecemos num parque. Não, vamos querer alguém recomendado por uma pessoa que conhecemos, porque gostamos de confiar nas previsões dos outros. Nosso amigo Kevin é tão inteligente e digno, nós pensamos, que se ele apoiar alguém, bem, esse alguém deve servir. O que acontece com freqüência, entretanto, é que anexamos as características de Kevin à pessoa que ele recomendou, e não ouvimos as nossas próprias incertezas. Quando saímos de casa, deixando o nosso filho com alguém que conhecemos meia hora antes, algo nos diz: "Nunca se sabe do que as pessoas são capazes."

Na nossa entrevista com a babá, nós a observamos atentamente procurando algum sinal de... de quê? Uso de drogas? Bem, isso pode ser testado com grande confiabilidade; dezenas de milhares de testes para drogas são feitos todos os dias por funcionários com menos coisas em jogo do que os pais que estão contratando uma babá. Embora a maioria das pessoas acredite que o problema das drogas seja crítico, você já ouviu falar de pais que tenham exigido teste de drogas de uma candidata a babá? Ou um teste com bafômetro para verificar se ela bebe? A maioria nem mesmo entra em contato com todas as referências que ela traz, portanto não espanta que saiam de casa pensando: "Nunca se sabe do que as pessoas são capazes."

Não estou sugerindo testes de drogas ou polígrafos para as babás, mas estou mostrando que raramente usamos um décimo dos recursos disponíveis para previsões de alto risco. Por exemplo, uma pergunta que as pessoas realmente querem que a futura babá responda é: "Você já maltratou uma criança?" Mas elas jamais perguntam isso! Porque não? Porque acham grosseria ou absurdo fazer uma pergunta assim tão direta, visto que não seria respondida honestamente por quem já tivesse maltratado crianças. Mas pergunte assim mesmo, e a resposta que obtiver a deixará mais ou menos tranqüila a respeito da candidata. Imagine que você tenha perguntado: "Você já abusou de uma criança?", e a candidata respondesse com: "Defina o que é abusar", ou: "O que a senhora soube?" É totalmente justo e adequado pedir a alguém a quem você vai confiar o seu filho para discutir as questões que mais a preocupam. As boas candidatas certamente compreenderão, e as más poderão se revelar.

Não tendo procurado saber aquilo em que realmente estão interessados, o pai ou a mãe pode ver a candidata acariciando o gato da casa e pensar: "Ela gosta de animais, isso é um bom sinal." (Ou pior ainda: "Tabby gosta dela, isso é um bom sinal") As pessoas desejam tanto contratar alguém para um determinado emprego que gastam mais tempo qualificando um candidato em vez de desqualificá-lo, mas este é um processo em que vale mais a pena esperar pelo pior.

Voltemos por um momento ao ano 2050. Não só você não hesita em aceitar a carona de um estranho como existe um sistema de transporte por computador para facilitar exatamente isso. Em vez de dirigir você mesma de Los Angeles a San Diego, você digita num computador os dados referentes ao seu destino e a hora em que deseja partir, e ele identifica várias outras pessoas que estão indo de onde você está até San Diego na mesma hora. Um completo estranho pára na sua porta e pega você, e para voltar de San Diego você faz a mesma coisa. Isso poderia acontecer se as previsões fossem perfeitas. Como não são, cem mil carros transportam passageiros que caberiam em vinte e cinco mil. O medo recíproco e a falta de confiança nas suas previsões faz qualquer alternativa parecer impossível.

Mas e se nós tivéssemos hoje esse sistema de transporte por computador e, além de identificar as pessoas que vão viajar para o mesmo lugar e na mesma hora em que você deseja, ele também fornecesse algumas informações demográficas? Você poderia optar entre ir de carro até San Diego numa velha perua junto com dois trintões desempregados, ou numa caminhonete de último tipo com uma dona-de-casa e o filho de um ano. Você provavelmente concluiria que a viagem com a dona-de-casa e o seu bebê seria mais segura (mais barulhenta, talvez, porém mais segura). O que mais você desejaria saber sobre os candidatos a companheiros de viagem? A ficha criminal, o passado como motorista, a condição dos seus veículos? A questão é que, se você pudesse saber o suficiente sobre cada candidato, se sentiria tranquilo baseando-se nas próprias previsões, porque é exatamente assim que os estranhos se tornam pessoas de sua confiança. Você sabe o bastante sobre eles. Eles passam em vários dos seus testes e, de repente, deixam de ser estranhos.

Alguns animais percebem o perigo quimicamente - talvez até a nossa forma de fazer isso seja química, não sei. Mas será que um dia seremos capazes de fazer previsões sobre uma pessoa sem ser julgando a sua aparência, roupas, sorriso ou a sua autoconfiança, mas aplicando um teste químico? Acredito que a resposta seja sim, embora eu não vá estar mais aqui para dizer que avisei. Enquanto isso, visto que teremos que continuar fazendo previsões à moda antiga, é ainda mais importante compreender o que está acontecendo.

O psicólogo John Monahan é um pioneiro no campo das previsões e influenciou muito o meu trabalho e a minha vida. Em seu livro maravilhoso. *Predicting Violent Behavior*, ele começa com uma pergunta simples: Em que direção este livro cairia se você o largasse?

O leitor poderia tecnicamente afirmar que qualquer outro objeto sólido que ele soltou no passado acabou caindo em vez de subir ou permanecer suspenso no ar. O que garante a previsão de que este objeto, se for largado no futuro, também cairá é que possuímos uma teoria - a da gravidade - que nos permite de forma plausível generalizar desde o grupo de casos ocorridos no passado até o atual caso individual. A dificuldade, é claro, é que compreendemos a gravidade muito melhor do que compreendemos a violência.

Meu amigo John e eu poderíamos ter uma conversa animada sobre isso, pois sei muito mais sobre violência do que sobre gravidade. Acredito que o comportamento, como a gravidade, está limitado por algumas regras essenciais. Reconhecidamente, elas podem nem sempre se aplicar, mas lembre-se, elas nem sempre se aplicam à gravidade também. O lugar onde você está (por

exemplo, no espaço ou na água) afeta a forma como os objetos se comportam. O relacionamento mútuo entre os objetos e o ambiente em que eles estão (isto é, magnetos, aeroplanos etc.) também influenciam essas previsões. No caso do comportamento, assim como acontece com a gravidade, o contexto comanda, mas existem algumas regras que podem se aplicar a nós:

- Buscamos contato com os outros.
- Ficamos tristes com as perdas e procuramos evitá-las.
- Não gostamos de rejeição.
- Gostamos de reconhecimento e atenção.
- Faremos mais para evitar a dor do que para buscar o prazer.
- Nos desagradamos o ridículo e o constrangimento.
- Nos preocupamos com o que os outros pensam de nós.
- Buscamos um certo grau de controle sobre nossas vidas.

Estes pressupostos não são muito profundos mas, embora possamos esperar algo mais esotérico das pessoas violentas, estes conceitos simples se aplicam à maioria delas, assim como se aplicam a você. Veja, esta lista contém uns poucos ingredientes da receita humana, e uma quantidade maior ou menor de um ou de outro vai influenciar o resultado final. No caso do homem que sai disparando uma arma no trabalho, não é que ele tenha um componente extra misterioso ou necessariamente esteja lhe faltando alguma coisa. É em geral o equilíbrio e a interação dos mesmos ingredientes que influenciam a todos nós. Estarei dizendo que o tiro no trabalho pode ser em parte previsto quando se pesa e equilibra fatores tão comuns quanto os oito pressupostos gerais relacionados anteriormente? Sim.

Existem sem dúvida centenas de outras variáveis que o meu escritório leva em consideração ao prever a violência, e eu as poderia apresentar aqui com tabelas, gráficos, gabaritos e folhas impressas pelo computador. Eu poderia usar termos psiquiátricos que exigiriam a interpretação de um psiquiatra, mas o meu propósito aqui é simplificar, identificar no que você mesmo já vivenciou os fatores mais importantes.

Como expliquei antes, não importa o quanto um sujeito cujo comportamento você está procurando prever seja anormal, não importa o quanto você seja ou queira ser diferente dele, você precisa encontrar nele uma parte de si mesmo, e em si mesma uma parte dele. Quando estiver fazendo uma previsão de alto risco, continue procurando até encontrar alguma base comum, algo que você compartilhe com o indivíduo cujo comportamento está querendo prever - isso vai ajudar você a ver a situação da mesma maneira que ele. Por exemplo, o sujeito que dá um telefonema anônimo parece sentir prazer no medo que está causando em sua vítima. Sentir prazer no medo dos outros é algo com que a maioria de nós não consegue se identificar - até lembrarmos da felicidade do

adolescente pregando um susto num amigo ou irmão. De qualquer forma, no caso do telefonema assustador, o medo pode não ser tão importante quanto a vontade de chamar atenção. Quando o telefonema deixa as pessoas com medo, elas ficam atentas. Pode não ser o modo preferido de chamar atenção se ele percebeu opções melhores ou se sentiu que ganhou outras vantagens no relacionamento com a sua vítima, mas funcionou no passado. Não quero dizer que o indivíduo que faz ameaças pelo telefone seja tão introspectivo a ponto de considerar conscientemente tudo isto, mas nem o nosso comportamento costuma ser resultado de decisões tomadas conscientemente.

Embora seja verdade que as pessoas tenham mais coisas em comum do que o contrário, você vai conhecer gente com padrões extremamente diferentes de comportamento e modos extremamente diferentes de perceber os mesmos acontecimentos. Por exemplo, algumas pessoas agem sem ouvir as suas consciências; elas não se preocupam com o bem-estar dos outros, e ponto final. Na sala da diretoria de uma empresa podemos chamar isso de negligência; na rua, dizemos que é criminalidade. A capacidade de agir de modo independente da consciência ou empatia é uma característica associada com os psicopatas. O livro muito perspicaz de Robert D. Hare, *Without Conscience*, identifica várias outras características. Essas pessoas:

- Falam muito e são fúteis.
- São egocêntricas e têm mania de grandeza.
- Não sentem remorso ou culpa.
- Mentem e manipulam.
- São impulsivas.
- Estão sempre querendo excitação.
- São irresponsáveis.
- São emocionalmente superficiais.

Muitos erros na previsão de comportamentos surgem da crença de que os outros perceberão as coisas como nós as percebemos. O psicopata descrito aqui não perceberá. Para conseguir prever o seu comportamento, você deve ver a situação da sua maneira e da maneira dele. Será fácil, é claro, ver as coisas da sua maneira - isso é automático. Ver uma situação pela perspectiva de outra pessoa é uma habilidade adquirida, mas você já a adquiriu. Imagine que você esteja para despedir alguém cujo comportamento, personalidade e filosofia de vida não podem ser mais diferentes dos seus. Mesmo com todas as diferenças, você ainda assim sabe que ele vai considerar a demissão justa totalmente injusta, parte de uma vingança ou motivada por discriminação ou ganância etc. Principalmente se você trabalhou com este indivíduo, será capaz de recitar a sua percepção dos acontecimentos quase como ele. Embora não compartilhe sua opinião, você pode vê-la.

Prever o comportamento humano é reconhecer o texto a partir de algumas linhas do diálogo. É confiar que o comportamento de um personagem será coerente com a forma com que ela percebe a situação. Se o texto é fiel ao que é humano, cada ato se seguirá como deve, como acontece na natureza.

Imagine que você esteja observando um pássaro voando em direção à terra, prestes a aterrissar. O sol reflete a sua sombra no chão e ambos, pássaro e sombra, se movem em direção ao ponto de aterrissagem. Sabemos que o pássaro não pode chegar lá antes da sombra. Do mesmo modo, a ação humana não pode aterrissar antes do impulso, e o impulso não pode aterrissar antes daquilo que o detona. Cada etapa é precedida pela etapa anterior. Você não pode disparar a arma antes de tocá-la, nem segurá-la antes de ter a intenção de fazer isso, nem ter intenção antes de ter uma razão, nem ter uma razão sem antes reagir a alguma coisa, nem reagir a alguma coisa sem antes dar a ela um significado, e assim por diante. Em muitos pontos, antes de apontar uma arma e puxar o gatilho, particularmente se o contexto não é singular, existem pensamentos e emoções que outras pessoas em situações semelhantes também experimentaram.

Pense numa situação qualquer que muitas pessoas já tenham vivido, digamos chegar atrasado (mas não muito) no aeroporto. Baseado na sua experiência, você pode prever alguns dos pensamentos, emoções e, portanto, comportamentos de um viajante aflito. Ele vai ficar andando de um lado para o outro? "Na fila do balcão ele vai deixar gentilmente que outras pessoas lhe passem à frente? Vai ficar apreciando a interessante arquitetura do aeroporto?"

Como estamos familiarizados com essa situação, achamos fácil prever o que o viajante fará. É exatamente porque algumas pessoas não estão acostumadas com o comportamento violento que elas pensam ser impossível prevêê-lo, mas prevêem todos os dias comportamentos *não* violentos e *o processo é idêntico*. Em seu livro *Information Anxiety*, Richard Saul Wurman explica que "nós reconhecemos todas as coisas pelos seus opostos - dia, distinto da noite, fracasso diferente de sucesso, paz o contrário de guerra". Poderíamos acrescentar "segurança o oposto de risco".

Quando uma mulher se sente à vontade com um estranho na sua casa, alguém que veio entregar um móvel, por exemplo, esse conforto comunica que ela já previu que ele não é perigoso para ela. Sua intuição fez e respondeu várias perguntas que a levaram a concluir isso. Avaliou aspectos favoráveis e desfavoráveis do comportamento dele. Visto que estamos mais familiarizados com comportamentos favoráveis, se você fizer uma lista deles e colocar do lado os seus opostos, estará prevendo o que é perigoso. Chamamos isso de "regra dos opostos", e é uma poderosa ferramenta de previsão.

Faz o seu trabalho e nada mais
Respeita a privacidade
Mantém uma distância adequada
Espera para ser acompanhado
Reserva seus comentários para o que está sendo feito naquela hora
Preocupa-se com o tempo; trabalha rápido
Não se importa se tem mais gente em casa
Não se importa se outras pessoas estão sendo esperadas
Não fica prestando atenção em tudo o que você faz

DESFAVORÁVEL

Oferece para ajudar em tarefas não relacionadas
É curioso, faz muitas perguntas
Fica muito perto
Caminha pela casa à vontade
Tenta discutir outros assuntos; faz comentários pessoais
Não se preocupa com o tempo; não tem pressa para sair
Quer saber se tem mais pessoas em casa
Quer saber se estão esperando outras pessoas
Fica olhando para você

Todos os tipos de previsão de comportamento, não apenas aqueles relacionados com o perigo, podem ser aprimorados aplicando-se a regra dos opostos.

Assim como é possível prever o comportamento quando se conhece a situação ou o contexto, podemos também reconhecer o contexto pelo comportamento. Um homem insiste em ser o primeiro da fila no aeroporto, consulta o tempo todo o relógio, parece exasperado com a lentidão do funcionário atrás do balcão. Depois de atendido, sai correndo arrastando a mala. Parece apressado e estressado. Olha ansioso para cada portão por onde passa. Ele é:

- Um político à caça de votos que vai parar e conversar com cada um que passa?
- Um voluntário solicitando doações para obras de caridade?
- Alguém que se atrasou para o seu voo e está indo direto para o portão de embarque?

Um funcionário hostil é demitido ao voltar de um período de licença. Ele se recusa a sair do prédio. Ele diz ao supervisor: "Eu ainda não terminei", e em seguida recita o endereço da casa do supervisor. Ele diz: "Vou visitar você com

meus amigos, Smith e Wesson." Chamam os seguranças para tirá-lo dali, e na manhã seguinte o pára-brisa do carro do supervisor aparece quebrado.

Este funcionário demitido vai:

- a) Enviar um cheque para trocar o pára-brisa?
- b) Matricular-se no dia seguinte na escola de medicina?
- c) Começar a ligar para a casa do supervisor tarde da noite, desligando assim que alguém atende?

Uns dois dias depois que o homem é demitido, o supervisor encontra uma cobra morta na sua caixa de correio. Quem a colocou ali foi:

- a) Um vizinho brincalhão?
- b) Um membro da Sociedade Protetora das Cobras procurando aumentar a consciência social?
- c) O homem despedido poucos dias antes?

Usei estes exemplos óbvios para demonstrar um dos maiores recursos para se prever o comportamento humano: você raramente erra ao classificar as pessoas na categoria mais provável se confrontar duas opções. Pode parecer óbvio, mas é uma poderosa ferramenta de avaliação.

Uma mulher é abordada num estacionamento subterrâneo por um estranho que se oferece para ajudá-la a colocar as compras no carro. Ela pode aprimorar as suas previsões sobre o homem e se divertir com um exercício criativo, perguntando a si mesma se este homem é:

- a) Membro de um grupo de voluntários cuja missão é patrulhar os estacionamentos subterrâneos atrás de mulheres que estão precisando de ajuda?
- b) Dono de uma cadeia de supermercados procurando uma estrela para a sua próxima campanha publicitária?
- c) Um cara que está sexualmente interessado em mim?

Assim que você tiver desenvolvido conscientemente nem que seja a primeira das categorias possíveis da sua lista de múltipla-escolha, já estará sabendo a resposta certa e avaliando o nível de risco imediato intuitivamente. A intuição, lembre-se, sabe mais sobre a situação do que nós conscientemente percebemos. No estacionamento, ela sabe quando a mulher viu o homem, em oposição a quando ela registrou que o viu; pode saber quando ele a viu; e pode saber quantas outras pessoas estão por perto. Ela sabe sobre a iluminação, sobre a difusão do som ali, sobre a sua capacidade de fugir ou se defender se for necessário, e assim por diante.

Similarmente, ao avaliar o funcionário demitido, a intuição sabe durante quanto tempo ele guardou ressentimentos por fatos passados. Ela lembra

declarações sinistras que ele fez seguidas de algum ato de vandalismo não solucionado. Recorda a desconcertante história dele sobre acertar as contas com um vizinho.

O motivo para se criar três opções é que assim você se livra da necessidade de estar correto; você sabe que pelo menos duas das suas opções estarão erradas, e esta liberdade de julgamento abre caminho para a intuição. Na prática, isto acaba sendo menos um exercício de criatividade do que um exercício de descobertas; o que você pode pensar que está inventando, você está evocando. Muita gente acredita que a criatividade é um processo de montagem de idéias e conceitos, mas as pessoas altamente criativas lhe dirão que a idéia, a canção, a imagem estavam dentro delas, e a sua tarefa foi a de trazê-las para fora, um processo de descoberta, não de planejamento.

Isto foi habilmente expresso por Michelangelo quando lhe perguntaram como tinha criado a sua famosa escultura de Davi. Ele disse: "É fácil - é só ir desbastando a pedra que não se parecer com Davi."

Bem, você pode saber que a escultura será de um homem muito antes de terminá-la. E ironia dizer que se você esperar bastante tudo acaba acontecendo. No último momento, a maioria dos fatores está aparente, e eles não tendem a mudar porque diminuíram as chances de ocorrerem novas influências. A chave é prever com bastante antecedência para ter algum benefício; em outras palavras, enquanto você ainda tem tempo de preparar ou influenciar um resultado.

Por quê, afinal de contas, temos que fazer previsões? Para evitar ou explorar um resultado. Para uma coisa ou outra, a previsão deve ser acompanhada de preparação. Previsão sem preparação é apenas curiosidade. Prever que Lucky Dancer vai correr mais só tem valor se você tiver tempo de explorar o resultado apostando nele. Inversamente, se você está parado no meio do caminho de um cavalo a galope, pode usar a mesma previsão para evitar o resultado de ser pisado por ele, e sair da frente.

Determina-se quanta preparação será necessária para um determinado resultado avaliando-se a importância de evitá-lo ou explorá-lo, e o custo e a eficácia das estratégias que você usará.

Ao decidir que preparações ou precauções aplicar, é preciso também medir a confiabilidade percebida da previsão. Se eu previ que você será atingido por um raio amanhã e lhe digo que posso garantir a sua segurança pela quantia de 50.000 dólares, você não vai se interessar. Embora seja muito importante evitar ser atingido por um raio, a confiabilidade da minha previsão é baixa e o custo, portanto, é muito alto. Mas se um médico diz que você precisa de um transplante urgente de coração ou morrerá, 50.000 dólares de repente passa a ser um preço razoável. O resultado é o mesmo, a morte, seja com raios ou ataques de coração, mas a previsão do médico é muito mais confiável.

Este mesmo processo de comparação de confiabilidade, importância,

custo e eficácia (que o meu escritório chama de avaliação RICE - reliability, importance, cost and effectiveness) é o que as pessoas fazem nas suas decisões diárias.

A sociedade toma as suas decisões preventivas usando a mesma avaliação RICE. Evitar o assassinato do prefeito de uma cidade grande é menos importante para a sociedade do que evitar o assassinato de um candidato à presidência da república. É por isso que gastamos mais por semana com a proteção de um candidato a presidente do que gastamos por ano com a maioria dos prefeitos. Talvez pensemos que a nossa previsão de que um candidato a presidente possa levar um tiro seja mais precisa do que a de acontecer a mesma coisa com um prefeito, mas não é necessariamente assim. De fato, os prefeitos têm sido alvos de tiros mais freqüentes e letais do que os candidatos a presidente. Quando cresceríamos a essa mistura os governadores, descobrimos que quase todos possuem grupos de proteção, alguns bastante extensos, mas não sei se algum governador já foi morto durante o seu mandato. (Dois governadores sofreram atentados à bala nos seus mandatos, mas nenhum por ser governador: George Wallace, porque era candidato à presidência; e John Connelly, porque estava no carro quando Kennedy foi assassinado.) Portanto, embora um prefeito tenha mais chances de ser morto em consequência do cargo que ocupa, sinto muito dizer aos meus leitores prefeitos que estamos mais preocupados em evitar esse resultado quando se trata de governadores.

Nas sociedades, como acontece com os indivíduos, quando a avaliação RICE é feita de forma irracional, é sempre devido à emoção. Por exemplo, evitar um seqüestro é tão importante no mundo inteiro que se revistam passageiros para ver se estão portando armas mais de um bilhão de vezes por ano. Apenas algumas centenas de pessoas são presas acusadas de porte de armas, e quase nenhuma pretendia seqüestrar um avião. Ironicamente, as únicas mortes associadas com seqüestro de avião nos Estados Unidos ocorreram depois que instituímos a revista nos aeroportos. Portanto, diante da eficácia, pagamos muito por algo capaz de evitar apenas uns poucos acidentes. Fazemos isto por causa da emoção: da preocupação, especificamente falando. Para ser claro, sou a favor de se revistar os passageiros das companhias aéreas, mas isto porque é tão benéfico reduzir o medo e reprimir o uso de armas quanto realmente encontrar armas.

A probabilidade de assaltos na área em que você vive pode ser remota, mas a importância de evitá-los faz o custo de trancar a sua porta parecer razoável. Algumas pessoas consideram ser provável o assalto, ou acham que evitá-lo é mais importante, portanto compram sistemas de segurança. Outras não pensam assim. Nossas abordagens de cautela e precaução se reduzem a uma avaliação RICE pessoal. Pergunte a si próprio sobre a confiabilidade das previsões de segurança que você fez na sua vida, sobre a importância de evitar

um mau resultado, e o custo e a eficácia das precauções disponíveis. Com estas respostas, você pode decidir que recursos aplicar na segurança pessoal.

Quando você está diante de um risco iminente, a intuição esquece todo este raciocínio lógico e envia um sinal de medo. Você tem oportunidade de reagir a uma previsão que já foi feita no momento em que ela se torna consciente. Estas previsões intuitivas são involuntárias, mas com frequência temos que fazer previsões conscientes. Como aprimorá-las? Ingmar Bergman disse: "Imagine que eu atire uma lança no escuro. Essa é a minha intuição. Depois tenho que enviar uma expedição para encontrar a lança no meio da floresta. Esse é o meu intelecto."

Só de atirar a lança já melhoramos muito as nossas previsões conscientes. Basta a indagação, ou mesmo a curiosidade sobre o que uma pessoa poderá fazer, e entramos em aliança consciente com a nossa intuição, em aliança com o self. A lógica e o raciocínio podem às vezes relutar em seguir a lança até a floresta, mas os conceitos do próximo capítulo devem ajudar a convencê-los.

6 - Previsões de alto risco

"Uma vez atendido o princípio de movimento, uma coisa segue-se a outra sem interrupção."

- *Aristóteles*

Lembro-me do caso de um homem que foi de carro até um hotel perto da sua casa e pediu um quarto no último andar. Embora estivesse sem mala, foi acompanhado até o 18^o andar por um dos carregadores do hotel. De gorjeta, ele entregou todo o dinheiro que tinha no bolso (61 dólares). Depois perguntou se havia papel e caneta no quarto. Cinco minutos depois, pulou da janela, suicidando-se.

Este suicídio poderia ter sido previsto pela pessoa que o atendeu na recepção, ou pelo carregador? Ambos tiveram oportunidade de observar o comportamento e a aparência do hóspede, mas estavam interessados em prever outros resultados. Estavam respondendo a perguntas como: Ele pode pagar por este quarto? A assinatura do seu cartão de crédito confere? Como conseguir outra gorjeta como aquela? Os indicadores pré-incidente para estas previsões não incluem os que são relevantes para um suicídio, tais como: Por que ele está sem bagagem? Por que uma pessoa que mora perto se hospeda num hotel? Por que quis um quarto num andar alto? Para que queria papel e caneta? Por que deu todo o dinheiro que tinha?

As pessoas fazem tudo isso por motivos diferentes, é claro. O homem poderia ter perdido as suas malas. Poderia estar se hospedando num hotel embora morando ali perto porque sua casa estava sendo dedetizada (mas aí ele não teria uma mala?) Poderia ter procurado um hotel porque discutiu com a mulher (e saiu depressa demais, sem ter tempo de pegar as suas coisas). Pode ter solicitado um quarto num andar alto por causa da vista. e pediu papel e caneta para escrever um bilhete para alguém (¿;>mulher dele?). Pode ter dado todo o seu dinheiro de gorjeta porque é generoso. Uma pergunta que daria sentido ao seu outro comportamento é: "Ele parecia deprimido?" Mas isso não passa pela cabeça dos funcionários de hotel.

Embora eu tenha certeza de que um advogado processaria o hotel por responsabilidade, a questão é que para prever conscientemente alguma coisa é preciso saber que resultado está sendo previsto, ou ver indicadores pré-acidentes suficientes para trazer à consciência esse possível resultado. Aqui se aplica uma certa sabedoria zen: Saber a resposta é o primeiro passo para saber a pergunta.

A linguagem da previsão

Se você estiver rodeado por uma matilha de cães desconhecidos e

assustado com eles, a sua melhor companhia é Jim Canino. Ele é especialista em comportamento de cachorros e já trabalhou com centenas considerados maus e imprevisíveis. Embora você e Jim possam observar as mesmas ações de um cachorro, ele tem mais chances de reconhecer o que elas significam e prever com exatidão qual será o comportamento do animal. Isso porque ele conhece a linguagem do cachorro. Por exemplo, você acha que o cachorro que está latindo vai morder você, mas Jim sabe que ele está simplesmente chamando outros cães. Rosnar é sinal de respeito. Na linguagem dos cachorros, o rosnado significa: "Não vem ninguém, vou ter que cuidar disso sozinho."

Quando alguém fala com você numa linguagem que você não entende, os sons, embora você os ouça claramente, têm um sentido muito limitado. Por exemplo, veja o parágrafo a seguir:

Flemeing, r o b e r t do. Bward, CCR, L-john john john john john john john john john john, GGS, stosharne, .-powell. Kckkm, cokevstener, michL fir fir fir fir fir, haestevking, bjacksrowne, steVlder, dgeLnrS.

Parece uma algaravia, mas a sua intuição provavelmente já lhe disse que não. Esse parágrafo contém os nomes de quinze pessoas famosas, mas numa linguagem ligeiramente diferente do resto do livro.

Flemeing é Ian Fleming. R o b e r t do é Robert De Niro (Robert D-near-O). Bward é Warren Beatty (War in B-D). CCR é Caesar (Cs-R). L-john john john john john john john john john é Elton John (L-ten john). GGS é Jesus (G's-S).

Você já sabe o bastante para entender os outros nomes. Este jogo com as palavras mostra que o significado costuma estar bem diante dos nossos olhos. Às vezes basta acreditar nisso. Estes quebra-cabeças mostram outra coisa também, algo sobre a diferença entre intuição e previsão consciente. Se a solução de um deles não lhe ocorrer de imediato, basta deixar que ela aflore porque, por mais que você fique olhando, não encontrará ali mais nenhuma outra informação. Se você solucionar um, a resposta estava disponível em algum lugar dentro de você. Muita gente resiste a esta idéia, acreditando que solucionam os quebra-cabeças mudando as letras de lugar e tentando uma nova ordem, como se fossem anagramas. Mas não são anagramas e não têm regras coerentes, e as pessoas quase sempre as captam de imediato, sem gastar tempo pensando.

Mostro uma série desses quebra-cabeças intuitivos nas minhas palestras e peço aos participantes para dizerem em voz alta as respostas à medida que elas forem surgindo. A maioria das respostas certas - às vezes, quase todas - vem das mulheres. É também verdade que é delas que vem a maioria das respostas erradas. Isso porque elas estão dispostas a dizer o que lhes vem à cabeça - estão dispostas a adivinhar. Os homens, ao contrário, não se arriscam a errar diante de uma sala cheia de gente, portanto não se manifestam antes de terem certeza de estarem certos. O resultado é que, enquanto eles se debatem no seu teste lógico

pessoal com cada um dos quebra-cabeças, as mulheres já deram todas as respostas. Elas se sentem mais à vontade confiando nas suas intuições porque fazem isso o tempo todo.

Intuição é ouvir apenas; previsão é mais parecido com a tentativa de solucionar os quebra-cabeças pela lógica. Você tem mais confiança nas previsões conscientes porque pode mostra" a si mesmo a metodologia usada, mas isso não aumenta necessariamente a sua precisão. Mesmo que este seja um capítulo sobre o aprimoramento das previsões conscientes, não acredite nem por um instante que, quando se fala de comportamento humano, as previsões conscientes sejam melhores do que as inconscientes.

Preveamos o comportamento de outros seres humanos com base na nossa capacidade para interpretar certos sinais que reconhecemos. No livro de Desmond Morris, *Bodytalk*, ele descreve o significado dos gestos e movimentos corporais e observa em que países do mundo vários desses significados se aplicam. Curiosamente, 66 sinais são relacionados como sendo válidos no mundo inteiro, universais para todos os seres humanos em todas as culturas do mundo. A maioria deles está presente inconscientemente. Em todas as partes do mundo, o queixo projetado para frente significa agressividade, a cabeça ligeiramente retraída é sinal de medo, as narinas infladas numa respiração profunda é sinal de raiva. Se uma pessoa em qualquer lugar do planeta levantar os braços para a frente com as palmas das mãos voltadas para baixo fazendo leves movimentos em direção ao chão, está querendo dizer: "Calma." Em todas as culturas, coçar o queixo significa "Estou pensando".

Assim como estes movimentos são inconscientes, a leitura que fazemos deles também é. Se eu lhe pedir uma lista com apenas 15 dos 66 gestos ou movimentos físicos usados no mundo inteiro, você acharia isso difícil, mas você os conhece e reage a todos intuitivamente. Já falei da linguagem profética dos cachorros, que é toda não-verbal. Desmond Morris identificou uma das partes não-verbais da linguagem humana, mas temos muitas outras. Com frequência, conhecer a linguagem de uma determinada previsão é mais importante do que compreender exatamente o que a pessoa diz. A chave é compreender o significado e as perspectivas que estão por trás das palavras que as pessoas escolhem. Ao prever a violência, algumas das linguagens incluem:

- A linguagem de rejeição
- A linguagem de habilitação
- A linguagem da grandiosidade
- A linguagem da busca de atenção
- A linguagem da vingança
- A linguagem da associação

A linguagem da busca de identidade

A busca de atenção, a grandiosidade, a habilitação e a rejeição estão quase sempre associadas. Pense em alguém conhecido que esteja sempre querendo atenção, não suporta ficar sozinho ou que seja alguém que ninguém escute. Poucas pessoas gostam de ser ignoradas, é claro, mas para essa em particular isso tem um significado muito maior. Imagine Al Harpton ou Rush Limbaugh sem conseguir chamar atenção pelos métodos que usam hoje em dia. Acreditando que a merecem (habilitação e grandiosidade), sabendo que precisam dela (medo da rejeição) e empenhados em serem vistos e ouvidos (busca de atenção), eles poderiam reagir intensamente a uma perda de audiência. Se essa necessidade for muito grande (e você é quem vai julgar), eles poderão chegar a atitudes extremas para atrair o interesse.

Pense em alguém conhecido cuja auto-avaliação seja arrogante ou grandiosa, talvez até com uma boa razão. Quando ele se oferece para fazer alguma coisa e depois sabe que não foi escolhido ou nem mesmo seriamente considerado, a notícia terá para ele um significado diferente do que teria para uma pessoa humilde e modesta. Essa pessoa pode também se sentir humilhada mais rapidamente do que uma pessoa simples.

Em todas as previsões sobre violência, devemos perguntar o que o contexto, os estímulos e os desenvolvimentos podem significar para a pessoa envolvida, não apenas o que tudo isso significa para nós. Devemos perguntar se o ator vai perceber a violência como algo que o faz se aproximar do resultado desejado ou se afastar dele. A decisão consciente ou inconsciente de usar violência, ou de lazer a maioria das coisas que fazemos, implica muitos processos mentais ou emocionais, mas eles em geral se resumem a como uma pessoa percebe quatro questões razoavelmente simples: justificativas, alternativas, consequências e capacidade. No meu escritório abreviamos estes elementos como JACA (justification, alternatives, consequences, ability), e uma avaliação deles ajuda a prever a violência.

Justificativa percebida (J)

A pessoa considera justificado o seu ato de violência? A justificativa percebida pode ser simples como quando ela é suficientemente provocada ("Ei, você pisou no meu pé!") ou invertida, como acontece quando a pessoa procura uma desculpa para discutir, por exemplo: o cônjuge que inicia uma discussão para justificar uma resposta atravessada. É possível observar o processo de desenvolvimento e fabricação da justificativa. Quem está querendo justificar algum ato cometido pode passar de: "O que você fez me deixou com raiva", para: "O que você fez está errado." As justificativas mais comuns incluem os altos motivos morais de indignação justa e a equação mais simples conhecida

pelo seu nome bíblico: olho por olho.

A raiva é uma emoção bastante sedutora porque é profundamente energizante e estimulante. Às vezes as pessoas sentem que a sua raiva se justifica por injustiças sofridas no passado e, com a mais leve desculpa, trazem à tona ressentimentos não relacionados com a situação presente. Você poderia dizer que essa pessoa tem uma hostilidade pré-justificada, mais conhecida como índole agressiva.

O grau de provocação está, é claro, no olho da pessoa provocada. John Monahan observa que: "A avaliação que uma pessoa faz de um acontecimento pode influenciar muito se ela vai reagir violentamente ou não." O que ele chama de "intencionalidade percebida" (isto é: "Você não tropeçou em mim por acaso, foi de propósito") é talvez o exemplo mais claro de pessoa que está buscando uma justificativa.

Alternativas percebidas (A)

A pessoa percebe que tem outras alternativas, em vez da violência, que a levarão ao resultado desejado? Visto que a violência, como qualquer comportamento, tem um propósito, vale a pena saber o objetivo da pessoa. Por exemplo, se o indivíduo quer o seu emprego de volta, a violência não é a melhor estratégia, já que impossibilita o próprio resultado desejado. Ao contrário, se ele quer vingança, a violência é a estratégia viável, embora em geral não seja a única. Alternativas à violência podem ser o ridículo, as campanhas difamadoras, processos judiciais ou a imposição de algum outro dano que não seja físico à pessoa ou organização-alvo. Conhecer o resultado desejado é a chave. Se esse resultado é causar danos físicos, então as alternativas à violência são poucas. Se o resultado desejado é punir alguém, poderá haver muitas. É quando o indivíduo não percebe nenhuma outra alternativa que a violência se torna mais provável. Davi não teria lutado contra Golias se tivesse percebido outras alternativas. A justificativa apenas não teria sido o bastante para compensar sua pouca capacidade de superar o adversário. Mais do que tudo, ele lutou porque não tinha outra escolha. A pessoa (ou animal) que sente que não existe outra alternativa lutará até quando a violência não se justifica, mesmo quando as consequências são percebidas como desfavoráveis, e até quando a capacidade para triunfar é pouca.

Consequências percebidas (C)

Como a pessoa vê as consequências associadas ao uso da violência? Antes de recorrer à força, as pessoas pensam nas prováveis consequências, mesmo que de forma inconsciente ou rapidamente. As consequências podem ser intoleráveis, tal como acontece com a pessoa cuja identidade e auto-imagem ficariam muito

prejudicadas se ela usasse violência. O contexto pode mudar isso, como no caso da pessoa que é normalmente passiva mas se torna violenta no meio da multidão. (A violência pode se tornar tolerável com o apoio ou o incentivo de outras pessoas.) Quando as consequências são percebidas como favoráveis, como no caso de um assassino que quer atenção e tem pouco a perder, a violência é mais provável.

Capacidade percebida (A)

A pessoa acredita que pode dar o golpe, o tiro ou explodir a bomba com sucesso? Quem já usou com êxito a violência no passado pode avaliar melhor a sua capacidade de triunfar usando a violência de novo. Pessoas com armas ou outras vantagens percebem (com frequência corretamente) que têm uma grande capacidade para usar a violência.

Para ver os elementos JACA na prática, em larga escala, é só observar o conflito mundial. O objetivo dos palestinos é reivindicar e proteger os seus direitos à terra. Alguns têm como objetivo vingar erros passados e punir os israelenses. Em ambos os casos, quem trata a questão com a violência se sente justificado em agir assim. Não percebe alternativas capazes de conduzi-los aos seus objetivos de uma forma tão eficiente quanto a violência. Eles vêem as consequências da violência como favoráveis (pressão sobre os israelenses, a atenção do mundo para as suas dificuldades, vinganças de sofrimentos passados etc). Eles percebem uma grande capacidade de empregar a violência (agora com bons motivos).

Para prever se os palestinos continuarão a usar a violência, devemos - pelo menos para uma avaliação - ver as coisas como eles vêem. A importância de ver as coisas pela perspectiva da pessoa cujo comportamento você está prevendo não pode ser subestimada. Uma apresentação recente do programa 60Minutes deu um bom exemplo da relutância da maioria das pessoas em fazer isso. Ele fez o perfil do terrorista mentor conhecido como o Engenheiro, um homem que ajudava os mártires camicases a amarrar os explosivos no peito. Seus agentes se tornavam bombas ambulantes, levando a morte para áreas povoadas. O entrevistador Steve Kroft pediu a um dos terroristas seguidores do Engenheiro para descrever o homem capaz de fazer coisas tão terríveis. A resposta: "É uma pessoa muito normal, como todos nós."

Kroft reagiu: "Você disse que ele é igual a todos nós. Eu, eu, eu diria que, que ninguém consideraria você e ele pessoas normais."

O terrorista respondeu: "Acho que você está errado. Existem milhares e milhares de pessoas no nosso país que acreditam no que acreditamos - e não só no nosso país, no resto do mundo árabe e até no seu país." O terrorista estava

certo.

Os elementos JACA podem ser observados nos governos assim como nos indivíduos. Quando os Estados Unidos estão se preparando para ir para a guerra, a justificativa vem em primeiro lugar: império funesto, ditador louco, criminoso internacional, proteção dos nossos interesses, "não se pode simplesmente ficar parado observando" etc. As alternativas à violência diminuem quando deixamos de negociar para exigir, quando abandonamos os avisos preferindo os boicotes e, finalmente, quando partimos dos bloqueios para os ataques. As conseqüências percebidas quando se declara uma guerra vão do intolerável ao tolerável, na medida em que a opinião pública se alinha com a opinião do governo. A avaliação que fazemos da nossa capacidade melhora à medida que os navios e as tropas vão se aproximando do inimigo.

No final do dia, o bombardeiro americano que mata centenas de pessoas no Iraque decide usar a violência da mesma forma que o palestino que mata cem pessoas em Israel.

Esta idéia pode incomodar muitos leitores mas, como já discuti no Capítulo 3, previsões eficazes exigem que não se façam julgamentos de valor. Pelo contrário, devemos ver a batalha - pelo menos por um momento - do convés do navio de guerra inimigo, porque cada pessoa tem a sua própria perspectiva, a sua própria realidade, não importa o quanto ela seja diferente da nossa. Como explica o historiador James Burke: "Tudo que se pode dizer com exatidão sobre um homem que pensa ser um ovo cozido é que ele é minoria."

Os elementos da previsão

Existe uma forma de avaliar a probabilidade de sucesso de qualquer previsão, uma forma de prever a previsão, por assim dizer. Pode-se fazer isso medindo 11 elementos. Estes elementos, que vou apresentar aqui como uma leve idéia das estratégias usadas na minha empresa, aplicam-se a todos os tipos de previsão, não apenas àqueles que envolvem violência. Sei o quanto elas são universais, porque muitos clientes a quem aconselhei sobre previsões de alto risco nos pediram para ajudá-los em outros tipos de previsão, tal como saber o que os litigantes adversários poderão fazer.

Começam respondendo às seguintes perguntas:

1. Mensurabilidade

Até que ponto se pode medir o resultado que você quer prever? Acontecendo ou não, isso ficará claro? Por exemplo, imagine que a pergunta profética seja: "Vai explodir uma bomba no auditório durante a reunião?" Esse resultado é mensurável (isto é, será óbvio se acontecer).

Mas, se a pergunta profética for: "Vamos nos divertir na nossa próxima

viagem ao Havai?", talvez não tenhamos todos a mesma definição de "divertir". A minha diversão pode não ser óbvia para você e talvez não seja uma coisa fácil de descobrir. Portanto, a previsão tem menos probabilidade de êxito do que aquelas facilmente mensuráveis.

2. Vantagem

A pessoa que está prevendo se encontra em situação de observar os indicadores pré-incidentes e o contexto? Por exemplo, para prever o que vai acontecer entre duas pessoas que discutem, é bom estar numa posição que possibilite ver e ouvir.

3. Iminência

Você está prevendo um resultado que pode ocorrer em breve, e não em alguma época num futuro remoto? Teoricamente, costuma-se prever resultados possíveis de acontecer enquanto ainda são significativos. "Alguém vai tentar prejudicar o senador Smith na semana que vem?" é uma pergunta profética mais fácil de responder com acerto do que: "Alguém vai tentar prejudicar o senador Smith daqui a trinta anos?" O sucesso é mais provável para a primeira pergunta porque as circunstâncias daqui a uma semana não sofrerão tantas influências quanto daqui a trinta anos.

Nossos melhores recursos proféticos se aplicam quando os resultados podem ocorrer enquanto ainda tiverem sentido para nós. Embora seja difícil para o senador Smith, ninguém está se importando muito com o que vai lhe acontecer daqui a trinta anos.

A dinâmica é semelhante no caso de perguntas proféticas mais pessoais como: "O cigarro vai me matar?" Quem fuma pode prever facilmente que vai acabar morrendo por causa do cigarro, mas o resultado é tão remoto que o seu significado perde a força.

4. Contexto

O contexto da situação é claro para a pessoa que está prevendo? É possível avaliar as condições e circunstâncias concomitantes, o relacionamento mútuo entre as partes e os acontecimentos?

5. Indicadores Pré-incidentes (PINs — pre-incident indicators)

Existem indicadores pré-incidentes que ocorrerão seguramente antes do resultado que está sendo previsto? Este é o elemento de mais valor. Para se prever se um governador será ou não alvo de uma tentativa de assassinato durante um discurso, os indicadores pré-incidentes poderiam incluir o assassino pulando no palco com uma arma na mão - mas este é um PIN recente demais para ser útil (visto que não sobra muito tempo para uma intervenção). O nascimento do assassino também é um PIN, mas aconteceu há muito tempo para

ter algum valor. Mesmo que ambos os acontecimentos sejam interseções críticas no mapa desta previsão em particular, espera-se estarem algum lugar entre os dois, entre o fator mais remoto possível e aqueles que ocorrem no instante que antecede o ato. PINs úteis para o assassinato podem incluir o assassino que tenta saber a agenda do governador, desenvolve um plano, compra uma arma, faz um diário ou diz que "Está paia acontecer alguma coisa importante."

Teoricamente, um resultado seria precedido por vários PINs confiáveis, mas eles devem ser também detectáveis. Quando alguém pensa em matar ou decide matar isso é um PIN extraordinariamente precioso mas, como ocorre na mente, pode não ser detectável. Mais adiante discutirei os PINs da violência no ambiente de trabalho, do assassinato de cônjuges, dos homicídios cometidos por crianças e dos ataques a figuras públicas. Eles estão sempre ali, embora nem sempre reconhecidos por quem faz as previsões.

6. Experiência

A pessoa que faz a previsão tem experiência naquele assunto específico? Um domador de leões pode prever se um animal vai atacar ou não com mais certeza do que eu, porque ele tem experiência nisso. Ele pode fazer um trabalho ainda melhor se tiver experiência em ambos os resultados (leões que não atacam e leões que atacam).

7. Acontecimentos comparáveis

É possível estudar ou considerar resultados comparáveis - embora não necessariamente idênticos - ao que está sendo previsto? Na teoria, confia-se em acontecimentos que sejam substancialmente comparáveis. Ao prever se um senador vai levar um tiro disparado por um membro mentalmente doente do público em geral, pode-se estudar casos em que prefeitos foram baleados por perseguidores perturbados, visto ser esta substancialmente a mesma situação, e a relação entre os indivíduos envolvidos é semelhante. Pode-se ficar conhecendo os PINs nos casos dos prefeitos e considerar se eles se aplicam à previsão atual. Por outro lado, estudar casos de senadores baleados por suas esposas ou senadores que atiram em si próprios não aumentaria o êxito de uma previsão sobre um estranho atirando num senador.

8. Objetividade

A pessoa que está fazendo a previsão é objetiva o suficiente para acreditar que um ou outro resultado seja possível? Quem acredita em apenas um resultado já terminou a previsão. Simplesmente decidindo decidir antes de fazer todos os testes proféticos, ela limita a sua capacidade intuitiva. Solicitada a prever se um determinado funcionário vai agir com violência, a pessoa que acredita que esse tipo de coisa não acontece não é a escolha certa para esta tarefa. As pessoas só

usam todos os seus recursos proféticos quando acreditam que um ou outro resultado seja possível.

9- Investimento

Até que ponto a pessoa que prevê está envolvida no resultado? Simplificando, o quanto ela se importa em evitar ou explorar o resultado? Ela tem motivo para desejar que a previsão esteja correta? Se eu lhe pedir agora mesmo para prever se vou acordar tarde amanhã, você não vai utilizar nisso os seus melhores recursos proféticos porque para você não faz diferença. Mas se estiver contando comigo para pegá-lo no aeroporto amanhã bem cedo, suas previsões serão bem melhores.

10. Possibilidade de ser reproduzida

É prático testar o resultado exato que está sendo previsto experimentando primeiro em outro lugar? Se lhe pedirem para prever se a água dentro de uma determinada panela vai ferver se aquecida, você não precisa aquecer aquela água para melhorar a sua previsão. Você pode testar o resultado, reproduzi-lo exatamente, aquecendo outra água primeiro. É uma experiência de baixo custo para uma previsão de baixo risco. Embora a possibilidade de reprodução seja a pedra de toque da maioria das previsões científicas, ela é quase inútil nas previsões de alto risco sobre comportamento humano. Não posso testar se um funcionário zangado vai dar um tiro num supervisor colocando uma arma na sua mão e observando como ele age.

II. Conhecimento

A pessoa que faz a previsão tem conhecimento exato do assunto? A não ser que seja relevante e exato, o conhecimento pode ser a canoa furada que o tolo insiste estar em condições de navegar, porque conhecimento às vezes se mascara de sabedoria. Se o executivo de uma empresa tem conhecimento de que a maioria das pessoas que cometem atos violentos no ambiente de trabalho são homens brancos entre trinta e cinco e cinquenta anos de idade, ele pode ignorar o comportamento bizarro de um funcionário só porque ele não se "encaixa no perfil".

(Na minha empresa, usamos um instrumento de previsão que atribui pontos a cada um desses 11 elementos. A escala e suas variações estão no Apêndice 6 junto com alguns exemplos de previsões comuns.)

O conceito mais avançado de previsão tem a ver com decidir quando é que uma coisa começará a acontecer. A previsão de terremotos é um exemplo extremo: existem, ao contrário do que se acredita, indicadores pré-incidentes confiáveis para terremotos. O problema é que os PINs podem ter dez mil anos de

duração e por isso os terremotos permanecem, em termos humanos, imprevisíveis. Em termos geológicos, portanto, é justo dizer que o próximo terremoto em Los Angeles já começou. Em geologia, chamar algo de catástrofe significa apenas que aconteceu num período de tempo curto o bastante para o homem perceber. O movimento de terra não é a questão, porque o chão que você pisa agora mesmo não está parado. O problema é quando isso acontece de repente.

Para se preverá violência, um indicador pré-acidente muito demorado levanta a questão de se esperar até que algo se transforme numa catástrofe ou tentar detectá-la no meio do caminho. Uma tentativa de assassinato começa quando a arma dispara sobre a vítima, ou quando ela é sacada, ou quando ela é comprada, ou quando a sua idéia surgiu? A previsão passa de ciência a arte quando você percebe que os indicadores pré-incidentes são parte do incidente.

Se você aplicar este conceito aos seres humanos, verá que o comportamento é como uma cadeia. Com muita frequência, olhamos apenas os elos individuais. Quando perguntamos por que um homem se suicidou, alguém poderá dizer: "Estava deprimido com as grandes perdas financeiras", como se isso pudesse ser uma explicação. Muita gente fica deprimida com perdas financeiras e não se mata. Embora queiramos acreditar que a violência seja uma questão de causa e efeito, ela é na verdade um processo, uma cadeia em que o resultado violento é apenas um dos elos. Se você estivesse prevendo o que um amigo seu faria se perdesse o emprego, não ia dizer: "Ah, ele vai se suicidar", a não ser que já houvesse muitos outros PINs de suicídio presentes. Você veria a perda do emprego como um elo isolado, não a cadeia inteira. *O processo de suicídio começa muito antes do ato de suicídio.*

O mesmo vale para o homicídio. Embora possamos tentar explicar um assassinato usando uma lógica simples de causa e efeito (isto é: "Ele soube que a mulher estava tendo um caso, por isso a matou"), pensar assim não torna a previsão mais confiável. Como o terremoto, a violência é um dos resultados de um processo que começou muito antes que este homem se casasse.

Você já deve ter lido muito sobre previsões bem-sucedidas, mais talvez do que possa facilmente se lembrar. Mesmo assim, não há necessidade de um teste de memória porque as informações já estão na sua cabeça. Sei disso porque elas vieram de lá. Estes elementos de previsão são aqueles mesmos em que os nossos ancestrais confiaram para sobreviver. Se para você eles parecem novidade, é porque têm sido largamente ignorados pelos ocidentais modernos. Não percebemos tanta necessidade deles porque estamos num ponto da nossa evolução em que a vida depende menos da previsão e mais do controle dos riscos.

Dotados de grande inteligência para nos proteger, desenvolvemos

tecnologias de sobrevivência extraordinárias. A principal delas é a medicina moderna; embora continuemos tão vulneráveis aos ferimentos, é menos provável morrer por causa deles. A tecnologia também nos proporcionou a capacidade de pedir socorro, portanto raramente nos sentimos isolados numa emergência. Temos também transportes rápidos que podem nos levar logo até um médico, ou trazê-lo até nós. Apesar de tudo isto, sentimos mais medo hoje do que nunca, e em grande parte é o medo que temos uns dos outros.

Para nos livrarmos o máximo possível desse medo, temos que recuperar nossas habilidades proféticas inerentes. Nos capítulos seguintes, os elementos de previsão e intuição que discutimos se unirão na prática. Você verá que, se ouvir a intuição nada mais é do que ler os sinais que damos a nós mesmos, prever o comportamento humano nada mais é do que ler os sinais que os outros nos enviam.

7 - Promessas de matar

"O homem é um covarde, pura e simplesmente. Ele ama demais a vida.
Ele teme demais os outros."
- *Jack Henry Abbott*

"Vou matar você." Estas três palavras podem ter acionado mais previsões de alto risco do que qualquer outra frase jamais pronunciada. Elas certamente já causaram muito medo e ansiedade. Mas por quê?

Talvez pensemos que só alguém desequilibrado e perigoso vai pensar em nos fazer mal, mas não é assim. Muita gente já pensou nisso: o motorista do carro de trás achando que você está indo muito devagar, a pessoa que está esperando para falar no telefone públ'co que você não larga, aquele sujeito que você despediu, o outro que você abandonou - todos já tiveram uma idéia passageira de violência. Embora a vontade de lhe fazer mal possa ser uma coisa terrível, ela também é inevitável. O problema não é a idéia; a expressão da idéia é que nos causa ansiedade e, na maioria das vezes, a idéia é essa mesma. Compreender isto ajudará a reduzir um medo injustificado.

Que alguém possa vir perturbar a nossa paz de espírito, que possa dizer palavras tão difíceis de retirar, que explore o nosso medo, que se importe tão pouco conosco, que jogue tão alto, que se rebaixe tanto - tudo isso nos assusta, e de propósito.

Palavras de ameaça são despachadas como soldados com ordens estritas: provocar uma ansiedade impossível de ser ignorada. Surpreendentemente, a sua frente de combate não é só a má notícia. E ruim, é claro, que alguém ameace com a violência, mas a ameaça significa que, pelo menos, ele pensou melhor e resolveu não cometê-la. A ameaça significa que, por enquanto (e em geral para sempre), ele prefere palavras que assustam em vez de atitudes que machucam.

Para um instrumento de comunicação usado com tanta freqüência, a ameaça é pouco compreendida até você pensar nela. O pai que ameaça com um castigo, o advogado que ameaça com "outros procedimentos" sem especificá-los, o chefe de Estado que ameaça fazer um escândalo - estão todos usando as palavras exatamente com a mesma intenção: causar incerteza.

Nosso mundo social depende de darmos crédito a algumas ameaças enquanto desprezamos outras. Nossa crença em que realmente vão rebocar o carro se o deixarmos aqui nos incentiva a procurar um estacionamento onde não haja essa ameaça. O fato de não acreditarmos quando o nosso cônjuge diz brincando que nos mata se nos atrasarmos para o jantar nos permite continuar casados. A ameaça, como você vê, não é o problema - o contexto, sim.

Por exemplo, quando você vê duas pessoas discutindo, uma escalada de hostilidades que deveria nos assustar na verdade não assusta se estiver

acontecendo entre atores no palco de um teatro. Inversamente, o comportamento que normalmente não é ameaçador, como o de um homem subindo uma escada, se torna alarmante se este homem for alguém da platéia que sobe ao palco sem ser convidado. É o contexto que dá significado aos passos dele.

Uma única palavra entre íntimos, talvez sem sentido para os outros, pode carregar uma forte mensagem de amor ou ameaça, dependendo do contexto. O contexto é o elo necessário que dá sentido a tudo que observamos.

Imagine um homem chegando de manhã no trabalho. Ele não passa pelo portão aberto por onde a maioria das pessoas entra no prédio, mas se dirige para uma porta nos fundos. Quando vê alguém na sua frente usar uma chave para entrar, corre e segura a porta antes que ela se feche novamente. Uma vez dentro do prédio, ele mal responde a um colega que lhe diz: "O chefe quer falar com você!". "Eu também quero falar com ele", o homem responde tranqüilo. Está carregando uma bolsa de ginástica, mas que parece pesado demais para estar transportando apenas roupas. Antes de ir para a sala do chefe, ele pára no vestiário, abre a bolsa e dela tira uma pistola. Ele retira uma segunda arma da bolsa e esconde as duas debaixo do casaco. Agora ele vai procurar o chefe.

Se parássemos por aqui, e você tivesse que prever o comportamento provável deste homem baseado no que sabe, o contexto falaria por si só, porque conhecer apenas uma coisa muda tudo o mais: este homem é um detetive da policia. Se fosse um funcionário dos correios, a sua previsão seria outra.

Embora conhecer o contexto seja a chave para prever que ameaças se concretizarão, as pessoas com frequência relutam em colocá-lo adiante do conteúdo. Até alguns especialistas acreditam que identificar e levar em consideração as chamadas palavras-chave é útil ao avaliarmos as ameaças. A hipótese é que a simples presença dessas palavras já é significativa, mas a prática não costuma esclarecer muita coisa. Quando uma pessoa cria uma comunicação, a escolha das palavras usadas faz parte dessa criação, mas elas são instrumentos e não o produto final.

Veja esta lista de palavras:

OSSO CORTA
CASCA AVISO
SANGUE MATA
MUTILADO BOMBA

Um entusiasta das palavras-chave ficaria assustadíssimo com um único parágrafo contendo mata, sangue e bomba, mas decida você mesmo se o produto final merece essa preocupação:

Durante toda a viagem senti um frio de arrepiar os ossos. O vento era tão cortante que pensei que fosse descascar a capota do carro. E vem aqui um aviso: nunca viaje com parentes. O sangue fala mais forte, mas tentar matar o tempo escutando as piadas de mutilados em atentados a bomba foi demais.

Inversamente, veja esta relação de palavras e o contexto em que elas aparecem:

ARRUMAR
BONITA
FLORES
BELA
RECEBER

Arrume as suas coisas e compre umas flores bonitas, porque Deus me mandou levá-lo até a sua bela morada, onde está ansioso para recebê-lo.

Esta é uma carta que avaliei certa vez para um cliente:

Caminhando com você ontem, seu corpo gracioso me emocionou. A sua beleza é para mim o ponto de partida para apreciar todas as outras belezas, numa flor ou num riacho. Às vezes não sei onde você termina e começa a beleza da natureza, e tudo que desejo é sentir o seu corpo e dividir o meu amor com você.

É o contexto que faz o discurso desta carta ser tão assustador: foi escrita por um homem de cinquenta anos para a filha de dez anos de uma vizinha. (O homem se mudou logo depois que o entrevistamos. Hoje está preso por ofensa previsível: reincidir nas propostas de sexo a meninas menores de idade.)

A mensagem ao telefone "Oi, benzinho, sou eu" pode, por si só, comunicar uma terrível ameaça se for a voz de um ex-marido de quem a mulher tentou fugir mudando de estado e de nome.

Como eu disse, o contexto é muito mais importante para as previsões do que o conteúdo, e esta verdade diz respeito à segurança em alguns aspectos significativos. Por exemplo, estou escrevendo agora em Fiji onde volta e meia alguém morre por algo que a maioria de nós não considera perigoso: um coco. Como os coqueiros são muito altos e os cocos muito grandes, se um coco cair em cima de você o impacto é o mesmo de receber na cabeça uma bola de boliche jogada do alto de um prédio de cinco andares.

É possível ver o perigo do coco se aproximando? Sim, e de muitas maneiras, mas detectar isso implicaria avaliar todos os fatores que influenciam a

queda iminente de um coco. Eu teria que subir no coqueiro, testar a firmeza do caule, considerar coisas como o teor de umidade e densidade da fibra, o peso do coco etc. Poderia medir a velocidade do vento e o ritmo em que cocos maduros caíram recentemente dos coqueiros vizinhos. Basicamente, entretanto, existe apenas um indicador pré-acidente prático. É o som do coco caindo por entre as cascas ou folhas secas. Quase sempre este aviso chega tarde demais para ser explorado. Em outras palavras, pode ser o último som que a pessoa ouve. Então, existe uma forma de evitar este resultado letal?

Sim, existe, mas eu não preciso ficar sentado debaixo de um coqueiro pensando nisso enquanto um coco despenca na minha cabeça. Como o resultado só acontece num contexto muito limitado, o de estar sob um coqueiro, posso evitar o risco... simplesmente sentando em outro lugar qualquer. Da mesma maneira, posso evitar riscos inerentemente presentes em certas situações. Não precisamos atravessar com ousadia o território dominado por uma gangue violenta, usar o nosso Rolex numa viagem ao Rio de Janeiro ou permanecer num relacionamento violento. O contexto por si só pode ser um bom previsor de riscos.

Ele pode ser também uma garantia confiável de segurança. Quando eu dava aulas de direito penal na Universidade George Washington, pedi a cinco alunos que me fizessem as ameaças mais assustadoras e convincentes possíveis que conseguissem imaginar. Eu as avaliaria e depois determinaria com precisão a seriedade de cada uma delas.

O primeiro aluno que chamei se levantou e disse casualmente: "E engraçado que você tenha dado este exercício logo hoje, e nem acredito que tenha me escolhido primeiro porque, na verdade, eslava planejando matá-lo. Quando vi no horário que a sua aula era hoje, pedi emprestado, bem, peguei a pistola do meu irmão. Estou com ela aqui na minha mala."

Ele ergueu a maleta e virou-a de um lado para o outro de forma a podermos ouvir que havia realmente alguma coisa pesada ali dentro. "Primeiro planejei matar você quando estivesse indo para o carro, mas decidi fazer isso aqui na sala. Dado o assunto da aula e o fato de que você é um especialista em ameaças, o tiroteio vai deixar as pessoas intrigadas e eu despertarei atenção durante um certo tempo."

Ele olhou para os outros alunos ao redor, alguns dos quais estavam um tanto constrangidos. "Se alguém não quiser assistir ao espetáculo, é melhor sair agora." Quando ele foi enfiando a mão lentamente dentro da maleta, eu disse, "Próxima ameaça", e ele se sentou. Eu tinha dito à turma que seria capaz de prever a seriedade e o resultado de cada ameaça com total confiabilidade, e previ. Isso porque não fazia diferença o que eles dissessem ou como dissessem. Como eu havia pedido aos alunos para me ameaçarem, o contexto - não o conteúdo - ditou o óbvio: nenhuma das ameaças se realizaria.

Mas, como a maioria das pessoas não está acostumada a receber ameaças de morte, e como se enganam acreditando que a ameaça de morte é inerentemente diferente de todas as outras, as palavras em geral provocam um medo injustificado. De fato, a ameaça de morte está entre as ameaças com menos probabilidade de serem levadas a efeito.

O primeiro passo para decidir quais as palavras que realmente prenunciam perigo é compreender o que as ameaças são e o que elas não são. A ameaça é uma declaração de intenção de causar algum dano, e ponto final. Ela não oferece condições, alternativas ou saídas. Ela não contém as palavras se, ou então, até que, se não. Frases que contêm estas palavras não são ameaças, são intimidações. E existe aí uma grande diferença. Intimidações são declarações de condições a serem satisfeitas para evitar um dano. Por exemplo: "Toco fogo nesse prédio se não conseguir a promoção", é uma intimidação, não uma ameaça, porque foi oferecida unia condição para evitar o dano. No caso das intimidações, o motivo está sempre na declaração, e o resultado desejado por quem as faz é claro. "Se não pedir desculpas, eu mato você" (a pessoa quer uma desculpa). "Se você me despedir, vai se arrepender" (a pessoa quer conservar o seu emprego).

Estas declarações diferem muito das ameaças porque são apresentadas como manipulações de alto risco. O indivíduo quer as suas condições satisfeitas - não quer causar o dano. Com ameaças, pelo contrário, não se oferecem condições, em geral porque quem as faz não vê alternativas. Portanto, as ameaças têm uma carga muito maior de possibilidade de violência do que as intimidações. Outra dica: ameaças que são movimentos de final de jogo - aquelas introduzidas por último numa controvérsia - são mais serias do que as feitas inicialmente. Isso porque as usadas no início tendem a representar uma reação emocional imediata, ao contrário de uma decisão de usar violência.

Como um instrumento de comunicação, a ameaça assemelha-se mais à promessa (embora as promessas sejam mantidas com muito mais freqüência). No caso da promessa, se julgarmos que ela é sincera, avaliamos em seguida a probabilidade de que o indivíduo que promete mantenha o seu propósito. Pode-se prometer uma coisa hoje, mas mudar de idéia amanhã. Como as ameaças têm uma origem emocional, e como as emoções são efêmeras, os ameaçadores costumam mudar de idéia com o tempo. E fácil fazer uma promessa ou uma ameaça, o difícil mesmo é cumpri-las.

Tanto as ameaças quanto as promessas são feitas para nos convencer de uma intenção, mas as ameaças na verdade nos convencem de uma emoção: a frustração. As ameaças traem o indivíduo que as pronuncia ao provar que ele não conseguiu influenciar os acontecimentos de outra forma. Com mais freqüência representam desespero, não intenção. Nem as ameaças nem as promessas são garantias, contratos ou até compromissos; são apenas palavras.

(As garantias oferecem um acerto de contas se a promessa não for mantida. Nos contratos existe um custo pela quebra da promessa. As pessoas que se comprometem têm um custo pessoal se desrespeitarem o compromisso, mas quem ameaça descobriu a forma mais barata de prometer, e também aquela que os outros esperam que não seja cumprida.)

Embora você não dissesse isso pela reação que costumam provocar, as ameaças raramente são feitas de uma posição de poder. Seja qual for o poder que elas tiverem, ele se origina do medo infundido na vítima, pois o medo é a moeda corrente do ameaçador. Ele ganha uma vantagem com a sua incerteza mas, uma vez pronunciadas as palavras, terá que recuar ou avançar e, como todo mundo, ele espera manter a dignidade de uma forma ou de outra.

A forma como se reage a uma ameaça determina se ela é um instrumento útil ou meras palavras. Portanto, é o ouvinte e não quem fala que decide a força da ameaça. Se o ouvinte ficar pálido, começar a tremer e a pedir perdão, ele transformou em ouro a ameaça ou a intimidação. Inversamente, se ele não se alterar, elas nada valerão.

Mesmo nos casos em que as ameaças estão destinadas a ser sérias (e, portanto, exigem intervenção ou amplas precauções), aconselhamos os clientes a jamais mostrarem ao ameaçador que estão dando muito valor às suas palavras, jamais mostrar que estão com medo.

Atualmente as ameaças de bombas são uma tática comum entre as pessoas zangadas. É interessante o medo que um único telefonema pode causar; ele pode levar uma empresa a evacuar um prédio, encerrar o expediente mais cedo ou acionar procedimentos restritivos de segurança. Mas para acreditarem alguém que liga dizendo: "Coloquei uma bomba e ela vai explodir daqui a três horas", é preciso acreditar que essa pessoa se dispôs a um trabalho enorme para obter os componentes da bomba, correndo todos os riscos, depois descobrir um local onde tivesse certeza de não ser visto por ninguém, montar a bomba, depois se arriscar a perder a liberdade e a vida colocando o dispositivo que detona, para em seguida anular tudo isso com um telefonema.

Quais seriam os seus motivos para ligar e dizer o que fez? Ele ligou como um alerta para salvar vidas? Não seria mais fácil salvar essas vidas colocando a bomba num lugar onde não houvesse ninguém, ou simplesmente não a colocando em lugar algum?

Vamos um pouco mais fundo: imagine que uma pessoa fabricou e colocou uma bomba, mas depois mudou de idéia e ligou ameaçando para se certificar de que ninguém se machucasse. Este improvável sociopata inconstante não lhe daria informações altamente específicas, tais como o local exato onde está a bomba?

Outro motivo possível para uma pessoa que esteja realmente querendo explodir a bomba ligar ameaçando é garantir para ela mesma o crédito da

explosão, porque, depois que ela explode, muita gente ou muitos grupos vão querer dizer que foram eles. Só para quem ligou antes da explosão é que o crédito está garantido. Mas pense nisso: se o indivíduo que coloca a bomba é tão egomaniaco a ponto de querer garantir para si a atenção pela violência cometida, ele vai realmente se sabotar dando à polícia tempo para encontrar e desmontar o seu motivo de orgulho e alegria?

Damos tanto crédito às palavras "Coloquei uma bomba" que freqüentemente me pergunto se reagiríamos com a mesma ingenuidade a outras afirmativas incríveis. Se um telefonema anônimo dissesse: "Escuta aqui, enterrei um milhão de dólares em moeda corrente no jardim diante do seu prédio", alguém, desde o principal executivo até a recepcionista, sairia correndo e começaria cavar a terra?

E quando a pessoa que telefona se contradiz? Primeiro fala que colocou uma bomba no saguão, dez minutos depois torna a ligar dizendo que não colocou nenhuma bomba no saguão. Paramos de procurar e deixamos todo mundo voltar ao trabalho? E quando a mesma ameaça que nos fez evacuar o prédio na segunda-feira acontece de novo na terça e depois na quarta? Quando é que deixaremos de tratar os ameaçadores anônimos como se fossem as pessoas mais dignas de crédito que já conhecemos se, de fato, quase 100 por cento desses telefonemas são falsos? A resposta é, quando confiarmos mais nas nossas previsões.

Conseguiremos essa confiança compreendendo da melhor maneira possível o que são as ameaças. Por exemplo, se alguém que ameaça explodir uma bomba está zangado e hostil, o telefonema provavelmente tem o propósito de fazer aquilo para o qual são planejadas a maioria das ameaças: provocar medo e ansiedade. Quem liga querendo descarregar raiva pelo telefone com imagens violentas ("Todos vocês vão explodirem pedacinhos"), ou que está agitado e agressivo, não está se comportando como alguém que vá realmente explodir uma bomba. A maioria dos verdadeiros atentados a bomba é cometida pelo tipo de pessoa paciente, Eu te pego na hora certa, capaz de adiar as suas emoções para outro dia. Eles expressam a raiva explodindo as coisas, e não dando telefonemas hostis. Ironicamente, quem explode bombas não tem personalidade explosiva.

(Como as ameaças de bombas levantam tantas questões sobre a responsabilidade dos patrões - por exemplo: Devemos evacuar o prédio? Devemos contar aos funcionários sobre as ameaças para que eles mesmos decidam? Como avaliar as ameaças? A quem notificar? - nosso escritório ajuda empresas a estabelecerem políticas de reação às ameaças de bomba. A maioria das grandes questões podem ser respondidas com antecedência para ninguém ficar procurando o interruptor da luz no escuro. Sem esta abordagem, as decisões críticas são tomadas em momentos extremamente tensos. Como acontece com

todas as ameaças, o contexto é a chave. Uma ameaça dirigida a um evento durante a Olimpíada, que é politicamente carregada e foco das atenções da mídia do mundo inteiro, será avaliada de forma diferente do que se as mesmas palavras tivessem como alvo um shopping center.)

Alguns ameaçadores são tão desorganizados que modificam suas ameaças iniciais ou cospem de uma enfiada só várias idéias assustadoras. Alguns dizem: "Vão todos pelos ares em uma hora", em seguida dizem: "Vocês deveriam morrer", e depois: "Sua hora vai chegar, prometo." Chamamos estas retificações de "declarações redutoras de valor", e quem as usa mostra-se mais interessado em desabafar a raiva do que em alertar sobre um perigo.

O que as pessoas dizem quando ameaçam as outras é intencionalmente chocante e assustador. As vítimas costumam descrever uma ameaça que receberam como "horrível" e "mórbida" porque pinta um quadro medonho. "Vou cortar você em pedacinhos" é uma das mais comuns. Também é comum: "Vou estourar os seus miolos." Com freqüência, entretanto, o conteúdo é bem menos significativo do que o contexto, e a escolha das palavras alarmantes em geral fala mais do desejo de alguém de assustar do que da sua intenção de prejudicar alguém. "Vou estourar os seus miolos" ou "Vou te matar como um cachorro", podem, dependendo do contexto, prenunciar um risco menor do que a simples frase "Não suporto mais isso".

Mas palavras alarmantes fazem a pessoa reagir adotando uma atitude defensiva, psicologicamente falando. Embora coisas bizarras ou chocantes não costumem nos colocar em nenhum risco real, a incerteza sobre o risco nos assusta, e isto causa um problema: quando estamos atordoados ou distraídos erguemos uma ponte levadiça - a da percepção -, aquela mesma que precisamos cruzar para ter êxito nas previsões.

Nos últimos trinta anos li, vi e ouvi as ameaças mais criativas, medonhas, desagradáveis e bem-informadas do mundo. Aprendi que é importante reagir com calma, porque assustados deixamos de avaliar as informações mentalmente e começamos a fazer isso com o corpo.

Por exemplo, uma ameaça de morte comunicada por carta ou telefone não pode representar um risco imediato, mas quem a recebe pode começar a se preparar fisicamente para o perigo, aumentando o fluxo sanguíneo nos braços e pernas (para lutar ou correr), liberando corticóides (que ajudam o sangue a coagular mais rápido no caso de ferimentos) e ácido láctico que aquecem os músculos (para prepará-los para o esforço), focalizando a visão e acelerando respiração e batimentos cardíacos para suportar todos estes sistemas. Estas reações são valiosas quando o perigo está presente (como quando Kelly se levantou e saiu do apartamento), mas para avaliar os riscos futuros, permanecer calmo produz melhores resultados. Uma forma de se conseguir isto é

perguntando e respondendo conscientemente o seguinte: "Estou em perigo iminente?" Seu corpo quer que você afaste esta dúvida e, tendo feito isto, você estará livre para perceber o que está acontecendo.

O grande inimigo da percepção, e portanto das boas previsões, é o julgamento. As pessoas costumam aprender apenas o suficiente sobre alguma coisa para julgar se pertence a esta ou àquela categoria. Elas observam uma conduta bizarra e dizem: "Este sujeito está maluco." Julgamentos são os escaninhos automáticos onde uma pessoa ou situação é colocada porque a Iguma característica é familiar ao observador (portanto, seja qual foro significado anterior daquela característica, deve ser o mesmo agora). A familiaridade é confortável, mas esses julgamentos fazem cair a cortina, efetivamente impedindo o observador de ver o resto da peça.

Outra ocasião em que as pessoas deixam de ver novas informações é quando prematuramente julgam alguém culpado ou inocente. Lembre-se da história da mulher que tinha certeza de que as ameaças que recebia eram do homem que ela havia processado. Ao me contar sobre isso, ela forneceu detalhes desnecessários para a história (detalhes que eu chamo de satélites). Fui capaz de ouvi-los como o que realmente eram - informações valiosas - mas ela não, porque já tinha se decidido por um determinado suspeito, fechando assim as portas da percepção.

O oposto também pode acontecer, como nos casos em que as pessoas excluem um suspeito em particular. Encontre o satélite na história de Sally:

"Alguém está me aterrorizando, e tenho que descobrir quem é. Há algumas semanas, um carro subiu a ladeira até a minha casa e o motorista ficou olhando fixamente para a porta de entrada. Eu pisquei as luzes da varanda e ele se foi. Aconteceu a mesma coisa no dia seguinte. Aí começaram os telefonemas. Uma voz masculina dizia: 'Você tem que se mudar; este não é um lugar seguro para uma mulher sozinha. Não é lugar para você.' Tive sorte em conhecer Richard Barnes poucos dias depois - o sujeito para quem estou vendendo a minha casa. E sabe do que mais? Ela é realmente muito isolada para uma mulher sozinha."

Qual é o satélite, o detalhe ignorado? O nome do homem para quem ela está vendendo a casa.

"Fale-me sobre Richard Barnes."

"Ah, ele não tem nada a ver com isso. É apenas o cara que está comprando a casa, e caiu do céu. Um dia eu estava pegando a correspondência quando ele passou correndo e começamos a conversar. Ele disse que gostava muito das janelas da minha casa e uma coisa levou a outra. No dia seguinte, ele fez uma oferta."

"E os telefonemas anônimos que estavam assustando você?"

"Eu fiquei preocupada achando que aquela pessoa poderia me machucar,

é claro."

"Mas ela lhe disse que você tinha que se mudar. A sua mudança dali não seria nenhuma vantagem para alguém com intenção de machucá-la. Para quem seria útil a sua mudança?"

"Para ninguém. [Uma pausa]. Alguém que quisesse comprar a minha casa?"

Você sabe onde isto vai chegar. Continuando a conversa, fiquei sabendo que Richard Barnes morava num bairro distante mais de uma hora dali. Portanto, por que estava praticando jogging no bairro de Sally? Ele conhecia detalhes sobre a casa dela (as janelas) só percebidos por quem passa de carro pela estrada. Sally tinha feito um julgamento que o excluía como suspeito e, coerentemente, não pensou mais nele.

Visto que o motivo de quase todas as ameaças anônimas é influenciar uma conduta, sugiro aos clientes que perguntem quem se beneficiaria com as atitudes tomadas caso elas acreditem na concretização das ameaças. Isto com frequência leva à identificação da pessoa que está ameaçando.

Uma forma comum de intimidação raramente anônima é a extorsão. Nos casos comuns de extorsão, um indivíduo ameaça revelar informações que segundo suas previsões serão danosas e se oferece para manter segredo em troca de uma recompensa. Como as vítimas - e não os ameaçadores - é que decidem o valor da ameaça, a sua forma de reagir define o preço.

A ameaça de extorsão proverbial é na verdade uma intimidação, porque contém as palavras se, ou então, a não ser, até que: "Se não me der dez mil dólares, conto para sua mulher que você tem uma amante." A melhor reação é: "Um momento, vou passar o telefone para minha mulher e você fala com ela agora mesmo." Com essa reação, a ameaça perde o valor. Se você é capaz de convencer um chantagista de que o dano que ameaça causar não o perturba, no mínimo poderá negociar melhor. Em muitos casos, será capaz de neutralizar totalmente a questão.

Ao contrário, reagir com súplicas e condescendências aumenta o valor que o chantagista está dando à sua ameaça. O dano que está sendo ameaçado pode ser tão intolerável para a vítima que parece valer a pena pagar pelo silêncio. Frequentemente, o caminho estará preparado para ela ouvir de novo essa mesma ameaça, pois quem consegue extorquir dinheiro uma vez volta ao relutante banco.

Algumas pessoas, é claro, preferem pagar aos chantagistas, embora eu raramente recomende isso. Além do que chamo de extorsão legal (cartas de advogados exigindo pagamentos pelos direitos injustificados de um cliente), poucos capazes de utilizar este método são pessoas em quem se pode confiar que respeitarão os termos do acordo que fizerem. Em outras palavras: você está

fazendo um acordo com alguém em quem não se pode ter confiança.

Figuras públicas são provavelmente os alvos mais freqüentes de extorsão, e podemos aprender algumas coisas com a experiência deles. Num caso típico, alguém possui informações nocivas e agora exige uma recompensa para guardar segredo. Eu me lembro de uma jovem estrela de cinema cuja fama originou um telefonema de um ex-namorado mau-caráter de quem não Linha noLÍuids ha anos. Se a minha cliente não lhe desse 5Ū.000 dólares, era a ameaça, ele revelaria que ela fizera um aborto. A idéia de que isso fosse divulgado deixou-a muito ansiosa, aumentando assim o valor da ameaça. Quando ela veio me ver, não dormia direito há uma semana. Meu conselho nesses casos é começar por uma avaliação organizada da ameaça. Pedi a minha cliente uma relação das pessoas que ela temia pudesse reagir de forma negativa caso a informação se tornasse pública.

"Isso é fácil", ela disse. "Meu pais. Não quero que eles saibam." Pedi-lhe que pensasse na possibilidade de ligar para os pais e contar ela mesma a sua própria versão, em vez de viver com medo de que soubessem pela versão dele (ou a de um tablóide). Eu disse que ela era a única pessoa no mundo capaz de determinar o valor desta ameaça.

A idéia de revelar elas mesmas uma informação nociva é tão radical que a maioria das vítimas de extorsão nem mesmo a considera, mas, em dez minutos, a minha cliente tomou a sua difícil decisão: ligar para os pais e acabar com a ameaça. Ela largou o telefone visivelmente mais leve e poderosa. "Cheguei aqui disposta a fazer tudo para impedi-lo de revelar aquele segredo. Agora não estou disposta a mais nada, porque não me importa o que ele vai dizer." (Minha cliente não pagou nada, e o homem jamais revelou a informação. Tenho alguns casos por ano deste tipo.)

Extorsão é um crime de oportunidade, em geral cometido por amadores que tendem primeiro a tentar a abordagem mais cheia de rodeios: "Sabe, eu vi você na entrega dos Emmy outra noite, e você está indo tão bem e tudo o mais, ganhando tanto dinheiro, e eu tive um ano tão ruim, financeiramente falando, e pensei em como você ficou bem naquelas fotografias que tiramos no México..." Como a extorsão é um tanto esquisita para o neófito. ele quer que a sua vítima se adiante e facilite as coisas dizendo: "Gostaria de ajudar você a sair dessa crise, mas será que pode me devolver aquelas fotografias? Detestaria vê-las publicadas."

As vítimas com freqüência tentam encobrir o chantagista, mas estes esforços só o ajudam a conservar o manto não merecido de pessoa decente. Eu sugiro aos clientes que os obriguem a assumir a sua vileza, o que os coloca na defensiva. Não os deixem simplesmente flertar com a sua vilania - façam com que eles se casem com ela ao dizerem aquelas palavras feias. Eu peço às vítimas para repetirem "Não entendo onde você quer chegar" até que a pessoa diga

claramente o que deseja. Muitos não conseguem, ficam dando voltas ou abandonam a idéia. Fazer com que ele declare explicitamente a extorsão ajuda a esclarecer se o seu motivo é ganância ou malícia, e isto fornece o mapa rodoviário para o resultado que ele deseja.

Embora às vezes seja muito difícil, é importante não ser rude com o chantagista, porque ele pode estar querendo uma justificativa para o dano que está ameaçando causar. No caso do amador, rebaixar-se tanto é difícil e, acredite ou não, este é um momento muito vulnerável para ele. Não se engane pensando que isto é simpatia da minha parte - é apenas sensato não excitar o sujeito emocionalmente, porque se ele ficar zangado terá mais força.

As vítimas de extorsões cometidas por pessoas conhecidas com frequência relatam em acreditar que elas farão o que ameaçam. Você pode fazer as suas próprias previsões quanto a atitude de um chantagista mas, para economizar o tempo do leitor que um dia se vir em situação semelhante, quem quer que pratique extorsão motivado pela maldade tende mais a fazer o que diz do que aqueles cujo motivo é apenas ganância. De qualquer maneira, em geral é tão difícil negociar com os motivados pela maldade que costumo sugerir aos meus clientes que nem tentem. Outra dica: os que dizem as palavras vergonhosas explicitamente desde o início tendem mais a executar o que ameaçam do que aqueles que ficam fazendo rodeios.

Quando qualquer tipo de ameaça inclui referências indiretas ou veladas a coisas que eles podem fazer, como "Você vai se arrepender", ou "Não se meta comigo", é melhor perguntar logo: "O que está querendo dizer com isso?" Pergunte exatamente o que o indivíduo está ameaçando fazer. A elaboração dele quase sempre será mais fraca do que a sua ameaça implícita. Se, por outro lado, a explicação que ele der para o comentário for realmente uma ameaça explícita, é melhor saber logo do que ficar na incerteza depois.

Um dos melhores exemplos de como pode ser forte a influência do contexto surge da avaliação das ameaças feitas a personalidades públicas. Hipóteses que podem estar corretas em outras situações são totalmente vagas nesta. Por exemplo, em situações interpessoais (vizinho, amigo, cônjuge) uma ameaça tende a aumentar a probabilidade de violência minando a qualidade da comunicação e aumentando a frustração, mas a mesma ameaça feita a uma figura pública não é presságio de violência alguma. Mesmo assim, existe o mito arraigado de que as pessoas que ameaçam figuras públicas são aquelas com mais probabilidade de lhes causar danos. De fato, quem faz ameaças diretas a figuras públicas tem muito menos chances de prejudicá-las do que o indivíduo que se comunica de outras formas inadequadas (paixão, adoração exagerada, temas de rejeição, a crença de que "foram feitos um para o outro", planos de viagem ou de encontros, crença de que a figura pública lhe deve algo etc.)

Ameaças diretas não são indicadores pré-acidentes confiáveis de assassinato nos Estados Unidos, como demonstra o fato de que ninguém que tenha atacado com sucesso uma personalidade pública na história da era da mídia ameaçou diretamente a sua vítima primeiro.

Embora as ameaças feitas diretamente a vítimas famosas não prognostiquem violência, as comunicadas a terceiros não envolvidos na história são mais sérias. A pessoa que informa a polícia que um primo perturbado disse que vai dar um tiro no governador está dando uma informação muito valiosa. Isso porque as ameaças expressas a outras pessoas, que não a vítima, não estão motivadas por um desejo de assustá-la. Embora elas também raramente se concretizem, as ameaças comunicadas a terceiros devem ser sempre relatadas às autoridades policiais.

O mito de que a pessoa que vai prejudicar alguém famoso comunicará diretamente à sua vítima primeiro já levou muita gente a se enganar concluindo que as comunicações inadequadas sem ameaças não são significativas. A verdade é o oposto. Figuras públicas que ignoram cartas inadequadas só porque não contêm ameaças estão ignorando as comunicações mais importantes para a sua segurança.

Esta idéia de que se existe uma ameaça o risco é menor e se ela não existe o risco aumenta é difícil de entender, talvez porque pareça contrária à intuição, mas é verdade, e não é o único fato sobre ameaças feitas a pessoas públicas que causa surpresa.

Por exemplo, embora as ameaças anônimas de morte sejam extremamente preocupantes, elas na verdade pressagiam menos perigo do que as ameaças assinadas. Quem envia ameaças anônimas tem muito menos probabilidade de buscar um confronto do que a pessoa que assina o seu nome. O ameaçador que dá o seu verdadeiro nome não está tentando passar despercebido e, provavelmente, quer chamar atenção. Portanto, ele se assemelha mais aos assassinos, cuja maioria permanece no local do crime e diz: "Eu fiz isso."

Mas a polícia tem se mostrado mais intrigada com as ameaças anônimas de morte e apática com relação às assinadas. Visto que a polícia costuma enfrentar o desafio de prender os suspeitos que procuram fugir quando encontram alguém que se identifica, a reação comum é: "Este cara não vai fazer nada - ele assinou o nome dele aqui." A idéia é que, se o indivíduo que mandou a ameaça a concretizar, será fácil prendê-lo. Esta abordagem não reconhece que os verdadeiros agressores das figuras públicas raramente tentaram escapar de serem presos. A incompreensão da polícia no caso das ameaças anônimas surge do fato de que o assassino é muito diferente de quase todos os outros criminosos. Quem mais vai planejar o seu crime de forma a garantir ser preso? Quem mais espera a pessoa que o seu ato fosse gravado em fita de vídeo?

Para o criminoso da mídia moderna, mais notavelmente o assassino, essa

é a descrição do crime perfeito, e poucas pessoas dedicarão suas vidas a cometê-lo. Você provavelmente nunca enfrentará um assassino, é claro, mas é quase certo que encontrará gente tão dedicada quanto eles, gente que não desiste.

8 - Persistência, persistência

"Isso é o que acontece quando você fica zangado com as pessoas. Elas passam a fazer parte da sua vida."

- *Ganison Keillor*

Nos Estados Unidos, a persistência é mais ou menos como a pizza. Nós não a inventamos, mas certamente a adotamos. Prometemos aos nossos filhos que a persistência compensa. Nós a tratamos como um atributo para o sucesso e cumprimentamos as pessoas que não desistem apesar de tudo. Mas, se a persistência não é desejada, essas pessoas que elogiamos podem ser uma praga nas nossas vidas. Raras situações são mais constrangedoras do que lidar com gente que se recusa a desistir. Tentamos prever o que elas farão em seguida, ficamos preocupados se elas ficarão zangadas ou perigosas, e agonizamos na tentativa de descobrir estratégias que as façam parar seja lá o que for que estiverem sendo compelidas a continuar fazendo.

Imagine que isto tenha acontecido com você e não com um dos meus clientes: você e a sua esposa participam de um seminário e uma pessoa conhecida os apresenta a Tommy, um jovem enérgico e aparentando estar cursando o vestibular. Quando ele sabe da iminente expansão da sua agência de viagens, fica todo animado.

Este encontro casual pode não parecer o início de um pesadelo, mas é exatamente o que foi para Mike Fedder e sua esposa, Jackie. Durante o seminário, Tommy lhes falou sobre algumas das suas idéias sobre o setor de turismo: "Sempre me interessei por pacotes de viagens pouco convencionais, e é claro que ninguém mais está querendo saber desse negócio de grandes hotéis, querem mais acampar, fazer caminhadas e canoagem. "Tenho algumas idéias de pacotes que sei que duplicarão as vendas de qualquer agência. Só que ainda não encontrei os parceiros certos para deslanchar." Ele falou a respeito de vender férias para pais e filhos usando as listas das organizações da Liga Infantil de beisebol.

"Trabalho com alguns desses times, e os pais passam muito tempo com os filhos, portanto é óbvio que estão dispostos a investir dinheiro em atividades agradáveis. As ligas são bem organizadas, e os pacotes poderiam ser oferecidos por intermédio dos boletins e reuniões. E mais, pode-se pegar o pai de um dos grupos e oferecer a ele incentivos para conseguir a adesão dos outros."

Jackie disse a Tommy que gostou do aspecto familiar da idéia, Mike disse que parecia interessante, "boa noite para todos", e ponto final.

Dois dias depois, Tommy ligou para Mike na sua bem-sucedida agência de viagens com 65 funcionários. Tinha conseguido o número com a mulher que os havia apresentado, e estava dando continuidade à "discussão sobre negócios que

começamos". Quería te "só uma reunião rápida. Posso passar por aí hoje. Só preciso de dez minutos. Prometo". Sem querer magoar o rapaz, Mike concordou. "Duas horas?" "Duas horas."

Às duas horas Mike estava dando um telefonema interurbano, portanto Tommy teve que esperar alguns minutos. Pareceu um tanto aborrecido com isto: "Pensei que tínhamos combinado às duas horas."

"Ah, sim, desculpe, estava resolvendo uma excursão com quarenta pessoas para a África..." *Por que estou inventando desculpas para este sujeito?* Mike pensou. Era uma boa pergunta. Os dez minutos que Tommy pediu se transformaram em vinte. Ele tinha reunido algum material sobre a sua idéia, e era realmente impressionante não tanto pela qualidade mas pela quantidade; ele obviamente havia se esforçado bastante.

Tommy disse: "Quando tocamos nisto naquela noite, eu fiquei pensando..." e aí a sua visita rápida passou a ser uma proposta formal. Ele pediria uma licença (de onde? Mike nunc:, soube onde Tommy trabalhava) e organizaria alguns pacotes pai-e-filho para o parque Yosemite. Se não tivesse sucesso, Mike não lhe pagaria nada, e se tivesse, Tommy ganharia uma porcentagem.

Quando Mike lhe disse que normalmente não trabalhava com agentes externos, Tommy disse que compreendia. "Posso entrar para a equipe em tempo integral." Quando Mike lhe disse que não tinha vaga, Tommy respondeu: "Eu começo assim mesmo, depois formalizamos quando abrir uma vaga."

Persistente, Mike pensou. *Marca das pessoas de sucesso*. Na verdade, era marca de alguma coisa, mas não de sucesso. Era a recusa de aceitar um "não", sinal evidente de problemas em qualquer contexto.

Quarenta minutos de reunião: "Olha, Tommy, minha melhor agente, Marlene, talvez saia nos próximos meses - vai se casar - e, se isso acontecer, eu ligo para você e voltamos a falar no assunto."

Tommy ficou desapontado por não conseguir um resultado mais concreto mas disse que se manteria em contato para "entrar no próximo turno".

Na semana seguinte ele ligou perguntando se Mike tinha decidido alguma coisa. (Decidido o quê?) "Nada mudou, Tommy. Marlene e o noivo ainda não definiram a data do casamento", e fora, fora.

Tommy encerrou com: "Bem, diga alô a Jackie." Este telefone deu algumas pistas para outra característica de quem não desiste: projetar nos outros compromissos que não foram expressos e não existem.

No dia seguinte, Marlene perguntou meio sem jeito a Mike se ele tinha um amigo chamado Tommy. Ele tinha ligado e queria saber dos seus planos de casamento! Perguntou se ela tinha alguma "estimativa" de quando ia sair porque "Mike eu estamos tentando o próximo turno".

Em cinco minutos, Mike estava no telefone falando com Tommy: "Escuta aqui, você é um bom rapaz, sei que está entusiasmado com o negócio, mas tenho

que ser claro: se um dia estivermos interessados na sua idéia, e se ela se encaixar nos nossos planos, eu ligo para você. Não precisa me ligar mais, e definitivamente acho que não deveria ter ligado para Marlene. Está me entendendo?"

Tommy não pareceu desanimar: "Ah, compreendo, desculpe a confusão. Só achei que poderia conseguir com ela alguma orientação para estar pronto para começar a trabalhar, só isso, nada de mais. Não vou incomodá-la de novo." Parecia ter entendido, quando acrescentou: "Ela falou em cerca de oito semanas, portanto vou me planejar para isso."

"Hum, bem, escuta. Tommy, não planeje nada. O setor de turismo não funciona assim; nunca se sabe o que vai acontecer. Espero que nossos caminhos se cruzem um dia, e desejo a você toda a sorte do mundo, e obrigado de novo pelas suas sugestões."

Finalmente, terminou. *Que sujeito persistente*, Mike pensou, *mas acho que agora ele entendeu.*

Cerca de três semanas depois, Mike voltou do almoço e encontrou três mensagens de Tommy no voice-mail. O sr. *Persistência*. Antes mesmo de Mike pensar em retornar a ligação, Tommy já estava de novo na linha. Parecia agitado: "Foi realmente uma surpresa, Mike, e não é uma boa surpresa - é mais um choque. Quando liguei para a recepcionista, me disseram que Marlene já saiu há duas semanas. Duas semanas! Tínhamos um acordo, você sabe, fiquei desapontado. Não posso acreditar que perdemos duas valiosas semanas. Estou muito empenhado em fazer esta idéia funcionar, e dediquei mais tempo a ela, aprimorando as coisas. E realmente muito tempo. Espero que não tenha contratado ninguém no lugar de Marlene."

Mike ficou com pena do rapaz porque era óbvio que significava muito para ele. Como decepcioná-lo gentilmente? "Bem, primeiro, o lugar de Marlene ainda está vago. (*Por que fui dizer isso?*), mas a questão não é essa. Não tínhamos um acordo. Tivemos uma conversa, só isso."

"Talvez seja isso o que você pensa, mas eu me dediquei de corpo e alma. Sabe, achei que você fosse uma pessoa que cumpre o que promete."

Uma brecha, Mike pensou. "Talvez eu não seja, Tommy, então vamos simplesmente seguir os nossos caminhos e considerar isso uma experiência. Sinto muito que você tenha tido tanto trabalho."

No dia seguinte, Tommy ligou de novo, mas Mike não retornou os telefonemas. Uma das mensagens dizia que era urgente, mas o que se poderia ter de urgente com alguém que mal se conhece?

Tommy deixou mais cinco mensagens naquela semana, e Mike finalmente discutiu o problema com a mulher: "Não acho que eu tenha incentivado o rapaz, mas devo ter dito ou feito alguma coisa para lhe dar tantas esperanças. Não sei mais o que lhe dizer e não posso só deixar de atender aos seus telefonemas. Não

quero que ele fique zangado."

"Ele já está zangado", disse Jackie sabiamente. "Está zangado desde o momento em que não nos tornamos os seus melhores amigos e não fizemos negócio com ele. Acho que ele não vai entender nada do que você lhe disser, do que jeito que você quer." Jackie, como a maioria das mulheres, tinha muito mais experiência do que Mike em lidar com esse tipo de persistência indesejável. Ela sabia que "talvez" às vezes é percebido como "definitivamente", que "gostar" pode ser entendido como "amar", e que se uma pessoa não quer ouvir o que você diz ela não ouve. Chega um momento em que não adianta continuar tentando, na verdade isso até piora as coisas, porque incentiva uma associação quando você está querendo uma desassociação.

Se Tommy é capaz de interpretar uma parceria para o resto da vida em quase tudo, ele entenderá uma resposta sabe-se lá como. O contato é lenha para a fogueira, e Tommy era alguém que não precisava de muita lenha.

"Vou esperar mais uma semana e, se isso não parar, ligo para ele e falo tudo pelo telefone."

"Mas, Mike, você já fez isso", Jackie lembrou. "Você já lhe disse com todas as palavras para não ligar novamente. Você disse 'vamos seguir cada um o seu caminho'. Para mim, isso me parece bem claro."

Jackie estava certa. Se você repete dez vezes para alguém que não quer falar com ele, você está falando com ele - nove vezes mais do que gostaria. Se você ligar depois da vigésima mensagem que ele deixar, estará simplesmente lhe dizendo que o preço do retorno de um telefonema são vinte mensagens.

Durante duas semanas não houve nenhum telefonema, e Mike ficou satisfeito porque o assunto finalmente estava encerrado. Mas aí, outra mensagem: "Preciso falar com você imediatamente, é urgente." Mike achou que já estava na hora de colocar um ponto final nisso. Em cada etapa, ele previa como Tommy reagiria, mas fazia isso aplicando os seus próprios padrões de comportamento. Mike ponderou que não retornar o telefonema era grosseria, mas pegar o telefone e ser grosseiro talvez resolvesse, e foi o que decidiu fazer:

"Qual é a tua? Está maluco? Nós não vamos trabalhar juntos, e ponto final. Está me ouvindo? Já deveria ter entendido isso, mas você não escuta. Não quero mais falar com você sobre isso, está bem?"

Mike não havia previsto a reação de Tommy. Ele disse que estava ligando para se desculpar porque não queria fechar portas atrás dele. "Acho que um dia ainda vamos fazer negócio", ele acrescentou.

"Não, Tommy, você deve procurar outra coisa. Se eu souber de alguma vaga interessante, você será informado. (*Oh, Deus, por que fui dizer isso?*) Mas não me liga mais, está bem? Combinado?" Mike estava perguntando, e não dizendo.

Finalmente, finalmente, Mike pensou que tinha feito o sujeito entender.

Naquela noite ele contou para Jackie: "Liguei para aquele cara hoje, ele só queria pedir desculpas."

Jackie disse: "Ótimo, e espero que ele não ligue mais."

"Claro que não vai ligar. Ele pediu desculpas e pronto." Até uma semana depois, quando chegou um envelope, pela Federal Express, de Tommy. Continha um bilhete solicitando que Mike assinasse uma carta de referência anexa, que Tommy disse que o ajudaria no seu banco.

Mesmo tendo garantido a Jackie que aquele era o último telefonema, Mike resolveu responder ao pedido de Tommy. Para seu alívio, atendeu uma secretária eletrônica e ele deixou a sua mensagem. "Não me sinto à vontade para assinar a carta de referência que me enviou, mas desejo boa sorte."

As pessoas que se recusam a desistir costumam fazer pequenas solicitações que parecem razoáveis, como a carta de referência de Tommy, embora a verdadeira propósito desses pedidos seja cimentar uma associação ou ter novos motivos para contato. Em poucas horas, Tommy deixou uma mensagem para Mike: "Não me surpreende você não ter coragem de falar comigo pessoalmente. Sabe, levaria menos tempo para você assinar aquela carta do que para deixar a sua mensagem desdenhosa. Deve ser por isso que está no setor de viagens; todo mundo quer se afastar de você. Favor devolver pelo correio a carta sem assinar." Infelizmente, Mike tinha jogado fora a carta. Agora Tommy tinha mais um assunto para ficar perturbando.

No dia seguinte lá estava outra mensagem: "Não precisa retornar a ligação, só queria lhe dizer que é um idiota. Quero a minha carta de volta!"

Isso foi demais para Mike. Achou que agora devia tomar uma atitude séria. É aí então que acontece uma coisa fascinante. Perseguidor e perseguido começam a ter realmente alguma coisa em comum - nenhum dos dois desiste. O perseguidor está obcecado em ter uma resposta e a vítima está obcecada em se livrar do assédio.

O que o perseguidor está dizendo é: "Não vou permitir que você me ignore." Ele vai tentar tudo até despertar uma reação e, enquanto isso funcionar, ele vai continuar tentando. A culpa em geral é o primeiro botão que ele aciona, depois vem o assédio, e aí o insulto. Cada um funciona durante um certo tempo, e depois não dá mais resultado. Quando as vítimas participam deste processo, as ameaças não estão muito longe.

Mike porém não ia ficar sentado esperando. Ligou para a pessoa que os havia apresentado, contou a história toda e pediu ajuda. "Talvez você consiga convencê-lo a me deixar em paz."

No dia seguinte no voice-mail de Mike havia três mensagens de Tommy, uma delas deixada às duas horas da manhã: "Você acabou de arruinar uma das minhas melhores amizades, idiota! Não sei que mentiras você andou espalhando sobre mim, mas exijo uma desculpa, uma desculpa por escrito. Isto é um aviso."

Dois dias depois, mais mensagens, inclusive uma dizendo que Tommy ia apresentar uma queixa formal, seja lá o que fosse isso. Aí chegou uma mensagem dizendo: "Vou reservar vinte viagens fictícias na sua agência todos os meses. Você não vai saber se sou eu ou não que está fazendo a reserva. Vai aprender a não fazer promessas que não pretende cumprir."

Jackie convenceu Mike a guardar as mensagens no correio de voz mas ignorá-las. Na semana seguinte, veio outra mensagem dizendo que se Mike ligasse pedindo desculpas, Tommy talvez aceitasse, "mas estamos chegando a um ponto em que urna desculpa não será o bastante. Gosto de Jackie e sinto muito por todos problemas que a sua teimosia vai lhe causar".

Mike e Jackie finalmente acabaram no meu escritório, reproduzindo as fitas do voice-mail com as mensagens. A essa altura, já tinham ido à polícia duas vezes. Os policiais visitaram Tommy e o avisaram para parar, mas ele ficou ainda pior depois disso. Para compreender a inclinação da polícia pela intervenção direta, é preciso reconhecer que, em todas as culturas do mundo, o papel da polícia é o de controlar a conduta. Na nossa sociedade, a polícia é o agente que garante o respeito às leis, e quando as pessoas se comportam mal esperamos que a polícia as faça parar. Isso costuma dar certo, exceto nos casos em que o contato com a polícia incentiva o próprio comportamento que ela deve impedir. Quando nada mais funcionou, a polícia disse para Mike conseguir uma medida cautelar, mas Jackie o convenceu a vir conversar comigo antes.

Sentado num sofá no meu escritório, Mike deixou claro que já estava chegando ao seu limite. Ele queria que eu "mandasse alguém" convencer Tommy a parar com aquilo (mesmo que isso não tenha funcionado quando a amiga ou a polícia foram lá). Ele disse que queria que eu "disse umas verdades a Tommy sem meias palavras".

Eu disse a Mike que todas as palavras eram meias palavras para Tommy.

"Mas se ele souber que vai se meter em encrenca", Mike argumentou, "é lógico que vai parar."

"Tommy não tem um histórico de pessoa lógica. Ele não fala a nossa linguagem, e não podemos ensiná-la usando a lógica. Se ele fosse sensato, não teria tido esse comportamento. Não é possível usar lógica com quem não tem lógica."

Mike ainda argumentou: "Não quero que esse cara pense que pode ficar me assediando impunemente."

Jackie respondeu antes de mim: "Se não conseguimos controlar o que ele faz, certamente não podemos controlar o que ele pensa."

Eu sugeri, com a rápida concordância de Jackie, que se Mike não respondesse, Tommy acabaria procurando outro alvo. "Pode levar um certo tempo e exigir uma certa paciência, e sei que não é fácil, mas ficar se esforçando para mudar a idéia ou o comportamento dele é o oposto do que você

quer. Você não quer que ele fique melhor - você quer que ele saia do seu caminho. Você o quer fora da sua vida. Existe uma norma que chamamos de 'comprometa-se e se enfureça'. Quanto mais associados estiverem - seja favorável ou desfavoravelmente - maior a escalada. Veja bem, nós sabemos de um segredo, e este é que você jamais vai trabalhar com ele, ser amigo dele ou querer seja lá o que for com ele. Como nada menos do que isso vai satisfazê-lo, já sabemos essa parte do resultado. Ele vai ficar desapontado e com raiva, e vai ter que lidar com isso. Se você falar com ele, o que disser se tornará o problema. A única maneira de conseguir o resultado desejado agora mesmo é cortar qualquer contato. Só então ele vai começar a encontrar outras soluções para o problema dele, em que você não poderá mais ajudar. Enquanto obtiver de você uma resposta, ele se distrai da sua vida. Mas se você não retornar as ligações, a cada vez que ele deixar uma mensagem vai receber de volta outra que diz que você é capaz de resistir às suas perseguições."

"É, mas o cara não desiste nunca."

Jackie aparteou: "Você ainda não testou o 'nunca', Mike. Você ainda nem tentou duas semanas."

Ela estava certa. Eu expliquei que todas as vezes que Mike retomava uma ligação de Tommy ou demonstrava alguma reação ao seu assédio, isso o comprometia. "A cada contato, você compra mais seis semanas." Eu expliquei que os mesmos conceitos se aplicam no caso dos perseguidores românticos que não desistem, ex-namorados que não desistem, funcionários despedidos que não desistem e todas as outras encarnações de gente-que-não-desiste. Eu queria que Mike soubesse que, embora Tommy fosse um cara chato, não estava sozinho.

Perguntei a Mike o que ele achava que Tommy faria em seguida.

"Não tenho idéia. É por isso que vim falar com você."

Eu esperei.

"Acho que vai continuar ameaçando." (Uma previsão muito exata para alguém que um momento antes "não tinha idéia".) Mike enfrentava uma situação que inicialmente oferece dois planos estratégicos bem diferentes: (1) mudar o perseguidor, ou (2) mudar o modo como a conduta do perseguidor nos afeta. No primeiro, estão os avisos, as contra-ameaças, as intervenções da polícia e outras estratégias destinadas a controlar a conduta de alguém. No segundo, encontram-se atitudes como a de se afastar dos riscos ou aborrecimentos, avaliar a probabilidade de violência e monitorar novas comunicações. Nesse segundo, limitamos o impacto que a situação poder; ter limitando o nosso medo e a nossa ansiedade. Também limitamos o impacto sobre o perseguidor não respondendo.

Neste caso, combinamos que o meu escritório faria uma pesquisa geral sobre os antecedentes de Tommy, avaliaria todas as mensagens e informações disponíveis até aquele momento, e estabeleceria o seguinte plano estratégico: Mike arranjaria uma nova extensão do voice-mail. Meu escritório checaria o

antigo voice-mail de Mike de hora em hora e enviaria para ele todas as suas mensagens, menos as de Tommy. Nós analisaríamos, avaliaríamos e guardaríamos todas as mensagens deixadas por Tommy. Eu garanti a Mike e Jackie: "A partir de agora, até ele se tornar violento, deverá ser possível detectar vários sinais de alerta. Acontecendo alguma coisa que nos dê o mais leve motivo para acreditarmos que ele vá mais longe do que os simples telefonemas, entraremos em contato com vocês imediatamente."

Uma das poucas coisas que a vítima pode controlar é a influência que o assediador tem sobre ela e, a partir daquele dia, os telefonemas de Tommy não causariam nenhum impacto sobre Mike ou Jackie.

Tommy continuou ligando durante mais cinco semanas. Deixou muitas mensagens, inclusive ameaças a que Mike acharia muito difícil não responder. Mike tinha previsto que Tommy só pararia se alguém "o fizesse parar", mas de fato, a verdade era o oposto. Ele só pararia se ninguém tentasse fazê-lo parar.

Este caso poderia ter sido muito diferente. Mike e Jackie poderiam ter conseguido uma ordem de prisão, o que significa realmente processar alguém na justiça para deixar você em paz. Tommy teria continuado ou recuado? Quem tinha mais a perder: Tommy, Mike ou Jackie? Tommy tinha reagido favoravelmente nas outras vezes em que Mike tentou cobrar um preço por sua conduta (acionando a amiga de Tommy, chamando a polícia)? O que uma ação judicial teria feito para a justificativa percebida por Tommy?

Quem se encontra nestas situações tão frequentes, seja envolvendo um ex-parceiro íntimo, um ex-funcionário, ou alguém como Tommy, se vê num conflito entre as suas opções e raramente vê que não fazer nada provocador também é uma opção. Todas as pessoas conhecidas sugerem alguma coisa: "Ele pára se você responder ao telefonema; ele só quer ser reconhecido"; "Talvez você tenha que pedir que alguém ligue para ele e diga que você viajou"; "Tente mudar de número, ele vai entender." Existe uma necessidade quase irresistível de reagir de forma drástica a ameaças e assédios, mas com frequência a melhor estratégia é fingir que não está fazendo nada. É óbvio que isso não é realmente não fazer nada; é um plano estratégico sensato e uma comunicação ao perseguidor tão claros quanto o contato direto. Esta abordagem é um teste real de paciência e caráter para as vítimas, mas quase sempre é a maneira mais rápida de terminar com um assédio.

A descrição que um amigo meu faz da sua abordagem no trabalho é uma valiosa analogia para administrar algumas situações interpessoais: "Tenho duas gavetas na minha mesa. Uma é para aquilo que eu preciso tomar alguma providência a respeito, e a outra é para as coisas que o tempo se encarrega de resolver." O tempo cuida da maioria das pessoas que se recusam a desistir.

Algumas dessas pessoas persistentes sofrem de delírio, cuja própria definição explica por que elas não desistem: uma falsa crença inabalável mesmo

diante de fortes evidências em contrário. A maioria dos assediadores, entretanto, não chegam a delirar: eles sofrem de algo que podemos chamar de percepção alterada ou opinião irracional. A solução que buscam costuma ser inatingível e estas pessoas são tão desconcertantes porque aquilo a que elas se prendem é visto pela sua perspectiva fora do comum. Podemos pensar que Mike não prometeu nada a Tommy, mas Tommy pode dizer que acha o contrário. Ele pode até basear seus sentimentos em fatos objetivos e declarações que realmente existiram.

Mas o que define Tommy como uma pessoa ilógica é o resultado que ele deseja e a maneira que ele encontra para chegar lá. A professora Mary Rowe do MIT está entre os poucos acadêmicos que estudaram estes casos. Ela identifica como um sinal de alerta a "natureza exagerada de um desejo - por exemplo, o desejo de controle total, físico e emocional sobre outra pessoa, ou controle total sobre um procedimento no escritório, ou a demissão injusta de outra pessoa ou a plena aceitação de uma proposta". Ela também descreve uma "extraordinária noção de direitos, tal como 'Ele tem que falar comigo!'... 'O departamento tem que me deixar trabalhar nesse projeto!' ou 'Eu me recuso a sair da minha sala'".

Quando alguém solicita algo impossível, tal como a total submissão a uma exigência irracional, é hora de parar de negociar, porque é evidente que a pessoa não pode ser satisfeita. Ser empurrado para discutir a questão original não adianta. E como se uma parte se aproximasse da mesa querendo um milhão de dólares e a outra estivesse preparada para dar cinco dólares, ou nenhum dólar. Nessas situações, não há nada a negociar.

Em alguns casos, o resultado que a pessoa deseja nem pode ser determinado, muito menos obtido. O que teria deixado Tommy satisfeito quase no final da sua campanha de assédio? Uma desculpa? Uma parceria bem-sucedida com Mike? Não sei, e acho que nem Tommy sabia.

A professora Rowe focaliza o grande conflito íntimo dessas pessoas, explicando que elas "certamente não querem perder, mas podem também não suportar vencer, da forma convencional, visto que isso significaria o fim da luta".

Claro, a luta não termina se os participantes não saírem do ringue, e enquanto as pessoas tentarem mudar o perseguidor ou satisfazer suas vontades, ela continua. Com mais frequência, o medo da violência está oculto e mantém as pessoas tentando, mas Tommy ia ser violento? Vamos ver isso nos termos dos quatro elementos gerais de violência (JACA):

Justificativa percebida

Tommy pode ter percebido como uma provocação quando Mike ligou para a sua amiga, mas não demonstrou achar nisso uma justificativa para a violência.

Alternativas percebidas

Quem tende a usar a violência percebe poucas ou nenhuma alternativa, mas os contínuos telefonemas de Tommy provaram que ele via muitas alternativas (interferindo nos negócios de Mike, assediando, ameaçando etc).

Conseqüências percebidas

Quem tende a ser violento percebe que isso lhe trará conseqüências toleráveis ou até favoráveis. Tommy não deu indícios de que estava disposto a abrir mão da sua liberdade (uma conseqüência intolerável para ele) usando a violência. Curiosamente, as conseqüências das ameaças (inclusive a de receber a visita da polícia) foram nitidamente toleradas por ele.

Capacidade percebida

Quem usa a violência percebe que tem capacidade para usá-la, mas Tommy não disse nada, nem fez nada, que indicasse perceber essa capacidade.

Embora seja compreensível que as vítimas as achem confusas, a maioria das pessoas que não desistem é extremamente previsível. Talvez seja até óbvio demais dizer que elas continuam até parar, mas é isso basicamente o que acontece na grande maioria dos casos - a não ser que estejam comprometidos. Para prever com exatidão os pequenos comportamentos ao longo do caminho, é preciso compreender as linguagens dos direitos, da associação e da rejeição. Principalmente, é preciso ver a situação no contexto da nossa cultura, que ensina o mito de que compensa ser persistente. A versão mais antiga, que quase todos nós já escutamos um dia, é: "Na América qualquer um pode se; presidente", quando de fato só uma pessoa pode ser presidente, e os outros 240 milhões não podem. O escritor F. Scott Fitzgerald disse algo sobre persistência que beneficiaria a todos os Tommys da vida: "A vitalidade se revela não só em ser capaz de persistir, como também em ser capaz de começar tudo outra vez."

Nenhum grupo sabe mais sobre perseguições persistentes do que gente famosa. Desde a rainha dos calouros da escola do bairro, passando pelo político até a figura da mídia internacionalmente famosa, todos podem nos ensinar alguma coisa sobre persistência. Uma figura muito conhecida da mídia pode ter centenas de perseguidores persistentes, literalmente centenas de Tommys. Gente na situação de Mike e Jackie costuma se perguntar como seria ter recursos ilimitados para influenciar, controlar e punir perseguidores indesejáveis. Até criam fantasias sobre como seria simples a situação se tivessem do seu lado a polícia, a justiça e o governo. Mas isso é uma fantasia, porque por mais famosa que seja a vítima, por mais eficiente que sejam os advogados, nem sempre é possível controlar a conduta dos outros.

A cantora canadense Anne Murray vivenciou um caso que prova este

argumento. Ela foi perseguida durante anos por um homem que recebeu diversas notificações judiciais que violava, sendo preso várias vezes, e que acabou condenado a seis anos de prisão. Quando ele se viu livre novamente, mais uma vez o juiz lhe ordenou que deixasse Murray em paz, no entanto, nos seus primeiros meses de liberdade, o perseguidor violou a ordem judicial mais de duzentas vezes.

John Searing, vendedor de artigos de arte de Nova Jersey, com 36 anos de idade, teve a mesma persistência nos seus esforços para conseguir o que queria de Johnny Carson. Em 1980, ele escreveu para The Tonight Show pedindo que o deixassem fazer uma coisa que desejava desde garoto: gritar "Aqui está o Johnny!", ao vivo. Como resposta, recebeu uma foto dez por oito de Johnny Carson.

Embora a mensagem fosse clara para a maioria das pessoas, Searing continuou escrevendo. Depois de um certo tempo, ele recebeu uma carta formal de um dos membros da equipe agradecendo a sua proposta e explicando que isso não seria possível. Mas Searing não desistiu. Acrescentou às cartas fitas de vídeo dele mesmo fazendo expressões de Jimmy Stewart e Richard Nixon. Suas vozes famosas faziam o mesmo pedido: "Deixem John Searing gritar 'Este é o Johnny'."

Isto durou bastante tempo, o suficiente para Searing escrever mais de oitocentas cartas. A equipe de The Tonight Show, amadurecida por várias décadas de experiência com missivistas persistentes, não se assustou. Não chamaram a polícia, mas ligaram para Searing para perguntar por que isso era tão importante para ele.

"Porque nada na vida significa mais para mim", ele contou. Logo depois do telefonema, aconteceu uma coisa interessante: The Tonight Show disse sim para o pedido que haviam ignorado oitocentas vezes. Searing voou até Los Angeles, recebeu um camarim com o seu nome na porta e, como num sonho (dele), foi acompanhado até o estúdio. Ele assistiu, de uma lateral do palco, McMahon apresentando Johnny Carson com as famosas palavras "Este é o Johnny". "Mas, e eu?", Searing perguntou. Disseram-lhe para ter paciência.

Depois do primeiro comercial, Johnny Carson explicou para a platéia o caso de John Searing e as suas centenas de cartas, e aí Searing foi apresentado à América. Ele se sentou ao lado do homem famoso diante da mesa famosa durante cerca de seis minutos, explicando por que fora tão persistente e o que isso significava para ele. Carson levou Searing até um microfone e depois se escondeu atrás da cortina. Searing recebeu um roteiro, no qual leu entusiasmado: "De Hollywood, The Tonight Show Apresentando Johnny Carson. John Searing, Doc Severinsen e a Orquestra NBC, convidam vocês para se juntarem a Johnny e seus convidados' Danny DeVito; Joan Embery, do zoológico de San Diego; o missivista John Searing, e as aventuras na cozinha com Doe."

Escutou-se um rufar de tambores. "E agora, senhoras e senhores... este é ooooo Johnny!" Carson surgiu detrás da cortina sob aplausos e deu a Searing uma instrução simples: "Agora vai embora e não escreva mais."

E foi exatamente o que aconteceu: Searing voltou para o seu trabalho de vendedor de artigos de arte. Embora persistentes, suas cartas jamais contiveram nada de sinistro ou de mau agouro. Ele sempre manteve o seu emprego, tinha outros interesses e, acima de tudo, a natureza das suas comunicações esteve sempre no mesmo nível. Embora dar aos perseguidores exatamente o que eles querem não seja a estratégia que eu recomendo, particularmente quando se reconhece ser impraticável aplicá-la sempre, é interessante notar que The Tonight Show não fez esforço nenhum para impedir Searing de escrever as cartas.

Johnny Carson e sua equipe sabiam que cartas, não importa a sua frequência, não machucam ninguém, enquanto que numa guerra ferem-se todos os envolvidos nela. Se tivessem deixado Searing quieto no seu canto, provavelmente ele continuaria escrevendo as cartas, talvez durante anos, talvez pelo resto da sua vida, e estaria tudo bem. Nosso escritório tem vários casos de gente que escreveu mais de dez mil cartas para um personagem da mídia e jamais tentou um encontro. Esses clientes não são em nada afetados pelas cartas, que suas equipes nos enviam fechadas para analisarmos.

A questão, portanto, não é a persistência, mas sim a diferença entre as comunicações e comportamentos que pressagiam uma escalada e aqueles em que você pode prever que o perseguidor vai acabar recuando ou desaparecendo de cena. Nestas situações, é compreensível que as vítimas se sintam frustradas (no mínimo), e queiram que se faça alguma coisa para parar com a perseguição. As instituições psiquiátricas, as que garantem que as leis sejam obedecidas e o governo provaram que não importa quais sejam os seus recursos, você não consegue controlar de forma confiável a conduta de todas as pessoas. Não é justo, mas é o que acontece. Meu papel é aumentar a segurança e reduzir o medo, e não dizer às pessoas aquilo que elas querem ouvir. Mas sempre tem alguém disposto a satisfazer os desejos de uma celebridade, seja este o caminho mais seguro ou não.

Nem me lembro de quantas vezes já vi algum detetive particular fazer intervenções confrontantes e depois achar justificativas para essas ações quando o comportamento do perseguidor piora. Depois de guiar o perseguidor a uma situação de guerra, o detetive diz: "Puxa, foi bom termos feito aquilo com ele, veja só como o caso é sério. Eu lhe disse que se devia fazer alguma coisa." Será que nunca lhes passou pela cabeça o que poderia ter acontecido se tivessem deixado o sujeito em paz?

Fazendo uma analogia, se você estiver dirigindo nas montanhas por uma estrada escorregadia, você não vai resolver o problema saindo do carro e

secando o asfalto - você diminui a velocidade nas curvas perigosas. Para lidar com gente que não desiste, é preciso usar estratégias que diminuam a probabilidade de confrontos indesejáveis. Você muda o que pode mudar e desiste de tentar mudar o que não pode.

Observar e esperar, em geral, é o mais sensato, mas as pessoas frequentemente usam outra estratégia: comprometer e enraivecer. Você sempre terá a opção de comprometer um perseguidor, mas uma vez aplicada esta estratégia não poderá simplesmente voltar atrás e ficar observando e aguardando, mesmo que ache que as coisas não foram tão ruins assim.

Embora Johnny Carson já soubesse disso, uma outra figura da mídia, Jim Hicklin, radialista de Los Angeles, aprendeu tarde demais que a persistência por si só não é sinistra. Mais conhecido pelos ouvintes como um piloto-comentarista que alertava sobre as condições do trânsito, cie também noticiava do seu helicóptero outros eventos importantes. Quando começou a ficar aborrecido com as cartas que estava recebendo de um fã, encontrou logo quem lhe dissesse o que desejava ouvir: "Nós cuidaremos disso." Mas não cuidaram.

A primeira carta chegou na residência de Hicklin no final de agosto de 1971. O autor era um tal de Edward Taylor, um cara tímido de 45 anos, cuja história está melhor contada nas suas cartas. A primeira pretendia ser amável e prestativa. Era endereçada ao "Querido James" e assinada "Respeitosamente, Ed Taylor".

Embora Hicklin não respondesse, outras vieram. Continham elogios, recordações, cumprimentos e uma até sugeria que Jim Hicklin concorresse para governador. Outra dizia: "Você é uma estrela."

Jim Hicklin não sabia que Taylor era um incansável escritor de cartas, já conhecido de várias figuras importantes de Los Angeles há anos. Essas pessoas se divertiam ou se aborreciam com as cartas de Taylor; mas, principalmente, elas as ignoravam. Hicklin, no entanto, não ignorou as cartas. Pelo contrário, contratou um par de detetives particulares para resolver a questão. Eles fizeram uma visita de surpresa à casa de Taylor e lhe deram uma ordem clara: pare de enviar cartas.

Esta intervenção indiscreta não impediu que as cartas continuassem a ser enviadas, mas mudou o seu teor. A primeira, logo após a visita dos detetives, tinha seis páginas. A caligrafia agora era irregular, havia muitas correções confusas e todas as amabilidades e elogios do passado tinham desaparecido. "Você me ofendeu demais", escreveu Taylor. "Pensei muito na ameaça implícita que me fez; a sua suposta paranóia... ou a sua ingenuidade... ou a sua inocente receita de um Pacote de conselhos inúteis... ou será que você é apenas Insuportavelmente Arrogante?"

Esta carta introduziu um novo tema que se tornaria o principal foco da vida de Taylor durante um ano: litígio. Ela continuava:

Sinto-me ao mesmo tempo enaltecido e impressionado por ser alvo de investigações. Qual é o problema? É para isso que existem advogados... e você está urgentemente precisando de um... Assim que possível, é imperativo que Hicklin me informe, por escrito, a identidade do seu Advogado.

A carta seguinte foi para o gerente geral da estação de rádio onde Hicklin trabalhava:

Surgiram na minha residência dois detetives particulares em nome da Golden West Broadcasting [dono da estação de rádio]. Vieram sem avisar para me interrogar com relação a alguns memorandos muito pessoais e confidenciais que enviei há alguns meses a Hicklin.

Seus funcionários admitiram terem sido instruídos por Jim Hicklin para irem me visitar... sem se anunciar... desrespeitando a minha Família, meus Hóspedes, a minha Responsabilidade e até o meu Estado de Saúde. Isso é assédio; é uma invasão virulenta da propriedade privada; é ameaça; é intimidação & está Errado!

Exatamente de que culpa repreensível Jim Hicklin me acusa? Profissional e pessoalmente é para mim muito importante saber. E saberei.

Cerca de uma semana depois, Taylor enviou a FAA a primeira das muitas cartas questionando a competência de Hicklin para ter licença para voar: "Até que a sua jurisdição estabeleça que o senhor Hicklin goza de saúde física e mental, na minha opinião ele é uma ameaça à vida, à propriedade e a si mesmo."

Note que neste momento ele introduziu os conceitos de ameaça e segurança. Taylor em seguida entrou com uma queixa no tribunal superior exigindo uma retratação de Hicklin. Ele escreveu ao juiz:

O caso referido pretende denunciar severamente e repudiar o suposto direito de um cidadão de conspirar no sentido de contestar o direito de outrem à livre expressão; a enviar correspondência; a se sentir livre de retaliações, agressões psicológicas; emasculação à porta da sua própria casa.

Esta carta é uma boa oportunidade de ver a situação pela perspectiva de Taylor. Ele se sentiu invadido, ameaçado e, talvez o mais importante, emasculado. Lembre-se das suposições que eu disse que poderiam se aplicar a maioria de nós:

- Buscamos contato com os outros.

- Ficamos tristes com as perdas e procuramos evitá-las.
- Não gostamos de rejeição.
- Gostamos de reconhecimento e atenção.
- Faremos mais para evitar a dor do que para buscar o prazer.
- Desagrada-nos o ridículo e o constrangimento.
- Preocupamo-nos com o que os outros pensam de nós.
- Buscamos um certo grau de controle sobre nossas vidas.

A tentativa de deter Taylor enviando detetives particulares colidiu com quase todas elas. Ele estava buscando um contato e ficou triste com a perda do seu relacionamento amistoso (apesar de unilateral) com Hicklin. Foi rejeitado. Tinha chegado ao ponto em que a situação não poderia mais lhe dar prazer, e só lhe restava parar de sofrer. Ele se sentiu castigado e constrangido. Sentiu que os outros o desconsiderariam se ele não reivindicasse a sua masculinidade exigindo um pedido de desculpa. Finalmente, ele sentiu que tinha perdido o controle da sua vida.

Um dia, Hicklin fez um comentário no ar sobre gente que toca fogo nas matas: "Deveriam ser amarradas num poste e deixadas lá." Ao ouvir isto, Taylor escreveu que algum adolescente poderia "incentivar o seu grupo a realizar a fantasia doentia transmitida pela Personalidade-Repórter-Piloto-Herói-Folclórico Hicklin. A polícia já encontra muitos restos de esqueletos nas montanhas. E bestial ouvir alguém justificar a morte-na-fogueira".

Note a natureza sinistra das suas referências. Elas continuaram na queixa seguinte de Taylor ao FAA, de que Hicklin tinha perturbado a sua casa com o que chamou de "missão de bombardeio": "Existe ato mais bárbaro, insensato e obsceno do que o de um piloto que aponta um avião para homens indefesos no solo com o único propósito de assediá-los; do que o de um piloto cuja única missão doentia é estabelecer o seu domínio sobre as suas vítimas?"

Desnecessário dizer, o FAA não tomou (e não poderia ter tomado) nenhuma atitude que satisfizesse Taylor. Da mesma forma, a corte rejeitou a sua denúncia. Vendo as suas alternativas se reduzindo, Taylor datilografou um memorando com sete páginas contando de novo em detalhes todo o "incidente" com Hicklin. Ele afirmava que Hicklin usava o helicóptero como uma arma e que "um equipamento aéreo nas mãos de homens mentalmente desequilibrados constitui armamento ofensivo".

Vamos parar um pouco e examinar o contexto da situação. No início era simples: uma pessoa famosa recebeu algumas cartas declaradamente elogiosas de um membro de seu público. Embora talvez não estivessem redigidas no estilo que agradasse a Hicklin, as cartas eram adequadas ao contexto. No início, a situação não era interpessoal, mas depois que o admirador recebeu a visita intimidadora de homens que o avisaram para parar de escrever as cartas, ela

passou a ser interpessoal. Jim Hicklin conseguiu a última coisa que desejava: um relacionamento com Edward Taylor. Tinham se tornado inimigos.

Hicklin:

Eu teria entendido a sua conduta se você tivesse aparecido na minha porta com uma 38 na mão em vez de mandar dois detetives particulares - como uma Bicha Ofendida.

Agora você convenceu os caras a me ameaçar. E triste.

Lembre-se de me chamar de "St."

No dia em que enviou a carta, Taylor fez mais do que escrever sobre uma 38. Ele saiu e comprou uma.

Enquanto isso, Hicklin decidiu tentar de novo a sua primeira estratégia. Pediu à promotoria pública que enviasse investigadores para fazer Taylor parar com aquilo. Eles foram até lá, mas não conseguiram nada.

Taylor contou aos investigadores que ele é que estava sendo assediado por Hicklin, e não o contrário. Ele temia que Hicklin tivesse sobrevoado a sua casa para traçar um mapa. Explicou que estava tão apreensivo com o comportamento estranho de Hicklin que trazia sempre consigo um bilhete de explicação endereçado conjuntamente ao Departamento de Polícia de Los Angeles e ao Promotor Público. Junto com a nota, ele carregava sempre uma arma.

Quando recebeu o aviso dos investigadores da promotoria, Taylor escreveu para eles:

Quando um querelante percebe que a autoridade estabelecida não se preocupa e/ou não tem empatia por quem sente a sua vida ameaçada por um robopata manipulador e irracional; experimentar o trauma de comprar uma arma 38, aos 46 anos, para se defender de um assassino mercenário ou emocionalmente envolvido: ver uma arma sobre a sua mesa durante as horas de trabalho; vê-la novamente como a primeira coisa de manhã ao acordar e como o último objet-êtr e ao se recolher à noite. Pior de tudo é considerar a natureza da suposta provocação do querelante contra o réu (ouvi-lo dizer isso): correio (!).

Todas as informações necessárias estavam nesta carta. O que Taylor projetou em Hicklin - isto é, que ele era "um assassino emocionalmente envolvido" -, estava na verdade dentro dele. Como disse James Baldwin: "Diante da sua própria vítima, a pessoa vê a si mesma." Embora Taylor jamais ameaçasse ferir Hicklin, pode-se ver com clareza esse risco na carta aplicando-se os elementos JACA: Taylor sentiu que tinha uma justificativa para usar violência (defender-se); sobravam-lhe poucas alternativas (a autoridade estabelecida não lhe deu atenção); as conseqüências da violência tinham se

tornado favoráveis porque ela poria um fim às ações do "robopata irracional"; e, finalmente, ele tinha a capacidade para cometer violência - a arma.

A visita dos investigadores, como a primeira visita dos, detetives particulares, causaram nitidamente um enorme e desfavorável impacto do qual foi difícil para Taylor se recuperar. A intrusão definitiva, o insulto definitivo, ainda estavam para acontecer, e dessa vez Taylor não conseguiu suportar.

Uma noite, enquanto recebia a visita da mãe idosa, Taylor ouviu alguém batendo na porta da frente Era a polícia que, na frente da mãe dele, prendeu Edward Taylor. Ele foi autuado na delegacia municipal de Los Angeles por calúnia. Impossibilitado de entrar em contato com alguém que pudesse pagar a sua fiança no final de semana, ele passou três dias no xadrez.

De volta para casa, mais abalado até do que ele mesmo percebia estar, Edward Taylor não achava alívio para a indignação que sentia com tudo o que tinha acontecido. Agora que as suas cartas tinham um preço, ele parou de escrevê-las. Em vez disso, ele se afligia, tentava dormir, tentava comer, e se afligia ainda mais. Não conseguia mais viver como antes, portanto ficava só em casa ouvindo o programa de Jim Hicklin pelo rádio.

Neste sentido, as figuras da mídia inevitavelmente colocam mais lenha na fogueira só por estarem na mídia. Uma pessoa obcecada por uma estrela de cinema, por exemplo, pode vê-la nas revistas, nos noticiários sobre diversões e programas de entrevistas. Ironicamente, mesmo querendo, a pessoa obcecada pode achar difícil se afastar do seu objeto de perseguição.

Mas em breve Hicklin não estaria mais no ar. Ele e a esposa iam sair de férias num cruzeiro. Assim como tinha planejado, e como tinha anunciado pelo rádio, Jim Hicklin e a esposa embarcaram no navio Italia, no dia 2 de abril de 1973.

Antes de deixar o porto, os Hicklin receberam alguns amigos para a despedida. Mas nem todos a bordo eram amigos. Diante da mulher, Jim Hicklin foi morto por um tiro disparado por um homem que ele nunca tinha visto e com quem nunca falou. Edward Taylor se "defendeu" da forma como obviamente estivera pensando há algum tempo.

Acreditar que os outros vão reagir como nós reagiríamos é o mito mais perigoso da intervenção. Quando as pessoas quiseram fazer Edward Taylor parar de escrever, estavam certas de que bastava um alerta sério, depois tinham certeza de que a prisão resolveria isso. Mas até quando foi preso, julgado, condenado e encarcerado pelo resto da vida, Edward Taylor não parou de enviar as cartas. Ele continuou escrevendo para o promotor público e outras pessoas até morrer.

Está se tornando muito comum encontrar gente que não desiste, cada um desses casos nos ensina a mesma lição: não entre em guerra. Guerras raramente

terminam bem porque, por definição, alguém terá que perder.

Em *Predicting Violent Behavior*, John Monahan explica que a violência é *interacional*: "A reação de uma potencial vítima da violência pode colocar em evidência uma alteração verbal por parte de um assassino." Como você já aprendeu agora, com os casos de perseguidores de figuras públicas e outras pessoas que se recusam a desistir, no momento em que você entra no jogo de alguém, já se envolveu e, se ficar zangado, só isso já é uma vitória para ele.

Lembra de Tommy? No decorrer de uma investigação de acompanhamento, meu escritório soube que ele arranhou um emprego num banco, ficou em lua-de-mel três meses com eles por lá, e foi despedido por insubordinação. Ele iniciou uma campanha de assédio contra o diretor de recursos humanos do banco, e ainda continua enquanto escrevo este livro. O banco ameaçou-o com um processo, e ele os ameaçou com tudo o que você puder imaginar. Os antigos patrões de Tommy, como outros preocupados com a violência de funcionários zangados, enfrentam situações altamente previsíveis (superadas apenas pela violência entre pessoas íntimas). Esta facilidade de previsão deixa alguns empregadores pouco à vontade, porque com a capacidade vem a responsabilidade. Quando terminar de ler o próximo capítulo, você terá ambas.

9 - Riscos ocupacionais

"Como são mais tristes as conseqüências da nossa ira do que os atos que a originam."

- *Marco Aurélio*

Querida Laura.

Está na hora de tirar as luvas de pelica. É minha opção tornar a sua vida miserável, se é isso que você realmente está querendo. Eu lhe disse que se fosse despedido ou perdesse o meu cartão de acesso poderia forçá-la a ir comigo. Você me perguntou o que eu poderia fazer. Matá-la? A resposta foi + ainda é: não. Se eu a matasse, você não poderia se arrepender do que fez. Eu tenho o endereço dos seus pais, portanto, se fugir, estou pronto para ir atrás. Estou vendendo as minhas casas, encerrei o meu fundo de pensão, vendi minhas ações. Posso andar rápido. Digamos que você não volte atrás + e em breve eu não resista à pressão + e saia por aí furioso, destruindo tudo na minha frente até a polícia me pegar + me matar.

Cuide-se.

Rick

Ao ler esta carta, a sua intuição quer saber mais. Quem é Rick? Quem é Laura? Qual o relacionamento entre os dois? Ele foi despedido? Sua intuição lhe diz para ser curioso pois quanto mais informada melhor será a previsão. Você quer saber o contexto, mas sabendo apenas o que está na carta você pode usar os elementos JACA para ver coisas que os leitores originais não viram. Ela fala da justificativa de Rick para a violência (perder o emprego), sua redução das alternativas (tirar as luvas de pelica), as conseqüências favoráveis à violência (fazer Laura lamentar o que fez), e a sua grande capacidade (tem o endereço dos pais dela, vendeu suas posses e está pronto para partir).

O homem que escreve a carta chama-se Richard Farley, e a mulher para quem ele escreve é Laura Black. Eles se conheceram quando trabalhavam numa empresa de alta tecnologia no Vale do Silício chamada ESL, uma subsidiária de TRW. Farley a convidou para sair com ele mas, como Laura recusou, ele não aceitou ser rejeitado. A empresa tentou intervir várias vezes para que ele parasse de incomodá-la, mas a cada intervenção crescia o assédio. No final já estavam incluídas ameaças de morte. Ele também enviou junto um envelope com uma carta comunicando a Laura friamente a sua vulnerabilidade: era a chave da casa dela.

Quando os supervisores da ESL disseram a Farley que seria despedido se continuasse com essa história, a sua reação sinistra fez com que um deles lhe perguntasse, incrédulo: "Está dizendo que se for despedido vai me matar?"

"E não apenas você", respondeu Farley.

Nesta época, Laura, ainda relutante, solicitou uma medida cautelar contra Farley. Sua intuição sobre ele acertou em cheio quando ela falou no tribunal: "Tenho medo do que este homem pode me fazer se eu o processar."

Farley foi despedido da ESL, e impedido de entrar nas suas dependências, mas voltou um dia para se vingar. Passou pelas portas de acesso literalmente através delas - depois de explodir os vidros com uma das armas que trouxe. Ele também carregava um rifle e vários revólveres e pistolas ao caminhar pelo prédio atirando furiosamente nos seus ex-colegas.

Quando finalmente encontrou Laura Black, atirou nela uma vez com o rifle e deixou-a sangrando no chão. Ele acertou dez pessoas naquele dia, sete morreram. Laura, apesar de estar sangrando muito e quase inconsciente, conseguiu sair rastejando do prédio.

Mais tarde ela me contou: "A medida cautelar foi o catalisador que o deixou ainda mais nervoso. Hesitei muito tempo antes de fazer isso, mas a empresa me forçou. Finalmente, disseram que a minha relutância poderia estar afetando o meu trabalho. Foi quando eu resolvi dizer: 'Tudo bem, vale a pena arriscar.' O tiroteio aconteceu na véspera do dia em que tínhamos que comparecer diante do juiz com Farley para tornar permanente a medida cautelar temporária."

Mas Laura passou aquele dia e muitos outros no hospital. Farley passou aquele dia e muitos outros na prisão. Os jornalistas passaram aquele dia, e muitos outros, noticiando que Farley tinha "surtado" e saído atirando em todo mundo. Mas isso nunca, jamais, acontece.

O método JACA lhe mostrou que as pessoas não "surtam" simplesmente. Existe um processo tão possível de se observar, e muitas vezes tão previsível, quanto a água que entra em ebulição. Embora chamemos isso de violência no ambiente de trabalho, trata-se na verdade de todos os tipos de violência, cometidos por todos os tipos de perpetradores. E a morte por vingança. É quando um funcionário que se sente humilhado ou frustrado mostra que com ele não se brinca. E a violência doméstica, quando o marido vai atrás da mulher no trabalho. É a perseguição do indivíduo com quem a vítima saiu algumas vezes, e que depois se recusa a largar do seu pé perseguindo-a até no seu trabalho. É a morte pela raiva, quando um funcionário motivado a cometer uma grande maldade decide fazer isso no trabalho. Ū medo da violência no trabalho é compreensível porque é lá que muitos de nós somos forçados a interagir com gente que não escolheríamos para fazer parte de nossas vidas.

Felizmente, a violência no ambiente de trabalho oferece muitas oportunidades de previsão, e existe em geral muita gente capaz de observar os sinais de alerta. Mas, como se vê, avisos óbvios são freqüentemente ignorados. Os casos também mostram que não precisa ser assim.

Talvez o nome de Pat Sherill não lhe diga nada, mas ele é um dos motivos de você lembrar do U.S. Postal Service quando pensa em tiroteios no ambiente de trabalho. O carteiro de 42 anos, em Oklahoma, era conhecido pelos colegas como Crazy Pat - Pat, o Maluco. Em 1986, assim que seus supervisores ameaçaram demiti-lo, ele levou para o trabalho algo mais do que a sua costureira raiva dos seus chefes: levou também três pistolas. Sherill atirou em vinte colegas. 14 morreram, e depois se matou.

Contrário à idéia do público em geral, que Sherill ajudou a cimentar, as estatísticas de violências cometidas por funcionários no serviço postal são na verdade mais animadoras do que na maioria das empresas americanas. Mas com centenas de milhares de funcionários trabalhando em horário integral e quase um milhão de pessoas associadas ao serviço de alguma forma, a probabilidade é de que lá eles tenham mais de tudo - mais fracassos, mais problemas de saúde, mais criatividade, mais preguiça, mais bondade, mais violência. Ocorrem tiroteios em lanchonetes com mais frequência do que nos postos de correio, mas não são noticiados como fazendo parte de uma tendência. (Não estou querendo dizer que o estilo e as estratégias administrativas dos correios sejam satisfatórios, mas quero sim desmascarar o mito de que elas são as piores de todo o país.)

Embora o ataque de Sherill fosse uma carnificina, naquele mesmo ano outro funcionário zangado o faria parecer um acidente insignificante. Um funcionário da USAir, chamado David Burke, foi a manchete dos jornais desta vez. Depois do incidente, os repórteres ficaram sabendo muitas coisas sobre Burke que teriam sido úteis à USAir na hora em que o contrataram: seu histórico incluía tráfico de drogas, roubos em lojas, roubos de automóveis, assim como violência contra a namorada. Ele tinha cortado a fiação do carro dela, batido nela e a ameaçado com uma arma. As coisas chegaram a tal ponto que ela teve que solicitar uma medida cautelar contra ele.

O comportamento perturbador de Burke se refletia também no trabalho, onde ele deixou uma ameaça de morte na secretária eletrônica do seu supervisor, Ray Thompson, a quem acusava de muitos problemas seus. Burke insistia em que estava sendo discriminado por motivos raciais, e que ficou indignado quando a USAir o despediu por roubar sessenta e nove dólares. Outro funcionário da USAir (sem muito discernimento) emprestou a Burke uma magnum 44. Não a receberia mais de volta.

Quando a USAir despediu Burke, não lhe pediu de volta o crachá de identificação no aeroporto, e ele o estava usando no seu último dia de vida. Por causa daquele crachá, a mulher que operava o detector de metais fez sinal para que Burke passasse por fora e lhe disse: "Bom dia." Ele respondeu: "Terei um ótimo dia", dirigiu-se para a sala de Thompson e exigiu o seu emprego de volta.

Thompson disse que não, e não quis mais conversa porque estaria voando em pouco tempo para San Francisco. Logo depois, Burke entrou na fila e comprou um bilhete para o mesmo voo. Ao contrário dos outros passageiros tomando seus lugares no voo 1771 naquela tarde, Burke não se importava para onde ia o avião, porque já sabia onde ele iria parar.

Após a decolagem, ele escreveu um bilhete no saco higiênico: "Oi, Ray. Acho uma ironia a gente terminar assim. Pedi clemência para a minha família, lembra-se? E não tive. E você não vai ter."

A sete mil metros de altitude, a tripulação ouviu dois tiros (Burke tinha acabado de matar Ray Thompson). Imediatamente falaram pelo rádio com os controladores do tráfego aéreo: "Tiros a bordo!" Segundos depois, a caixa preta do avião registrou mais três tiros, em seguida alguma comoção e, aí, o tiro final.

A torre tentou entrar novamente em contato com os pilotos, mas o jato não estava mais sob o seu controle. Estava agora sob o firme controle da gravidade na sua descida a 1.100 quilômetros por hora. Quarenta e quatro pessoas morreram instantaneamente, fazendo do crime de Burke a pior tragédia de violência no trabalho na história americana. A pior, mas não a última.

Costumamos achar que estes tiroteios são cometidos por funcionários de grandes empresas ou de agências do governo, no entanto cada vez mais eles são obra de perseguidores, patronos e até estudantes universitários. Vários de nossos clientes são agora importantes universidades. No passado, elas não teriam estas preocupações, mas a violência se infiltrou em todas as nossas instituições culturais, e quem não espera por isso também não está preparado para isso.

Com frequência, os sinais estão todos lá, mas a negação também. Por exemplo, depois de alguma terrível violência cometida num campus, os funcionários da escola descreverão o criminoso como tendo sido um estudante de "boa situação". Essas descrições pretendem dizer: "Quem diria?", mas continuando-se o inquérito sempre se encontra a resposta.

O caso do estudante universitário Wayne Lo é um bom exemplo. Na manhã do dia em que ficaria famoso, Wayne recebeu um pacote na faculdade. Uma recepcionista desconfiou do conteúdo (desconfiança é sinal de intuição) por causa das duas palavras no remetente: "Armas Clássicas." Ela corretamente comunicou o fato aos diretores residentes, que levaram o pacote para uma reunião regular com o reitor, Bernard Rodgers. Os membros da diretoria quiseram abrir o pacote, que acreditavam conter uma arma, mas o reitor Rodgers disse não achar adequado à faculdade interferir na entrega da correspondência de um aluno. Ele concordou que um dos membros procurasse Wayne para discutir o assunto.

Wayne teve permissão para recolher o embrulho e levá-lo para o quarto. Logo depois, Trinka Robinson, a diretora residente do seu dormitório, entrou e perguntou a Wayne o que tinha naquele pequeno embrulho pesado. Ele se

recusou a abrir. Eli perguntou de novo, e ele mais uma vez se recusou a responder, então ela saiu. Mais tarde quando voltou com o marido, Floyd, a caixa estava aberta. Wayne disse que não tinha nenhuma arma ali mas sim três pentes de pistola vazios e algumas outras peças de revólver. Havia também uma caixa de munição vazia. Ele disse que tinha encomendado algumas dessas coisas para dar de presente e que as outras ele mesmo usaria.

Aparentemente preferindo esquecer que Wayne se recusara a abrir o embrulho na presença de Trinka, Floyd Robinson ficou satisfeito. Mais tarde ele descreveu Wayne como "muito franco comigo e nem um pouco na defensiva". Esta observação pretendia comunicar o já batido "Quem diria?", mesmo que naquele momento muita gente já pudesse dizer.

Lá pelas nove horas da noite, uma voz masculina num telefonema anônimo disse a Trinka que Wayne tinha uma arma e ia matá-la, matar a sua família e outras pessoas também.

Trinka levou a ameaça a sério a ponto de ligar para vários funcionários da escola. Também levou imediatamente os filhos para a casa de um dos superintendentes. O marido se juntou a eles por volta das nove e meia. Resolveram ir procurar Wayne no quarto dele. Se encontrassem uma arma, ou se ele resistisse, chamariam a polícia. Mas visto que o reitor Rodgers não lhes permitira abrir o embrulho, qual seria a sua reação se revistassem o quarto de Wayne? Melhor chamar o reitor, decidiram, e foi isso que estavam fazendo quando ouviram os primeiros tiros.

Quando o barulho parou, seis pessoas tinham sido baleadas. Duas já estavam mortas. Menos de 12 horas tinham se passado desde o momento em que Wayne pegou o embrulho que levou os funcionários da escola a fazerem tudo menos o que era óbvio: chamar a polícia. Nem mesmo o telefonema de alerta explícito sobre as intenções de Wayne os convencera a chamar a polícia.

Passaram-se mais dez dias até o reitor dar uma explicação para o público, e as pessoas estavam ansiosas para ouvir o que ele sabia sobre o incidente. Em vez disso, ele lhes contou o que não sabia: "Não sei nada sobre armas. Não sei nada sobre armas." Tenho certeza de que o reitor Rodgers sabia que as armas são perigosas, e tenho certeza de que ele sabia que existem pessoas que ele poderia chamar para resolver esse assunto.

Visto que os funcionários da faculdade sabiam tão pouco sobre os sentimentos e percepções de Wayne, teria sido difícil aplicar os elementos JACA, mas este é o exemplo perfeito de um caso em que só o contexto já era o principal elemento para uma previsão: um estudante recebe um embrulho de um fabricante de armas; recusa-se a abri-lo ou discutir o seu conteúdo; abre-o depois quando está sozinho; em poucas horas, um telefonema anônimo avisa que o estudante tem uma arma e planeja matar pessoas. Essas coisas não aconteceram independentemente umas das outras; elas aconteceram todas numa mesma

situação, e uma delas acrescentava um fator importante: as pessoas sentiram intuitivamente que havia risco.

Diante do tribunal, acusado de assassinato, Wayne vestia uma camiseta com as palavras Estou Cheio Disso Tudo no peito. Isto expressa o que sinto sobre os muitos e muitos casos em que se permitiu que a negação se transformasse em negligência, e nos quais as pessoas que estavam em condições de dizer foram as mesmas que depois perguntaram: "Quem diria?"

Tendo contado várias histórias em que os sinais de alerta foram ignorados e tragédias ocorreram, quero também reconhecer que as pessoas envolvidas - as que visitaram Edward Taylor para fazer com que ele deixasse Hicklin em paz, as da faculdade de Wayne Lo, as da empresa de Laura Black, da USAir, até do tão criticado U.S. Postal Service - estavam fazendo o possível com as ferramentas de que dispunham na época. Se elas soubessem o que você sabe agora, acredito que tivessem preferido agir de outra forma, portanto não estou falando de culpa, mas de educação.

Park Dietz, o mais importante psiquiatra legista do país e um especialista em violência, notou que as anamneses estão "coalhadas de relatórios, cartas, memorandos e lembranças que mostram que as pessoas se sentiram pouco à vontade, ameaçadas, intimidadas, violentadas e inseguras por causa daquela mesma pessoa que mais tarde cometeu atos atrozes de violência". Um dos casos estudados por Dietz é uma história de negação na sua forma mais inegável: um homem matou um dos seus colegas de trabalho, cumpriu a sua pena na prisão, foi solto e readmitido na mesma empresa cujo funcionário ele havia assassinado. Na empresa pela segunda vez, ele se indispunha com as pessoas porque estava sempre de cara fechada e zangado. Fazia ameaças das quais os supervisores tinham conhecimento e perseguia uma colega. Depois de se demitir (na iminência de ser demitido), ele continuou perseguindo a mulher e acabou por matá-la.

Quem diria?

Atos destrutivos contra colegas de trabalho e organizações não são incidentes raros ou isolados. Na era das aquisições, das fusões e da redução de funcionários, com pessoal freqüentemente dispensado ou demitido, o estado emocional do funcionário é uma força que deve ser levada em conta. A perda do emprego pode ser tão traumática quanto a perda de uma pessoa amada, mas poucos funcionários demitidos recebem muito apoio ou simpatia.

Embora a freqüência dos incidentes violentos tenha aumentado, os fatores de influência em geral continuam os mesmos. Muitos empregadores americanos contratam as pessoas erradas e não se preocupam em saber nada sobre elas. Em seguida, os métodos usados para supervisionar os funcionários tendem a revelar

as suas piores características. Finalmente, a maneira como são despedidos influencia os acontecimentos tanto quanto a própria demissão. Raras são as pessoas que conscientemente acendem o estopim de uma bomba, mas o que muitos empregadores fazem sem perceber é exatamente isso. Muitos me procuram depois, mas só uns poucos aparecem querendo aprender sobre o assunto antes que ele se torne crítico.

Eu falo a esses clientes do tipo mais comum de funcionário problema, o que chamo de Roteirista. Ele tem várias características detectáveis logo de início quando é contratado. Uma delas é a sua inflexibilidade; ele não aceita sugestões porque as toma como afronta ou crítica sobre a sua maneira de fazer as coisas. Outra característica é a de atribuir aos outros os piores motivos e indoles possíveis. Discutindo a discrepância do seu contracheque, por exemplo, ele diz ou pensa: "É melhor não tentar me tirar dinheiro." É como alguém que espera não ser respeitado ou acha que os outros estão querendo prejudicá-lo.

O Roteirista é o tipo de pessoa que faz uma pergunta, responde ele mesmo, e depois se afasta zangado com o que você disse. Neste aspecto, ele escreve o roteiro das suas interações com os colegas e a gerência. No seu roteiro, ele é um bom e sensato trabalhador que deve estar sempre em guarda contra as ciladas dos colegas e supervisores. O que acontece de errado nunca é por falha sua, e até o que é acidental, sem intenção, é obra de outras pessoas que tentarão incriminá-lo. As pessoas querem pegá-lo e ponto final. E a empresa não faz nada a respeito e não aprecia a sua contribuição.

Quando você procura lidar ou raciocinar com uma pessoa assim, você vê que ela não está reagindo ao que você diz mas ao que ela espera que você diga; ela está reagindo ao seu roteiro. Sua personalidade é autodestrutiva. A velha "piada do macaco" mostra como funciona esta dinâmica.

Um homem dirigindo por uma auto-estrada, distante de tudo, percebe que um dos pneus está furado. Quando vai substituí-lo, vê que está sem o macaco para erguer o carro. Ao longe ele vê as luzes das casinhas de uma fazenda e começa a longa caminhada para pedir emprestada a ferramenta. Está escurecendo, e enquanto caminha ele começa a se preocupar achando que as pessoas não vão querer ajudá-lo.

"Provavelmente não vão nem querer abrir a porta, ou pior ainda, vão fingir que não estão em casa", pensa ele. "Vou ter que andar mais outros dois quilômetros até a casa mais próxima, e eles dirão que não querem abrir a porta e que também não têm nenhum macaco. Quando finalmente conseguir falar com alguém, vou ter que convencê-los de que não sou um criminoso, e se concordarem em me ajudar, do que eu duvido, vão querer ficar com a minha carteira como garantia de que eu não vou fugir com a droga do macaco deles. O que há de errado com estas pessoas? São tão desconfiadas que não podem nem ajudar um compatriota? Preferem me deixar morrer de frio aqui fora?"

A esta altura ele já tinha alcançado a primeira casa. Já tendo se induzido a um estado virtual de ira, ele soca ruidosamente a porta, pensando consigo mesmo: "É melhor não fingir que não tem ninguém em casa, pois estou ouvindo a televisão ligada."

Passam-se alguns segundos e uma mulher gentil escancara a porta e pergunta sorrindo: "Posso ajudá-lo?"

Ele responde gritando: "Não quero a sua ajuda e não quero o seu macaco nem embrulhado para presente!"

O Roteirista não acredita quando as pessoas querem ajudar, e isto o indis põe com os colegas. O seu roteiro na verdade começa a se tornar real, e as pessoas o tratam como ele espera ser tratado. Quando um determinado empregador se depara com ele, provavelmente ele já passou por este problema em outros empregos e em outros relacionamentos.

O Roteirista emite sinais de alerta: "É melhor não tentar me culpar pelo que aconteceu", ou "É melhor me dar essa promoção". Mesmo quando consegue o que quer, ele acredita que foi só porque forçou a empresa a lhe dar. Ele continua pensando que a gerência estava tentando evitar sua promoção, mas não conseguiu.

Quando analiso o arquivo pessoal de um funcionário, é interessante como muitos incidentes graves de desempenho ou insubordinação se encontram documentados. Muitos são o tipo de coisa que as empresas poderiam considerar como motivo para demissão. Ele fez ameaças, amedrontou, intimidou. Às vezes o funcionário até fez sabotagem ou já se mostrou violento no local de trabalho, mas não foi despedido porque todo o mundo tem medo de fazer isso. Os gerentes em geral o transferiram de departamento para departamento, ou o colocaram num turno mais tarde, fizeram qualquer coisa para passar o problema adiante. Ninguém quis se sentar, olhar bem nos olhos dele e despedi-lo, porque sabiam que ele reagiria mal.

Visto que esta dinâmica é autofágica e fica cada vez pior, e visto que quanto mais tempo ele ficar ali mais se sentirá com direito de estar ali, a chave é se livrar logo do Roteirista. (Não estou entrando no atoleiro dos motivos legalmente aceitáveis para uma demissão, mas sim falando daqueles casos em que existe um motivo para se despedir alguém e essa decisão já foi tomada.) Assim que houver motivo para se despedir alguém, isso deve ser feito. Certifique-se, entretanto, de que o motivo seja suficiente e que a sua determinação seja inabalável, porque se tentar despedir e falhar, terá montado o cenário para a síndrome do AIMC, que é a introdução de ameaças, intimidações, manipulações e crescendos.

Manipulações são coisas ditas para influenciar um resultado sem recorrer a ameaças. Crescendos são ações com intenção de causar medo, preocupação ou

ansiedade, tais como aparecer sem ter sido convidado, enviar alguma coisa alarmante, danificar alguma coisa ou agir de forma sinistra.

Ao tratar com um funcionário difícil ou com tendências violentas, é importante compreender que a AIMC está do lado dele, a não ser que você entre logo em ação. A administração pode intuir corretamente que ele não vai aceitar tranquilamente a demissão, porém quanto mais rápido for esse processo, mais fácil será. Se você acredita que vai ser difícil demiti-lo agora, pode estar certo de que será ainda mais difícil depois.

O Roteirista quase sempre é alguém que já usou as manipulações ou intimidações com sucesso no passado. Na verdade, ele já aprendeu com seu empregador que estas estratégias funcionam e por isso espera que funcionem de novo. Quando a administração finalmente tem coragem de demiti-lo, ela se vê diante de um indivíduo chocado que acha que estão sendo injustos com ele. Ele pode estar certo em parte quanto à injustiça, porque comparando-se com tudo o que eleja fez sem por isso ser demitido, a razão citada pode parecer mesquinha. Ele está zangado, faz ameaças e é impossível apaziguá-lo.

Quando as manipulações que funcionaram para ele no passado parecem não dar mais resultado, ele inicia um crescendo. Neste momento, a administração deve considerar todos os danos que esta pessoa poderá causar à empresa ou aos seus funcionários. Eles sempre recuaram quando viram este seu aspecto antes. Agora estão firmes em sua posição, e ele aposta mais alto dizendo ou fazendo coisas que evidenciam o óbvio: deveriam ter despedido o sujeito há muito tempo.

Antes de apresentar alguns PINs que exigem uma análise mais aguçada do ambiente de trabalho, quero explicar que costumo evitar checklists porque eles levam as pessoas a acreditar que existem atalhos para previsões de alto risco. Esperei até agora, que você já está familiarizado com os recursos e as filosofias de previsão, para apresentar uma lista de comportamentos. Em mãos menos preparadas, ela seria mal usada. Nas suas, ela deixará a sua intuição mais informada.

1. Inflexibilidade: O funcionário resiste às mudanças, é rígido e não aceita discutir idéias contrárias às suas.

2. Armas: Ele conseguiu uma arma nos últimos três meses, tem uma coleção de armas, faz piadas ou comentários frequentes sobre armas, ou fala de armas como sendo instrumentos de poder ou vingança.

3. Tristeza: Ele é uma pessoa mal-humorada, zangada ou deprimida. A raiva crônica é um fator importante de previsão não só de violência. Quem sente muita raiva corre mais risco de sofrer um ataque cardíaco (de fato, a raiva

supera até outros fatores como o fumo, a alta pressão arterial e o colesterol alto). Essas pessoas colocam outras em risco e estão elas mesmas em risco. Conseqüentemente, a raiva crônica não deve jamais ser ignorada. Sinais de depressão incluem alterações de peso, irritabilidade, idéias e referências suicidas, desespero, tristeza e perda de interesse em atividades anteriormente agradáveis.

4. Desespero: Ele falou coisas como: "De que adianta?"; "Não muda nada mesmo"; "Não tenho futuro". Ele falou de suicídio ou ameaçou fazê-lo, faz ou descreve planos coerentes com o suicídio (coloca seus negócios em ordem, vende seus bens etc). O pessimismo é um fator importante de previsão de problemas (assim como o otimismo é um fator importante de sucesso).

5. Identificação: Ele se identifica com outros indivíduos que cometeram violência no ambiente de trabalho, ou até os elogia. Ele se refere a eles, brinca com eles, ou está fascinado com novas histórias sobre grandes atos de violência. Sente-se atraído por filmes violentos, revistas como Soldier of Fortune, livros violentos ou noticiários horripilantes.

6. Medo dos colegas: Os colegas sentem medo ou estão apreensivos com ele (podendo ou não explicar o porquê disso). Este PIN busca captar a intuição dos colegas de trabalho.

7. AIMC: Ele usou ameaças, intimidações, manipulações ou crescendos no trato com a administração ou com os colegas.

8. Paranóia: Ele sente que os outros estão "a fim de pegá-lo", que os acontecimentos desconexos estão relacionados, que os outros conspiram contra ele.

9. Crítica: Ele reage adversamente às críticas, mostra desconfiar de quem o critica, e se recusa a considerar os méritos de qualquer observação crítica sobre o seu desempenho ou comportamento.

10. Culpa: Ele acusa os outros pelas conseqüências das suas próprias ações, não aceita ser responsável.

11. Cruzadas: Ele empreendeu ou se associou a cruzadas ou missões no trabalho. (Isto é particularmente significativo se ele travou o que ele mesmo caracterizaria como a "guerra de um homem só".)

12. Expectativas excessivas: Ele espera ser exaltado, ser lembrado durante muito tempo, que lhe peçam desculpa, que o chamem de "vencedor" em alguma disputa, ou o considerem "certo".

13. Ressentimento: Ele guarda mágoas ou tem histórico de pessoa que guarda muitos ressentimentos.

14. Confrontos com a polícia: Ele teve confrontos recentes com a polícia (inclusive prisões) ou no seu histórico estão incluídos comportamentos ofensivos ou agressivos.

15. Mídia: Tem havido recentemente notícias sobre violências cometidas no

ambiente de trabalho ou outros grandes atos de violência. Os jornalistas que fazem as reportagens sobre estes temas com frequência estimulam a identificação de outras pessoas com quem os comete e chamam mais atenção para seus atos. Como os ataques às figuras públicas, os principais acidentes de violência no ambiente de trabalho tendem a surgir em aglomerados, com quem os comete referindo-se a quem os precedeu nos noticiários.

16. Focos: Ele monitorou o comportamento, as atividades, o desempenho ou as idas e vindas de outros funcionários, embora esta não seja sua tarefa; ele mantém um arquivo ou dossiê sobre outro funcionário ou recentemente perseguiu alguém dentro ou fora do ambiente de trabalho. (Visto que quase metade de todos os perseguidores aparecem no trabalho de suas vítimas, as empresas fariam bem em aprender sobre esta dinâmica.)

17. Contato: Se ele foi despedido, se instigou funcionários atuais ou manteve contato com eles; se ele não desiste ou parece se concentrar mais no emprego que perdeu do que em encontrar outro.

Embora um PIN isolado não signifique em si uma previsão, e nem todos os casos graves contenham a lista inteira, existem alguns sinais a que devemos estar alerta. A maioria de nós conhece ou já conheceu alguém com algumas destas características, mas se você trabalha com uma pessoa com muitas delas, é preciso prestar mais atenção.

Quando gerentes, supervisores e colegas conhecem estes sinais de alerta, têm muito mais probabilidade de detectar uma situação grave antes que ela se torne crítica. Park Dietz usou a sua brilhante idéia num estudo de vários anos sobre acidentes violentos no local de trabalho. Depois disso, ele e eu produzimos e redigimos uma série para treinamento em vídeo usada por muitas empresas e agências do governo (ver Apêndice 4). O comentário que ouvimos de volta com mais frequência das organizações que usam o programa foi que localizar logo de início estes funcionários foi muito mais fácil do que se esperava. Também disseram que a solução mais comum para estas situações era o aconselhamento dos funcionários-problema, e não a demissão. O aconselhamento era possível porque eles reconheciam logo que um funcionário estava precisando de ajuda. Depois de estudar cada um dos grandes incidentes de tiroteios no ambiente de trabalho, o dr. Dietz concluiu:

Para uma empresa ser capaz de reagir ao que os funcionários sentiram como previsão de alguma coisa, ela precisa saber disso. Leva tempo para os funcionários terem coragem de contar aos supervisores que alguém os está deixando intranquilos ou apreensivos. E preciso um planejamento. Mas quando eles ligam dizendo que alguém está disparando uma arma no Prédio 16, já é tarde para fazer este planejamento.

O seu estudo também confirmou as minhas crenças sobre a relação entre as reportagens divulgadas pela mídia e a violência no local de trabalho:

É um padrão que vem aumentando de frequência e está tão ligado à mídia que é possível prever, depois que uma história é publicada no país inteiro, que outras mais ocorrerão nas semanas seguintes. Isso porque os indivíduos que cometem atos como esses estão buscando soluções para seus dilemas. Quando sabem que alguém fez o que gostariam de fazer, alguém que se parece com eles, identificam-se com essa pessoa e, em parte, é isso que os faz sair da inércia para a ação.

Muitas situações que evoluíram para a violência vinham fermentando há algum tempo, e os executivos sêniores não tinham idéia do que estava acontecendo. Por quê? Porque alguém talvez dissesse: "Ei, você não consegue lidar com o seu próprio pessoal? Não sabe o que fazer nestes casos?"

Há uns dois anos participei de uma reunião com um cliente que é o CEO de uma grande empresa americana. Durante a discussão sobre os restaurantes da empresa, eu disse: "Você deve ter tido vários casos de funcionárias que foram perseguidas". Ele respondeu: "Ouvi falar de um desses casos, mas não foi realmente um problema para nós." Duas horas depois, eu perguntei a mesma coisa ao diretor de recursos humanos e ele me respondeu: "Ah, claro, tivemos uns seis ou sete casos assim no ano passado; às vezes se tornam um problema." Em seguida ele ligou para o executivo encarregado da divisão de restaurantes, que disse: "Devemos ter uns dois casos assim por mês. Lembro de uns vinte nos últimos anos. É um problema muito sério."

Se aos gerentes nunca se dá oportunidade de comentar ou influenciar uma situação relevante para a segurança, as decisões críticas ficam nas mãos de quem só as toma porque acha que o chefe quer assim ou porque teme que alguém saiba que ele não é capaz de decidir nada. As empresas podem incentivar a comunicação informando que desejam saber o que está acontecendo e que aceitam bem uma notícia até quando ela é ruim. Em algumas empresas, se um gerente prevê que o comportamento alarmante ou perturbador de um funcionário pode piorar, e ele leva isto aos seus superiores, corre o risco de acharem que ele está exagerando ou não é capaz de enfrentar o problema sozinho.

E, o que é mais injusto, será visto como alguém que errou enquanto nada acontece. Proponho que as grandes organizações redefinam a palavra erro neste contexto incluindo apenas três critérios. O gerente, ou a gerente, só erra se:

- 1) Não considerar a segurança em primeiro lugar.
- 2) Não fazer as perguntas certas.

3) Não comunicar suas preocupações a tempo e com clareza.

Tenho sorte de trabalhar com algumas empresas previdentes que dizem aos seus gerentes: "Não esperamos que vocês resolvam esses problemas de ciências comportamentais. Não esperamos que vocês saibam gerenciar gente explosiva ou assustadora. Já é um sucesso se conseguirem gerenciar 95 por cento do pessoal com quem estão lidando. Os 5 por cento que se desviam do comportamento normal - os que intimidam, ameaçam ou amedrontam - devem nos ser comunicados."

Demissões difíceis e situações envolvendo funcionários ameaçadores são semelhantes a outras situações sociais explosivas. Estas incluem divórcio, brigas com vizinhos, disputas com instituições financeiras, ações judiciais cáusticas e dissolução de sociedades. O que todas têm em comum é que os interesses de uma das partes batem de frente com os interesses da outra. Em consequência, são raras as resoluções plenamente satisfatórias para todas as partes.

Para complicar a questão, o funcionário difícil quase sempre tem os mesmos problemas fora do trabalho. As boas coisas na sua vida são como peças de dominó caindo umas sobre as outras: a confiança derruba o desempenho, que derruba a identidade, que faz cair a auto-estima. A perda do emprego pode levar ao chão os dominós restantes, mas a peça que os empregadores devem ter o cuidado de não derrubar é a da dignidade porque, se essa cair, a violência é muito provável. Considere JACA:

Justificativa: O funcionário pode se sentir justificado por usar a violência se o patrão lhe tiver tirado tudo.

Alternativas: Ele pode começara perceber cada vez menos alternativas à violência, particularmente seja esgotou tudo o que podia fazer para chamar atenção.

Conseqüências: Sua avaliação das conseqüências da violência muda conforme ele vai caindo. Se ele ficar com muita raiva, particularmente se se sentir humilhado, as conseqüências da violência podem se tornar favoráveis.

Capacidade: Com freqüência, funcionários antigos e atuais superestimam suas capacidades para atos violentos. Isto é perigoso porque com mais probabilidade tentarão ataques grandiosos que pretendem "matar todo o mundo" ou "explodir tudo". Embora raramente alcancem um sucesso equiparável ao que imaginam, ainda assim machucam muita gente.

O que os empregadores que obtiveram os piores resultados fizeram, ou deixaram de fazer?

Claro, tudo começa com a contratação. Quem contrata prevê que o candidato vai satisfazer às necessidades da empresa e será um funcionário bem ajustado, capaz e produtivo. Nós sabemos que a previsão é melhor se houver mais informações, portanto investigar os antecedentes dos candidatos é fundamental. Não estou querendo dizer que a verificação dos antecedentes vá eliminar com segurança os candidatos que mais tarde poderão se tornar violentos, porque violência é um processo que evolui com o tempo; não é um modo de ser ou um estado. Mas a sondagem eficaz dos antecedentes dá ao empregador a oportunidade de obter informações importantes sobre um candidato da maneira mais fácil.

Testemunhei num caso em que estava envolvida uma empresa de segurança chamada MacGuard, que tinha contratado um homem chamado Rodney Garmanian. A empresa lhe deu o uniforme que ele usou para atrair para seu carro uma jovem de 18 anos chamada Teak Dyer. Deu-lhe o carro que ele usou para sair com ela. Deu-lhe as chaves do prédio trancado para onde ele a levou, as algemas que ele usou para prendê-la, o cassetete com que ele a agrediu e a arma que usou para matá-la. A MacGuard falhou em não checar os antecedentes de Garmanian em empregos anteriores e até em não analisar o formulário que ele preencheu. Se tivessem perdido alguns minutos, teriam visto que ele deixou quase todos os espaços em branco, e o que respondeu não era favorável. Ele colocou só três meses como tempo prestado no serviço militar. Isto já seria um motivo óbvio para indagar: "Por que serviu apenas três meses, senhor Garmanian? O normal é servir mais tempo." Ele relatou o motivo de saída de dois dos seus empregos anteriores como "demitido", mas a MacGuard não lhe perguntou nada sobre isso.

Talvez o mais deprimente de tudo neste caso foi o que eu soube com um simples telefonema para dois dos seus ex-patrões. O primeiro me disse: "Oh, sim, eu me lembro de Rodney Garmanian. Certa vez ele tentou ter relações sexuais com uma menina, no segundo andar, quando o prédio já estava fechado." O segundo me falou: "Ah, sim, eu me lembro de Rodney Garmanian. Ele fez desenhos com motivos sexuais e colocou no banheiro feminino." O assassinato que Garmanian acabou cometendo se deu no banheiro feminino e no segundo andar de um prédio fechado. Com apenas 25 centavos eu consegui informações que, se os empregadores de Garmanian tivessem se preocupado em obter, teriam salvado a vida de Teak Dyer. *Conferir as referências e consultar antigos empregadores é um dever importantíssimo de qualquer empregador.*

Outro caso que testemunhei foi o de um funcionário que intencionalmente atropelou com seu caminhão em alta velocidade uma fila de grevistas que

faziam piquete; vários se machucaram e um sofreu danos cerebrais. Aqui, mais uma vez, houve falha nas investigações anteriores à contratação. Não foram contactadas as referências, as informações oferecidas no formulário preenchido não foram confirmadas. De fato, logo à primeira vista, as respostas demonstraram falta de clareza e de honestidade. Por exemplo, os números dos telefones dados como referência também constavam como sendo de parentes, e números que caíam em casas de família foram apresentados como sendo de empresas. Verificando coisas desse tipo, não é preciso muito esforço para saber que o candidato não é honesto. No mínimo, você ficará sabendo que existe alguma coisa a mais para ser investigada sobre ele.

Não respeitar a etapa óbvia de telefonar para as referências é uma falha epidêmica na América, e não tenho paciência com gerentes que se queixam de funcionários que não tiveram a preocupação de avaliar antes de contratar. Uma desculpa comum para esta falha é que as referências só dirão boas coisas visto que o candidato as preparou antes. Na verdade, são muitas as informações que podem ser obtidas das referências para confirmação de fatos declarados no formulário de inscrição. "Você o conheceu quando ele trabalhou para esta e aquela empresa? Quando ele trabalhou para esta e aquela empresa? Sabe mais ou menos quanto ele ganhava? Sabe que escola ele frequentou? Você disse que frequentaram juntos a mesma escola." Sugiro que as perguntas feitas às referências relacionadas tenham como orientação as informações constantes no formulário.

O que as referências podem lhe dar de mais importante são outras referências. Chamamos a estas de "fontes reveladas". São pessoas que conhecem o candidato, mas cujos nomes ele não deu como referência. Conseqüentemente, elas não estão preparadas para o seu questionário e é provável que suas informações sejam valiosas. Você consegue os nomes das fontes reveladas pedindo às referências que o candidato relacionou para lhe darem nomes de outras pessoas que o conheçam.

A entrevista com o candidato é outra oportunidade de obter informações úteis sobre seus antecedentes. Pode parecer óbvio, mas muitos empregadores não usam este ótimo recurso. A primeira coisa a ser investigada é a honestidade do candidato durante o processo que antecede à contratação. Quando a pessoa mente no formulário, é raro se lembrar exatamente do que disse, portanto sugiro ter em mãos o formulário de inscrição e fazer as perguntas nele constantes enquanto entrevista o candidato. A mentira mais comum é sobre a duração de empregos anteriores. Oito meses é relatado como um ano, 18 meses são dois anos, etc...

Durante as entrevistas prévias (que podem ser gravadas em vídeo), sugiro que seja feita uma série de perguntas. Embora não sendo uma lista totalmente abrangente, eis aqui alguns exemplos:

"Descreva o melhor patrão que você já teve", e "Descreva o pior patrão que você já teve".

Esta é uma indagação eficaz que pode revelar atitudes importantes sobre gerentes e gerência. Se o candidato fala só um pouco do seu melhor patrão, mas não pára de falar com entusiasmo sobre o pior patrão, isto é revelador. Ele usa expressões como "conflito de personalidades" para explicar porque as coisas não funcionaram com os padrões anteriores? Ele ridiculariza ex-empregadores? Ele assume alguma responsabilidade por isso?

"Conte-me sobre um fracasso na sua vida e diga-me por que isso ocorreu."

O candidato diz que não se lembra de nenhum? Caso consiga se lembrar de alguma coisa que considere como fracasso, ele assume a responsabilidade ou acusa os outros (por exemplo: "Não me formei no ginásio porque aqueles professores eram uns idiotas que não souberam me motivar")?

"O que o seu último empregador poderia ter feito para ter mais sucesso?"

O candidato faz uma longa relação de itens e parece achar que poderia ter dirigido as coisas melhor do que a gerência? Seus comentários são construtivos ou irados? A coisa continua.

"Você falou com seu último empregador sobre suas idéias para eles terem mais sucesso?"

Se ele disser: "Sim, mas eles não me ouviram", "Sim, mas eles disseram, 'Cuide da sua vida'", isto pode dizer mais sobre o estilo da abordagem que ele usa do que sobre os gerentes no seu último emprego. A maioria dos empregadores reage bem às sugestões oferecidas de forma construtiva, independentemente de as seguirem ou não. Outra resposta desfavorável é: "De que adianta dar sugestões? Não muda nada mesmo." Alguns candidatos acusarão ex-patrões de roubar suas idéias. Outros contarão verdadeiras guerras nos esforços que fizeram para conseguir que o patrão seguisse as suas sugestões. Assim sendo, pergunte se era a tarefa de um homem só ou o trabalho em conjunto com seus colegas. Às vezes um candidato diz que os seus colegas "não tiveram coragem de enfrentar a gerência como eu tive".

"O que o seu último empregador poderia ter feito para conservar você?"

Alguns candidatos darão uma resposta razoável (um salário melhor, um horário melhor etc), mas outros oferecerão uma lista de exigências que demonstram um excesso de expectativas (por exemplo: "Poderiam ter dobrado o meu salário, me promovido a vice-presidente e me dado as sextas-feiras de folga").

"Como faz para solucionar os problemas no trabalho?"

Boas respostas são as que dizem que ele consulta os outros, pesa todos os pontos em questão, discute-os com as partes envolvidas etc. Respostas desfavoráveis denotam um confronto (por exemplo: "Digo à fonte de problemas que é melhor agir direito", ou "Vou direto ao homem encarregado e passo adiante"). Outra resposta ruim é que ele não faz nada para resolver os problemas, dizendo: "Nada muda mesmo."

"Descreva um problema na sua vida em que a ajuda de alguém foi muito importante para você."

Ele é capaz de lembrar uma situação assim? Se for, ele reconhece ou expressa ter gostado da ajuda?

"Quem é o seu melhor amigo e como você descreveria a sua amizade?"

Acredite ou não, tem muita gente que não consegue lembrar do um único nome que seja para responder a esta pergunta. Se citarem alguém que não foi relacionado como referência, pergunte por quê. Depois pergunte se pode ligar para essa pessoa para pedir referências.

Algumas declarações feitas numa entrevista podem parecer favoráveis mas estar na verdade mascarando características negativas. "Sou sempre pontual", ou "Sou muito, muito organizado", são frases ditas às vezes por candidatos que mais tarde se revelam pessoas inflexíveis e territorialistas. O territorialismo (minha mesa, minha área, minha atribuição) não é necessariamente uma característica pessoal. A frase "Se digo que lhe darei oito horas, pode ter certeza de que é isso que você terá, nem um minuto a menos" pode ser dita por um candidato que também terá expectativas a seu respeito, tratando um entendimento como se fosse um compromisso e mudanças imprevistas como injustiças.

Todos nós somos capazes de racionalizar qualquer coisa, e quando um empregador está ansioso demais para preencher uma vaga, a intuição é ignorada. Como mencionei antes sobre a contratação de babás, o objetivo deve ser desqualificar os maus em vez de qualificar os bons candidatos. *Quem é bom se qualificará sozinho.*

Outra característica freqüente em casos que termina mal é a má supervisão do funcionário.

O conceito do que seja uma boa supervisão pode ser expresso com seis palavras: elogiar o desempenho - corrigir os erros. É tão importante pegar os funcionários fazendo alguma coisa certa - e dizer isso a eles - quanto é apanhá-los fazendo alguma coisa errada, mas, principalmente, o não cumprimento de um acordo não pode ser ignorado. No caso do funcionário problema, os supervisores quase sempre desistiram de corrigi-lo. Muitos problemas poderiam

ter sido evitados se este funcionário tivesse sido tratado adequadamente em cada uma das etapas, mas isso não aconteceu porque tratá-lo de outra forma foi mais fácil do que solucionar dificuldades.

Este tipo de funcionário é muito sensível e perceptivo quanto ao modo como "lidam" com ele, particularmente se estiverem preocupados com a possibilidade de que ele tenha uma atitude violenta. Se ele perceber que os empregadores o consideram perigoso, suas chances de agir dessa forma podem aumentar porque ele tem pouco a perder seja o consideram violento.

Além de contratar as pessoas erradas e supervisioná-las mal, os empregadores que tiveram os piores resultados também demoraram em despedir quem eles sabiam que tinha que ser mandado embora.

É mais fácil despedir um funcionário problema antes que ele faça um grande investimento emocional no emprego, antes que questões insignificantes se tornem causas, antes que desapontamentos virem descontentamentos. Quanto mais se prolongar este investimento emocional, mais forte ele fica, e maior a probabilidade de ser uma demissão difícil.

Com frequência os empregadores relutam em despedir alguém com quem estão envolvidos porque realmente não sabem qual a melhor maneira de agir. Relaciono a seguir algumas estratégias para demissões difíceis, mas várias delas se aplicam também a outros relacionamentos emocionalmente carregados, tais como os que envolvem pretendentes indesejáveis, sócios nos negócios e ex-cônjuges. Circunstâncias individuais exigem sempre respostas personalizadas, mas estas filosofias em geral se aplicam.

Proteger o domínio da dignidade

Mantenha-o de pé com cortesia e compreensão. Jamais deixe um funcionário constrangido. Guarde segredo sobre qualquer preocupação que você tenha quanto a danos sérios que ele possa cometer. Pense no pior se existirem indícios para isso, mas trate o funcionário demitido como se ele fosse o que você espera que ele seja. Trate-o como uma pessoa razoável, como se você não tivesse medo da reação dele. Encerre o seu contrato de forma a demonstrar que você espera que ele aceite a notícia com maturidade e adequadamente. Isso não significa ignorar o risco. O oposto é que é sensato: Prepare-se para o pior, mas de uma forma que o funcionário demitido não possa perceber. Não o leve a pensar que você está prevendo ameaças ou riscos. Se você fizer isso, poderá estar escrevendo o roteiro que ele vai seguir. Além do mais, estará permitindo que ele conheça os seus pontos vulneráveis.

Faça a demissão por completo

Com frequência, os empregadores se sentem tentados a oferecer uma

separação gradual, pensando com isso diminuir o golpe para o funcionário demitido. Esta abordagem talvez pareça prolongar o tempo no emprego, mas na verdade ela prolonga a demissão, e também o constrangimento e a ansiedade. É o mesmo que manter vivo um indivíduo artificialmente quando ele não tem mais qualidade de vida nem chances de sobrevivência. Apesar de muita gente pensar que isso prolonga a vida, na realidade o que se estende é o processo da morte.

Não negociar

Pode-se dizer que esta é a regra de ouro, e significa evitar qualquer tipo de relacionamento com gente insistente. Uma vez tomada a decisão de demitir, a sua reunião com o funcionário é para informá-lo disso e ponto final. Poderão surgir outras questões, mas não negocie, por mais que ele queira. Não está se discutindo como melhorar ou corrigir as coisas, mudar o passado, descobrir de quem é a culpa ou começar tudo de novo. Retornar a questões e disputas da história dele com a empresa serve apenas para reavivar feridas e exaltar as emoções. Não será possível convencê-lo de que a demissão é uma boa idéia não é da natureza dele reconhecer isso, não importa quais sejam as evidências -, portanto seja breve. Sugiro aos clientes que façam um roteiro das poucas coisas que pretendem dizer ao informar o funcionário sobre a decisão tomada. E também que usem o que no meu escritório chamamos de "frase bumerangue", uma frase que pode ser repetida todas as vezes em que ele tentar mudar o rumo da conversa: "Bill, se a decisão fosse sua, e não nossa, nós a respeitaríamos" ou "Não é hora de consertar o passado; temo? que trabalhar pensando no futuro."

Manter a discussão baseada no futuro

Evite falar no passado. Estabeleça algumas questões sobre o futuro para serem discutidas na reunião. Por exemplo: "O que devemos dizer às pessoas que ligarem querendo saber como encontrá-lo?", "Quer que lhe enviemos a sua correspondência ou informamos ao remetente o seu novo endereço?", "Como podemos descrever melhor o seu trabalho aqui para os outros funcionários que nos contactarem?" Faça o funcionário sentir que a informação dele é importante. Não saber exatamente o que será dito às pessoas que o procurarem causa muita ansiedade, portanto fale sobre isso objetivamente e mostre que o problema tem solução. Assim ele não vai ficar na expectativa. Estas questões podem parecer insignificantes, mas elas direcionam a conversa para o futuro, para o fato de que ele vai recomeçar tudo outra vez, em vez de ficar remoendo o passado.

Seja direto

Em vez de informar simplesmente ao funcionário sobre a decisão de demiti-

lo, alguns empregadores tratam o assunto com tanta delicadeza que o indivíduo não chega a entender que acabou de ser despedido. Ele ouve, pode até dizer que compreendeu que precisa melhorar o seu desempenho, ao que o empregador responde: "Não, você não está entendendo; estamos despedindo você." Isto pode fazer o funcionário despedido se sentir um bobo. mais do qualquer outro sentimento que possa vir junto com uma demissão. Tentar ser delicado quase sempre resulta em ser vago. Sei de uma piada que no início parece defender os rodeios na hora de dar uma notícia ruim, mas que mostra que ir direto ao assunto é mais sensato:

Uma mulher liga para a amiga que está cuidando da sua casa enquanto ela viaja e pergunta como estão indo as coisas: "Bem, seu gato caiu do telhado e morreu", a amiga relata. "Meu Deus", a mulher retruca. "Você me diz isso assim? Não poderia ter dito: 'Fluffy estava brincando no telhado e se divertindo muito, e aí começou a escorregar. Ela recuperou o equilíbrio e parecia bem, mas aí tornou a escorregar e caiu do telhado. Foi levada logo para o veterinário e os ferimentos pareciam graves, mas aí Fluffy melhorou e todos pensaram que ela fosse se salvar, mas... bem... cia acabou morrendo.' Assim é que você deveria ter me contado."

A amiga se desculpou por ter sido tão insensível. Uma semana depois, a mulher liga de novo para saber as novidades. A amiga hesita mas acaba dizendo: "Bem, sua mãe estava brincando no telhado..."

É melhor que as pessoas recebam as notícias ruins sem rodeios.

O tema da conversa sobre a demissão deve ser a sua confiança de que ele terá sucesso no futuro, encontrará um trabalho a seu gosto e se sairá bem. (Você pode até achar que ele tem problemas emocionais, é derrotista e será sempre um fracassado, mas não há vantagem nenhuma em trazer isso à tona.) O tom da conversa deve ser casual, nada de tristezas e solenidades: "Estas mudanças fazem parte da vida profissional e é uma experiência pela qual todos passamos de vez em quando. Eu mesmo já passei por isso. Sabemos que você vai ter sucesso e que isto não significa para você um retrocesso."

Falar de assuntos gerais e não de coisas específicas

Muitos empregadores querem explicar para o funcionário demitido o motivo do que decidiram fazer, como se pudessem convencê-lo que a demissão é uma boa idéia. Outros aproveitam o momento da demissão para tentar mais uma vez corrigir ou melhorar a atitude do funcionário, transformando a reunião num sermão. Muitos empregadores, quando estão deixando alguém, fazem críticas francas e construtivas que nunca fizeram antes àquele funcionário enquanto ele ainda estava empregado. Esqueça isso - já é tarde demais. O mais sensato é

descrever a decisão em termos gerais, dizendo que é melhor para ambas as partes. Diga que emprego é como uma via de mão dupla e a situação atual não está atendendo às necessidades de nenhuma das duas mãos. Diga que ele é obviamente uma pessoa capaz mas que este emprego não está lhe dando oportunidade de mostrar o quanto é bom. Não se deixe arrastar a uma discussão sobre quem vai substituí-lo. Use a frase bumerangue ou diga que a decisão já está tomada.

Lembre-se do elemento surpresa

Em consideração à segurança dos que estão tratando da demissão, o funcionário não deve saber com antecedência que vai ser demitido. Acredite ou não, muitos funcionários são convocados para a reunião com as palavras "Vão despedir você".

Escolha a hora certa

A demissão deve ser feita no final do dia, quando os outros funcionários já estão saindo. Assim, quando a reunião terminar, o funcionário demitido não poderá correr logo atrás de quem ele considera responsável por isso. Além do mais, ele irá para casa na mesma hora de sempre, ao contrário de se ver em casa num dia de semana de manhã, por exemplo. Sugiro despedir no final da semana. Se demitido numa sexta-feira, ele terá o final de semana de descanso como de costume e não sentirá o impacto de não saber para onde ir na manhã seguinte. Ao contrário dos dias de semana, ele não acordará sabendo que seus ex-colegas estão trabalhando (e possivelmente comentando a seu respeito). Não sentirá que está tudo diferente, programas diferentes na TV, pessoas da família fora de casa etc... Embora haja quem acredite aconselhável demitir logo no início da semana, acho que isso possibilita ao funcionário demitido encontrar alvos para agredir enquanto ainda está no auge do seu estado emocional.

Escolha o cenário

A demissão deve ocorrer numa sala longe das vistas dos outros funcionários. Não deve ser na sala da pessoa que está demitindo, porque assim não será possível terminar a reunião se o funcionário demitido quiser continuar falando. A pessoa que está demitindo precisa poder se levantar e sair se a sua permanência ali não for mais produtiva. Um executivo experiente que eu conheço evita usar a sua sala por que acha que a pessoa sempre se lembrará intensamente onde foi demitido e poderá voltar se ficar zangado.

Escolha seu elenco

Quem deve estar presente? Sugiro que um gerente de nível superior com que o funcionário costumava trabalhar apresente a demissão. Deve ser alguém distante das controvérsias cotidianas em torno do funcionário demitido. Deve ser alguém calmo e capaz de se manter assim diante de manifestações de raiva ou até de ameaças. Se possível, um segundo participante pode ser alguém da gerência que o funcionário demitido admire, ou com quem tenha um bom relacionamento. A razão para esta segunda pessoa é que o funcionário se comportará melhor na frente de alguém que ele ache que gosta dele ou que o respeite.

Quem não deve estar presente? Guardas de segurança armados, policiais ou o Grandalhão da empilhadeira não devem participar dessa reunião. Embora alguns empregadores acreditem que a presença dessas pessoas lhes coloque numa posição de poder, o que acontece é exatamente o contrário. Ela expõe sobre a mesa todos seus pontos vulneráveis para serem explorados pelo funcionário perigoso. Também não devem estar presentes nenhum colega de mesmo nível ou supervisor direto. Eles aumentam a probabilidade de constrangimento, junto com a de entrarem numa discussão acalorada sobre o passado. O gerente que dirige a reunião de demissão mostra a sua força aparentando não precisar de reforços.

Muitos empregadores consideram a demissão como algo que se faz quando se tem poder, mas não é assim. Houve um dia em que Richard Farley foi o homem mais poderoso da ESL. Houve um dia em que David Burke foi o homem mais poderoso da USAir. Eles estavam com raiva e justamente indignados, e, como disse Emerson: "Uma boa indignação desperta o poder nas pessoas." Ajusta indignação pode ser o motor que coloca em funcionamento atitudes que um funcionário jamais pensou ter antes. Esse homem não é um monstro. É alguém que foi contratado e que poderia ter trabalhado na empresa por vários anos. Mas agora está chocado. A demissão abalou o seu mundo. Ou ele não a esperava ou ela confirma a sua visão do mundo porque sempre esperou por ela. De qualquer maneira, é uma mudança desagradável e depreciativa que lhe estão impondo.

Ele pode suportar que ninguém goste dele na empresa, mas ser ignorado, rejeitado, apagado - isso é outra coisa bem diferente. Para ele a demissão é algo muito maior pelo que vê associado a ela: perda de status, perda de renda, perda de segurança, perda de propósito, perda de identidade e, acima de tudo, a luta perdida. Seus adversários ganharam e ele perdeu.

Por causa disso tudo, no momento da demissão, ocorre uma importante mudança de poder. Tudo muda quando se abre para o funcionário demitido um leque de opções e alternativas que ele nunca usaria se estivesse tentando manter o seu emprego. O poder básico dos empregadores é a capacidade de demitir,

mas uma vez tendo feito isso, uma vez tendo exercido esse poder, ele passa para as mãos do funcionário. Muitas empresas aprenderam que o custo de subestimar este poder é maior do que o de respeitá-lo.

Devido à engenhosidade dos advogados e à predominância de processos de demissão injustos, algumas empresas têm se preocupado mais com os litígios do que com os riscos. Quando o funcionário demitido ameaça com uma ação legal, ele pode chamar mais atenção do que fazendo outras ameaças, mas isto é uma ironia porque, no contexto do tipo de funcionário que discutimos aqui, a ameaça de uma ação legal é na verdade uma boa notícia. Enquanto ele estiver concentrado numa ação judicial, estará vendo alternativas para a violência. O problema de uma ação judicial não é quando elas começam, mas quando elas terminam. Sabemos que no final, particularmente quando as alegações são excessivas ou arbitrárias, o funcionário perde a batalha judicial. Aí então a empresa talvez tenha que enfrentar novamente a raiva dele. Mas quando os empregadores evitam provocar o funcionário despedido ou entrar numa guerra contra ele, o tempo vai tratar de curar quase todas as feridas, incluindo promissoramente entre estas a dignidade e a identidade do funcionário.

Qual é a melhor maneira de reagir a ameaças numa reunião de demissão? No Capítulo 7, mostrei vários conceitos sobre ameaças que se aplicam a esta pergunta. Lembre-se de que o valor das ameaças é determinado pela sua reação. Conseqüentemente, se um funcionário demitido vier com ameaças, a melhor reação é: "Compreendo que esteja aborrecido, mas o que você está dizendo não faz o seu estilo. Sei que você não é assim tão insensato, e tem um futuro muito bom pela frente para chegar a pensar nessas coisas." Esta reação não pretende convencer o ameaçador de que ele não está zangado, mas sim de que você não está com medo.

É também importante deixar que o ameaçador saiba que não entrou por um caminho sem volta. Uma boa frase é: "Todos nós dizemos coisas quando reagimos emocionalmente; eu mesmo já fiz isso. Vamos esquecer. Sei que você vai pensar diferente amanhã."

Mesmo nos casos em que as ameaças pretendem ser sérias (e portanto exigem intervenções ou amplas preparações), aconselhamos aos clientes que jamais mostrem aquém ou ameaça que estão levando em alta conta o que ele está dizendo, e nunca demonstrem medo. Isto não significa que não devam tomar precauções. De fato, quando os clientes estão demitindo funcionários difíceis, nós os orientamos em várias precauções, inclusive monitorando as reuniões pelo vídeo numa sala vizinha, colocando a postos equipes de segurança para intervirem se necessário, instalando botões para chamadas de emergência, e melhorando os procedimentos de controle de acesso às instalações depois da demissão.

Todas as reuniões de demissão, corram bem ou não, oferecem ótimas visões

de como o funcionário demitido vai se comportar depois. Com a mesma importância, essa reunião mostra ao funcionário demitido como a gerência reagirá ao seu comportamento. Imediatamente após a reunião, a pessoa que conduziu a demissão deve fazer um relatório sobre a atitude, o comportamento, as respostas e declarações do funcionário demitido. As informações em seguida serão avaliadas por profissionais cujas opiniões podem ajudar a informar decisões sobre segurança e outras questões importantes.

Entre as questões a serem decididas após uma demissão difícil está a necessidade de notificar alguém sobre possíveis riscos. Deixar de avisar a quem possa ser alvo de violência pode ser negligência, como também o é o fato de não pedir de volta as credenciais de acesso, não monitorar a saída do funcionário zangado do prédio, não notificar ao pessoal da segurança e às recepcionistas ou tomar alguma outra atitude adequada quando se acredita que alguém representa um perigo para os outros.

A pior reação possível a uma ameaça é uma contra-ameaça. Quando as ameaças funcionam, é porque, não tendo nada a perder, o funcionário pode cometer alguma imprudência - e a gerência sabe disso. Por outro lado, ele sabe intuitivamente que a gerência não cometerá nenhuma imprudência. Além disso, as contra-ameaças pioram as coisas. Pense em violência como sendo interagente. Sua maneira de reagir a uma ameaça inicia o jogo e transforma esta situação numa competição de ameaças, crescimentos e contra-ameaças. É uma competição em que os empregadores raramente vencem, pois eles têm muito mais coisas em jogo do que o funcionário despedido, e muito mais formas de perder. Outro exemplo de contra-ameaça é quando a gerência diz: "Ah, é? Eu ponho a polícia atrás de você na mesma hora!" As contra-ameaças atraem a atenção do ameaçador e colocam você no campo dele. Você quer exatamente o oposto, que se livrar dele e jogar segundo as suas próprias regras.

Tendo dito isto, devo acrescentar que também chega uma hora em que é preciso esquecer as regras. Meu escritório foi consultado sobre um caso em que o nosso cliente, um município de tamanho médio, colocou as regras acima da segurança. Um funcionário que estava se aposentando por incapacidade mental recusou os 11 mil dólares que o município lhe ofereceu porque não incluíam os 400 dólares de reembolso a que ele se julgava com direito. Era contra a norma reembolsar despesas não aprovadas antecipadamente, portanto o município se recusava a pagar. Uma tarde, o ex-funcionário chegou sem avisar e exigiu falar com o administrador que tinha tomado aquela decisão. Os dois discutiram, mas o administrador se manteve firme. O funcionário se levantou e disse: "Vou ver se consigo me explicar melhor." Colocou duas balas calibre 38 sobre a mesa e saiu.

Pediram ao nosso escritório para avaliar a situação. Soubemos que aquele funcionário tinha mostrado uma arma para o seu terapeuta e comentado sobre o princípio da disputa financeira: "O que é certo é certo, e o certo sempre vence."

No nosso relatório, sugerimos que o município pagasse os 400 dólares, visto que ganhar esta questão tinha se tornado um ponto de honra e identidade para o ex-funcionário. Atender às exigências das pessoas nem sempre é possível ou prático, mas neste caso a única consequência eram os 400 dólares.

O município reagiu como se tivéssemos lhe pedido para entregar seus primogênitos. O administrador me disse: "Temos normas e, se cedermos a todos que nos fizerem exigências, elas perderão o sentido." Ele poderia ter aproveitado a sabedoria de Oliver Wendell Holmes: "O jovem conhece as normas, mas o idoso conhece as exceções."

Como o ameaçador, este administrador estava comprometido com o princípio da questão. Nestes casos, dizemos que ambas as partes estão "no ringue", querendo dizer que estão dispostas ou até ansiosas para continuar a briga. Eu disse: "Não estamos sugerindo que vocês dêem quatrocentos dólares a todos que pedirem, mas que dêem os quatrocentos dólares só para os funcionários desesperados, emocionalmente perturbados que, depois de mostrar uma arma ao terapeuta, despeja balas na sua mesa para se fazer entender. Não acho que essa política vá prejudicar a cidade com muita frequência." Mas o administrador estava preso a um ideal bem maior do que o dinheiro - de fato, ele estava gastando mais de 400 dólares só para ter a minha opinião. Assim que ele terminou o seu segundo e mais entusiasmado sermão sobre a santidade das normas, quis trazê-lo de volta ao contexto de alto risco: "Eu tenho uma sugestão. Como as normas são tão importantes, vamos fazer uma nova norma que diz que os funcionários não podem atirar nos administradores. Isso resolve o problema?"

Ele pareceu estar pensando na minha sugestão retórica quando eu perguntei: "Que regra você preferiria ver desrespeitada?" Guerras têm sido travadas por questões mais simples, mas o administrador finalmente concordou em pagar os 400 dólares, o ex-funcionário se mudou para o Arizona e o município sobreviveu a este pequeno problema de flexibilidade. Tais resoluções parecem óbvias, mas no ringue é difícil os participantes verem um pouco mais além do que seus punhos.

Não se passa uma semana sem que uma organização venha me pedir conselhos sobre algum funcionário que está assustando os colegas. Ao rever tantas situações com características quase idênticas e ao ver como prejudicam a produtividade, causam ansiedade e colocam as pessoas em risco, acabei por respeitar o quanto vale evitá-las e se prevenir contra elas. As empresas e órgãos governamentais que dedicaram tempo e recursos para se prevenir contra esses riscos antes que eles ocorram preferiram aprender as lições indiretamente em vez de permitir que seus funcionários as aprendessem de forma direta.

Mas não importa se os gerentes gerenciam bem, continua a ainda havendo possibilidade de um outro tipo de violência no ambiente de trabalho que não avisa

quando vai chegar. Isso porque ela vem de casa.

10 - Inimigos íntimos

"Vocês nunca fazem nada com ele. Falam com ele, depois vão embora."
- *Nicole Brown Simpson para a polícia*

Não entendo como alguém ainda pudesse duvidar depois de ouvir o eloqüente promotor descrever o caso. Todos nós conhecemos a história: a mulher assassinada havia declarado sofrer violência nas mãos do réu havia muito tempo, quase desde o início do seu relacionamento com ele. Algumas vezes ela chamou a polícia, e numa delas até o acusou de espancá-la (ele foi absolvido), mas a violência continuou. No dia do assassinato, ela não o convidara para um acontecimento social e, pouco depois das dez horas da noite, morreu a punhaladas. O réu contou a um amigo que tinha sonhado que a matava, mas depois os advogados dele disseram que ela provavelmente foi morta por traficantes de drogas.

Estes fatos ficaram famosos durante o julgamento de O. J. Simpson, mas a história que acabei de contar aconteceu a milhares de quilômetros de Brentwood, quando ainda sobravam a Nicole Simpson seis meses de vida. A mulher assassinada neste caso se chamava Meredith Coppola. Se eu fosse falar de todas as mulheres assassinadas nos Estados Unidos neste ano por maridos ou namorados, o livro que você está segurando agora teria quatro mil páginas - e as histórias seriam surpreendentemente semelhantes. Só mudariam os nomes e um ou outro detalhe.

Trabalhei junto com promotores para estudar os aspectos de perseguição no julgamento de Simpson, e depois na ação cível promovida pela família Goldman, mas não vou discutir o caso aqui como advogado. Em certo sentido, este nada mais é do que um exemplo de um crime comum. Em outro sentido, entretanto, é muito mais do que isso. Para as crianças americanas com menos de dez anos em 1997, este caso único tomou conta dos noticiários durante pelo menos 30 por cento de suas vidas. Era só isso que viam na televisão durante o dia, era só isso que viam nas capas dos tablóides ao nível dos seus olhos nos supermercados e só isso que os adultos pareciam estar discutindo na mesa do jantar. É, basicamente, o mito americano do Papai que mata a Mamãe - e escapa impune. Seja qual for a sua opinião sobre o caso, esse mito faz parte da sua herança. E também os muitos mitos amplamente promovidos pelo Time da Tramóia, os advogados de defesa de Simpson.

Eles nos disseram: "Só porque um homem bate na mulher não significa que a tenha matado", e isso é verdade. Mas o que isso tem a ver com O. J. Simpson, que batia na mulher, invadiu a casa dela, a ameaçou (pelo menos uma vez com uma arma), aterrorizou-a e perseguiu-a? Esse comportamento o coloca muito próximo do centro do círculo de previsão para assassinatos de esposas.

A observação do Time da Tramóia é um pouco como dizer: "Só porque alguém compra massa não significa que vá fazer pizza", e isso é verdade, mas se ele compra a massa, espalha numa forma de alumínio, acrescenta molho de tomate e queijo, coloca no forno, então, mesmo que o advogado de Simpson, Alan Deishowitz, lhe diga outra coisa, você pode prever tranquilamente que vai sair uma pizza.

Por que chamo os advogados de Simpson de Time da Tramóia? Porque ele me lembra que os assassinos de esposas e seus advogados freqüentemente tramam defesas para crimes indefensáveis. Cada um dos assassinatos discutidos neste capítulo, exceto aquele em que os criminosos se suicidaram depois de matar as esposas, foi seguido da invenção de alguma desculpa legal criativa.

O que estava claro no caso de Simpson é que, enquanto Ron Goldman talvez estivesse no lugar errado na hora errada, Nicole estava no lugar errado havia muito tempo. Como disse o promotor, Scott Gordon, hoje presidente do Conselho da Violência Doméstica, que faz previsões em Los Angeles: "Simpson vinha matando Nicole há anos - ela finalmente morreu no dia 12 de junho." Este conceito de um crime lento e prolongado é o que desejo focalizar enquanto discutimos como prever e prevenir estas tragédias.

Apesar das falsas informações oferecidas ao público americano pelos advogados pagos a serviço de um só homem, há muitos indicadores pré-incidentes confiáveis associados com os atos de violência e assassinato **entre** cônjuges. Não estarão todos presentes em todos os casos, mas se uma situação demonstra vários desses sinais, há motivo para se preocupar:

- 1) *A mulher percebe intuitivamente que está correndo risco.*
- 2) Desde o início do relacionamento o homem acelerou o ritmo, colocando na agenda prematuramente coisas como compromisso, viverem juntos e casamento.
- 3) Ele resolve os conflitos com intimidações, provocações e violência.
- 4) Agride com palavras.
- 5) Usa as ameaças e as intimidações como instrumentos de controle ou agressão. Isto inclui ameaças de danos físicos, difamação ou constrangimentos, restrição da liberdade, revelação de segredos, corte do sustento, abandono e suicídio.
- 6) Ele quebra ou agride as coisas com raiva. Usa a violência simbólica (rasga uma fotografia de casamento, desfigura um rosto numa fotografia etc.)
- 7) Ele agrediu fisicamente em relacionamentos anteriores.
- 8) Consome bebidas alcoólicas ou drogas com efeitos adversos (perda de memória, hostilidade, crueldade).
- 9) Cita o álcool e as drogas como desculpa ou explicação para condutas

- hostis ou violentas ("Foi a bebida, não era eu falando; bebi tanto que enlouqueci").
- 10) Seu histórico inclui confrontos com a polícia por comportamentos ofensivos (ameaças, perseguições, assaltos, agressões físicas).
 - 11) Houve mais de um incidente de comportamento violento (incluindo vandalismo, quebrar e jogar coisas).
 - 12) Ele usa o dinheiro para controlar as atividades, compras e comportamento da sua esposa ou companheira.
 - 13) Tem ciúmes das pessoas ou de tudo que a distraia do relacionamento; ele a mantém com "rédeas curtas", exige que ela lhe preste contas do que faz.
 - 14) Ele se recusa a aceitar a rejeição.
 - 15) Ele espera que o relacionamento dure para sempre, talvez usando frases como "juntos para a vida inteira", "sempre", "apesar de tudo".
 - 16) Ele projeta nos outros emoções excessivas (ódio, amor, ciúme, compromisso) mesmo não havendo evidências que levem uma pessoa sensata a percebê-las.
 - 17) Ele minimiza incidentes agressivos.
 - 18) Ele gasta um tempo desproporcional falando da mulher/companheira e grande parte da sua identidade se baseia em ser o marido dela, o amante dela etc.
 - 19) Tenta recrutar amigos ou parentes da mulher numa campanha para manter ou recuperar o relacionamento.
 - 20) Fiscalizou ou seguiu imprópriamente a mulher/companheira.
 - 21) Acha que os outros o estão perseguindo. Acredita que as pessoas que cercam a sua mulher/companheira não gostam dele e a incentivam a abandoná-lo.
 - 22) Resiste às mudanças e é descrito como pessoa inflexível, que não está disposta a assumir compromissos.
 - 23) Ele se identifica ou se compara com pessoas violentas nos filmes, nos noticiários, nos romances ou na história. Ele caracteriza a violência dos outros como sendo justificada.
 - 24) Sofre de alterações de humor ou é uma pessoa mal-humorada, zangada ou deprimida.
 - 25) Acusa sempre os outros por problemas que ele mesmo causou; recusa-se a assumir a responsabilidade pelos resultados de suas ações.
 - 26) Refere-se a armas como instrumentos de poder, controle ou vingança.
 - 27) As armas são uma parte substancial de sua persona; ele tem um revólver ou fala, brinca, lê sobre isso, ou então coleciona armas.
 - 28) Ele usa o "privilégio masculino" como justificativa para sua conduta (trata-a como uma criada, toma todas as decisões importantes, age como "dono da casa").
 - 29) Experimentou ou testemunhou atos de violência quando criança.

30) Sua mulher/companheira teme que ele a machuque ou mate. Ela já discutiu isso com outras pessoas ou fez planos a serem executados caso ela morra (por exemplo, designar alguém para cuidar dos filhos).

Com esta lista e tudo que você sabe sobre intuição e previsão, você agora pode ajudar a prevenir os assassinatos mais previsíveis da América. Literalmente. Encaminhe a mulher para um abrigo para mulheres espancadas, pelo menos para que ela fale com alguém que sabe do que ela está passando, na sua vida e dentro de si mesma. Encaminhe o homem para um abrigo para mulheres espancadas; lá haverá gente capaz de lhe sugerir programas de recuperação. Quando houver violência, comunique à polícia.

Esta lista nos lembra que antes de tomarmos o nosso próximo café da manhã, outras 12 mulheres serão assassinadas - mães, irmãs, filhas. Em quase todos os casos, a violência que precedeu a violência final foi um segredo guardado por várias pessoas. Esta lista pode dizer às mulheres que se encontram nessa situação que elas devem cair fora. Pode dizer aos policiais que talvez não estejam prendendo que é preciso prender, aos médicos que talvez não estejam notificando que é preciso notificar. Pode dizer aos promotores que eles devem registrar as acusações. Pode dizer aos vizinhos que talvez estejam ignorando a violência que eles não devem ignorá-la.

Pode também falar aos homens que talvez se reconheçam nela, e isso é importante. Depois da argumentação de Christopher Darden que encerrou o julgamento de Simpson, o co-promotor Scott Gordon e eu nos reunimos com ele no seu gabinete. Lemos faxes enviados de todas as partes do país por vítimas da violência doméstica, mas ficamos igualmente comovidos por mensagens de homens agressivos. Uma delas dizia: "Vocês talvez tenham acabado de salvar a vida da minha mulher, pois ao ouvi-los descrever as agressões de Simpson eu me reconheci." Ao contrário de alguns assassinatos, o homicídio conjugal é um crime que pode doer na consciência.

Antes de qualquer discussão sobre como uma mulher pode se livrar de um relacionamento indesejado, devemos primeiro reconhecer que muitas preferem não fazer isso. Agora mesmo, enquanto você lê estas palavras, pelo menos uma mulher nos Estados Unidos está apanhando do marido - e mais outra agora, porque isso acontece a cada segundo. Portanto, embora não seja novidade que muitos homens são violentos, devemos também aceitar que uma quantidade quase igual de mulheres preferem continuar com eles. Isto significa que muitas previsões certas de perigo estão sendo ignoradas. Por quê?

Posso tentar responder dividindo com vocês a minha experiência pessoal quando criança. Lembro-me muito bem da noite em que minha irmã e eu saímos correndo porta afora, às duas da manhã, depois de horas seguidas de

violência. Com medo de voltar para casa, ligamos para a polícia de um telefone público e comunicamos que duas crianças estavam vagabundeando pelas ruas para que fôssemos recolhidos e levados para a delegacia, onde estaríamos seguros. Essa experiência e os anos que levaram até ela me ajudaram a compreender que muitas mulheres ficam pela mesma razão que eu ficava. Até aquela noite, não me havia ocorrido outra possibilidade. Antes daquela noite, você não teria conseguido que eu voluntariamente deixasse a minha família, da mesma forma como eu não o convenceria a abandonar a sua agora.

Como a criança espancada, a mulher que apanha sente um enorme alívio quando tudo termina. Ela fica viciada nessa sensação. O agressor é a única pessoa que pode lhe dar momentos de paz, ao mostrar o seu melhor lado de vez em quando. Portanto, o agressor tem a chave do sentimento de bem-estar da pessoa agredida. O agressor proporciona as grandes euforias que suportam as grandes depressões, e quanto pior a situação, melhor ficará depois. Tudo isso acrescido do fato de que uma mulher espancada está tão traumatizada a ponto de acreditar que cada incidente horrível talvez seja o último.

Compreender como as pessoas avaliam os riscos pessoais tem me ajudado a compreender por que muitas mulheres que correm perigo continuam onde estão. Como eu aprendi com a violência que vivenciei quando menino, muitas dessas mulheres já apanharam tanto e seu mecanismo de medo se encontra tão anestesiado que elas chegam a aceitar calmamente riscos que outras considerariam extraordinários. Não vêem mais a relação entre violência e morte. Uma mulher que esteve num abrigo e depois voltou para seu agressor nos dá um bom exemplo: ela ligou para o abrigo certa noite para perguntar se poderia voltar. Como sempre, a primeira pergunta do conselheiro foi: "Está correndo perigo agora?" A mulher respondeu que não. Pouco depois, no mesmo telefonema, a mulher acrescentou, quase como um comentário, que o marido estava do lado de fora do quarto com uma arma. Ela não tinha dito momentos antes que não corria perigo? Para ela, se ele estivesse no mesmo quarto com uma arma na mão ou se a arma estivesse apontada para a sua cabeça, *ai então* é que ela estaria em perigo.

Como alguém pode achar que o fato de ser espancada não justifica sair de casa? Apanhar e ser forçada a não resistir é uma forma particularmente nociva de abuso porque exaure as reações de proteção instintivas da vítima. Para ignorar este instinto tão natural e básico, a pessoa tem que acreditar que não merece proteção. Ser espancada pelo "ser amado" estabelece um conflito entre dois instintos que jamais deveriam competir entre si: o instinto de ficar num ambiente seguro (a família) e o instinto de fugir de um ambiente perigoso. Como numa gangorra, o instinto de ficar prevalece na ausência de opções concretas do outro lado. Tirar esta gangorra desequilibrada do chão exige mais energia do que muitas vítimas possuem.

Não há lógica que consiga mover uma mulher espancada, portanto a persuasão exige a força de uma alavanca emocional, e não estatísticas e argumentos morais. Nas várias vezes em que me esforcei para convencer mulheres a abandonarem relacionamentos violentos, pude ver de frente o medo e a resistência. Lembro-me de uma longa conversa com Janine, uma mulher de 32 anos e com dois filhos, que me mostrou as fotografias que a polícia tinha tirado dos seus ferimentos depois de um dos freqüentes espancamentos que sofreu. Ela estava ansiosa para me contar sobre as agressões do marido, e da mesma forma ansiava por desculpá-lo. Embora o espancamento mais recente lhe tivesse deixado com três costelas quebradas, ela ia voltar para ele. Eu lhe perguntei o que faria se a filha adolescente fosse espancada pelo namorado. "Acho que mataria o rapaz, mas de uma coisa eu tenho certeza: eu a proibiria de tornar a vê-lo."

"Qual a diferença entre você e a sua filha?", perguntei. Janine, que tinha uma explicação para cada aspecto do comportamento do marido, não tinha respostas para o seu, portanto eu lhe dei uma: *A diferença é que a sua filha tem você - e você não tem você. Se não cair fora logo, a sua filha também não terá você.* Isso tocou fundo em Janine porque era verdade. Ela realmente não tinha uma parte de si mesma, a de autoproteção. Tinha saído da infância com essa parte já abalada, e o marido se encarregou de arrasá-la totalmente. Ela conservou, entretanto, o instinto para proteger os filhos, e foi por causa deles que finalmente conseguiu se afastar.

Embora largar o marido não seja uma opção que pareça possível para muitas mulheres espancadas, acredito que *a mulher que apanha pela primeira vez é uma vítima, a que apanha pela segunda vez é uma voluntária.* Invariavelmente, depois de dizer isso numa entrevista na televisão ou numa palestra, tenho que ouvir as críticas de gente que acha que eu não entendo a dinâmica do espancamento, que eu não compreendo a "síndrome". De fato, eu tenho uma profunda e pessoal compreensão da síndrome, mas não perco a oportunidade de deixar claro que *ficar é uma escolha.* Aos que argumentam que não é, eu pergunto: É uma escolha quando a mulher finalmente sai, ou existe uma síndrome para explicar a saída como sendo também involuntária? Acredito que seja crítico para uma mulher constatar que ficar é uma escolha, mas só assim sair daquela situação pode ser visto como uma escolha ou uma opção.

Além disso, se negamos a participação da mulher ao pensarmos que ela não tem outra escolha, então o que dizer do homem? Podemos apontar para a sua infância, suas inseguranças, sua identidade abalada, seu vício de controlar, e dizer que o comportamento dele também é determinado por uma síndrome e que está, portanto, fora do seu alcance escolher outra coisa? Todo comportamento humano pode ser explicado pelo que o precede, mas isso não é desculpa, e devemos considerar os homens agressivos responsáveis pelo que fazem.

Seja quem for que acusemos, existe uma certa responsabilidade de ambos os lados, particularmente se houver filhos envolvidos na história. Tanto o pai quanto a mãe estão magoando os filhos terrivelmente (o homem mais do que a mulher, mas ambos estão). Os filhos aprendem pelo exemplo e, se a mãe concorda em apanhar, a filha provavelmente também concorda. Quando o pai bate, provavelmente o filho também fará o mesmo.

Embora eu saiba que gente dedicada e com boas intenções deseja explicar a todos por que muitas mulheres aceitam continuar numa situação dessas, quero focalizar o fato de que muitas delas pulam fora. Helen Keller, mulher apanhada em outro tipo de armadilha, disse: "Embora o mundo esteja repleto de sofrimentos, está também repleto de formas de superação."

Muitos espancadores controlam o dinheiro, permitindo pouco acesso às contas bancárias ou até a informações financeiras. Alguns controlam a programação, as chaves do carro, as principais compras, a escolha das roupas, a escolha dos amigos. O espancador pode ser um excêntrico controlador benevolente no início de um relacionamento íntimo, mas depois ele se torna um excêntrico controlador nocivo. E existe aí um outro problema: ele pune e premia imprevisivelmente, portanto qualquer dia desses, a qualquer momento, ele será uma pessoa ótima, agirá como na lua-de-mel, e este é o ingrediente básico que impede a mulher de se afastar dele: a esperança. Ele faz tudo isso com um propósito perverso? Não, faz parte do que ele acha que seja conservar um amor. Crianças que não aprendem a esperar e aceitar amor de uma forma natural na idade adulta descobrem outro jeito de fazer isso.

O controle pode funcionar durante um certo tempo, até durante muito tempo, mas depois começa a não surtir mais efeito, e vai num crescendo. Ele fará qualquer coisa para se manter no controle, mas sua mulher está mudando, e isso o faz sofrer. De fato, aqui a definição budista de sofrimento humano é perfeita: "Estar preso ao que está mudando." Quando os homens que se encontram nessa situação não descobrem o que está acontecendo dentro deles, quando não buscam conselho ou terapia, continuar usando a violência é uma escolha. Eles estão assumindo o risco de deixar a violência aumentar até chegar ao homicídio, pois como disse Carl Jung: "Quando uma situação interior não se torna consciente, ela se revela externamente como destino."

Trabalhando de perto com o Conselho de Violência Doméstica, aprendi que a cada mulher espancada que escolhe sair dessa situação, nós, como uma sociedade, devemos proporcionar um lugar para onde ela possa se dirigir. Em Los Angeles, onde vivem 11 milhões de pessoas, existem apenas 420 camas em abrigos para mulheres espancadas! Numa noite qualquer, 75 por cento dessas camas estarão ocupadas por crianças.

Em Los Angeles temos uma linha direta que conecta automaticamente

com o abrigo mais próximo. Neste número, estabelecido por Gil Garcetti, promotor público de Los Angeles, as mulheres espancadas aprendem o que fazer para sair com segurança. Ela aprendem a fazer duplicatas de chaves e de documentos de identificação, a esconder isso de seus maridos, a escolher o melhor momento para fugir e a não deixar rastros quando escapam para dentro da moderna rede ferroviária subterrânea em que se transformaram os abrigos. Acredito tanto no valor desta linha direta que minha empresa a patrocina. Menciono isto aqui porque cada cidade dos Estados Unidos precisa ter um número desses, e precisa que eles estejam bem à vista nas cabines e nas listas telefônicas, nos postos de gasolina, nas escolas e nas salas de emergência dos hospitais.

Um número de discagem gratuita como o nosso, atendido por gente que já passou por isso e compreende o dilema, costuma ser mais usado do que o número alternativo (que eu também recomendo): o da polícia. O caso de Nicole Brown Simpson é um exemplo eloqüente do motivo pelo qual algumas mulheres hesitam em chamar a polícia.

Em um episódio não revelado no tribunal, Simpson empurrou Nicole para fora de um carro em movimento dentro de um estacionamento. Um policial que por acaso assistiu à cena disse a Simpson: "Leve a sua mulher para casa." Fim outro incidente (muito depois de já estarem divorciados), Simpson arrombou a porta para entrar na casa de Nicole. O policial chamado disse a Nicole o que tinha concluído sobre o fato: "Não houve agressão física, ele não atirou nada em você; não temos nada além de uma troca de palavras." Nicole respondeu corrigindo: "Arrombamento e invasão, eu diria." "Bem", o policial retrucou, "tem unia pequena diferença se entre os dois existir um relacionamento; não é como se ele fosse um ladrão." Totalmente errado, policial. É exatamente como se ele fosse um ladrão, e *foi* arrombamento e invasão, e violação de propriedade privada. Depois de garantir a O. J. Simpson que abafariam o incidente "dentro do legalmente possível", os policiais foram embora. (Por falar nisso, o Departamento de Polícia e o xerife de Los Angeles estão agora orientando a nação em novas formas de administrar os casos de violência doméstica.)

Já observei que existem nos Estados Unidos dezenas de milhares de centros de prevenção do suicídio mas nenhum para prevenir homicídios. Abrigos para mulheres espancadas são o que temos de mais parecido com centros de prevenção de homicídio. Na comunidade em que você vive, existem mulheres e crianças correndo risco de vida que precisam saber como escapar disso, e que precisam de um lugar para onde ir. Los Angeles, cidade domicílio do mais famoso agressor de esposas, também é, tenho orgulho em dizer, a cidade que possui um plano de fuga para famílias espancadas capaz de servir como modelo para outras cidades.

Assim como existem espancadores contumazes que vitimizam parceiro após parceiro, também existem as vítimas em série, mulheres que costumam escolher homens violentos. Como a violência quase sempre resulta da incapacidade de influenciar os acontecimentos de outra maneira, e isso com frequência tem origem na falta de capacidade ou disposição para se comunicar bem, é interessante considerar a grande atração exercida pelo tipo forte e caladão. O motivo que as mulheres alegam muitas vezes para explicar essa atração é que o homem calado é misterioso, e pode ser que a força física, que em termos evolutivos trouxe a segurança, agora seja mais um elemento de perigo. A combinação resulta na impossibilidade de se saber ao certo o que este homem está sentindo ou pensando (porque ele não fala), e pode ser arriscado ficar ao lado dele (porque ele é forte e potencialmente perigoso).

Perguntei a uma amiga que costuma ser atraída pelo tipo forte e caladão por quanto tempo ela gosta que os homens fiquem calados. "Um, duas ou três semanas", ela respondeu. "Apenas o bastante para eu me interessar por ele. Gosto de me sentir curiosa, não enganada. O difícil é encontrar alguém que seja misterioso mas não seja dissimulado, forte mas não assustador."

Um dos erros mais comuns na escolha de um namorado ou marido é basear a previsão no potencial. Isto na verdade significa prever que elementos sobressairão num contexto diferente: *Ele não está trabalhando agora, mas poderia ter muito sucesso. Ele vai ser um grande artista - é claro que não pode pintar nas circunstâncias atuais. Ele anda meio irritado e agressivo, mas é só até as coisas se definirem.*

Ouçá as palavras: *não está trabalhando; não pode pintar; é agressivo.* O que a pessoa está fazendo agora é o contexto para previsões certas, e casar com um homem baseado no potencial é o caminho certo para atrapalhar a intuição. Isso porque o enfoque no potencial nos leva a imaginar como as coisas seriam ou poderiam ser, e não vemos como as coisas são agora.

A agressão entre cônjuges é cometida por gente descrita com extraordinária frequência por suas vítimas como tendo sido "o mais doce, o mais gentil, o mais bondoso, o mais atencioso" etc. Na verdade, muitos foram tudo isso durante o processo de escolha e continuam sendo -entre um e outro incidente violento.

Não obstante, mesmo que estes homens sejam frequentemente bondosos e gentis no início, sempre existem os sinais de alerta. As vítimas, entretanto, podem preferir não vê-los. Observei isso numa entrevista recente transmitida por um canal de televisão, e uma mulher me ligou em seguida dizendo: "Você está errado, é impossível saber quando um homem vai ficar violento. Acontece de repente." E ela continuou descrevendo como seu ex marido, ávido colecionador de armas, se tornou possessivo assim que se casaram, exigindo que ela prestasse conta de todos os minutos da sua vida, não

lhe permitindo ter um carro e freqüentemente demonstrando ciúmes.

Estes poderiam ter sido sinais de alerta?

Continuando a descrever este homem terrível, ela disse: "Sua primeira mulher morreu de tanto apanhar dele."

Isso poderia ter sido um sinal de alerta? Mas as pessoas não vêem os sinais, talvez porque aos nos apaixonarmos passamos por um processo que é em grande parte o de preferir não ver os defeitos, e isso exige uma certa negação. Esta negação é sem dúvida necessária numa cultura que glorifica o tipo de romantismo que faz com que os jovens casais queiram se casar logo apesar de todas as razões em contrário, e homens cinquentões; a seguirem o que eufemisticamente se chama de seus corações, juntando-se às suas jovens secretárias ou abandonando as esposas de meia-idade. Este é, francamente, o tipo de romantismo que leva a um número maior de relacionamentos fracassados do que bem-sucedidos.

A maneira como a nossa cultura corre atrás de romances e casamentos não é igual no mundo todo. Mesmo aqui dentro do nosso país há um outro país de americanos nativos, cuja cultura historicamente incluía casamentos arranjados. O homem e a mulher eram escolhidos pelos anciões da tribo, eram informados de que viveriam juntos e, possivelmente sem nenhuma centelha de atração, teriam que construir juntos uma vida. Para que esses relacionamentos dessem certo, os parceiros tinham que procurar características favoráveis um no outro. É exatamente o oposto do processo usado pela maioria dos americanos, o de *não* procurar características desfavoráveis.

A questão da seleção e da escolha me faz lembrar uma obra importante do psicólogo Nathaniel Branden, autor de *Honoring Self*. Ele fala na mulher que diz: "Dou o maior azar com os homens. Estou sempre me relacionando com homens agressivos. Não tenho sorte mesmo." A sorte não tem nada a ver com isso, porque a característica flagrantemente comum de cada um dos relacionamentos desta mulher é ela mesma. Minhas observações sobre escolha foram feitas para esclarecer as vítimas, não para culpá-las, pois não acredito que a violência seja a penalidade justa para uma escolha errada. Mas acredito que ela seja uma escolha.

Apesar de a melhor reação à violência ser afastar-se dela, é tentando fazer isso que a maioria das mulheres morre. O que derruba um mito perigoso sobre o assassinato de esposas: o de que eles acontecem no calor de uma discussão. De fato, a maioria dos maridos que matam suas esposas as perseguem antes e, longe de ser um "crime passionnal" como costuma ser chamado, matar a esposa em geral é uma decisão, e não uma perda de controle. Esses homens mais violentos não são pessoas que se deixam dominar pela fúria. De fato, o ritmo de seus corações baixa e eles ficam fisiologicamente mais calmos à medida que vão se tornando mais violentos.

Até a expressão "crime passionnal" contribuiu para a nossa enorme falta de compreensão desse tipo de violência. O termo não é a descrição de um crime - *é a descrição de uma desculpa*, uma defesa. Visto que 75 por cento dos assassinatos de esposas ocorre depois que a mulher vai embora, é o afastamento, não a discussão, que gera a pior violência. No final, as perseguições não são apenas casos de "atração fatal" - com muito mais frequência são casos de inércia fatal, em que a mulher permaneceu ali por tempo demais.

De todas as violências discutidas neste livro, o homicídio de esposas é o mais previsível, mas as pessoas relutam em prevê-lo. Um homem em Los Angeles foi recentemente acusado de matar a mulher, três dos seus filhos e mais três outras pessoas da família. Os repórteres, indagando aos vizinhos sobre o acusado de assassinato, ouviram: "Ele sempre pareceu uma pessoa normal." Outro disse: "Ele devia estar louco", e outro ainda falou: "Não posso imaginar que um pai mate os próprios Filhos." Como você sabe, se você não consegue imaginar uma coisa não poderá prevê-la. Quantas vezes teremos que ouvir histórias como essa para percebermos que, se várias pessoas de uma família morreram, o crime foi provavelmente praticado por outro membro daquela mesma família? Neste caso, o homem que os vizinhos não poderiam imaginar responsável pelos assassinatos já tinha tentado matar a esposa três vezes. Também tinha sido preso duas vezes, acusado de violência doméstica. Parece bastante previsível para mim.

Portanto, como o sistema costuma reagir ao risco mais previsível de assassinato na sociedade? Ele diz à mulher para ir ao tribunal, ao tribunal civil, e mover uma ação contra o seu agressor para que ele se afaste. Em muitos estados da América do Norte a ação se chama medida cautelar temporária, porque se espera que ela deixe o agressor de sobreaviso. Em outros estados chama-se medida de segurança, porque se espera que ela proteja a vítima. De fato, por si só a ação não atinge nenhum dos dois objetivos.

Advogados, polícia, repórteres de televisão, conselheiros, psicólogos e até alguns advogados de vítimas recomendam medidas cautelares por atacado. São uma indústria em desenvolvimento neste país. Deveríamos, talvez, pensarem comercializá-las na Bolsa de Nova York, mas temos que *parar* de dizer às pessoas que um pedaço de papel vai automaticamente protegê-las, porque em certos casos o que acontece é o oposto. É perigoso promover um tratamento específico sem antes diagnosticar o problema individual.

Pode ser óbvio dizer que uma medida cautelar não impedirá um assassino de agir, mas esta é uma questão muito controversa. Enquanto eu advirto que elas não devem ser universalmente recomendadas porque não servem para todos os tipos de casos ou em todos os estágios de um caso, a maioria dos departamentos de polícia as encoraja sempre. Medidas cautelares (com frequência chamadas TROs - Temporary Restraining Orders) são há muito

tempo o dever de casa que a polícia dá às mulheres para ver se elas estão realmente decididas a se livrar de seus perseguidores. As medidas na verdade encaminham as mulheres perturbadas da delegacia para o tribunal, talvez para continuarem a ter problemas, talvez não. e facilitam a prisão quando os homens continuam a persegui-las. Portanto, as TROs são claramente úteis à polícia e aos promotores. Mas nem sempre são úteis para as vítimas. Na Califórnia, por exemplo, as TROs são válidas apenas por 14 dias, depois dos quais a mulher deve voltar ao tribunal para um julgamento que vai determinar se a medida deve ser estendida.

Mesmo com todos os fracassos do atual sistema, há quem o defenda furiosamente, inclusive um psiquiatra que tem sido um leal defensor do *status quo*. Numa grande conferência da polícia ele trombeteou: "As TROs funcionam, e já provamos isso." Ele baseou a sua frase imprudente num estudo lamentavelmente tendencioso de uma pequena amostra de casos de perseguição que nem mesmo incluíam perseguidores de esposas, o tipo com mais probabilidade de matar.

De fato, se você analisar os assassinatos encontrará uma freqüência alarmante de medidas cautelares e outras intervenções de confronto. Os bens pessoais de uma mulher assassinada pelo marido abandonado freqüentemente incluem o pedaço de papel que aquele psiquiatra nos garantiu ter "provado" ser eficaz. Como ele explica isso?

"Veja as coisas assim", ele diz. "Algumas pessoas morrem de quimioterapia. Outras morrem quando recebem medidas cautelares. Mas isso não significa que você não vá fazer uma quimioterapia - ou que você não deva conseguir uma medida cautelar." A comparação do câncer (do qual o paciente não pode fugir) com os riscos representados pelo marido abandonado (de quem a mulher *pode* se livrar) não só é desumana como perigosamente errada.

Visto que tantas mulheres morrem em conseqüência desta forma descuidada de pensar, e como a maioria dessas mortes é previsível, vou tratar do assunto com mais profundidade. Espero que você jamais precise destas informações, mas sei que alguém na sua vida vai precisar delas um dia.

Muitos homicídios ocorreram no tribunal onde as mulheres estavam buscando medidas de segurança, ou pouco antes da audiência com o juiz. Porquê? Porque os assassinos são alérgicos à rejeição. Eles já acham difícil ser rejeitados em particular, em público isso é intolerável. Para homens assim, a rejeição é uma ameaça à identidade, à persona, ao ego, e neste sentido seus crimes poderiam ser chamados *assassinato em defesa do ego*. Em *To Have or To Harm*, o primeiro livro sobre perseguição, o autor Linden Cross detalha vários casos em que as ordens do tribunal não impediram homicídios. Estes são alguns deles:

Shirley Lowery estava esperando para entrar na sala do tribunal para a audiência da medida cautelar quando foi apunhalada 19 vezes pelo marido. O marido de Tammy Marie Davis a espancou e aterrorizou junto com o filho de um ano e nove meses, mandando ambos para o hospital. Logo depois de receber a medida cautelar obtida por Tammy, o marido a matou com um tiro. Tammy tinha 19 anos.

O marido de Donna Montgomery tinha apontado uma arma para sua cabeça e a perseguia, por isso ela conseguiu uma medida cautelar. Ele foi ao banco onde ela trabalhava e a matou, suicidando-se em seguida.

Theresa Bender obteve uma medida cautelar que o marido não demorou a desobedecer. Embora ele tivesse sido preso, ela continuou decidida a cuidar da sua segurança e combinou com dois colegas para acompanhá-la na ida e na volta do trabalho. O marido também estava decidido: atirou nos três, matando-os, antes de apontar o revólver para si próprio.

Maria Navarro ligou para a polícia e relatou que o marido de quem ela se separara tinha acabado de ameaçá-la de morte e estava indo para a sua casa. Apesar de eleja ter sido preso mais de uma vez por espancamento, a polícia recusou-se a mandar policiais até a casa dela porque sua medida cautelar tinha expirado. Em quinze minutos, Maria e mais três pessoas estavam mortas, assassinadas pelo homem que cumpriu o que prometeu.

O marido de Hilda Rivera tinha desobedecido a duas medidas cautelares e tinha seis ordens de prisão quando a matou na presença do filho de sete anos.

O marido de Betsy Murray desobedeceu a sua medida cautelar *treze* vezes. Ele reagiu ao seu pedido de divórcio dizendo: "Casamento é para a vida toda e a única saída é a morte." Quando nada mais funcionou, Betsy se escondeu e, mesmo depois que a polícia lhe garantiu que o marido tinha fugido do país para evitar ser preso de novo, ela ainda manteve em segredo o seu novo endereço. Um dia, quando ela foi até o antigo apartamento para pegar a correspondência que um vizinho estava guardando, o marido abandonado a matou e depois se suicidou. Ele a perseguira por mais de seis meses.

O fato de tantos desses assassinos também cometerem suicídio nos diz que a recusa em aceitar a rejeição é mais importante para eles do que a própria vida. Quando chegam a este ponto, será que uma ordem judicial os impedirá de fazer alguma coisa?

O último caso que desejo citar é o de Conney Chaney. Ela também já obtivera quatro medidas de segurança quando o marido a estuprou sob a mira de um revólver e tentou matá-la. A solução recomendada pela polícia? Obter uma medida cautelar; e ela obteve. Antes de matá-la, o marido escreveu no diário dele: "Eu não conseguiria viver comigo mesmo sabendo que ela venceu, ou que ela me pegou. Não! *Isto é guerra.*" Essas três palavras dizem tudo, porque a medida cautelar é como uma estratégia de guerra, é uma questão de vida ou

morte, assim como numa guerra.

Num estudo de 179 casos de perseguição patrocinado pela Promotoria Pública de San Diego, cerca de metade das vítimas que solicitaram medidas cautelares sentiram que as coisas ficaram piores para elas. Num estudo feito pelo Departamento de Justiça dos Estados Unidos, os pesquisadores concluíram que as medidas cautelares foram "ineficazes no impedimento da violência física". Eles constataram que as medidas cautelares ajudaram nos casos em que não havia histórico de agressões violentas. O relatório concluiu sensatamente que "dada a predominância de mulheres com filhos que utilizam as medidas cautelares, sua ineficácia geral em conter violências subsequentes pode deixar muitas crianças sob o risco de testemunhar violências ou de se tornarem elas mesmas vítimas de violência".

Um estudo mais recente realizado para o Departamento de Justiça dos Estados Unidos revelou que mais de um terço das mulheres continuava tendo problemas depois de obtidas as medidas cautelares. Isso significa, favoravelmente, que quase dois terços *não* continuaram tendo problemas - mas continue lendo. Embora 2,6 por cento das solicitantes tenham sido fisicamente agredidas logo depois de obter as medidas, quando foram contactadas de novo seis meses depois, esse percentual tinha mais do que triplicado. Denúncias de constantes perseguições e agressões psicológicas também aumentaram drasticamente depois de seis meses. Isto indica que a curto prazo os benefícios das medidas cautelares são maiores do que a longo prazo.

Quero deixar claro que não estou dizendo que as medidas cautelares temporárias não funcionem, porque, de fato, na maioria das vezes em que são usadas ordens judiciais, as coisas melhoram. Quase sempre pelo motivo que se espera: os homens são desencorajados pela ameaça de prisão. Outras vezes, as medidas mostram que a mulher está resolvida a terminar o relacionamento, e isso convence o homem a se afastar. Seja lá por que elas funcionam, não há dúvida de que em alguns casos elas não funcionam. A questão é: quando?

Medidas cautelares são muito eficazes com pessoas sensatas com limitado investimento emocional. Em outras palavras, elas funcionam melhor com aquela pessoa com menos probabilidade de se tornar violenta. Além disso, existe uma grande diferença entre usar a medida cautelar com um marido agressivo e usá-la com um homem com quem você saiu umas duas vezes. Essa diferença é a quantidade de investimento emocional e direitos que o homem pensa que tem. Com um perseguidor que você conhece só de alguns encontros (discutido no próximo capítulo), a medida ordena que ele deixe a mulher em paz e vá tratar da sua vida, como fazia antes de conhecê-la. A mesma ordem judicial usada com um marido abandonado pede a ele que desista, ao golpe da pena de um juiz, das principais características da sua vida: seu relacionamento íntimo, seu controle e propriedade de outro ser humano, sua identidade como um homem poderoso, sua

identidade como marido e daí por diante. Portanto, uma medida cautelar temporária pode pedir a um homem que faça algo de que ele é capaz facilmente, enquanto que pede a outro para fazer uma coisa muito mais difícil. Esta distinção tem sido amplamente ignorada pelo sistema judicial criminal.

Para isso há uma resposta pronta: quando os homens são muito violentos e perigosos, eles vão matar não importa o que acontecer, portanto a medida cautelar não pode piorar ainda mais a situação. Mas aqui está a dificuldade: a medida cautelar prejudica, sim, ao convencer a mulher de que está segura. Um importante juiz da vara familiar disse: "As mulheres devem entender que este papel não impedirá o próximo soco ou a próxima bala." Mas não são só as mulheres que precisam entender isso - é todo o sistema de justiça criminal. Pode-se esperar que a mulher aprenda pela própria experiência, mas o sistema deveria aprender com todas as experiências somadas.

Carol Arnett já teve a experiência de dirigir um abrigo para mulheres espancadas e, anos antes, de *se drngk para* um abrigo para mulheres espancadas. Agora, diretora-executiva do Conselho de Violência Doméstica de Los Angeles, Arnett diz:

Nós que trabalhamos em abrigos vimos o sistema de justiça criminal falhar na proteção e, muitas vezes, até colocar as mulheres em perigo, durante tantos anos que ternos muita cautela ao recomendai- medidas cautelares. Confiamos na própria mulher para montar um plano de ação. Quem quer que seja, dentro ou fora do sistema, que disser a uma mulher que ela deve tomar uma atitude contrária ao que ela mesma considera ou intui como sendo o certo, não só está usando mal a filosofia do *empowerment* como também pode estar colocando a mulher em perigo.

Acima de tudo, quero incentivar as pessoas a se fazerem esta simples pergunta: Uma medida cautelar vai ajudar ou prejudicar no meu caso em particular? Pelo menos, então, seja qual for a escolha, se poderá dizer que foi uma escolha e não uma reação automática. Considero as medidas cautelares como *unia* opção, não a única opção.

Entre essas opções, eu certamente defendo as intervenções legais tais como prisão por espancamento, ataque, arrombamento e invasão, ou outras violações à lei. Você pode ficar pensando qual seria a diferença entre isso e ser preso por desobedecer a uma medida cautelar. Acusações de desrespeito à lei envolvem o sistema contra o infrator, enquanto as medidas cautelares envolvem um agressor contra a sua mulher. Muitos espancadores não toleram a idéia de estarem sob o controle das suas vítimas, e com uma ordem judicial a mulher busca controlar a conduta do marido, virando assim a mesa do seu relacionamento. Inversa- mente, quando o sistema dá seguimento a acusações de crimes como espancamento, são as ações do homem - não as da sua esposa -

que têm para ele conseqüências previsíveis. Os agressores não deveriam ser totalmente processados por todas as ofensas, mas acredito que os processos sejam um freio importante para mais abusos, mas mesmo assim a mulher deve estar preparada para a possibilidade de as coisas piorarem.

A conclusão é que existe realmente um bom motivo para se obter uma medida cautelar no caso de agressão à esposa. A mulher acredita que o homem vai respeitar a ordem judicial e deixá-la em paz. Se a vítima ou o profissional do sistema obtiveram uma medida cautelar para impedir alguém de cometer um assassinato, provavelmente erraram de estratégia.

Então, o que podemos dizer a uma mulher que acha que vai ser assassinada? *Busque e aplique estratégias que a tornem indisponível ao seu perseguidor. Se realmente acredita que está correndo risco, os abrigos para mulheres espancadas são a melhor forma de se sentir segura.* O local dos abrigos é mantido em segredo, e os profissionais que trabalham ali compreendem o que o sistema legal não entende: que a questão é a segurança - não a justiça. A diferença entre segurança e justiça fica quase sempre meio indefinida, mas torna-se clara quando você está caminhando por uma calçada cheia de gente e um jovem atlético agarra a sua bolsa ou maleta. Quando ele sai correndo no meio do trânsito intenso, a justiça exige que você persiga o jovem até alcançá-lo e prendê-lo. Mas à medida que ele vai ziguezagueando no meio dos carros, quase sendo atropelado, a segurança exige que você interrompa a caçada. É injusto ele se safar impune, mas é muito mais importante que você escape ileso. Para lembrar aos meus clientes que o meu trabalho é ajudá-los a ter mais segurança, tenho um pequeno cartaz sobre a minha mesa que diz: "Não venha aqui buscando justiça."

Nos abrigos está a segurança, está a orientação e a sabedoria. Inevavelmente, ir para um abrigo é uma importante e inconveniente decisão; é fácil ver por que tantas vítimas se iludem com a boa notícia de que uma medida cautelar resolverá todos os problemas. Mas imagine que o seu médico lhe disse que você precisa ser operada imediatamente para salvar a sua vida. Você perguntaria: "Será que em vez disso não tem um pedaço de papel para eu carregar comigo?"

O promotor de Los Angeles, John Wilson, homem experiente e ponderado, pioneiro dos primeiros casos de processo por perseguição do país, conhece muitos casos em que a vítima permaneceu à disposição do seu agressor depois que o homem foi preso e solto. Wilson assistiu a uma palestra que fiz para executivos da polícia, e depois me escreveu. Sinto-me à vontade dividindo com vocês este trecho da sua comovente carta:

Seu tema tocou num ponto vulnerável. Infelizmente para uma jovem esposa, não ouvi o seu conselho em meados de abril. Lavrei um auto de

espancamento contra o marido dela, e quando ele saiu da prisão a assassinou. Foi a minha sexta morte desde que estou nesse serviço, e cada uma delas se encaixa perfeitamente no perfil que você traçou.

Tendo lido tudo isso, você pode se perguntar como é possível ainda haver discordâncias quanto ao uso indiscriminado de medidas cautelares e outras intervenções de confronto, mas elas existem. Ouvi ambos os lados da questão e, devo lhe dizer, não entendo. Talvez, como nos Estados Unidos são emitidas mais de mil medidas cautelares temporárias por dia, e as mulheres não são assassinadas neste mesmo ritmo, pode parecer, estatisticamente falando, que elas funcionam. Eu não sei, mas, de qualquer forma e em todos os casos, a polícia deve exigir extrema prudência no período que se segue à emissão de uma medida cautelar. Esse momento está carregado de emoções e de perigo, e espero que a polícia ao recomendar medidas cautelares também se esforce para garantir que a mulher tome todas as providências para não ficar à disposição de seu perseguidor.

A psicóloga Lenore Walker, que cunhou o termo "síndrome da mulher espancada" (e que mais tarde surpreendeu a comunidade da violência doméstica juntando-se à equipe de defesa de O. J. Simpson), disse a respeito do homicídio de esposas: "Não há como prever isso." Ela está errada. O homicídio de esposas é o mais previsível de todos os crimes graves cometidos nos Estados Unidos. O erro de Walker deixa claro, entretanto, que é preciso urgentemente ajudar a polícia, os promotores e as vítimas a avaliarem de forma sistemática os casos para que possam identificar quais os que têm elementos que indiquem um perigo real. Com este objetivo, minha empresa projetou o MOSAIC-20, um sistema de intuição artificial que avalia os detalhes da situação de uma mulher à medida que ela os relata à polícia. Este programa de computador sinaliza os casos em que é maior o risco de homicídio. Parte dos rendimentos obtidos com este livro destinase ao seu aprimoramento constante, e me orgulho em ajudar o Los Angeles County District Attorney's Office, o Los Angeles County Sheriffs Department, e o Departamento de Polícia de Los Angeles na implantação pela primeira vez no país do MOSAIC-20. (Ver Apêndice 5 para mais informações.) Este sistema coloca à disposição dos cidadãos comuns as mesmas tecnologias e estratégias usadas para proteger altos funcionários do governo. É justo, considerando-se que as mulheres espancadas correm muito mais risco de serem assassinadas do que a maioria das figuras públicas.

Enquanto isso, as medidas cautelares continuam a ser o que a autora Linden Gross chama de "reação automática" de imposição da lei. Não vou perguntar retoricamente se é preciso alguém morrer para as coisas mudarem, porque muita gente já fez isso.

Milhares de casos me fizeram ver que escapar com segurança é mais sensato do que tentar mudar o marido agressivo ou travar uma guerra, mesmo que a polícia e os tribunais estejam ao seu lado. Como ocorre com outros aspectos relacionados com a segurança, o governo não pode consertar relacionamentos violentos. Muita gente que trabalha para garantir a obediência às leis, motivada por um forte desejo de ajudar, reluta compreensivelmente em aceitar que algumas formas de criminalidade estão fora do seu alcance. Felizmente, também há entre essas pessoas preocupadas em garantir a lei quem já tem experiência e sabe tudo sobre estes casos e se torna herói. Isso me faz lembrar da história de Lisa.

Lisa não sabia que este sargento da polícia já tinha visto, do outro lado do balcão, muitos rostos machucados antes daquela noite. Ela achava que a sua situação era única e especial, e tinha certeza de que a polícia agiria logo, principalmente depois que ela explicou que o marido apontara uma arma para a sua cabeça.

Uma hora antes, depois de pular a janela e atravessar correndo várias ruas escuras, ela olhou ao redor e viu que estava perdida. Mas num sentido mais importante, ela havia se encontrado. Tinha se redescoberto - a jovem que ela fora 15 anos antes - antes que ele a esbofeteasse, antes que ele chegasse a tentar sufocá-la, e antes do incidente com o revólver. As crianças tinham assistido a esta última cena, mas agora elas a viam mais forte, apoiada pela polícia. Elas o viam pedir desculpas, então tudo se resolveria. A polícia faria o marido voltar à razão e o forçaria a tratá-la bem, e aí tudo estaria resolvido.

Ela orgulhosamente contou ao sargento: "Só volto para ele se me prometer que não vai mais me bater." O sargento fez um gesto com a cabeça concordando e lhe entregou uns formulários: "Preencha isso aí - tudo - e depois eu coloco aqui." E apontou

para uma pilha confusa de formulários e relatórios num armário. O sargento olhou para a jovem mulher, a jovem mulher que planejava voltar para o seu agressor, para o homem com a arma que ele alegara ter comprado para sua defesa pessoal mas que, na verdade, era para defender o seu ego.

O sargento depois disse as palavras que mudaram a vida de Lisa, as palavras que dez anos depois ela lhe agradecerá por ter pronunciado, as palavras que lhe permitiram abandonar o seu violento agressor: "Você preenche estes formulários e volta para casa, e na próxima vez que eu olhar para eles será porque você foi assassinada."

11 - "Eu estava tentando recusar com delicadeza"

Com estas palavras começa uma história que ouvimos em meu escritório várias vezes por mês. Antes de vir falar comigo, a mulher jovem e inteligente pode ter contado para os amigos, o psicólogo, o detetive particular, o advogado, o policial, talvez até a um juiz, mas o problema continuou. E a história de uma * situação que já pareceu inocente, ou pelo menos controlável, mas que agora é assustadora. É a história de alguém que começou como um pretendente que parecia normal mas que logo se revelou outra coisa.

Existem duas categorias gerais de perseguição: a não desejada, por um estranho, e a não desejada feita por alguém que a vítima conhece. Os casos de pessoas totalmente estranhas que se fixam em cidadãos comuns são, comparados com outros tipos de perseguição, muito raros e também aqueles com menos probabilidade de terminar em violência. Conseqüentemente, vou explorar esses casos que afetam o maior segmento da população de vítimas: as perseguições por alguém com aspirações românticas, quase sempre um indivíduo a quem a mulher foi apresentada ou com quem saiu algumas vezes.

Embora esteja em moda entre os repórteres dos noticiários falar de perseguidores como se fossem um tipo singular de criminoso, aqueles que escolhem cidadãos comuns não são. Eles não vieram de Marte - eles são de Miami e Boston, de San Diego e Brentwood. São o homem com quem a nossa irmã saiu, o homem que a nossa empresa contratou, o homem que se casou com a nossa amiga.

Neste cenário, nós homens devemos vê-los como uma parte de nós mesmos para compreender melhor o problema. Fazendo palestras por todo o país, às vezes eu pergunto à platéia: "Quantos homens aqui já descobriram onde uma moça vive ou trabalha usando outros meios que não o de perguntar a ela? Quantos aqui já passaram de carro pela casa da moça para ver quantos carros estavam ali, ou ligou só para ver quem atendia o telefone, desligando logo em seguida?"

Pelo número impressionante de mãos levantadas, aprendi que a aceitabilidade destes comportamentos é uma questão de grau. Depois de uma palestra, um policial que estava na platéia pediu para falar comigo em particular. Ele me contou que só agora percebera que tinha perseguido incansavelmente uma aluna da academia de polícia quando ele estava servindo lá. Ela lhe disse não durante 18 meses, o tempo todo preocupada com o impacto que a rejeição poderia ter sobre a sua carreira. "Ela não me deu nenhum indício de que deseja ter um relacionamento comigo, mas eu não desistia, nem por um momento", disse ele. "Mas valeu a pena. Estamos casados."

Suponho que você possa dizer que valeu a pena, mas a história fala mais das complicações de uma perseguição romântica. E claro que para as mulheres

nessas últimas décadas, os riscos de resistirem à atenção romântica aumentaram nitidamente. Existem algumas linhas invisíveis entre o que é aceitável e o que está indo longe demais - e homens e mulheres nem sempre concordam quanto ao lugar onde esta linha se posiciona. As vítimas e seus perseguidores não desejados jamais concordam, e às vezes vítimas e polícia também não.

Todos concordam, entretanto, quando uma dessas situações inclui a violência, mas por que não podemos chegar a um consenso antes disso? Para responder a esta pergunta, tenho que lembrar as imagens de Dustin Hoffman entrando furioso numa igreja, e Demi Moore aparecendo sem ser convidada numa reunião de negócios. Tenho que falar de sujeitos comuns, do dia-a-dia, e sobre o dicionário. Pode parecer que estas coisas não estejam relacionadas com perseguições não desejadas, mas, como tenho certeza de que a sua intuição já lhe disse, elas estão.

Nos anos 60, lançaram um filme que retratava como um rapaz poderia cortejar uma mulher. Era *A primeira noite de um homem*. Nele, Dustin Hoffman sai com uma moça (Katherine Ross) e depois a pede em casamento. Ela diz não, mas ele não quer ouvir. Ele fica esperando por ela do lado de fora da sala na escola e pede de novo, e de novo. Finalmente ela lhe escreve uma carta dizendo que pensou muito e decidiu não se casar com ele. Na verdade, ela estava se mudando para outra cidade e ia se casar com outro homem. A mensagem pareceria clara- mas não nos filmes.

Hoffman usa técnicas de perseguição para encontrá-la. Ele finge ser um amigo do noivo, depois um dos membros da família e depois um padre. No final ele descobre a igreja, e entra intempestivamente segundos antes de Katherine ser declarada esposa de outro homem. Ele bate no pai da noiva, agride outras pessoas e empunha uma grande cruz de madeira contra os convidados que tentam ajudar a família.

E o que acontece? Ele fica com a moça. Ela foge com Dustin Hoffman, abandonando a família e o novo marido. Deixa para trás também a noção de que uma mulher deve ser ouvida, a noção de que um não significa não, e a noção de que uma mulher tem direito de decidir quem entrará na sua vida.

Minha geração viu em *A primeira noite de um homem* que existe uma estratégia romântica a ser usada que supera todas as outras: *a persistência*. Esta mesma estratégia é a essência de todos os atos de perseguição. Homens que insistem em relacionamentos improváveis ou inadequados com mulheres e que conseguem ficar com elas é um tema comum promovido pela nossa cultura. É só lembrar de *Flashdance*, *Tcotsie*, *Corações em alta*, *Mulher nota dez*, *Feitiço do rio*, *Lua-de-mel a três*. *Proposta indecente*.

Esta fórmula de Hollywood poderia se chamar Rapaz Quer a Moça, Moça Não Quer o Rapaz, Rapaz Assedia a Moça, Rapaz Fica com a Moça. Muitos filmes ensinam que se você insistir, mesmo ofendendo-as, mesmo que

ela diga que não quer nada com você, mesmo que você seja tratado como lixo (e, às vezes, porque você a tratou como lixo), você fica com a moça. Mesmo que ela esteja se relacionando com outra pessoa, mesmo que você se pareça com Dustin Hoffman, no fim você fica com Katherine Ross ou Jessica Lange. A persistência vence a guerra, apesar de tudo. Até o programa de televisão aparentemente inofensivo. *Cheers* toca nesse assunto. A persistência do assédio sexual inadequado de Sam a duas colegas de trabalho - oito anos nisso - não lhe causam uma demissão ou processo. Mas ele fica com ambas.

O que as jovens mulheres podem aprender com os casos reais de perseguição é o seguinte: persistência é prova apenas de persistência - não é prova de amor. O fato de um perseguidor romântico ser incansável não significa que você seja especial - significa que ele é perturbado.

Não é novidade que homens e mulheres falam línguas diferentes, mas quando o risco é muito grande é importante lembrar que os homens são gentis quando perseguem e as mulheres são delicadas quando rejeitam. Naturalmente isto leva à confusão, e nos conduz à prática muito comum de recusar com delicadeza.

Coerente com o que lhes ensinaram, as mulheres que recusam quase sempre dizem menos do que pretendem. Coerente com o que aprenderam, os homens com frequência ouvem menos do que se diz. Não há nada que expresse este problema de forma mais alarmante do que as centenas de milhares de pais (e mães), irmãos mais velhos (e irmãs), os filmes e programas de televisão que ensinam à maioria dos homens que se ela diz não, não é isso que ela está querendo dizer. Acrescente-se tudo o que a mulher aprendeu sobre "ser difícil", quando não é isso que elas estão sentindo. O resultado é que "não" pode significar muitas coisas na nossa cultura. Eis um pequeno exemplo:

Talvez
Humm...
Não estou certa
Encontrei meu homem!
Ainda não
Quero um tempo
Continue tentando

Há um livro em que o significado de *não* é sempre claro: o dicionário. Mas como os escritores de Hollywood não parecem usá-lo com muita frequência, nós é que temos que fazer isso. Temos que ensinar aos jovens que "Não" é uma frase completa. E mais difícil do que parece, dadas as profundas raízes culturais do híbrido não/talvez. Tornou-se parte do contrato entre homens e mulheres e foi até explorado pelos teóricos clássicos dos contratos, Rousseau e Locke. Rousseau perguntou: "Por que consulta suas palavras se não são suas

bocas que falam?" Locke falou do homem que obtém o "mudo consentimento" ao ler os olhos de uma mulher, "apesar da negação da boca". Locke até afirmou que o homem está protegendo a honra de uma mulher quando ignora as suas recusas: "Se ele então fica feliz, não é brutal, é decente." No mundo de Locke, o encontro que termina em estupro não seria um crime - seria um ato de cortesia praticado por um *gentleman*.

Mesmo que homens e mulheres americanos falassem o mesmo idioma, ainda assim continuariam vivendo segundo padrões diferentes. Por exemplo, se um homem num filme estuda a agenda de uma mulher, descobre onde ela mora e trabalha, chega a ir a sua casa sem ser convidado, isso demonstra que ele está interessado, prova o seu amor. Quando Robert Redford faz isso com Demi Moore em *Proposta indecente*, é adorável. Mas quando ela aparece no trabalho *dele* sem avisar, interrompendo um almoço de negócios, é alarmante e dilacerador.

Se um homem num filme deseja um encontro sexual ou usa a persistência, ele é um sujeito comum, do tipo que se encontra todos os dias, mas se a mulher faz a mesma coisa ela é maníaca ou assassina. É só lembrar de *Atração fatal*, *The King of Comedy*, *White Female*, *Perversa paixão*, *A mão que balança o berço* e *Instinto selvagem*. Quando os homens perseguem, costumam conseguir-a moça. Quando as mulheres perseguem, em geral são assassinadas.

Os filmes populares podem ser o reflexo da sociedade ou projetá-la. dependendo da pessoa a quem você perguntar, mas de qualquer forma eles moldam o comportamento para nós. Durante os estágios iniciais de uma perseguição nos filmes - e com muita frequência na vida real - a mulher está observando e esperando, ajustando-se às expectativas de um homem declaradamente interessado. Ela não é ouvida ou reconhecida; ela é a tela onde o homem projeta as suas necessidades e a sua idéia do que ela deveria ser.

E perseguindo que alguns homens arriscam tudo quando as mulheres não cooperam. É um crime de exercício de poder, controle e intimidação muito semelhante ao encontro que termina em estupro. De fato, muitos casos de encontros que acabam virando perseguição poderiam ser descritos como uma extensão do estupro; eles cerceiam a liberdade e respeitam os desejos do homem sem considerar o que a mulher quer. Seja ele um marido abandonado, um ex-namorado, o encontro de um dia, ou um pretendente não desejado, o perseguidor reforça a regra mais cruel da nossa cultura, a de que a mulher não pode decidir com quem viver. Fica imediatamente claro que temos algo pior do que um duplo padrão - temos um padrão perigoso.

Fiz *lobby* e testemunhei com sucesso a favor de leis sobre perseguição em vários estados, mas trocaria tudo isso por uma turma de ginásio para ensinar aos rapazes a ouvirem um "não" e ensinar às moças que não há nada demais na rejeição explícita. O currículo também incluiria estratégias para cair fora. Desnecessário dizer, talvez, que o curso não se chamaria "Recusá-lo com

Delicadeza". Se a cultura ensinasse e depois permitisse às mulheres rejeitar e dizer não explicitamente, ou se um número maior de mulheres assumisse esse poder logo no início do relacionamento, os casos de perseguição diminuiriam drasticamente.

Procurar o sr. Correto adquiriu um significado muito maior do que se livrar do sr. Errado, portanto não se ensina às mulheres o que fazer para se livrar dos relacionamentos. A aula para a turma do ginásio acentuaria a única regra que se aplica a todos os tipos de perseguições não desejadas: *Não negocie*. A partir do momento em que a mulher decide que não quer se relacionar com determinado homem, basta dizer isso uma vez, explicitamente. Quase todos os contatos após essa rejeição serão vistos como negociação. Se a mulher ficar repetindo para um homem que não quer falar com ele, estará falando com ele, e todas as vezes em que o fizer estará traido a sua resolução.

Se você diz para uma pessoa dez vezes que não quer falar com ela, você *está* falando com ela - nove vezes mais do que desejava.

Quando uma mulher recebe trinta mensagens de um perseguidor e, apesar de não querer ligar para ele, acaba cedendo e liga, independentemente do que ela disser ele ficará sabendo que é só deixar trinta mensagens que conseguirá falar com ela. Para este tipo de homem, qualquer contato é visto como progresso. E claro, algumas vítimas acreditam que por não responderem estão provocando o sujeito, e tentam recusar delicadamente. Com frequência o resultado é que ele acredita que ela está em conflito incerto, que realmente gosta dele mas ainda não sabe disso.

Quando uma mulher rejeita alguém que está interessado nela e diz: "É que não quero me relacionar com ninguém agora", ele ouve apenas o "agora". Para ele, isto significa que ela vai desejar o relacionamento mais tarde. A rejeição deveria ser: "Não quero me relacionar *com você*." A menos que fale com clareza, e às vezes mesmo sendo direta ele não escutará.

Se ela disser: "Você é um cara legal e tem muito a oferecer, mas não sou a pessoa certa para você; minha cabeça está longe", ele pensa: "Ela realmente gosta de mim; está só confusa. Tenho que lhe provar que ela é a pessoa certa para mim."

Quando a mulher explica por que está rejeitando, este tipo de homem contestará todas as razões que ela lhe der. Eu sugiro que as mulheres jamais expliquem por que não querem um relacionamento, mas simplesmente deixem claro que pensaram muito e que decidiram assim e esperam que o homem respeite a sua decisão. Por que uma mulher tem que explicar aspectos íntimos da sua vida, planos e escolhas românticas para alguém com quem ela não quer se relacionar? Uma rejeição baseada numa condição qualquer, digamos, que ela diga que quer se mudar para outra cidade, só dá a ele algo para contestar. Rejeições condicionais não são rejeições - são discussões.

A astuta cena de abertura do filme *Tootsie* ilustra bem por que as rejeições condicionais não funcionam. Dustin Hoffman faz o papel de um ator lendo a sua fala num teste. Um voz em *off* lhe diz que o papel não será dele.

Voz: A leitura estava ótima, a sua altura é que não serve.

HOFFMAN: Ah, eu posso ficar mais alto.

Voz: Não, você não está compreendendo. Queremos alguém mais baixo.

HOFFMAN: Ah, tudo bem, não preciso ter toda esta altura. Veja só, é o salto do meu sapato que é alto. Posso ficar mais baixo.

Voz: Eu sei, mas realmente... estamos procurando alguém diferente.

HOFFMAN: Eu posso ser diferente.

Voz: Queremos *outra* pessoa, ok?

Esta última frase não dá razões nem aceita negociações, mas as mulheres na nossa cultura estão praticamente proibidas de pronunciá-la. Elas aprendem que podem ficar mal vistas se disserem isso com clareza e, logo de início, as pessoas vão se afastar dela, ficarão com raiva e até violentas.

Imaginemos que uma mulher deixou passar várias oportunidades de se relacionar com um pretendente. Cada sugestão, ação e inação comunicaram que ela não estava interessada. Se o homem continua insistindo, embora isso possa parecer duro para certas pessoas, chegou a hora de uma rejeição incondicional e explícita. Como sei que poucos homens americanos já ouviram isso, e também poucas mulheres já disseram isso, eis aqui como uma rejeição incondicional e explícita deve soar:

Não importa o que você tenha imaginado até agora, e não importa por que motivo imaginou isso. Não tenho nenhum interesse romântico por você. Estou certa de que jamais terei. Espero que sabendo disso você volte as suas atenções para outro lugar, o que eu vou entender, por que é o que eu mesma pretendo fazer.

Só existe um reação adequada para isso: aceitar. Seja como for que o homem comunicar isso, o conceito básico deveria ser: "Eu estou ouvindo você, compreendo e, apesar de desapontado, vou respeitar a sua decisão."

Eu disse que existe apenas uma reação adequada. Infelizmente, existem centenas de reações inadequadas e, embora assumam muitas formas, a mensagem básica é: "Não aceito a sua decisão." Se um homem agressivamente discute, duvida, tenta negociar ou fazê-la mudar de idéia, é preciso reconhecer tudo isso exatamente pelo que é. Deve ficar claro que:

1) Ela tomou a decisão certa a respeito deste homem. Em vez de a sua

resolução ser desafiada pela reação dele, ela deve ser reforçada.

2) Obviamente não interessa a ela se relacionar com alguém que não escuta o que ela diz e não reconhece o que ela sente.

3) Se ele não compreende uma mensagem assim clara e explícita, pode-se imaginar a sua reação a algo ambíguo, ou dito com delicadeza.

O comportamento de um perseguidor não desejado pode ir num crescendo até incluir coisas como telefonemas insistentes e mensagens; aparecer sem que tenha sido convidado no trabalho, na escola ou na casa da mulher; segui-la; tentar envolver os amigos ou a família dela na sua campanha. Se qualquer uma dessas coisas acontecer, supondo-se que a mulher tenha comunicado explicitamente a rejeição, é muito importante que não se detecte mais nenhuma outra reação. Quando a mulher torna a se comunicar com alguém a quem ela explicitamente rejeitou, seus atos não combinam com suas palavras. O homem é capaz de escolher quais as comunicações (atos *versus* palavras) que realmente representam o que a mulher sente. Obviamente, em geral, ele escolhe a que lhe interessa. Com frequência, um homem assim deixa mensagens no telefone que encerram de forma ostensiva a questão, mas que na verdade são esforços grosseiramente camuflados para obter uma resposta - e lembre-se, ele vê qualquer resposta como um progresso.

MENSAGEM: Oi, aqui é o Bryan. Escute, estou voltando para Boston, mas não posso ir embora antes de ver você mais uma vez. Só csicu pedindo uma chance de dizer adeus; só isso. Um encontro rápido, e depois vou embora.

MELHOR RESPOSTA: Nenhuma.

MENSAGEM: Escuta, é o Bryan, é a última vez que ligo para você. [Esta frase, que os perseguidores repetem sempre, raramente é verdadeira.]

MELHOR RESPOSTA: Nenhuma.

Quando uma mulher é perseguida por alguém com quem ela saiu uma ou duas vezes, talvez tenha que agüentar as críticas de quem está sabendo da situação: "Você deve ter encorajado este sujeito de alguma forma" etc. Sem dúvida vai ter gente lhe dando os conselhos convencionais sobre perseguições, que deveriam se chamar de *desconselhos* convencionais. Vão dizer (como se fosse um plano criativo): "Troque o número do telefone." Na verdade, o nosso escritório não recomenda esta estratégia pois, como qualquer vítima lhe dirá, o perseguidor sempre consegue o novo número. Um plano melhor é a mulher conseguir uma segunda linha telefônica, dar o novo número para as pessoas com quem ela quer falar, e deixar o antigo na secretária eletrônica ou no *voice-mail* de forma que o perseguidor nem perceba que ela tem outro número. Ela pode conferir as mensagens e quando receber telefonemas de pessoas com quem deseja falar ela retorna a ligação e lhes dá o novo número. Finalmente, a única

pessoa que deixará mensagens no antigo número será o perseguidor inconveniente. Assim, os telefonemas dele ficam documentados (guarde as mensagens) e, o que é mais importante, sempre que ele deixar um recado, *receberá* outro: o de que ela não vai cair na tentação de reagir às suas manipulações.

Sugerimos também que a mensagem atual na secretária eletrônica seja gravada por uma amiga, porque ele pode estar ligando só para ouvir a voz do seu objeto de interesse. Embora as pessoas acreditem que uma mensagem gravada por uma voz masculina leve o perseguidor a acreditar que sua vítima tem um novo relacionamento, é mais comum que isso o faça investigar ainda mais.

Perseguidores são, por definição, pessoas que não desistem facilmente - é gente que não desgruda. Mais precisamente, a grande maioria é gente que não desiste quando quase todos nós

já teríamos desistido, mas que acaba mudando de idéia - se as vítimas evitarem se envolver com eles. Em geral, precisam grudar um tentáculo em outra pessoa antes de desgrudar os que estão agarrados no seu objeto atual.

Um axioma da dinâmica da perseguição: *Homens que não desistem escolhem mulheres que não conseguem dizer não.*

A maioria das vítimas concorda que, mesmo querendo, no início relutaram em rejeitar explicitamente. Com frequência, a gentileza ou delicadeza da rejeição de uma mulher é vista como afeto. Quem dá uma demonstração disso e prova que ninguém está livre destas situações é Kathleen Krueger, casada com Bob Krueger, senador dos Estados Unidos. Ela não conseguia se livrar de um perseguidor inconveniente que uma vez pilotou o avião de campanha do marido. Quando a sra. Krueger me descreveu o seu caso, o explicou eloqüentemente do ponto de vista do perseguidor: "Nós fomos gentis com ele, não demais, mas era obviamente um grande negócio para ele. Ele interpretou isso como amor. *Acho que quando você está morto de fome, até uma migalha parece um banquete.*"

Nos casos em que o perseguidor no início pensou que estava recebendo uma atenção favorável, ou em que realmente saiu algumas vezes com a vítima ou teve um relacionamento com ela, ele pode ficar tão desesperado em continuar que aceita qualquer tipo de contato. Apesar de preferir tê-la como namorada, ele aceitará ser só um amigo. No final, embora preferindo ser seu amigo, ele aceitará ser seu inimigo se for a única posição disponível. Como um ex-namorado escreveu a uma jovem cliente nossa a quem perseguia: "Você vai ficar pensando em mim. Pode não pensar bem, mas vai pensar."

Outra regra a ser ensinada nas aulas de "Livrar-se do sr. Errado" seria: *A forma de interromper um contato é interrompendo o contato.* Como observei antes, sugiro uma rejeição explícita seguida de absolutamente nenhum contato. Se você retorna a ligação de um perseguidor, concorda em se encontrar com ele,

envia-lhe um bilhete ou pede para alguém fazê-lo parar, estará concordando com mais seis semanas de perseguição não desejada. Algumas vítimas pensam que ajuda um amigo homem, um novo namorado ou um membro masculino da família dizer ao perseguidor para parar. Quem tenta em geral aprende que o perseguidor interpreta isso como evidência de que o objeto do seu amor deve estar em conflito. Não fosse assim, ela mesma lhe diria.

Mandar a polícia advertir o perseguidor pode parecer uma coisa óbvia, mas raramente causa o efeito desejado. Embora o comportamento dos perseguidores possa ser alarmante, a maioria não fez nada de ilegal e a polícia tem poucas opções. Quando a polícia vai até ele e diz: "Pare com isso ou vai arranjar encrenca", o perseguidor intuitivamente sabe que se pudessem prendê-lo já o teriam feito. Portanto, qual o resultado da visita? Bem, a maior arma possível do arsenal da sua vítima - mandar a polícia atrás dele - veio e foi sem mais problemas. A polícia bateu na sua porta, conversou com ele e depois foi embora. Quem ficou mais forte, a vítima ou o perseguidor?

Para ser claro, acho que a polícia deveria se envolver quando existe um crime acionável que se for parar na justiça poderá resultar na maior segurança da vítima ou num custo mais alto para o comportamento do perseguidor. Mas um perseguidor deveria ver a polícia pela primeira vez quando de sua prisão, não quando ela quer apenas conversar.

Perseguidores estão, num sentido real, se desintoxicando do vício de um relacionamento. É semelhante à dinâmica em muitas situações de violência doméstica em que ambos os parceiros estão viciados no relacionamento. Nos casos de perseguições depois um encontro, entretanto, em geral isso é unilateral; o perseguidor é o viciado e o seu objeto é a droga. Pequenas doses dessa droga não o curam, o prendem. A melhor maneira de forçá-lo a largar o vício, como na maioria dos vícios, é a abstinência, total - nenhum contato com ela, nenhum contato com seus designados, e nenhum contato que fale dela.

Como acontece nas situações de violência doméstica, as vítimas são frequentemente aconselhadas a fazerem alguma coisa (buscar a intervenção da polícia, avisar) com relação ao perseguidor. Do ponto de vista social mais amplo, esse conselho pode estar correto. Quando se pensa num perseguidor como um perigo para a sociedade - um tigre virtual à espreita na esquina para atacar alguém - então é preciso fazer alguma coisa, mas ninguém é obrigado a agir como voluntário nessa luta. particularmente se puder evitar. Se fosse possível saber e avisará vítima da perseguição que, ao virar a esquina, ela será atacada, qual das opções faria mais sentido: vire a esquina, ou pegue outro caminho? Se for possível evitar a luta, e se tratar da minha esposa, filha, amiga ou cliente, eu recomendo primeiro evitar. Isso porque é sempre possível evitar a briga, mas nem sempre se pode voltar atrás e evitar a guerra depois que ela foi deflagrada.

As vítimas de perseguição também ouvem a mesma sabedoria

convencional oferecida às mulheres espancadas: obtenha uma medida cautelar. Aqui, como no caso dr.s esposas espancadas, é importante avaliar quando uma intervenção judicial seria benéfica e quando essa intervenção só pioraria as coisas. Depende muito do crescendo em que está se encaminhando o caso e de quanta emoção o perseguidor já investiu. Se ele vem ativamente perseguindo a mesma vítima há anos e já ignorou avisos e intervenções, então a medida cautelar não deverá servir de nada. Em geral, as ordens judiciais introduzidas no início representam um risco menor do que as introduzidas depois que o perseguidor já fez um grande investimento emocional, já ameaçou ou teve outros comportamentos sinistros. Medidas cautelares obtidas logo depois que um perseguidor ignorou uma única rejeição explícita têm mais poder e são menos arriscadas do que as obtidas depois de muitos meses ou anos de perseguição.

Existe uma categoria de perseguidores com os quais as ordens judiciais quase sempre ajudam (ou, pelo menos, não são perigosas). É a que chamamos de perseguidor ingênuo. Ele é um indivíduo que simplesmente não percebe que o seu comportamento é impróprio. Ele pensa: "Estou apaixonado por esta pessoa. Conseqüentemente é um relacionamento de amor, e estou agindo como as pessoas apaixonadas agem."

Este tipo de perseguidor não desejado é em geral racional, embora talvez um tanto obtuso e simplório. Nem todos os perseguidores ingênuos estão buscando relacionamentos românticos. Alguns estão insistindo para serem contratados ou para saberem por que não foram contratados, por que a sua idéia não foi aceita, por que seu manuscrito foi rejeitado etc. O perseguidor ingênuo difere dos perseguidores convencionais pela falta de machismo e raiva ao ser rejeitado. Ele parece seguir em frente, feliz, acreditando que está cortejando alguém. Ele continua acreditando nisso até alguém lhe dizer claramente que a sua abordagem é inadequada, inaceitável e contraproducente. O que nem sempre é fácil, mas vale a pena tentar.

Como as vítimas se sentem compreensivelmente frustradas e zangadas, elas podem querer uma ordem judicial para fazer uma dessas coisas:

- Destruir
- Expor
- Ameaçar
- Vingar
- Mudar
- Humilhar

Tudo isso tem um único objetivo razoável do ponto de vista da segurança, que é o de AFASTAR, tirar o sujeito da sua vida. Como no caso das mulheres espancadas, as medidas cautelares podem colocá-las mais próximas do seu objetivo, ou afastá-las ainda mais. É um plano de ação, mas não é o único.

O tipo de perseguidor com quem a mulher teve um encontro rápido (ao contrário do estranho que ela nunca viu antes) é bem semelhante ao marido controlador ou que espanca, embora seja bem menos provável que ele use violência. Entre as suas estratégias estão: agir de forma ridícula para explorar a simpatia ou a culpa da vítima; lembrar supostas promessas ou compromissos; aborrecer tanto a vítima que ela desiste e continua saindo com ele; e finalmente usar o medo com frases e atitudes intimidantes (ameaças, vandalismos, pneus rasgados etc).

Lembre-se de Katherine, que me perguntou se havia uma lista de sinais de alerta sobre homens que possam mais tarde se transformar num problema. Vou repetir sua história, desta vez mostrando os sinais de alerta.

Eu saía com este sujeito chamado Bryan. Nós nos conhecemos na festa de um amigo meu, e ele deve ter pedido a alguém o número do meu telefone [pesquisando a vítima]. Antes mesmo que eu chegasse em casa, ele já tinha deixado três mensagens [investindo abertamente]. Eu lhe disse que não queria sair com ele, mas ele estava tão entusiasmado com a idéia que eu não tive outra escolha [*Homens que não desistem escolhem mulheres que não conseguem dizer não*]. No início, ele foi muito atencioso, parecia sempre saber o que eu queria. Lembrava-se de tudo o que eu dizia [atenção exagerada]. Era agradável, mas também me deixava um pouco constrangida [a vítima intuitivamente se sente desconfortável]. Como, por exemplo, quando eu disse que estava precisando de mais espaço para arrumar meus livros e ele apareceu um dia com prateleiras, pregos e martelo e montou uma estante [oferecer ajuda não solicitada, chantagem]. Eu não podia dizer não. E ele interpretava tudo o que eu dizia. Certa vez ele me convidou para ir a um jogo de basquete, eu disse que talvez fosse. Depois ele disse, 'Você prometeu' [projetando nos outros emoções e compromissos que não existem]. Também falou de coisas sérias cedo demais, tais como viver junto, casar e ter filhos [ritmo de redemoinho; agenda as coisas prematuramente], Ele começou brincando com isso na primeira vez em que saímos, e depois deixou de ser apenas uma brincadeira. Ou quando ele sugeriu que eu tivesse um telefone no meu carro. Eu não tinha certeza se queria isso, mas ele um dia pediu emprestado o meu carro e instalou um telefone [chantagem]. Era um presente, o que eu ia dizer? E, é claro, ele me ligava sempre que eu estava no carro [monitorar onde ela está e o que está fazendo]. E era tão inflexível que eu nunca usava aquele telefone para ligar para o meu ex-namorado. Depois ele ficava zangado até se eu falasse com o meu ex-namorado [ciúme]. Havia uns amigos meus que ele não queria que eu visse [afastá-la dos amigos], e deixou de ver seus próprios amigos

[fazer a outra pessoa ser responsável por ser o seu único mundo social). Finalmente, quando lhe disse que não queria ser sua namorada, ele não quis me ouvir [recusa em ouvir um não].

Tudo isso é feito automaticamente pelo perseguidor, que quer controlar a outra pessoa para que ela não o abandone. Controlar é uma alternativa para ser amado, e visto que a identidade dele depende tão precariamente de um relacionamento, ele tapa com cuidado qualquer vazamento possível. Assim fazendo, ele também sufoca o relacionamento, garantindo que este relacionamento jamais seja como ele diz (e talvez até acredite) que quer que seja.

Bryan não perseguiria uma mulher que pudesse realmente lhe dizer um não, embora esteja muito interessado naquela que no início recusa mas acaba cedendo. Eu lhe garanto que Bryan testou Katherine nos primeiros minutos em que a conheceu:

BRYAN: Quer beber alguma coisa?

KATHERINE: Não, obrigada.

BRYAN: Ah, o que é isso? O que é você quer?

KATHERINE: Bem, um refrigerante, eu acho.

Podem parecer um diálogo insignificante, mas é na verdade um teste que revela muita coisa. Bryan descobriu algo que ela disse que não queria, usou uma tática leve de persuasão e Katherine cedeu, talvez porque quisesse ser gentil. Ele tenta em seguida num grau mais significativo, depois outro e mais outro, até que finalmente ele descobre que encontrou alguém a quem poderá controlar. O diálogo da bebida é o mesmo que eles terão depois sobre o encontro, e mais tarde sobre o rompimento. Estabelece-se um acordo tácito em que ele dirige e ela vai sendo levada. O problema surge quando ela tenta renegociar o acordo.

As histórias publicadas nos jornais nos fazem acreditar que a perseguição é como um vírus que ataca a vítima sem avisar, mas Katherine, como a maioria delas, teve um sinal de desconforto desde o início - e o ignorou. Quase todas as vítimas com quem falei continuaram o relacionamento mesmo depois de desejarem sair dele. Não precisa ser assim. As mulheres podem obedecer a estes sinais iniciais da intuição desde o início.

Sair com alguém tem vários riscos: o risco de se decepcionar, de se chatear, de ser rejeitada e o risco de permitir que um homem perturbado e assustador entre na sua vida. Todo processo é muito semelhante ao de um teste, só que se aposta muito mais. Um encontro pode ser como o teste em *Tootsie*, no qual o homem quer tanto o papel que fará qualquer coisa para consegui-lo, ou

pode ser uma oportunidade para a mulher avaliar sinais pré-incidentes importantes. Não soa romântico? Bem, nessas ocasiões as pessoas estão sempre avaliando; o problema é que avaliam mal. Só estou sugerindo que a avaliação seja consciente e informada.

A mulher pode dirigir a conversa para a última vez que o homem vivenciou um rompimento e analisar como ele descreve isso. Ele aceita que teve uma parte de responsabilidade? Ainda está interessado? Ele demorou a desistir, a ouvir o que a mulher lhe dizia? Eleja desistiu? *Quem rompeu com quem?* Esta última pergunta é importante, porque os perseguidores raramente tomam a iniciativa num rompimento. Ele já teve várias paixões-à-primeira-vez? Apaixonar-se perdidamente com base num conhecimento superficial, particularmente se isso for uma constante, é um PIN valioso. A mulher pode explorar a percepção dos papéis masculinos e femininos do homem com quem ela vai sair, assim como o que ele pensa sobre compromisso, obsessão e liberdade. Ela pode observar se e como ele tenta mudar a sua maneira de pensar, mesmo nas pequenas coisas. Não estou propondo uma lista de perguntas grosseiras, mas sugerindo que existe ali uma mina de informações para ser explorada com uma conversa engenhosa.

A aula de encerramento dessa turma ideal de rapazes e moças focalizaria o fato de que, ao contrário das histórias assustadoras dos jornais locais, são raras as perseguições que se iniciam depois de simples encontros e terminam em violência. Os jornalistas querem que você acredite que se estiver sendo perseguida, é melhor fazer o seu testamento, mas em geral não é preciso tanto alarme. Erse tipo de perseguidor não vai saltar do assédio não violento para o homicídio sem escalas ao longo do caminho, escalas quase sempre aparentes ou pelo menos detectáveis.

Para evitar estas situações, escute a sua própria voz desde o início. Evite que a situação piore se estiver sendo perseguida, ouça o que você mesma tem a lhe dizer em cada etapa do caminho. Quando se trata de ser perseguida por um sujeito com quem você saiu, a sua intuição já está carregada, portanto escute-a.

As famílias desses perseguidores que agrediram fisicamente suas vítimas, como as famílias de outros criminosos discutidos neste livro, se vêem diante de uma pergunta que nenhum pai deseja fazer: Por que seu filho se transformou em um homem violento? As respostas podem ajudar os pais e outras pessoas a verem os sinais de alerta e os padrões muitos anos antes de receberem aquele trágico telefonema ou visita da polícia.

Aprendi muito sobre isso com jovens que mataram outras pessoas, outros que mataram a si mesmos e, como você verá no próximo capítulo, um que fez um pouquinho de ambas as coisas.

12 - Medo de crianças

"Meu pai não me disse como viver.
Ele vivia e me deixava observar o que fazia.
- Clarence Dudinton Kelland

O pessoal da Igreja Santo Agostinho está atarefado preparando-se para o dia mais importante do ano. Quem já estava por ali previu corretamente que a igreja estaria cheia, mas a previsão de uma congregação reunida esperando para comemorar o Natal estava errada. Neste ano a festa se aproximaria mais de um funeral, embora diferente num aspecto importante: as pessoas de luto numa igreja em geral estão longe de onde seus entes amados morreram, e as que estavam reunidas naquela igreja na véspera de Natal estavam apenas a alguns centímetros do lugar onde os corpos foram encontrados, um morto e outro quase morto.

Todos na missa sabiam da pavorosa descoberta, mas ninguém se diria capaz de compreender por que dois rapazes de 18 anos se esconderiam nas sombras da sua igreja e cada um daria um tiro na própria boca com uma pistola de cano serrado.

Após uma tragédia violenta, os entes queridos são forçados a examinar com um olhar implacável tudo o que aconteceu em suas vidas. Eles começam por uma busca terrível, e em geral' inútil, da responsabilidade. Os membros da família se aglutinam nos dois extremos do espectro: os que se culpam e os que culpam os outros. As crianças com quem seus filhos brincaram, o pai ou a mãe, as namoradas que não quiseram saber deles - alguém invariavelmente te->á que carregar a vergonha, a ira e a culpa da família.

Com freqüência, um dos pais culpará a pessoa que vendeu as drogas para o filho, mas a mãe de James Vance foi bem mais longe. Ela acusou a banda de rock heavy metal chamada Judas Priest, e acusou a lojinha de discos que vendia seus discos. Ela insistia que os donos deveriam ter previsto que o álbum *Stained Class* induziria o filho a fazer um pacto suicida com o amigo Ray. Ela achava que a loja deveria ter alertado os meninos de que o disco era letal.

Quando me pediram para testemunhar a favor dos proprietários da loja, eu antevi um estudo interessante sobre o impacto da mídia sobre a violência. Não esperava que fosse o único caso da minha carreira que mais tarde desejaria não ter aceitado. Eu tinha me oferecido para fazer muitas investigações desagradáveis e o meu desempenho foi de um profissionalismo razoavelmente seguro, mas na hora eu não queria entrar no pátio da igreja, eu não queria sentir a silenciosa depressão e tristeza da mãe de Ray, nem desafiar a forte negação da senhora Vance. Não queria estudar os relatórios da autópsia, nem ver as fotografias, muito menos saber dos detalhes desta triste história.

Mas fiz tudo isso, e James Vance terminou sendo o meu involuntário e improvável guia para as vidas e experiências de muitos jovens americanos. Com ele aprendi o que os jovens pensam a respeito das drogas, do álcool, da televisão, da ambição, da intimidade e do crime. Ele me ajudaria a responder à pergunta de tantos pais: Quais são os sinais de que meu filho tem inclinação para a violência? Olhando daquele pátio, eu vi os jovens como nunca os tinha visto antes. Grande parte do que James me ensinou se aplica à violência das gangues, mas também ajuda a explicar o comportamento, às vezes mais assustador, de rapazes de classe média cuja brutalidade surpreende a todos.

James Vance estava obcecado com o Judas Priest, atraído pela natureza sinistra e violenta das imagens nas capas dos seus álbuns, com monstros e sangue, portanto quando viu Ray dar um tiro na cabeça, a visão horripilante não o impressionou. Como muitos outros jovens americanos, há muito ele vinha se acostumando com a violência gráfica, e a imagem de caveiras ensanguentadas lhe era ligeiramente prosaica.

De pé, no pátio da igreja, ele olhou por um momento o corpo do amigo e pensou em quebrar o pacto de suicídio que tinham feito. Mas aí imaginou que, se não atirasse em si mesmo, seria acusado da morte de Ray. Então pegou a arma na poça de sangue, colocou-a na boca e puxou o gatilho. Mas não morreu.

Ao colocar sem muito entusiasmo a arma na boca ele fracassou no suicídio mas conseguiu criar uma perturbadora ironia: sua aparência ficou mais assustadora do que qualquer coisa que possa ter sido retratada na capa de um álbum do Judas Priest. Na sua hesitação em se suicidar, James explodiu a base do seu rosto. O queixo, a mandíbula, a língua e os dentes desapareceram, espalhados pelo pátio da igreja. Não posso descrever como ele ficou, e também não posso esquecer. Eu já tinha tido a minha dose de fotos de autópsias assustadoras, de pessoas tão machucadas que a morte era o único resultado possível, pessoas tão machucadas que a morte seria provavelmente um alívio, mas havia algo de muito perturbador em James Vance vivendo num corpo deformado o suficiente para estar morto.

Até os advogados que achavam que já tinham visto de tudo ficaram chocados quando ele foi depor, com uma toalha enrolada no pescoço para aparar a saliva que escorria livremente por onde antes estava a base do seu rosto. Sua aparência tinha se tornado uma metáfora do que estava acontecendo dentro dele. Ele queria ameaçar e assustar. Tinha almejado a excepcionalidade que achou que a violência lhe daria, e chegou lá... completamente.

Auxiliado pela mãe, que ajudou a interpretar a sua fala estranha durante os dias em que foi interrogado, James falou aos advogados sobre o seu caso, e também sobre a sua época. Eu prestei atenção. Soube que ele e Ray queriam fazer alguma coisa importante e má, embora não necessariamente se suicidar. Era a violência que eles queriam, não acabar com as suas vidas. Tinham pensado

em sair disparando a esmo num shopping center próximo. Ao contrário de milhares de adolescentes que se suicidam, eles não estavam deprimidos naquela noite - estavam excitados. Cheios de drogas e álcool, a música preferida estourando os alto-falantes, eles destruíram tudo no quarto de Ray, depois pularam a janela com uma arma na mão e saíram correndo pelas ruas até a igreja.

Eles não foram um caso isolado entre os jovens que cometem violência, nem as suas famílias. A senhora Vance não foi a única mãe a processar uma banda de rock; de fato, essas ações estão se tornando bastante frequentes.

Durante o caso Vance, muitos outros adolescentes em todo o país fizeram coisas horríveis. Três meninos numa cidadezinha do Missouri, um deles presidente do grêmio estudantil, convidaram o amigo Steve Newberry para ir até o bosque para "matar alguma coisa". Não disseram a Steven que a coisa era ele, embora isso tenha ficado evidente quando começaram a bater nele com tacos de beisebol. Ele perguntou por quê, e eles explicaram ao garoto quase morto: "Porque é divertido, Steve."

Em poucas horas eles foram apanhados e confessaram o assassinato como se não fosse nada. Como James Vance, eles eram fãs do heavy metal, mas estes adolescentes não culpavam um grupo musical. Ele passaram por cima do Judas Priest e foram acusar diretamente Satanás. Exatamente como Michael Pacey, que disse que o diabo o mandou matar a facadas uma criança de três anos. Como Suzan e Michael Carson, que acusaram Alá de lhes dizer para matar as pessoas. Mas as famílias não podem processar Satanás ou Alá, portanto às vezes só lhes restam as lojas de discos e os grupos musicais.

James Vance referia-se aos participantes da banda como "deuses do rock". Disse que eles eram a sua bíblia e que ele era "o defensor da fé do Judas Priest". Do seu relacionamento com estas pessoas que ele nunca viu pessoalmente, ele disse: "Era como um casamento - depois de um tempo já estávamos íntimos e assim foi até a morte nos separar."

Podem produtos específicos da mídia levar pessoas a praticarem atos violentos que normalmente não cometeriam? Esta talvez seja uma pergunta sensata.

Aquela loja de discos poderia ter previsto que o álbum *Stained Class* era perigoso e seria a causa dos tiros? Esta é uma pergunta menos razoável, mas grandes controvérsias são testadas com frequência nos pontos mais extremos de uma questão.

Quando os pesquisadores no meu escritório estudaram os riscos supostamente associados com os álbuns de música, descobriram um homem que ficou doente depois de ingerir um disco de vinil, outro que teve um ataque cardíaco dançando uma polca rápida, outro que fez uma arma com os estilhaços de um disco quebrado. (A variedade de coisas que as pessoas podem fazer com

qualquer produto torna quase impossível prever todos os riscos.) Os pesquisadores também descobriram um artigo que no início pareceu relevante: *Homem Morto Enquanto Ouvia Música Heavy Metal*. A vítima, soube-se no final, estava com fones de ouvido escutando uma fita de Ozzy Osbourne quando foi atropelado por um trem. No recorte de jornal, um dos meus colegas com humor negro escreveu: "Morto por heavy metal (metal pesado), literalmente." O metal pesado dos trens sem dúvida é responsável por um número muito maior de mortes do que o metal pesado da música, até a chamada "death metal*" (metal da morte).

O grupo Judas Priest não criou James Vance, é claro, mas em certo sentido Vance os criou. Quando lhe perguntaram sobre um determinado verso, "Eles o banharam, o vestiram e lhe deram de comer na mão", ele recitou assim "Eles o banharam, o vestiram e lhe deram de comer uma mão". Portanto ele não só reagiu às canções; ele as reescreveu, pegando um verso sobre o cuidado com alguém e transformando-o numa frase de canibalismo. Até a sua admiração era expressa em termos violentos. James disse que eslava tão apaixonado pela banda que faria qualquer coisa por eles, "matar as pessoas ou dar um tiro na cabeça do presidente". Ele contou aos advogados que se a banda lhe dissesse: "Vejam quem é capaz de matar mais pessoas", ele sairia de casa e faria alguma coisa terrível. De fato, a banda não disse nada assim, mas ele fez uma coisa terrível da mesma forma.

Como parte do meu trabalho no caso, estudei 56 outros processos com jovens que envolveram um astro da música nos seus atos violentos, suicídios, tentativas de suicídio ou ameaças de suicídio. Esta amostra é uma janela para um visão sobre esse tema:

- Um adolescente pediu a um cantor famoso para lhe mandar uma arma para ele se suicidar.

- Um rapaz ameaçou se suicidar se a artista de uma gravadora não o visitasse. Ele lhe escreveu: "Já tentei até entrar em coma na esperança que a minha mãe forçasse você a vir me ver."

- Um homem tomou uma overdose de comprimidos para "viajar no tempo" e alcançar um artista de gravadora.

- Um homem escreveu para uma artista de gravadora: "Se você não se casar comigo eu tomo uma overdose." (Numa virada de mesa da responsabilidade legal, ele enviou junto a letra de uma canção que tinha escrito para ela, chamada "Estou Pensando em Suicídio".)

- Um rapaz que achava que uma artista de gravadora era sua esposa e estava se escondendo dele tentou o suicídio cortando os pulsos.

- Um rapaz escreveu para uma estrela da mídia usando termos que lembram James Vance: "Eu puxo fumo e escuto rock; basicamente a minha história está no vinil. A vida que eu levo não vale a pena. Estou lhe dizendo, quando eu tentar o suicídio não será uma simples tentativa."

Os pais de todas essas pessoas e de milhares iguais a elas podem acusar um artista da mídia pelos desafios enfrentados por suas famílias, ou as respostas poderão ser encontradas mais perto de casa?

A fim de explorar isso, iniciei uma lista hipotética com as cem influências mais significativas, as PINs que poderiam preceder a violência entre os adolescentes. O vício nos produtos veiculados pela mídia está em alguma parte nessa lista, mas o álcool e as drogas estão mais próximos do primeiro lugar. São eles, ao contrário dos produtos da mídia, que têm esta intenção e comprovadamente afetam a percepção e o comportamento dos seus consumidores. James Vance defendeu esta tese ao descrever um conhecido que tinha tentado o suicídio várias vezes. Ao lhe perguntarem se aquele indivíduo era viciado em drogas, ele respondeu: "Sim, essas coisas andam sempre juntas." Ele também afirmou: "O alcoólatra é um sujeito muito violento, e quando você bebe demais você se torna violento, e eu tenho experiência disso." (Eu fico pensando com quem será que ele adquiriu essa experiência.)

A lista das PINs inclui um fascínio pela violência e pelas armas, que era uma parte central na personalidade de James - a ponto de ter estado entre seus planos ser armeiro. Tanto ele quanto Ray praticavam regularmente tiro ao alvo e participavam de jogos envolvendo armas. Como parte do que James chamava de o seu "treinamento para mercenário" ele costumava brincar de "guerra", fingindo participar de tiroteios. "Eram dois policiais e um criminoso. O criminoso estaria atrás de você e teria que encontrá-lo, sabe, como os policiais vasculhando uma casa. Noventa e nove por cento das vezes eu pegava os dois policiais." Sobre o seu amigo menos violento, Ray, ele disse: "Quase sempre eu ganhava dele, sabe, é só assistir à televisão que a gente aprende. A televisão é uma boa professora." James disse que assistia aos noticiários e via "muita violência, mortes e lutas". Ele resumiu tudo isso sucintamente: *A violência me excita*.

Finalmente, sem perceber, ele descreveu um dos PINs mais importantes para os atos de violência que pretendem chamar atenção: Ele disse que se sentia "ignorado há vinte anos". Explicando como o Judas Priest motivara os tiros, ele disse que achava que a canção "Hero's End" (Fim de um Herói) falava que era preciso morrer para ser reconhecido.

Quando perguntaram a James se algo mais além das letras das músicas poderia ter causado os tiros, ele respondeu: "Um mau relacionamento? Estava escrito nas estrelas? A maré estava baixa? Não." Embora estivesse sendo sarcástico, qualquer uma dessas respostas é provavelmente tão razoável quanto acusar as letras de um disco pelo que aconteceu, pois já que ele excluiu a vida familiar e os pais do interrogatório, poderia ter citado qualquer coisa. Ao apontar para uma banda de rock, James desviou todos os olhares que logicamente se concentrariam nele mesmo, na família ou até na sua sociedade.

Afinal de contas, James não era o único rapaz a passar mais tempo da sua vida consumindo produtos da mídia do que em qualquer outra atividade. Ele era um ávido defensor do setor de violência na indústria de diversões. Em seu livro *Selling Out America's Children*, David Walsh compara isso a "um hóspede da nossa família que defende a violência mas nós não o expulsamos". Ele observa que se as crianças aprendem pelo exemplo e pela imitação, os 200.000 atos de violência que testemunharão na mídia até os 18 anos representam um sério problema. Park Dietz disse que "a violência simbólica num episódio de uma hora de duração de um programa violento transmitido pela televisão é mais prejudicial quando se soma a participação de milhões de pessoas do que um único assassinato do tipo comum". Finalmente, a escritora (e mãe) Carrie Fisher diz que "a televisão expõe as crianças ao comportamento do qual os homens passaram séculos se protegendo".

O conteúdo dos produtos da mídia importa, mas a quantidade pode importar mais, seja assistindo à televisão demais, jogando videogames demais, ouvindo rock demais, ou até ouvindo música clássica demais. Não é só o comportamento que este consumo promove o que me preocupa. É o comportamento que ele impede, mais notavelmente a interação humana. Eu ficaria muito mais feliz se meus filhos escolhessem Tina Turner, Elton John ou K.D. Lang em vez de Judas Priest, mas o grande problema é quando o consumo de mídia substitui o resto da vida. Não importa a música preferida, nas vidas de um número muito grande de adolescentes o reconhecimento significa muito mais do que a realização e, como no caso de James, o reconhecimento pode ser conquistado por meio da violência. Ao puxar o gatilho, um jovem cuja criação não o dotou de um sentimento de valor próprio pode se tornar importante e "impossível de ignorar".

Retirando-se a obsessão de James pelo Judas Priest, sobra apenas mais um rapaz com objetivos e ambições que mudam todos os dias, com expectativas pouco realistas a respeito do mundo e sem a perseverança ou autodisciplina para ter sucesso em algum empreendimento. Várias vezes James planejou escrever um livro, ser armeiro, pertencera uma banda e até trabalhar nos correios, mas no final ele será lembrado por apenas alguns segundos da sua vida - um poucos segundos de barbarismo no pátio de uma igreja.

A corte acabou decidindo que os donos da loja de discos não poderiam ter previsto os tiros, mas James Vance não chegou a encenar a sua busca de alguém para culpar. Ele morreu, finalmente, por causa daquele único tiro na cabeça, embora as complicações decorrentes demorassem muito tempo para matá-lo, mais do que se poderia esperar. Nunca cheguei a perguntar a James sobre os primeiros anos de sua vida e jamais soube nada sobre a sua infância eclipsada com tanta eficácia.

Alguns pais não podem acusar ninguém pela violência dos filhos porque as vítimas são eles mesmos. Filhos matam pais com muito menos frequência do que pais matam filhos, mas esses casos exercem tanto fascínio sobre o público que até parece que isso acontece sempre. De fato, qualquer tipo de assassinato cometido por um jovem é relativamente raro. Embora os jovens com menos de 18 anos representem quase 25 por cento da população americana, eles cometem menos de 10 por cento dos assassinatos. Mesmo assim, as pessoas têm medo dos adolescentes, e às vezes com razão.

Portanto, você vai saber que vezes são essas, e quero deixar a sua intuição bem informada. A maioria dos assassinatos cometidos por adolescentes é de pessoas conhecidas, mas aproximadamente um em cada cinco é de um estranho morto durante um roubo, seja porque o adolescente entrou em pânico ou cedeu à pressão de um colega. É mais provável ocorrer um assassinato quando dois ou mais jovens cometem juntos um crime, portanto o medo neste contexto é apropriado. Um estudo recente mostra que o número assustador de 75 por cento dos homicídios cometidos por jovens ocorre quando eles estão bêbados ou drogados, portanto enfrentar adolescentes criminosos nesta situação é muito perigoso.

Embora os adolescentes em geral não sejam tão perigosos para você como os adultos, alguns transgressores juvenis, como Willie Bosket, adquirem notáveis credenciais criminosas cedo na vida. Aos 15 anos cie já havia esfaqueado 15 pessoas, e entrado e saído de casas de detenção por mais ou menos uns outros duzentos crimes. Quando as autoridades finalmente o libertaram, um carcereiro previu que "um dia, Willie Bosket vai matar alguém". E estava certo: Willie matou duas pessoas, "pela sensação", ele disse. (Sendo menor de idade, ficou preso só cinco anos, mas já está de volta à penitenciária por outros crimes. Mesmo lá a sua violência continua: já tocou fogo em sua cela sete vezes e atacou os guardas nove vezes. "Sou um monstro que o sistema criou", ele diz. O estatuto que permite ao estado de Nova York julgar adolescentes como adultos é chamado hoje de lei Willie Bosket.)

Steven Pfiel é outro jovem incansável nos seus esforços para machucar os outros. Aos oito anos, jogava tijolos nos carros que passavam debaixo de um viaduto. Aos nove, agrediu outro menino com um machado. Os funcionários da escola destinaram uma parada de ônibus só para ele porque regularmente ameaçava matar outras crianças. Aos 14, consumia drogas e garrafas inteiras de bebidas fortes de uma vez só. Aos 17 cometeu o seu primeiro assassinato conhecido, o de uma jovem. (Um tribunal decidiu que seus pais deveriam ser acionados por negligência porque, mesmo sabendo do seu comportamento no passado, deram-lhe a faca que ele usou para matar a garota.) Enquanto aguardava julgamento, ele matou o irmão mais velho.

No brilhante livro *Inteligência emocional*, Daniel Goleman descreve sete capacidades-chave mais benéficas para os seres humanos: as capacidades de automotivação, de persistir apesar das frustrações, adiar a recompensa, regular o humor, esperar, sentir empatia e controlar os impulsos. Muita gente que comete atos violentos jamais aprendeu a ter estas capacidades. Se você conhece um jovem que não tenha nenhuma delas, isso é um indicador pré-incidente importante e essa pessoa precisa de ajuda. Outro indício de violência é a raiva crônica na infância. Se você conhece uma criança que se mostre com frequência ou exageradamente irada, ela também precisa de ajuda.

Existem em geral muitos sinais de alerta para a violência dos adolescentes, como no caso de Jason Massey que aos 18 anos matou a meia-irmã de 13 anos e um garoto de 14. Ele não tinha nenhuma das capacidades citadas por Goleman, mas foi provavelmente a capacidade de controlar seus impulsos a explicação para as coisas horríveis que Massey fez, tais como cortar as mãos e a cabeça da menina. Os sinais de alerta eram óbvios: ele idolatrava os assassinos em série Ted Bundy e Henry Lee Lucas, estudava tudo o que encontrasse sobre Charles Manson e acompanhava ávido sua banda favorita, Slayer. Anos antes de matar gente, Massey matou vacas, gatos e cachorros. E guardava as caveiras. Ele falava com frequência em matar meninas. Roubou uma lanchonete. Perseguiu e aterrorizou uma adolescente durante cinco anos, enviando cartas que falavam em cortar a garganta dela e beber o sangue. As pessoas sabiam de tudo isso, mas prevaleceu a negação.

Ao contrário de James Vance, Massey era claro no seu objetivo: "Tudo o que eu quero é assassinar inúmeras jovens. Quero espalhar a tristeza nas suas famílias." Este tipo de raiva da família não se origina do nada.

Muitos jovens assassinos matam pessoas da própria família, muitas vezes atirando em pais ou padrastos que abusam deles, o que não é de surpreender. Mas você vai se surpreender é com a pouca idade deles. Um menino a quem chamarei de Robbie atirou e matou o pai depois de ver a mãe ser espancada. O pai bêbado tinha deixado uma arma sobre a mesa e, embora Robbie confessasse o crime, pouca gente no início acreditou que pudessem ter feito aquilo. Porque ele só tinha três anos. Depois que os testes de pólvora confirmaram que ele era o assassino, o menino explicou às autoridades. "Eu o matei. Agora está morto. Se ele bater na minha mãe de novo, eu atiro nele de novo."

No seu atraente e perturbador livro *When a Child Kills*, o advogado Paul Mones explora inflexível o parricídio. Ele observa que, ao contrário da maioria dos assassinatos, num caso de parricídio o que aconteceu nos 12 anos anteriores é tão importante quanto as 12 horas que o antecederam. *O único e mais confiável indicador pré-incidente de um parricídio são os abusos sofridos por uma criança.* É sabido que a maioria das crianças americanas que fogem de casa deixam a família para escapar de abusos ou para chamar atenção, mas entre os que ficam,

explica Mones, alguns "denunciam com uma arma os segredos de família".

Crianças que matam os pais são em geral aquelas que foram espancadas, degradadas, sodomizadas, amarradas ou torturadas de outras formas. Mones conta sobre um jovem de 16 anos, Mike, cujos promotores descreveram como "um desses adolescentes violentos, rebeldes, degenerados, que matam a sangue-frio". Mas a história não é só isso.

Mike apanhava do pai desde a escola maternal. Embora fosse um rapaz atlético e bem coordenado, estava sempre machucado porque "caía da bicicleta", "tropeçava" ou "se cortava". Durante o julgamento, ele pediu para vestir um calção de banho para que o júri pudesse ver as cicatrizes que o pai lhe deixara durante todos aqueles anos.

O abuso terminou abruptamente uma noite. Mike tinha voltado para casa tarde e o pai estava esperando por ele com uma pistola. "Você tem duas opções", ele explicou para o garoto, "você me mata ou eu mato você." O ultimato já tinha sido dado antes, mas desta vez o pai de Mike estava lhe entregando uma arma e, desta vez, Mike a pegou e acertou um tiro na cabeça do pai.

Outro jovem que matou um dos pais contou a Mones que viver na prisão era melhor do que viver apanhando em casa. Ele se descreveu como "preso mas livre".

Algumas pessoas acreditam que as crianças que matam não deveriam ter sido tão dóceis quando apanhavam; deveriam pelo menos ter denunciado o abuso muito antes de chegarão ponto em que o assassinato lhes pareceu a única saída. Quem pensa dessa maneira talvez esteja se esquecendo de que os adultos vítimas de estupro e seqüestro costumam ser tão dóceis quanto as crianças, e nós não os culpamos por não fazerem nada.

Os sinais de alerta de um parricídio ou outra violência horrível são mostrados aos pais, professores, policiais, vizinhos e parentes. São eles (nós, com frequência), e não as crianças, que devem denunciar estes casos.

De todas as violências discutidas neste livro, morrer nas mãos da própria filha ou filho é a coisa mais fácil de evitar. Uma precaução de garantia quase total deve ser tomada muitos anos antes que a criança tenha tamanho suficiente para machucar alguém: amar seus filhos.

Ao contrário dos adolescentes, os pré-adolescentes que matam pessoas da fam il ia tendem mais a matar um irmão ou irmã do que o pai ou a mãe. Como acontece com outros tipos de violência, essa não vem sem avisar. Na maioria dos casos, trata-se de uma criança maltratada ou gravemente perturbada cujas tentativas anteriores de matar um irmão não foram levadas a sério. Isso porque muita gente acredita que a violência de crianças con'ra outras crianças faz parte do crescimento. Pode ser, mas quando uma criança faz alguma coisa que coloca em grave risco uma outra, isso não deve ser ignorado. Recentemente

testemunhei num caso em que isso aconteceu e, depois de lerem o que vou contar, raros serão os pais que continuarão confiando cegamente quando mandam seus filhos para a escola.

O infrator era um aluno da escola primária a quem chamarei Joey. Ele sodomizou um menino de sete anos no banheiro da escola. Apesar de agir sozinho, ele foi ajudado pela espantosa negligência do sistema escolar e do diretor em particular. Embora a administração da escola alegasse que o estupro cometido por Joey não poderia ter sido previsto, houve um indicador pré-incidente notável um mês antes: Joey foi preso por abusar de *outro* menino, da mesma maneira, no mesmo banheiro.

Como este não foi o meu único caso envolvendo a surpreendente negligência das escolas, e como as políticas e os funcionários das escolas não são como você pensa, quero fazer uma pausa para dar algumas informações.

Antes de tudo, embora digam a contrário, as escolas, são obrigadas a fazer previsões de alto risco. Professores e administradores enfrentam regularmente estas perguntas:

Este visitante vai tentar raptar uma criança?

Este professor vai molestar uma criança?

Esta criança é maltratada em casa?

Esta criança trará uma arma letal para a escola?

Embora a maioria das pessoas não imagine que meninos possam estuprar alguém, a administração da escola de Joey sabia disso. Durante anos eles tiveram uma política específica registrada por escrito chamada "Abuso Sexual de Criança contra Criança". Como a existência dessa política deixa claro que esse tipo de coisa acontece, qualquer diretor se vê diante de um problema na hora de fazer uma previsão.

Imagine que todos os alunos estejam reunidos no auditório e o diretor examina o grupo pensando nesta pergunta: Quem entre estes alunos poderia abusar sexualmente de outra criança? Pelo seu comportamento, Joey se destaca nesta reunião imaginária e diz: "Poderia ser eu", mas o diretor prefere ignorar o menino.

Os administradores da escola anterior de Joey tinham facilitado as coisas para o diretor: eles previram - por escrito - que Joey teria atitudes sexualmente inadequadas, e enviaram seu histórico para a escola onde finalmente ocorreram os estupros. É difícil imaginar que alguém possa ter ignorado os sinais de alerta que ele carregava como uma bandeira: ele tinha uma faca, ameaçou matar, ameaçou e tentou o suicídio, tocou fogo num prédio, jogou gasolina em cima da mãe e tentou acender um fósforo, se mostrava fascinado com sexo e órgãos sexuais, tinha conduta sexual inadequada com as outras crianças, se expunha, agredia e é-a violento. Como se não bastassem todos esses sinais, o diretor não

fez nada quando soube da agressão sexual de Joey a outro menino. Este tipo de negligência é realmente possível? Este e outros.

Após a primeira acusação de estupro, o diretor preferiu não tomar a providência óbvia que poderia ter melhorado a fiscalização de Joey na escola: não contou o que tinha acontecido para os seus professores. E pior ainda. Quando um professor descobriu que era impossível lidar com Joey, o menino foi mandado para outra turma de crianças menores, mais novas! Com esta atitude, a escola estava lhe oferecendo um verdadeiro "concurso de beleza" entre as vítimas, e ele escolheu uma.

A presença de guardas de segurança numa escola pode deixar alguns pais mais tranquilos, mas saiba que naquela escola, membro de uma das maiores administrações escolares do país, os guardas de segurança não recebem nenhum treinamento no que diz respeito à segurança dos alunos. Não recebem normas por escrito, nenhuma instrução impressa em cartazes, nenhuma política sobre o assunto. Mesmo que soubessem do que se tratava o seu emprego, não foram informados das acusações de estupro, nem lhe disseram nada tão simples e fácil como "Fique bem atento", ou "Fique de olho". Quando organizações de qualquer tipo são pressionadas para aumentar a segurança, uma reação típica é a de contratar guardas. Todos suspiram aliviados e acham que o problema está resolvido, mas se os guardas não forem treinados, supervisionados ou adequadamente equipados, se não houver um plano inteligente para eles seguirem, a sua presença pode ser mais prejudicial do que útil. Isso porque, depois de gastar tanto dinheiro com essas providências, ninguém mais se preocupa com segurança e defesa.

Observei as precauções que o diretor não tomou, mas uma coisa ele fez. Depois da primeira acusação de estupro, ele mandou que o menino perigoso fosse ao banheiro sempre acompanhado, mas por outro aluno! Não acredito que exista um pai ou uma mãe que oferecesse o filho como voluntário para acompanhar um criminoso violento, particularmente um com quem até os professores experientes não conseguiram lidar.

Se um adulto que trabalhasse na escola, um porteiro por exemplo, tivesse os antecedentes de Joey e fosse preso por estuprar um aluno, o diretor o aceitaria de volta? Nem sei responder com certeza a esta pergunta óbvia. Só sei que Joey saltou no palco naquela assembleia imaginária e gritou: "Sou eu, sou eu que cometo os abusos sexuais de criança contra criança", e o diretor virou as costas.

Joey finalmente foi retirado da escola e colocado numa instituição terapêutica (onde ele atacou sexualmente duas pessoas num só dia). O investimento em abusos e negligência na própria infância de Joey continuará rendendo dividendos de dor e violência para outras pessoas, inclusive as que ele provavelmente matará um dia. No momento em que escrevo esta triste, mas correta previsão, Joey tem só nove anos.

Como fiz depois de descrever outros casos em que não se deu atenção a sinais flagrantemente óbvios, quero reconhecer que o diretor da escola de Joey devia estar fazendo o possível com as capacidades e o conhecimento de que dispunha na época. Não estou defendendo ninguém - é o que eu acredito, mas também acredito que casos como estes envolvem preguiça do indivíduo e da organização, assim como a esperança de que alguma coisa simplesmente "deixará de existir" se for ignorada.

Aconselhando em um outro caso no qual uma criança pequena foi atacada sexualmente na escola (desta vez não por um aluno); eu fiz a revisão por inteiro do livro em que estava registrada a política do distrito escolar. Os pais não se sentirão nada confiantes se souberem que o assunto segurança nem foi tocado até a página 10, e a referência era sobre a segurança do corpo *docente* no caso de haver brigas. A política continha três páginas inteiras e 21 itens distintos sobre proteção das chaves, mas nem mencionava o perigo para os alunos até a página 91.

As crianças exigem que os adultos as protejam, em geral de outros adultos. Ainda não se desenvolveu nelas o medo das pessoas, sua intuição ainda não está carregada com informações e experiências suficientes para mantê-las longe do perigo. O que os pais podem aprender com os casos que citei é não deixar passar nada quando se trata da segurança de seus filhos. Eu sugiro solicitar uma cópia da política de segurança da escola e depois se dispor a fazer uma leitura muito desanimadora. Vá até a escola e faça todas as perguntas óbvias que lhe vierem à cabeça e veja se as respostas fazem você se sentir melhor ou pior. Só o fato de você perguntar vai colocar em pauta a segurança e forçará a escola e se concentrar nisso. Pergunte sobre os antecedentes da escola no processo de escolha dos funcionários. Se tiverem pessoal para fazer a segurança, peça para conhecê-los e ver se respondem às suas sondagens. Pergunte se já houve crimes na escola. Esta última pergunta é particularmente importante. A lei federal exige que as faculdades mantenham uma estatística criminal do campus e as deixe disponível mediante solicitação. E assim que os alunos de faculdades e seus pais podem avaliar a segurança na hora de escolher uma escola. Não existe lei que exija das escolas de primeiro ou de segundo grau que façam essas estatísticas, mas eu gostaria que existisse.

Em vez de confiar no governo, você pode fazer uma indagação pelo menos tão rigorosa a respeito da escola do seu filho quanto faz sobre a babá, porque se você acha que a escola está tratando a questão da segurança do seu filho com tanta seriedade quanto você, poderá se decepcionar. (Ver no Apêndice 7 uma lista com sugestões de perguntas.)

Embora Joey só tivesse nove anos, ele já possuía bem definidos os fatores de risco para a criminalidade no futuro. São eles: pobreza, abuso na infância (na forma de violência, testemunho de violência, humilhação ou negligência), um

dos pais viciado em drogas, consumo de drogas ou álcool pela criança e infância passada com apenas um dos pais. Joey tinha outro fator de risco imensamente significativo, com frequência desprezado: a ausência de um pai na sua vida. David Blankenhorn, autor de *Fatherless America*, observa que 80 por cento dos rapazes nas casas de detenção juvenis foram criados sem pais plenamente participantes. Os pais são importantes porque ensinam aos meninos várias maneiras de serem homens. Infelizmente, um número muito grande de meninos aprende com a mídia ou com outros meninos o que os estudiosos chamam de "masculinidade de protesto", caracterizada pelo rigor e o uso da força. Este não é o único modo de ser homem, é claro, mas é o único que eles conhecem.

Muita gente questiona seriamente se os homens são necessários na criação dos filhos, e pouco fazemos para encorajar o papel dos pais. De fato, segundo observa Blankenhorn, a prisão é o nosso programa social número um para os rapazes.

Recentemente conheci um grupo de homens que estava se diplomando num desses programas. Como parte do tratamento para recuperação do vício da heroína exigido pelo juiz, pediram-me para discutir com eles a experiência de crescer no meio das drogas e da violência.

Na companhia de algumas diplomadas de uma penitenciária de mulheres, nós nos sentamos no que parecia ser uma sala de aula. Em certo sentido era, pois ali todos foram beneficiados com programas de aprendizado em 12 etapas (cujo fundador, M. Scott Peck, autor de *The Road Less Traveled*, chama de "o maior acontecimento positivo do século XX"). Teoricamente, tais programas ensinariam a estes prisioneiros a aceitar o passado, pois só assim poderiam aprender a serem responsáveis pelo presente.

Um após o outro, eles contaram as histórias das suas vidas em três minutos. Todos falaram da violência, do medo, do abandono e da negligência. Todos os homens tinham sofrido agressões físicas quando crianças, e todas as dez mulheres, com exceção de uma, tinham sido abusadas sexualmente por pessoas da família. Algumas falaram do remorso e do horror por terem se tornado violentas com seus próprios filhos.

Eu chorei ao saber do progresso que tinham feito, pois esta casa de reabilitação com as portas trancadas, apesar de muito distante da tendência geral da nossa sociedade, também estava muito longe do inferno em que todas aquelas pessoas tinham estado, e onde haviam colocado outras. Chorei porque as histórias eram comoventes, eram pessoais, eram minhas, e porque minha mãe não tinha encontrado o caminho para se livrar das drogas que aquelas pessoas estavam achando.

Quando chegou a minha vez de falar, durante 45 minutos relatei algumas das minhas experiências como criança e como adolescente. A semelhança das nossas histórias ficou evidente de imediato.

Quando terminei, várias pessoas queriam fazer perguntas. A primeira mão levantada foi a de um homem aproximadamente da mesma idade que eu, mas eu não pensava que tivéssemos muita coisa em comum. Ele tinha tatuagens e cicatrizes pelo corpo, era musculoso e sua pele era curtida. Era o tipo de homem de quem a maioria das pessoas tem medo numa rua escura, e durante grande parte da sua vida isso acontecia com toda a razão. A última vez em que ele estivera na prisão fora devido a um incêndio criminoso. Ele arrombara um apartamento para roubar alguma coisa que pudesse vender. ("Não era só para drogas que eu precisava do dinheiro. Tinha também que pagar meu advogado porque fora intimado a comparecer em juízo por causa de um outro roubo.") Para esconder as evidências do roubo ele incendiou e destruiu vários apartamentos e mandou uma pessoa para o hospital com queimaduras graves.

Ele me olhou de cima a baixo e perguntou: "Por que você está sentado aí e eu estou aqui?" Eu não entendi a pergunta, e ele explicou: "Você e eu tivemos a mesma infância, mas você está aí nesse terno elegante e provavelmente dirige um carro bonito. Você sai hoje. Você está sentado aí - como foi que isso aconteceu?"

Já me vi diante desta pergunta várias vezes no meu trabalho e na minha vida, primeiro por curiosidade, depois por algo mais do que isso. Eu poderia muito bem ser um residente no mundo da violência (e não um turista como acabei me tornando), mas de alguma forma segui por um outro caminho. Algumas pessoas superam infâncias terríveis e se tornam adultos produtivos, colaboradores, enquanto outras fazem coisas anti-sociais e até monstruosas. Por quê?

É o mesmo que um irmão perguntar a outro: "Por que você é um bêbado?" A resposta é: "Porque papai era um bêbado." O segundo irmão então pergunta: "Porque *você* não é um bêbado?" A resposta é: "Porque papai era um bêbado."

Outras respostas mais completas encontram-se em *Whoever Fights Monsters...*, o clássico de Robert Ressler. Ele fala da imensa importância dos primeiros anos da puberdade para os meninos. Até então, a raiva destes meninos poderá estar submersa e desfocada, talvez voltada para dentro na forma de depressão, talvez (como em muitos casos) apenas negada, para emergir mais tarde. Mas, durante a puberdade, esta raiva colide com outra força poderosa, uma das mais poderosas da natureza: a sexualidade. Mesmo aí, dizem Ressler e outros, estas hostes d' potenciais monstros podem ser desviadas pela intervenção (com frequência não intencional) de pessoas que demonstram bondade, apoio ou até interesse por elas.

Posso dizer por experiência própria que não é preciso muito.

As teorias de Ressler sobre as infâncias dos piores assassinos americanos têm uma grande defensora, a psiquiatra e advogada infantil Alice Miller. Seus

livros cheios de emoção (inclusive *Drama of the Gifted Child* e *The Untouched Key*) deixam claro que se uma criança tem algum contato humano eficaz em períodos particularmente significativos, algum reconhecimento do seu valor, alguma "testemunha" das suas experiências, isto pode fazer uma diferença extraordinária.

Aprendi que a bondade de um professor, treinador, policial, vizinho, pai de um amigo, nunca é em vão. Estes momentos tendem a passar sem que nem a criança nem o adulto percebam plenamente a sua importância. Não há nenhuma cerimônia ligada ao momento em que uma criança vê o seu próprio valor refletido nos olhos de um adulto que a encoraja. Embora nada aparente marque a ocasião, dentro daquela criança uma nova visão do *self* pode se instalar. Ele não é apenas uma pessoa que merece negligência ou violência, não é apenas um peso para os adultos tristes da sua vida, não é apenas uma criança que não consegue resolver os problemas da sua família, que fracassa na hora de salvá-los da dor, da loucura, do vício, da pobreza ou da infelicidade. Não, esta criança pode ser outra pessoa, alguém cuja aparência diante deste adulto revelou ser especial, capaz de ser amada e com valor.

Este valor pode ser mostrado pela valorização do talento artístico da criança, da sua capacidade física, humor, coragem, paciência, curiosidade, habilidades escolares, criatividade, engenhosidade, responsabilidade, energia ou qualquer das muitas características que as crianças nos oferecem com tanta abundância.

Eu tive um professor na quinta série, Conway, que venceu os meus monstros. Ele era uma pessoa generosa e reconheceu algum talento em mim exatamente no período em que a minha família estava sendo consumida pela violência. Ele me deu alguns modelos alternativos de auto-imagem, não só aqueles que as crianças deduzem logicamente dos maus tratos ("Se é assim que me tratam, então é assim que mereço ser tratado").

Pode ser literalmente uma questão de poucas horas com uma pessoa cuja generosidade torna a conectar a criança com uma experiência do *self* anterior, um *self* que era amado, valorizado e encorajado. Infelizmente, para crianças que não foram cuidadas nem quando bebês, não existe nenhuma referência, nenhum arquivo mental onde possam colocar a generosidade e o reconhecimento para que possam ser vistos como fazendo parte da vida. (Tudo isto mostra o grande valor dos mentores e de programas como Big Brothers e Big Sisters - Irmãos mais Velhos e Irmãs mais Velhas. Ver Apêndice 2.)

Quando a primeira pessoa que cuida da criança a elogia ao mesmo tempo em que a brutaliza, torna-se virtualmente um jogo de cara ou coroa saber com qual das duas atitudes a criança vai se identificar. Famílias terrivelmente doentes prejudicam as crianças de muitas formas, a mais triste porém é a destruição da crença que ela tem em seu propósito e seu valor. Sem essa crença, é difícil ter

sucesso, é difícil se arriscar. Talvez mais precisamente possa ser uma tolice se arriscar, "sabendo" o que essas pessoas sabem, que não estão à altura.

A técnica usada para treinar os elefantes de circo demonstra esta dinâmica: quando jovens eles ficam atados por correntes pesadas a grossas estacas fincadas bem fundo no chão. Eles puxam, esticam e forçam, mas as correntes são muito fortes, a estaca está bem firme. Um dia eles desistem, porque aprenderam que não vão conseguir se libertar, e a partir daí podem ser "acorrentados" a uma corda mais fina. Quando este enorme animal sente qualquer resistência, embora tenha força para derrubar a tenda do circo, ele pára de tentar. Ele não consegue só porque acredita que não vai conseguir.

"Você não vai dar para nada"; "Você não sabe cantar"; "Não é inteligente o bastante"; "Sem dinheiro você não é nada"; "Quem vai querer você?"; "Você é um perdedor"; "Você devia ter metas mais realistas"; "Nosso casamento não deu certo por sua culpa"; "Você é um inútil" - é esta ópera que está sendo cantada nas casas americanas por todo o país, o barulho das estacas sendo enfiadas no chão. das correntes pesadas e das crianças que vão acabar acreditando que jamais conseguirão se libertar. E mais tarde elas não conseguem.

Enquanto alguma coisa na sua maneira de ver não mudar, enquanto não perceberem admiradas que estão presas por um fio, que a corrente é uma ilusão, que estão sendo enganadas e finalmente que quem as enganou, seja lá quem for, errou a seu respeito e que elas estavam erradas a seu próprio respeito - a não ser que tudo isto aconteça -, estas crianças não irão mostrar à sociedade suas características positivas quando adultos.

Há mais coisa envolvida nisto, é claro, do que a atitude dos pais. Alguns dos fatores são tão pequenos que não podem ser vistos, mas são tão importantes que não podem ser ignorados: são os genes humanos. O conhecido como D4DR pode influenciar o comportamento que busca emoções fortes revelado por muitos criminosos violentos. Junto com as influências do ambiente e da criação, um gene D4DR, alongado tende a estar presente em alguém que será um assassino ou assaltante de banco (ou um temerário). O geneticista do comportamento, Irving Gottesman, diz: "Num cenário diferente e num ambiente diferente, essa mesma pessoa poderia se tornar um herói na Bosnia."

No futuro, a genética terá um papel muito maior nas previsões comportamentais. É provável que sejamos capazes de mapear geneticamente traços de personalidade com tanta precisão quanto características físicas como peso e altura. Embora isso vá gerar muitas controvérsias, os pais talvez possam um dia usar testes pré-natais para identificar crianças com genes de personalidades não desejadas, inclusive aqueles que tornam mais provável a violência. Até lá, entretanto, temos que nos satisfazer com uma estratégia mais simples, menos tecnológica, para reduzir a violência: tratar as crianças com amor e humanidade.

Frank Sulloway, autor de *Born to Rebel*, diz que "as misérias da vida recaem desproporcionalmente sobre as crianças", e isto é verdade. Em toda a história, metade das crianças não conseguiu chegar à idade adulta. Considerando isto e tudo o que sabemos sobre violência contra os jovens, elas têm muito mais razão de ter medo de nós do que nós delas. Mesmo assim, os maus-tratos que infligimos às crianças nos são devolvidos, e já estão nos custando nossa paz e nossa segurança.

Um projeto federal de pesquisa selecionou 1.600 crianças que tinham sofrido abuso ou negligência e as acompanhou por quase vinte anos. Até o ano passado, metade já tinha sido presa por algum crime. Mas apesar desse custo tão alto para nós, os maus-tratos provavelmente continuarão existindo enquanto não olharmos as crianças por um ângulo diferente, não como hóspedes temporários, que um dia serão cidadãos, mas como membros desenvolvidos, contribuintes, com todos os direitos da nossa sociedade como são neste momento. As crianças costumam ser vistas como uma carga para a sociedade, nada mais do que vítimas impotentes da sua circunstância, mas nada está mais longe da verdade. Reconheça que as crianças são provedores básicos de cuidados com a infância na América. Irmãos tomam conta de irmãos, e crianças que tomam conta de si mesmas representam uma parte importante da nossa economia. Elas também cuidam dos idosos, cozinham refeições, tiram cigarros das mãos de pais adormecidos e contribuem de inúmeras outras maneiras.

Se apenas um número maior de crianças maltratadas soubesse que são residentes nas suas casas, e não os seus arquitetos, talvez elas acreditassem que o lugar onde se encontram agora não é o limite para o que poderão alcançar. Enquanto a América não acusar o criminoso em vez da vítima, estas crianças terão filhos, e a guerra que pensaram estar terminada não estará, para elas e para nós.

Podemos, é claro, continuar ignorando estas crianças mas algumas delas crescerão e cometerão o único crime que é impossível ignorar: o assassinato. Embora isso pareça distante da sua vida, levanto o assunto aqui por uma razão muito prática. Assim como os membros de uma família perturbada são forçados a olhar para dentro de si mesmos quando o filho adolescente se vê envolvido em problemas graves - depois de anos sinalizando que isso ia acontecer -, o assassino nos faz olhar para nós mesmo como uma nação. O assassino nos faz olhar para a mídia, para os crimes cometidos para chamar atenção, para a nossa enorme colheita de armas, para a violência e a educação das crianças. Compreender o assassino, que pode parecer o mais remoto dos criminosos, pode ajudar você a compreender os criminosos menos distantes e a se proteger deles.

13 - É melhor ser procurado pela polícia do que não ser procurado por ninguém

O interfone no apartamento de Rebecca Schaeffer estava quebrado, portanto quando a campainha tocou naquele domingo de manhã ela teve que descer até a portaria do prédio para ver quem era. Era um fã que vira a jovem atriz pela primeira vez no seu programa de TV semanal, *My Sister Sam*. Ela falou com ele rapidamente, e ele foi embora. Pouco depois, a campainha voltou a tocar e novamente ela desceu para ver quem era. Era o mesmo rapaz, mas desta vez não era o seu admirador - era o seu assassino. Ele lhe acertou um tiro no peito. Ela gritou "Por quê? Por quê?" e caiu no chão. Ainda estava viva enquanto ele ficou ali olhando para ela. Ele poderia ter pedido a alguém do prédio para chamar uma ambulância, ou ele mesmo poderia ter feito isso, mas o propósito não era esse.

Entre os crimes individuais, o assassinato é o que mais impacto tem sobre a psique americana. A balas têm claramente influenciado a maioria das eleições presidenciais nos últimos quarenta anos. Uma nação que se baseia no conceito de que seus líderes são escolhidos pela maioria fica arrasada quando uma minoria (em geral de um só) anula esta escolha com uma arma. Não importa que o alvo do assassino seja o prefeito de La Porte, Indiana (morto na cama por um cidadão zangado), ou o presidente dos Estados Unidos, o sistema segundo o qual vivemos também é vítima. Devido ao impacto desproporcional que provocam na nossa cultura, identificar quem atacará uma figura pública é a previsão de comportamento mais arriscada no nosso país, a que afeta a todos.

Em algum momento no nosso passado não tão distante, as condições em torno da fama mudaram. Há uma parte nesta mudança que torna a vida pública na sociedade ocidental mais desafiadora do que nunca. É a parte que todas as pessoas visadas, desde o político local, passando pela rainha da beleza, pelo apresentador de um programa de rádio até a figura conhecida na mídia internacional, devem considerar. Com a fama existem as disputas que uns dizem vir junto com o território, mas alguém já pensou que o sucesso é acompanhado do risco de ser morto? Para responder a essa pergunta devemos voltar para a infância da era da mídia.

Há muito tempo que os artistas, os políticos e as pessoas ligadas ao esporte são alvos de admiração e até de amor, mas esse amor costumava ser distante e contido, relegado a uma parte da mente e do coração reservada para pessoas que não se conhecia pessoalmente. Era, falando do ponto de vista das emoções, uma via de mão única, porque os sentimentos pela figura pública só podiam ser demonstrados como parte de uma função aceitável, como votar, enviar cartas ou

assistir a um show. Exceto quando aplaudiam mais alto e por mais tempo do que os outros, os participantes de uma platéia não procuravam se dar a conhecer pessoalmente pelos artistas.

Antes da década de 1940, se uma mulher na platéia se levantasse e gritasse com toda a força dos seus pulmões durante um show inteiro, seria colocada num hospício. Lá pelos meados dos anos quarenta, entretanto, todas as platéias agiam assim, gritando, rasgando as roupas e arrancando os cabelos, levantando-se das poltronas e subindo no palco. No dia 30 de dezembro de 1942, quando Frank Sinatra cantava no Paramount Theater, em Nova York, o comportamento da platéia mudou, e uma parte do nosso relacionamento com pessoas famosas mudou para sempre. Psiquiatras e psicólogos na época tentaram explicar o fenômeno. Eles lembraram danças insanas medievais, falaram de "amor frustrado das massas" e "hipnose coletiva". Embora nenhuma dessas teorias explicasse o que aconteceu, a era da mídia criou um tipo de hipnose coletiva na vida americana. Até um certo ponto ela afeta a todos nós, e para alguns ela chega a extremos.

Antes do advento da mídia de massa, uma jovem admirava um artista de longe e aceitava-se que ela tivesse por ele uma paixão passageira. Não seria aceitável se ela perseguisse o artista até a casa dele, ou se tivesse que ser contida pela polícia. Não seria aceitável que ela matasse aula para ficar esperando horas a fio na calçada de um hotel e tentasse arrancar pedaços de roupa do artista quando ele passasse por ali.

Mas esse comportamento pouco saudável se tornou "normal" nos tempos de Sinatra. De fato, o comportamento da platéia que surpreendeu a todos em 1942 era esperado dois anos depois quando Sinatra voltou a se apresentar no Paramount Theater. Desta vez, às trinta mil fãs de meias soquete gritando juntou-se uma tropa de repórteres. Na expectativa de um tumulto, 450 policiais foram designados só para aquele teatro, e parecia que a sociedade tinha aprendido a lidar com este fenômeno. Não tinha.

Durante o espetáculo, um rapaz de 18 anos chamado Alexander Ivanovich Dorogokupetz se levantou e acertou um ovo no rosto de Sinatra. O espetáculo foi interrompido e, por um instante, um breve instante, Sinatra deixou de ser a estrela. Agora a estrela era Dorogokupetz no meio da multidão da platéia, e ele precisou sair escoltado pela polícia. A sociedade não tinha aprendido a lidar com isto, e ainda não aprendeu. Dorogokupetz disse à polícia: "Eu jurei dar um fim a esta monotonia de dois anos de desmaios. Gostei." Atrelado ao nome menos americano possível, ele tinha tentado ganhar alguma coisa com a maneira menos americana possível e, não fosse pela arma que escolheu, provavelmente hoje seria tão famoso quanto Frank Sinatra.

Havia elementos na sociedade atuando como pioneiros na arte de manipular as emoções e os comportamentos de uma forma que ainda não tinha

sido possível: pela eletrônica. A mídia estava institucionalizando a idolatria. Mais ou menos por essa época, o mundo ficou conhecendo uma adolescente chamada Elizabeth Taylor, que iniciou uma caminhada pela vida pública que define a celebridade ídolo como a conhecemos hoje. Uma adolescente menos famosa nos anos quarenta chamada Ruth Steinhagen definiria o anti-ídolo conforme é conhecido atualmente.

Ruth gostava de um jogador chamado Eddie Waitkus. Ele era mais exclusivamente dela do que Frank Sinatra, que pertencia a todos. Embora nunca tivessem se encontrado, Ruth dedicou sua vida a Eddie. Ele era de origem lituana, portanto ela aprendeu a sua língua. Ele era a camisa 36 do Chicago Cubs, e ela ficou obcecada com esse número, comprando todos os discos produzidos em 1936. Ela colecionava recortes de jornais sobre Eddie, dormia com a fotografia dele debaixo do travesseiro, assistia a todos os jogos sempre que possível e lhe enviava uma carta após outra, mesmo que ele nunca respondesse. Na hora do jantar ela arrumava as cadeiras de modo a deixar uma vazia na sua frente. Ela dizia para a irmã: "Eddie está naquela cadeira."

Muitas amigas de Ruth estavam apaixonadas por jogadores de beisebol, mas seus pais, apesar de no início acharem bom que ela também tivesse o seu ídolo, começaram a ficar preocupados com o comportamento dela. Levaram-na a dois psiquiatras, e a mãe ficou satisfeita quando eles disseram que não havia nada de errado com a filha - exceto que ela tinha de esquecer Waitkus (que é um pouco como dizer que não havia nada de errado com John Hinckley, só que ele tinha que esquecer Jodie Foster). E claro, Ruth não esqueceu Waitkus, nem por um momento, e quando ele foi comprado pelo Philadelphia Phillies, ela disse que não poderia continuar vivendo se ele se mudasse de Chicago.

Ela começou a falar de suicídio com uma de suas amigas e depois quis comprar uma arma. Queria uma pistola mas, como para isso precisava de autorização, foi a uma casa de penhores e comprou um rifle.

Na primeira semana de junho de 1949, Ruth se decidiu por algo melhor do que o suicídio. Ela disse para a amiga Joyce "ver os fogos de artifício na terça-feira", dia em que ela se registrou no Edgewater Beach Hotel, em Chicago, sabendo pela programação do Phillies que Eddie estava hospedado ali. Ela levou uma mala cheia de *memorabilia* de Eddie, inclusive os canhotos dos bilhetes dos cinquenta jogos a que tinha assistido. Levou também o rifle.

Em seu quarto, Ruth escreveu uma carta para os pais ("Espero que compreendam. Eu amo vocês. É melhor assim.") mas amarrotou o papel e jogou na lata de lixo. Escreveu em seguida um bilhete para Eddie:

Sr. Eddie, não nos conhecemos mas tenho algo importante a lhe dizer. Acho que será conveniente para o senhor deixar que eu lhe explique o que é. Estou deixando o hotel depois de amanhã. Apreciaria muito que o senhor pudesse

me ver o mais rápido possível. Meu nome é Ruth Anne Burns, estou no quarto 1297-A. Sei que isso é um pouco incomum mas, como disse, é muito importante. Por favor, não demore. Não lhe tomarei muito tempo. *Prometo.*

Ruth deu três dólares de gorjeta para o mensageiro entregar o bilhete. Ao ler, Eddie achou que devia ser mais uma "Baseball Annie" (o que chamamos hoje de "tiete"), e concordou em visitá-la. Ruth colocou uma faca no bolso da saia, pretendendo dar uma facada no coração de Eddie assim que ele entrasse no quarto, mas ele passou por lá rápido, sentou-se numa cadeira e perguntou: "E aí, o que é?"

"Espere um minuto. Tenho uma surpresa para você", disse Ruth e foi até o armário apanhar o rifle. "Há dois anos você vem me perturbando, e agora vai morrer." Ruth disparou um tiro no peito de Eddie. A bala perfurou um pulmão e se alojou logo abaixo do coração. (Waitkus sobreviveu e até voltou ao esporte profissional. Encontrei um velho cartão de beisebol seu. Sob o título "Minha Maior Emoção no Beisebol", estava escrito, "Em 1949, levei um tiro de uma moça maluca".)

As coisas que Ruth disse e fez depois de atirar foram extraordinárias em 1949, mas não são mais. Ela explicou à polícia:

Eu gostava muito dele e sabia que nunca o teria, e se eu não podia ficar com ele ninguém mais ia poder. *Sempre desejei ser famosa. Eu queria atenção e publicidade. Meus sonhos se realizaram.*

Ruth estava expressando com eloquência um sentimento muito familiar aos americanos modernos. Ao descrever o que aconteceu depois do tiro, ela disse:

Ninguém saiu dos quartos. Era de se esperar que viessem todos correndo. Fiquei louca. Eu dizia que tinha dado um tiro em Eddie Waitkus, mas eles não sabiam quem era Eddie Waitkus. Depois a polícia chegou, mas eu estava furiosa porque ninguém saía daqueles quartos. Ninguém parecia querer nada comigo. Eu poderia ter saído calmamente daquele lugar e ninguém iria atrás de mim.

Aos 19 anos, Ruth achou que era melhor ser procurada pela polícia do que não ter ninguém procurando por ela. Cerca de vinte anos depois, uma jovem mulher chamada Valerie Solanas aparentemente sentiu a mesma coisa. Aspirante a atriz e escritora, Solanas foi com uma arma até o quartel-general de Andy Warhol e deu um tiro no artista. Logo depois, Solanas foi andando até achar um policial em Times Square e disse: "A polícia está atrás de mim." Ela acrescentou orgulhosa: "Eles querem me pegar." (Foi Andy Warhol que nos deu a

frase que por si só é um ícone da era da mídia: "No futuro, todos serão mundialmente famosos por quinze minutos." Ironicamente, Valerie Solanas teve seus quinze minutos à custa de Warhol. Ela teve outros noventa minutos no ano passado, quando fizeram um filme inteiro sobre a sua vida.)

O ataque de Solanas ocorreu em 1968, e já estávamos calejados, mas na época em que Ruth Steinhagen atirou em Eddie Waitkus, esse tipo de coisa impressionava. Quando Ruth contou à mãe que pretendia comprar uma arma e dar um tiro em Eddie Waitkus, a mãe respondeu: "Você não pode fazer isso. Mulheres não fazem essas coisas." A senhora Steinhagen estava errada a respeito de Ruth, e a respeito de Valerie Solanas, e mais recentemente a respeito de Squeaky Fromme e Sara Jane Moore (ambas tentaram matar o presidente Gerald Ford).

Devido ao alvo escolhido por Ruth, o seu tiro não foi ouvido no mundo inteiro, embora a tenha colocado em primeiro lugar na extensa lista de pessoas que perseguem e atacam figuras públicas na era da mídia, algumas famosas, outras não tão famosas.

Os especialistas concluíram que Ruth era louca, e ela foi mandada para uma instituição para doentes mentais. Três meses depois, concluíram que Ruth tinha recuperado a razão e a libertaram. Ainda viva, hoje Ruth Steinhagen é um membro idoso de uma minoria unicamente americana. Não é que outras nações não tenham tido a sua cota de assassinatos, mas esse crime enraizado num ideal ou oportunismo político está muito longe do tiro acertado num estranho só para conseguir "atenção e publicidade, pelo menos uma vez".

Existe também a escolha excepcionalmente americana dos alvos. Nos anos trinta e quarenta, os jogadores de beisebol e os estadistas eram os ídolos mais em evidência e adorados. Quando Joe DiMaggio se casou com Marilyn Monroe, a tocha da idolatria tinha passado dos esportes para o mundo dos espetáculos. Vinte e seis anos depois, um ator se tornou presidente, e um viciado na mídia (John Hinckley) atirou nele, alegando obsessão por uma artista de cinema (Jodie Foster). Depois de um longo período de namoro, consumou-se o casamento entre violência e diversão.

Idolstrar heróis e ceder ao fascínio que eles exercem é normal na América do Norte, mas o que é uma droga leve para a maioria pode ser um veneno para algumas pessoas. Querendo aprender mais sobre esse veneno, solicitei um encontro com um especialista no assunto, Robert Bardo, o homem que matou Rebecca Schaeffer.

Para visitá-lo tive que passar por dois detectores de metal e ser escoltado por um guia através de uma série de longos corredores verdes, que terminavam num portão de aço trancado por onde, depois de cuidadoso exame, um guarda nos deixou passar. Finalmente me permitiram entrar numa pequena cela de concreto com dois bancos presos no chão. Meu acompanhante disse que voltaria

logo, depois fechou e trancou a porta. Mesmo com a certeza de que se vai sair dali, estar trancado na cela de uma penitenciária é como estar trancado na cela de uma penitenciária; é horrível.

Esperando por Bardo, pensei em Robert Ressler, o agente do FBI que passou grande parte da sua carreira na Unidade de Ciências Comportamentais estudando e entrevistando os assassinos mais prolíficos da América. Sentado ali eu me lembrei da última vez em que Ressler se encontrou na prisão com Edmund Kemper, um homem que havia assassinado brutalmente dez pessoas, várias delas decapitadas. Kemper era literalmente um gigante, dois metros de altura e mais de cento e trinta quilos. Depois de quatro horas de entrevista, Ressler apertou o botão para chamar o guarda para tirá-lo dali. Passou-se algum tempo, e não apareceu nenhum guarda. Quinze minutos depois, ele tornou a apertar o botão, e apertou mais uma vez. E o guarda não vinha. Kemper deve ter intuitivamente percebido a preocupação de Ressler, porque na gravação da entrevista pode-se ouvir ele dizendo: "Relaxa, é a mudança de turno, estão alimentando os caras nas áreas de segurança. Vai levar uns quinze ou vinte minutos antes de aparecer alguém."

Depois de pensar um pouco, Kemper acrescentou: "Se eu ficasse irritado agora, você estaria encrencado. Eu arrancava a sua cabeça e colocava sobre a mesa para receber o guarda."

Kemper estava certo. Diante da enorme vantagem de tamanho e experiência em matar, Ressler não teria nenhuma chance. Kemper, que estava passando por uma longa abstinência do seu hábito compulsivo de matar, agora tinha alguém vivo na sua frente: um famoso agente do FBI. Ressler advertiu o assassino de que se meteria em encrencas se matasse um agente federal, mas Kemper, já cumprindo uma pena correspondente a sete prisões perpétuas, zombou: "O que eles fariam, me proibir de ver televisão?"

Seguiram-se trinta minutos de confronto entre o medo e a coragem, com Ressler usando o seu impressionante *insight* comportamental para manter Kemper indeciso. Num ponto do debate de alto risco, Kemper reconheceu que se matasse Ressler, teria que passar mais tempo "no buraco", mas acrescentou que sera um preço baixo pelo prestígio de "apagar um agente do FBI".

Uma das várias jogadas de Ressler: "Você acha mesmo que eu viria aqui sem alguma forma de me defender?"

Kemper era esperto. "Não deixam ninguém entrar com armas aqui." Era verdade, mas Ressler sugeriu que os agentes do FBI tinham privilégios especiais e que um revólver talvez não fosse a única arma disponível para ele.

Kemper não caiu. "O que você tem, uma caneta venenosa?" Continuou assim até que os guardas chegaram, felizmente antes que Kemper colocasse em ação as suas rumações. Quando Kemper estava sendo levado embora, ele colocou uma das suas mãos enormes no ombro de Ressler. "Você sabe que eu

estava brincando, não é mesmo?" Mas Kemper não estava só brincando. Ele estava saboreando o petisco preferido dos assassinos compulsivos: o medo humano.

O assassino que se juntou a mim na cela estivera atrás de outras recompensas: atenção e fama. Com a barba de rapaz por fazer há alguns dias e a cabeleira prematuramente rala em desalinhado, Robert Bardo não tinha a aparência assustadora de Kemper. De fato, era a imagem de um adolescente esquisito. Em outra vida (e na sua vida anterior) ele teria sido o sujeito de avental branco varrendo o chão nos fundos de um restaurante de beira de estrada. Robert Bardo era, como ele dizia, "um excêntrico".

Como eu havia estudado o seu caso extensamente quando me consultaram no seu julgamento, conhecer Bardo era como conhecer um personagem de um livro que tinha lido. Eu sabia quase todas as frases que ia dizer, mas o jovem diante de mim era uma figura muito mais humana do que aparecia nas transcrições do tribunal ou que os relatórios psiquiátricos poderiam fazer imaginar, mais humano, talvez, do que eu desejaria que fosse.

A energia que ele tinha descarregado num único e terrível segundo nos degraus do prédio de Rebecca Schaeffer não estava ali na cela com a gente. Ele não tinha a autoconfiança necessária para intimidar ninguém, nem aquele olhar frio de assassino que por si só basta para intimidar uma pessoa. De fato, ele relutava até em olhar para mim. Nós dois sabíamos o crime que ele havia cometido e ele sabia muito bem, desde o julgamento, exatamente o que eu pensava a respeito.

Fizeram muitas perguntas a Bardo depois do assassinato, e ele já estava acostumado, portanto resolvi deixá-lo falar primeiro, deixar que ele me guiasse. Foi preciso um bocado de paciência. Durante cerca de quinze minutos ficamos ali sentados, ele com a cabeça baixa, eu contando com a idéia de que ele não conseguiria rejeitar a atenção que eu estava contendo.

A cela silenciosa ocasionalmente se enchia com o barulho de algum portão distante batendo. (Ruídos são as únicas coisas que vagueiam livres pela prisão; as paredes de concreto que prendem tantas coisas os levam de um canto a outro.)

Bardo finalmente me olhou e estudou com atenção o meu rosto. "Arthur Jackson me pediu para lhe dar um recado." (Jackson era o perseguidor obcecado que havia esfaqueado brutalmente a atriz Theresa Saldana. Depois que eu testemunhei contra Jackson no tribunal, ele me mandou para "o inferno".)

- Ele quer se encontrar com você também.
- Hoje, não - respondi.
- Então por que quer falar comigo?
- Porque você pode contribuir com alguma coisa - eu disse.
- Quero ajudar outras pessoas a evitar o que aconteceu com Rebecca -

ele falou.

A escolha das palavras sugeria um certo distanciamento do seu crime, que eu não queria lhe conceder.

- Nada aconteceu simplesmente com Rebecca. Você fala como se fosse um acidente.

- Não, não. Eu a matei. Dei um tiro nela, e quero ajudar outras pessoas a não serem mortas por gente igual a mim.

- Parece que você acha que existe alguém igual a você. Pareceu surpreendê-lo que isso não fosse óbvio.

- Existe. Quero dizer, tem... muita gente como eu.

Ele ficou calado muito tempo antes de continuar.

- Não sou um monstro. Na televisão querem sempre me mostrar como uma pessoa assustadora.

Olhei para ele, concordando com um movimento de cabeça. Estávamos juntos há quase meia hora e eu ainda não lhe tinha feito nenhuma pergunta.

- Eu era assustador, é claro, mas não sou mais. Aquele vídeo sobre mim mostrando como atirei em Rebecca me faz parecer e pior assassino do mundo, e não sou. - Ele estava preocupado com a sua imagem pública, como ele ficava comparado com seus pares.

Como quase todos os assassinos modernos, Bardo tinha estudado seus antecessores. Depois que Mark Chapman foi parar na prisão por matar John Lennon, Bardo lhe escreveu perguntando por que tinha feito aquilo. Chapman, o famoso assassino, e Bardo, o aprendiz, mantiveram uma breve correspondência. "Se ele tivesse me dito para não cometer um crime", Bardo disse, "isso não teria anulado as minhas emoções. A chave é a emoção, a emoção desequilibrada. Pessoas emocionalmente saudáveis não machucam os outros."

Bardo também estudou tudo sobre o caso Arthur Jackson. Jackson tinha contratado um detetive particular para localizar sua vítima, Bardo fez isso também. Jackson usou uma faca, por isso, numa das suas primeiras visitas para matar Schaeffer, Bardo também tinha uma faca. Jackson viajou milhares de quilômetros atrás do seu alvo, às vezes em ziguezague - como fazem quase todos os assassinos - e Bardo também. Eles começaram divididos por um continente mas acabaram morando no mesmo prédio. Numa entrevista gravada em vídeo, feita pela defesa meses antes de Bardo saber que eu estava trabalhando no caso, ele revelou a extensão da sua pesquisa sobre ataques a figuras públicas. Descrevendo a falta de segurança que tinha encontrado em volta de Schaeffer, ele disse: "Não é como se ela tivesse Gavin de Becker ou algo parecido."

Agora, ao me aconselhar, Bardo esperava se distinguir dos outros assassinos. Ele se tornaria, pensava, um antiassassino, ajudando pessoas famosas a evitar o perigo. É claro que eleja era famoso, fato que o levou a fazer um

comentário quase irônico demais sobre a vida pública: "Toda a fama que consegui com isto resultou em me ver assediado e ameaçado de morte. A mídia diz coisas a meu respeito que nem são verdade. Não tenho controle sobre a invasão da minha privacidade quando eles ficam repetindo o meu caso na televisão para ganhar dinheiro. Eu mesmo nunca me vi da forma como eles me retratam."

Ele não gostava que os repórteres o chamassem de solitário, mas a descrição estava certa. Bardo não tinha amigos, e nunca tinha dado um beijo de verdade numa garota. (Quase certamente, jamais dará.) A falta de intimidade saudável é uma característica comum de muitos assassinos. John Hinckley nunca conseguiu ter um relacionamento romântico; nem Arthur Jackson, nem Arthur Bremer, que atirou no candidato a presidente George Wallace.

Bremer era virgem e procurou mudar isso semanas antes do crime. Sabendo que em breve estaria morto ou preso para o resto da vida, ele contratou uma prostituta, mas o encontro sexual terminou de uma forma estranha. No seu diário ele escreveu: "Continuo virgem, mas agradeço a Alga por ter me dado uma idéia do que é isso."

Por mais que pareça bizarro, a máximo de intimidade que a maioria dos assassinos consegue é com suas vítimas. Perseguindo-as, eles ficam conhecendo-as mais intimamente do que conhecem qualquer outra pessoa, e ao atirar nelas estabelece-se uma espécie de parceria. O diário de Bremer mostra uma crescente intimidade com sua vítima preferida, o presidente Richard Nixon. Ao perseguir o presidente de um estado a outro, as referências no seu diário passam de "o Presidente" para "ele", depois "Nixon", "Nixy" e finalmente "Nixy, meu chapa".

Os que atacam com facas têm uma intimidade ainda maior, como é perturbadoramente descrito no livro do assassino múltiplo Jack Henry Abbot, *In the Belly of the Beast*. A respeito de uma das suas vítimas assassinadas ele escreveu: "Você pode sentir a vida dele estremecendo através da faca que você tem na mão. A delicadeza da emoção na essência de um ato grosseiro de assassinato é quase insuportável."

O assassinato grosseiro de Bardo foi, com a mais triste ironia, infligido à única garota que lhe deu alguma atenção. Rebecca Schaeffer lhe enviara uma resposta gentil a uma das suas cartas.

BARDO: Foi um cartão postai onde ela escreveu: "Robert, traço, sua carta foi a mais gentil e verdadeira que já recebi." Ela sublinhou "verdadeira". Ela escreveu: "Por favor, cuide-se", desenhou um coração e, em seguida, "Rebecca". Foi isso que me fez desejar mais respostas dela.

GDB: Então que conselho você dá a outras pessoas famosas?

BARDO: Cuidado com o que escrevem. Se responderem às cartas dos fãs,

não se mostrem muito entusiasmados. Não é assim que se trata um fã, porque fica parecendo que ele é o único, e foi assim que me senti. Eu senti que era o único.

Como outros assassinos, Bardo tinha perseguido várias pessoas famosas, inclusive uma cliente minha que ele percebeu que era muito inacessível. Ele desistiu dela e desviou sua atenção para Rebecca Schaeffer. Para os assassinos, é o ato e não o alvo, o destino e não a jornada, o que importa.

Como os alvos são intercambiáveis, perguntei a Bardo como as precauções de segurança tomadas por algumas figuras públicas afetavam a sua escolha. Ele disse: "Se leio num artigo que eles têm segurança e guarda-costas, isso faz você olhar para aquela celebridade de outra forma, e faz uma pessoa como eu se afastar. Acaba com a esperança de um relacionamento romântico."

Embora a defesa de Bardo tentasse vender a idéia de que ele esperava um relacionamento romântico com Rebecca, ele na realidade nunca contou com isso. Bardo esperava exatamente o que conseguiu, uma recepção sem entusiasmo e finalmente a rejeição. Ele usou esta rejeição como desculpa para fazer o que desejava há muito tempo: liberar a sua terrível raiva das mulheres, de sua família e do resto das pessoas.

E claro, para se importar com a rejeição de um estranho é preciso primeiro se importar com esse estranho. Bardo fez isso tornando-se obsessivo com cada um dos seus vários alvos. Ainda hoje, na prisão, ele faz a mesma coisa, concentrando intensamente a sua atenção em duas mulheres. Uma é uma cantora e a outra não era famosa quando ele ouviu falar dela, mas hoje é muito conhecida: Mareia Clark, a promotora que o mandou para a prisão perpétua. Numa carta que Bardo me escreveu, ele explicou: "Por duas vezes o *Daily Journal* fez o perfil de Mareia Clark.. aprendi muito. Vire para página 2 para ter uma idéia." A página 2 era uma extensa lista de fatos pessoais sobre Mareia Clark e a família dela.

E uma estranha ironia da era da mídia que Mareia Clark tenha sido a advogada de acusação de um cidadão comum que perseguiu e matou uma pessoa famosa, depois fosse a advogada de acusação de uma pessoa famosa (O.J. Simpson) que perseguiu e matou uma cidadã comum, e em seguida se tornasse ela mesma famosa e hoje seja o foco de atenção de um perseguidor.

Os assassinos da era da mídia não são diferentes de outro ícone exclusivamente americano: o temerário. Se você compreender Evel Kneivel, poderá compreender Robert Pardo. Como acontece com o temerário, todo o valor e êxito de um assassino deriva de um ato, de um momento. E também verdade no caso da maioria dos heróis, mas assassinos e temerários não são pessoas que surgem corajosamente para enfrentar uma emergência. O assassino

e o temerário criam as suas próprias emergências.

O temerário fantasia a glória de realizar a sua proeza, a fama que o aguarda do outro lado do cânion. A mídia tem retratado o temerário como um herói corajoso, mas e se alguém arrumasse uma motocicleta, a pintasse de uma forma especial, arranjasse as calças e a jaqueta coloridas, construísse as rampas, avisasse à imprensa, montasse todo o cenário no cânion... e não fizesse nada? De repente ele não é um sujeito fleumático e especial; é ridículo. Passa a ser aquele cara de nome idiota e acessórios de palhaço, além de excêntrico, não um herói. Tudo perde o brilho quando ele não faz nada.

Arthur Bremer escreveu: "Quero uma explosão e não um barulhinho. Estou cansado de escrever sobre isso, sobre o que ia fazer, sobre o que deixei de fazer, sobre o que repetidas vezes deixei de fazer. Incomoda-me saber que existem cerca de 30 caras na prisão hoje que ameaçaram a imprensa e nunca ouvimos falar deles."

Assassinos, como você vê, não temem ir para a cadeia - *temem fracassar*; e Bardo não era diferente. Ele tinha todos os componentes: estudou outros assassinos, pesquisou a respeito do seu alvo, fez o seu plano, conseguiu a arma, escreveu as cartas que seriam encontradas depois do ataque. Mas, como o temerário, ele era apenas o sujeito que trabalhava escondido na caixinha de surpresas até saltar lá de dentro, até as rodas saírem do chão, até matar alguém famoso. Tudo o que acompanha a fama o aguardava do outro lado do cânion, onde, segundo as suas palavras, ele finalmente estaria "par a par" com as celebridades.

Quando ele encontrou Rebecca Schaeffer e se viu frente a frente com ela, tinha todas as credenciais de um assassino, mas não podia pegar o seu prêmio antes de matá-la. Desde os 14 anos ele sabia o que queria ser quando crescesse, e conseguiu isso nos degraus do prédio de Rebecca Schaeffer. Robert Bardo era um assassino de carreira, um matador para quem o ato era mais importante do que a vítima.

Algumas pessoas levam anos para realizar o seu feito heróico; os assassinos não. Enquanto perseguia Richard Nixon, Bremer escreveu: "Sou tão importante quanto o início da Primeira Guerra Mundial. Só preciso de uma leve oportunidade e um segundo de tempo." Esse narcisismo é uma característica básica de todos os assassinos e, como muitas das suas características, ela está presente em nós num certo grau. No seu livro vencedor do prêmio Pulitzer, *The Denial of Death*, Ernest Becker observa que o narcisismo é universal. Becker diz que em todas as crianças "o organismo inteiro evidencia o seu narcisismo natural. É muito absorvente e incansável para ser uma aberração, ele expressa a essência da criatura: o desejo de se destacar, de ser o número um na criação". Becker diz que todos nós buscamos atos heróicos nas nossas vidas, acrescentando que em algumas pessoas "é um grito de glória tão pouco crítico e reflexivo como o

uivar de um cachorro".

Mas os uivos de glória dos assassinos ficaram sem respostas nas suas vidas comuns anteriores ao ataque. O assassino pode ser esquisito ou incomum, mas não podemos dizer que não compreendemos os seus motivos, a sua meta. Ele quer o que os americanos querem: reconhecimento, e ele quer o que todas as pessoas querem: importância. Quem não tem isso na infância encontra um jeito de ter na idade adulta. É como se tivessem passado a vida mal nutridos e querem consertar essa deficiência com uma refeição enorme.

A mesma busca de importância é parte da motivação do jovem membro de uma gangue que mata, porque a violência é a maneira mais rápida de conseguir identidade. O assassino Jack Henry Abbot descreve "o orgulho e a satisfação involuntários que todos os condenados sentem quando estão com as mãos e os pés algemados como os animais. O mundo inteiro olha para nós por um momento. Somos alguém capaz de ameaçar o mundo".

Segundo Ernest Becker: "A ânsia de heroísmo é natural, e admitir isso é honesto. Para todos, admitir essa ânsia seria provavelmente liberar essa força encurralada tão devastadora para a sociedade."

Ora, Bremer, Hinckley e Bardo, todos admitiram isso, com resultados devastadores. Cada um deles aspirou primeiro a vencer em Hollywood, mas desistiu, preferindo um caminho mais fácil e rápido para a identidade. Eles sabiam que bastava um ato de heroísmo fraudulento, um único tiro, e estariam para sempre ligados aos seus alvos famosos.

Como outros empreendimentos, chega-se ao assassinato passando por um certo protocolo, certas argolas através das quais é preciso saltar. Muitas delas são detectáveis, aros visíveis que vão deixando rastros. Os assassinos aprendem uns com os outros, cada um aprende algo com os que vieram antes. Quando trabalhei no caso de Bardo, fiquei surpreso com o fato de ele ter feito tantas coisas que Hinckley tinha feito antes dele. Os dois rapazes tiveram experiências bastante semelhantes na infância, e isso não surpreende, mas as semelhanças das escolhas que fizeram mais tarde são impressionantes. Por exemplo, Hinckley sabia que Mark Chapman tinha com ele uma cópia de *Catcher in the Rye* quando foi matar John Lennon. Bardo tinha o mesmo livro quando assassinou Rebecca Schaeffer, contando-me depois que o lera "para descobrir como o livro tinha feito Chapman matar John Lennon".

Veja esta lista de coisas que John Hinckley fez antes de atirar no presidente Reagan:

- Escreveu cartas para uma atriz.
- Compôs canções.
- Trabalhou num restaurante.

- Leu *Catcher in the Rye*.
- Ziguezagueou pelo país.
- Perseguiu outras figuras públicas além do seu alvo final.
- Viajou para Hollywood.
- Escreveu um diário.
- Estudou outros assassinos.
- Visitou o edifício Dakota, na cidade de Nova York, para conhecer o lugar onde John Lennon foi assassinado.
- Considerou um suicídio para chamar atenção.
- Vendeu tudo o que tinha.
- Escreveu cartas para serem encontradas depois do ataque.
- Tomou um ônibus para ir até o cenário do crime.
- Perseguiu seu alvo final em mais de um local antes do ataque.
- Levou com ele *Catcher in the Rye*.
- Não atirou na primeira oportunidade.
- Deixou a cena depois do primeiro encontro.
- Esperou cerca de meia hora e aí atirou no seu alvo.

Curiosamente, Bardo fez todas essas coisas. Há mais de trinta semelhanças surpreendentes no comportamento dos dois homens. A previsibilidade dos comportamentos de assassinos antes do ataque foi confirmada pela obra de Park Dietz, o psiquiatra e sociólogo que chamou a atenção do país como o principal perito da acusação no caso Hinckley. Em 1982, quando eu trabalhava no President's Advisory Board, no Departamento de Justiça, apresentei um projeto de pesquisa para estudar pessoas que ameaçam e perseguem figuras públicas. Dietz foi o perito que escolhemos para dirigir o projeto. A partir desse e de outros trabalhos pioneiros, ele reuniu dez comportamentos comuns aos assassinos modernos. Quase todos:

- 1) Demonstravam algum distúrbio mental.
- 2) Pesquisaram o alvo ou a vítima.
- 3) Criaram uma agenda, um diário ou registro.
- 4) Arranjaram uma arma.
- 5) Comunicaram-se inadequadamente com alguma figura pública, embora não necessariamente a atacada.
- 6) Demonstravam uma idéia exagerada de si próprios (grandiosidade, narcisismo).
- 7) Viajavam de um lado para o outro.
- 8) Identificavam-se com um perseguidor ou assassino.
- 9) Tinham habilidade para enganar o serviço comum de segurança.
- 10) Abordaram repetidas vezes uma figura pública.

Ao proteger figuras públicas, meu escritório concentra-se em quem poderá tentar matar os clientes, é claro, mas também em quem poderá prejudicá-los de outras formas, tais como por assédio ou perseguição. Na avaliação dos casos, consideramos mais 150 indicadores pré-incidentes além dos tratados aqui. Se tivéssemos de escolher apenas um PIN ao qual deveríamos estar mais atentos, seria o que chamamos de crença na capacidade. É a crença que um indivíduo tem em sua capacidade de atacar uma figura pública. Sem ela, ele não pode levar a cabo sua intenção. De fato, para fazer qualquer coisa, todos nós precisamos primeiro acreditar, de alguma forma, que somos capazes de fazer essa coisa. Por conseguinte, a pergunta de maior risco para a sociedade seria: "Você acha que consegue atirar no presidente?" Futuros assassinos nem sempre respondem a esta pergunta com sinceridade, é claro, nem a sociedade terá sempre a chance de fazê-la mas, até onde ela pode ser medida, a crença na capacidade é o melhor indicador pré-incidente de assassinato.

Se a resposta sincera for: "Não, com todos aqueles agentes do Serviço Secreto e todas as providências especiais já tomadas, eu não conseguiria chegar a menos de um quilômetro do sujeito", a pessoa não é capaz de atirar no presidente. Claro, este não é um sinal premonitório sempre confiável, porque a crença na capacidade pode ser influenciada e alterada.

Se, por exemplo, eu acredito que não posso mergulhar no oceano do alto de uma rocha a 70 metros de altura, então eu não posso. Mas um treinador poderia influenciar a minha crença. Com incentivo, aprendendo novas técnicas de mergulho, começando por mergulhar de altitudes mais baixas - primeiro de 7 metros, depois 10 e 15 metros - tudo isso mudaria a minha crença na capacidade. Nenhuma influência é mais poderosa do que a prova social, ver uma outra pessoa ter êxito naquilo de que você talvez de início se julgou incapaz. Ver um mergulhador lançando-se de uma rocha em Acapulco, mergulhando no Pacífico e depois emergindo são e salvo influencia drasticamente a minha crença de que isso é possível e que eu também seria capaz de fazer.

Da mesma forma, a enorme atenção dada pela mídia às pessoas que atacam figuras públicas incentiva em outras a crença nessa capacidade. Ela diz: "Está vendo, isso pode ser feito." Não é de surpreender que o risco de outros ataques suba drasticamente em seguida a um ataque amplamente divulgado. E é exatamente porque um encoraja o outro que se acumulam os ataques a figuras públicas (presidente Ford - dois em duas semanas; presidente Clinton - dois em seis semanas).

A sociedade parece estar incentivando duas mensagens bem diferentes:

- 1) É quase impossível atacar com êxito uma figura pública, mas se você fizer isso e sobreviver, será um pária, desprezado, aviltado e esquecido.
- 2) É muito fácil atacar com sucesso uma figura pública, mas se você fizer

isso, não só sobreviverá como será o centro das atenções do mundo inteiro.

Visto que estamos discutindo algo equivalente a uma espécie de publicidade, as informações logo após o ataque a uma figura pública poderiam ser apresentadas de outra forma. Os policiais falando com a imprensa sobre o criminoso preso tendem a descrever sua própria atuação como uma vitória contra um adversário perigoso, cheio de poder, bem armado e inteligente: "Os investigadores encontraram três armas de calibre 45 e mais de duzentas cargas de munição no seu quarto no hotel. Como o elemento é um exímio atirador, a invasão do prédio foi uma ação arriscadíssima."

Isto investe o criminoso de uma espécie de persona sem dúvida atraente para muitos que possam estar pensando em cometer um crime semelhante. Para os meus casos eu recomendo uma abordagem diferente, que coloca o ofensor sob uma luz bem menos glamourosa. Imagine esta entrevista à imprensa logo após a prisão de uma pessoa que estava planejando um assassinato.

REPÓRTER: Você descreveria o homem como um solitário?

AGENTE FEDERAL: Mais do que solitário, na verdade.

REPÓRTER: Ele resistiu à ordem de prisão?

AGENTE FEDERAL: Não, nós o encontramos escondido no banheiro - no cesto de roupa suja.

REPÓRTER: Ele teria condições de cometer o assassinato?

AGENTE FEDERAL: Duvido muito. Ele nunca teve sucesso em nada.

Teoricamente, o agente mudaria o foco sempre para as pessoas e os métodos especiais que agem em oposição aos assassinatos, mantendo o criminoso fora de foco.

AGENTE FEDERAL: Quero elogiar os oito homens da equipe de agentes especiais cujo trabalho de investigação e uso de novas tecnologias possibilitaram a rápida apreensão.

Proponho não mostrar as balas na escrivaninha do quarto de hotel barato, deixando ver em vez disso as cuecas e as meias sujas caídas no chão do banheiro. Proponho não facilitar oportunidades para fotos que mostrem o transgressor escoltado por dez agentes federais saindo de um helicóptero para um desfile de automóveis a sua espera. Que o mostrem, ao contrário, vestido com uma camiseta esfarrapada, algemado a uma tubulação num corredor sombrio, vigiado por um guarda, do sexo feminino de preferência. Não seriam muitos os futuros assassinos em busca de identificação que, ao verem estas imagens, diriam: "E isso aí, é essa a vida que eu quero!"

Inversamente, ser vigiado por agentes federais (assim como o

presidente), levado às pressas para helicópteros a sua espera (assim como o presidente), ter a casa onde passou a infância mostrada na televisão (assim como o presidente), ver o tipo de arma que usava sendo disparada nos noticiários por peritos atiradores exaltando o seu poder letal, os planos que fez descritos como "meticulosos" - tudo isso promove os aspectos gloriosos do assassinato e de outros crimes da mídia. Ser apanhado por alguma violência terrível deveria ser o início do esquecimento, não o dia mais glorioso da vida de alguém.

Mas foi o dia mais glorioso da vida do acusado do atentado a bomba na cidade de Oklahoma, Timothy McVeigh, que desfilou diante da imprensa rodeado de agentes do FBI, levado às pressas de automóvel e desaparecendo carregado por uma esquadrilha de dois helicópteros. Nós vimos isso com mais exagero ainda no caso do Unabomber, Ted Kaczynski, cujo rosto foi capa das revistas *Time*, *U.S. News & World Report* e *Newsweek* (duas vezes). O artigo de capa de todas as três descrevia Kaczynski como um "gênio".

Os repórteres em geral se referem aos assassinos com nomes triplos, como Mark David Chapman, Lee Harvey Oswald, Arthur Richard Jackson. Seria de se acreditar que os assassinos realmente usassem estes pretensiosos nomes triplos antes de atacarem: não usavam. Eles eram Mark, Lee e Arthur.

Sugiro promover uma encarnação menos glamourosa de seus nomes. Chamem um criminoso de Ted Smith, em vez de Theodore Bryant Smith. E, melhor ainda, descubram o apelido pelo qual ele era conhecido antes do ataque:

AGENTE FEDERAL: Seu nome é Theodore Smith, mas ele era conhecido como Chubby Ted.

Nossa cultura tem muitos modelos, mas raros são tão espalhafatosos e glorificados como o assassino. Aqueles que tiveram sucesso (e mesmo alguns dos que falharam) estão entre as pessoas mais famosas do folclore americano. Poucos americanos da sua época sobreviveram na história com tanta fama quanto John Wilkes Booth.

A relação tragicamente simbiótica entre assassinos e noticiários da televisão é compreensível: assassinos dão ótimos vídeos - muito visuais, muito dramáticos. Assassinos não processam ninguém, não importa o que se diga a seu respeito, e suas histórias têm a característica mais desejada pelos produtores dos noticiários: podem ser estendidas. Sempre haverá mais informações, mais entrevistas com vizinhos e especialistas, mais fotografias do álbum de gênio. Haverá um julgamento com sabor de corrida de cavalos entre os advogados (que ficam famosos só para esta ocasião), e haverá o drama da espera pelo veredicto. Melhor ainda, haverá aquele vídeo do ataque, repetido várias vezes.

O problema, entretanto, é que aquele vídeo pode ser um comercial para o

assassinato. Tão certo quanto a Procter & Gamble incentiva o uso da pasta de dentes, a abordagem dos noticiários de televisão incentiva os ataques a figuras públicas.

Em 1911, o criminalista Arthur MacDonald escreveu: "Os criminosos mais perigosos são os assassinos de governantes." Ele sugeriu que "jornais, revistas e autores de livros parem de publicar os nomes dos criminosos. Se isso não for feito voluntariamente, que seja considerado contravenção. Reduziria a esperança de glória, fama e notoriedade, que é o grande incentivo para esses crimes".

MacDonald ficaria decepcionado vendo que os assassinos da era da mídia acabam como verdadeiros espetáculos transmitidos em rede mundial, mas não se surpreenderia com isso. Afinal de contas, já na sua época era espessa a névoa matinal da promoção exagerada da mídia de massa. Em 1912, um homem chamado John Shrank tentou matar Theodore Roosevelt. Enquanto ele estava na prisão, sua fiança foi abruptamente suspensa porque os "homens do cinema" tinham planejado pagá-la garantindo que ele ficasse livre o tempo necessário para reencenar a tentativa de assassinato para o cinejornal. Fazendo objeções ao filme, o promotor disse ao juiz que estava preocupado com 'o efeito desmoralizante que teria um filme desse tipo. Ele tenderia a transformar em herói este homem, e não creio que se deva permitir aos jovens adorá-lo como tal'. Provavelmente, sem perceberem que estavam sendo pioneiros num novo gênero, os frustrados homens do cinema descobriram um prédio parecido com o da penitenciária e filmaram um ator parecido com Shrank surgindo entre dois xerifes fictícios.

Nenhuma discussão sobre assassinatos estaria completa sem falar das precauções para evitar estes ataques. Primeiro, é claro, como qualquer outra situação de perigo, é preciso saber que o risco existe. No caso Bardo, por exemplo, houve vários avisos. Durante dois anos ele enviou a Rebecca Schaeffer uma torrente de cartas inadequadas através dos agentes dela em Nova York e Los Angeles. Quando Bardo apareceu no estúdio onde ela gravava o seu programa, foi um segurança que disse a ele em que palco ela se encontrava. O próprio Bardo disse: "Foi fácil demais."

Numa das suas visitas ao estúdio, ele explicou ao chefe da segurança que estava apaixonado por Rebecca Schaeffer e tinha vindo do Arizona só para vê-la. Depois de dizer a Bardo que a atriz não queria vê-lo, o chefe de segurança o levou pessoalmente de carro até o motel onde ele estava hospedado. Infelizmente, mesmo tendo visto (embora, sem reconhecer) vários sinais óbvios de alerta, o chefe de segurança não informou Rebecca Schaeffer de que o homem "apaixonado" que a perseguia há dois anos tinha acabado de viajar centenas de quilômetros de ônibus para se encontrar com ela.

Depois dos tiros, o chefe de segurança explicou o seu encontro com Bardo aos repórteres: "Achei que ele estava apaixonado. São centenas, todos os anos, gente tentando entrar, fãs escrevendo cartas." Para o chefe de segurança, era só uma questão de saber lidar com um fã de acordo com o que ele chamava de 'procedimento padrão', mas, para Bardo, foi um acontecimento carregado de emoções

BARDO: Eu tive problemas com a segurança do estúdio, e o que eu senti por eles descarreguei na senhora Schaeffer.

GdB: O que você sentiu?

BARDO: Raiva, muita raiva, porque eles diziam: "Não, você não pode entrar, vá embora, vá embora daqui!" Eles diziam: "Ela não está interessada, não quer ser perturbada", e eu achava que tinha de discutir isso com ela pessoalmente.

GdB: Mas ela não disse isso, disse?

BARDO: Não, mas eu senti, eu percebi que ela era assim.

O relato do chefe de segurança continua: "[Bardo] insistia muito para entrar. Só falava 'Rebecca Schaeffer'. 'Tenho de vê-la. Eu a amo.' Havia algo mentalmente muito errado. Alguma coisa meio louca estava acontecendo, mas não achei que houvesse ali nada de potencialmente violento."

Num refrão sem resposta, que se ouve com freqüência depois de tragédias que poderiam ter sido previstas, o chefe de segurança acrescentou: "O que mais eu poderia ter feito?"

Cerca de duas semanas depois da morte de Rebecca Schaeffer, aconteceu um outro incidente muito noticiado que responde a esta pergunta. Tratava-se de um suposto atacante a quem chamarei de Steven Janoff. Ele já havia perseguido um cliente meu mas, apesar de não representar um risco provável para esse cliente, segundo a nossa avaliação, estávamos preocupados com a possibilidade de que fosse perigoso para uma outra artista do seu programa de televisão. Marcamos um encontro com a atriz e lhe contamos o caso. A polícia e a segurança do estúdio avisaram ao perseguidor para que se afastasse, supondo que isso resolveria a questão. Não resolveu, é claro.

Mais ou menos um ano depois, a atriz estava ensaiando para uma peça e a presença de um homem na calçada do teatro lhe chamou a atenção. Não conseguindo se livrar da idéia de que ele poderia ser o indivíduo a quem tínhamos avisado para se afastar dela, ela nos chamou. Depois de algumas investigações, confirmamos que o homem era realmente Steven Janoff e que estava atrás dela.

Ela e seus advogados pediram as nossas sugestões e depois as seguiram ao pé da letra. Ela deixou de usar a porta da frente do teatro quando ia ensaiar, na bilheteria foi colocada uma foto de Janoff e a orientação sobre o que deveria ser

feito se ele aparecesse, ela concordou em andar acompanhada de um segurança, e usou várias outras estratégias que criamos para reduzir a probabilidade de um encontro indesejado.

Durante cinco dias Janoff perseguiu a atriz, mas, devido às precauções tomadas, ele não conseguiu se encontrar com ela. Janoff havia comprado um ingresso para a noite de estréia da peça, embora não tivesse paciência suficiente para esperar até lá. Uma tarde, ele foi direto para a bilheteria, onde um funcionário o reconheceu e chamou a polícia. Janoff sacou uma arma e exigiu ver a atriz. O funcionário, esperando que a arma não estivesse carregada, saiu correndo. Janoff apontou a arma para si mesmo, anunciando que puxaria o gatilho se não lhe trouxessem a atriz. Depois de 4 horas medindo forças com a polícia, ele foi preso. Não só se confirmou que a arma estava carregada, como Janoff tinha uma coleção delas no seu quarto no hotel.

O caso Janoff mostra o enorme progresso da indústria de diversões no cuidado com a segurança de figuras da mídia. Várias agências de teatro, estúdios de cinema e empresas de agenciamento têm como rotina avaliar profissionalmente comunicações ou visitas inadequadas. Diferente do caso Bardo, hoje se tende mais a informar as figuras da mídia sobre perseguições inadequadas. Estes e outros progressos tiveram nítidos resultados: nos últimos anos, o índice de sucesso nos ataques a figuras da mídia diminuiu muito.

Gostaria de dizer o mesmo no que se refere aos esportes profissionais, que nos fazem lembrar a tentativa de assassinato da jovem tenista Monica Seles. Embora certamente não será essa a última tentativa de agredir um desportista, com um pouco mais de esforço poderá ser a última facilitada pela negligência.

Antes de comentar alguns detalhes pouco conhecidos sobre o caso Seles, quero falar um pouco dos riscos que as figuras públicas enfrentam e que são importantes para a sua segurança. É o mito de que a violência não pode ser impedida. John Kennedy certa vez afirmou que era impossível impedir os assassinos de agir porque "basta alguém estar disposto a trocar a sua vida pela do presidente". A opinião de Kennedy, citada tantas vezes, é muito fluente, mas totalmente errada. De fato, o assassinato não só pode ser impedido, como é impedido com muito mais frequência do que tem êxito. Embora os assassinos tenham algumas vantagens sobre suas vítimas, existem muitos fatores trabalhando contra eles. Literalmente são milhares as probabilidades de fracasso, e apenas uma leve chance de sucesso. Não é o tipo de crime em que uma pessoa possa se exercitar - literal e figurativamente, o assassino só pode tentar uma vez. Como John Kennedy, quem adota uma atitude fatalista no que diz respeito à própria segurança (por exemplo: "É impossível evitar um assalto; alguém vai acabar conseguindo entrar") quase sempre age assim como uma desculpa para não tomar precauções sensatas. Sim, um criminoso disposto a matar pode ser

difícil de conter, mas a ausência de precauções deixa você vulnerável ao criminoso com menos disposição.

No caso Seles, todos sabiam que era prudente ela estar acompanhada de um segurança quando aparecesse em público na Europa. Intensamente envolvida no maior conflito desenrolando-se no continente, sérvios *versus* croatas, sua presença em público sempre servia como pretexto para demonstrações políticas. A presença de guardas de segurança nos torneios de que participava era rotina, como no Torneio do Cidadão de 1993, na Alemanha.

Não obstante, mal entrou na quadra, uma das mais brilhantes atletas da história caiu ao chão sangrando, gravemente ferida. Apesar da proteção ostensiva de dois guardas de segurança, ela foi esfaqueada, um dos métodos de assassinato mais fáceis de prevenir. Por que os guardas de segurança falharam e o agressor Gunter Parche teve sucesso?

Um dos dois seguranças, Manfred, responde a minha pergunta na declaração que fez à polícia, mas ele começa com as palavras erradas: "*Eu sou um funcionário das telecomunicações. Faço um bico na empresa que cuida da segurança nas quadras de tênis.*"

Supostamente, uma estrela do tênis poderia esperar que os seguranças designados para protegê-la fossem realmente profissionais treinados e experientes. E poderia esperar que eles tivessem, no mínimo, discutido a possibilidade de risco, até mesmo tivessem falado sobre o que fazer caso ocorresse uma dessas possibilidades.

Mas nada disso aconteceu, e os promotores não lhe disseram que as pessoas designadas para proteger a sua vida eram funcionários de meio expediente sem qualificação. Ela só foi saber disso quando Gunter Parche enfiou a faca nas suas costas e ainda ergueu o braço para repetir o gesto.

O segundo guarda de segurança chama-se Henry. E seu depoimento também começa com as palavras erradas: "*Meu trabalho principal é de estivador no porto de Hamburgo. Tenho outro emprego onde estou encarregado da segurança nas quadras de tênis. Neste torneio, minha tarefa era acompanhar e cuidar de Monica Seles.*"

Curiosamente, ambos os homens relataram ter observado o agressor Gunter Parche antes da facada. Henry identificou o atacante com bastante precisão: "Pode chamar de sexto sentido, ou seja lá o que for, não sei explicar, mas o homem me chamou a atenção. Alguma coisa me dizia que havia algo errado com aquele sujeito. Ele ficava se balançando em vez de andar. Não posso explicar com mais detalhes. Tive uma sensação esquisita quando vi o homem. Como eu disse, não posso explicar com detalhes."

Embora ele nitidamente tivesse tido uma intuição sobre o agressor, sua principal mensagem parece ser a de que ele "não consegue explicar isso".

Em vez de falar com alguém de sua preocupação, Henry decidiu largar

uma xícara de café (que estava tomando, embora fizesse parte do grupo de proteção da figura mais controversa do mundo do tênis) e se afastou para fazer não sei o quê, e ele também não. É claro, foram só alguns passos e já estava tudo terminado.

Talvez não seja justo criticar Henry e Manfred, pois não sabem o que fazem. Isso, entretanto, é exatamente o que eu estou querendo dizer.

Enquanto Seles se recuperava da facada, os promotores de torneios de tênis começaram a defender a idéia de que esses ataques não podem ser evitados. Aqui está o promotor Jerry Diamond contando aos entrevistadores na CNN que revistar as pessoas à procura de armas com detectores de metal não funciona no tênis: "Quando você trabalha num prédio fechado com paredes e telhado, tudo bem, é possível fazer isso. Mas um detector de metais não vai deter ninguém que esteja decidido a tomar aquele caminho."

Sua declaração de que a revista de armas não funciona no tênis porque algumas instalações não têm paredes e teto não faz sentido. Quando ouvi isso, me irritou ver alguém espalhando opiniões sobre vida e morte com tanta confiança. Embora ele mais tarde chamasse a revista de armas de "ridículas", o senhor Diamond durante toda a sua carreira conseguiu revistar cada um dos espectadores em busca de algo bem menor do que uma arma: um pedacinho de papel, o ingresso que lhes vendera.

Ele não sabe, eu imagino, que a maioria dos programas de televisão agora têm detectores de metal para revistar as platéias. Por quê? Porque se não tivessem, alguém armado com a intenção de ferir uma estrela de TV poderia comprar um ingresso e chegar bem perto do seu alvo, assim como Robert Bardo fez quando visitou Rebecca Schaeffer no programa de TV carregando com ele uma faca escondida, e assim como Parche fez no Torneio do Cidadão. Se você revista os participantes de uma platéia, não precisa se preocupar com o que vai pela cabeça deles porque sabe o que existe em suas bolsas e seus bolsos.

A revista de armas serve para tribunais, companhias aéreas, programas de TV, prefeituras, concertos, colégios, até para o estádio Superbowl (sem teto!), mas, um homem de negócios nos diz, não funciona nas partidas de tênis. Claro, a ótica do senhor Diamond é conveniente, porque se é impossível impedir um ataque, então ele e outros promotores desses torneios estão isentos do dever de tentar impedi-lo.

Questionado pelo repórter sobre os pontos fracos da segurança no tênis profissional, outro porta-voz explicou que os torneios ocorrem no mundo inteiro, por isso é impossível padronizar as precauções de segurança. E mesmo? No mundo inteiro, as bolas de tênis devem quicar de 135 a 147 centímetros quando lançadas de uma distância de 2,5 metros. No mundo inteiro, as quadras devem medir exatamente 23,8 metros de comprimento e 8,2 metros de largura, com a quadra de serviço que se estende exatamente 6,4 metros a partir da rede

até a linha de serviço. Isto me parece padronização, e perguntam, como é possível ter um sistema de credenciais e de controle de acesso padronizado em todos esses países? Bem, é preciso que alguém se dê o trabalho de implementar um.

Depois do ataque a Seles, o Conselho de Tênis Feminino publicou que tinham melhorado a segurança, mas não exigiram dos promotores que tomassem duas providências óbvias: usar detectores de metal para revistar os espectadores, e instalar barricadas de plástico transparente na platéia (como as usadas nas partidas de hóquei). Melhorias insuficientes na segurança - inclusive as que você mesmo faz na sua vida- são às vezes piores do que não fazer nada, porque dão uma falsa tranquilidade de espírito e convencem as pessoas de que se está cuidando da segurança quando não se está. Uma segurança mal projetada engana todo mundo... menos o atacante.

Quando se ouve falar que alguma figura pública está sendo perseguida, pode parecer mais um caso na lista em que se encontram Chapman e Hinckley e um ou outro mais que vierem à lembrança. De fato, a lista é bem mais longa do que isso. Meu escritório já tratou de mais de vinte mil casos, e apenas 0,25 por cento se tornou público. Vários clientes individuais meus receberam até dez mil cartas por semana de membros do público em geral, das quais algumas se enquadravam nos critérios para serem analisadas pela nossa equipe de avaliação e administração de ameaças, a TAM - Threat Assessment and Management. Ameaças de morte, perseguições, exigências bizarras e gente que insiste em perturbar fazem parte da vida pública nos Estados Unidos. Nosso trabalho nos leva a ver um lado oculto desta cultura, em cuja existência a maioria das pessoas não acreditaria, mas que existe, sim, escondido, sob a superfície. Aqui está uma rápida amostra dos tipos de caso que encontramos no período de dois anos:

- Uma mulher escreveu mais de seiscentas ameaças de morte para um cliente porque ele estava "se casando com a pessoa errada".
- Um homem enviou a uma cliente nossa um coitado morto, que ele tinha matado "porque era bonito como você".
- Um homem enviava várias cartas diariamente para a atriz com quem esperava ter um relacionamento romântico. Seis vezes por semana, ele caminhava quilômetros até o posto de correio mais próximo para ver se tinha chegado alguma resposta. Durante oito anos, ele enviou à atriz mais de *doze mil* cartas, uma das que os leva a lugares novos, para se sentirem de novo inquietos e saírem dali c, principalmente, a solidão.

Não, não há chance de que o meu escritório se afaste muito do aspecto humano no nosso trabalho de avaliação. Não podemos esquecer o rapaz que

fugiu de um hospital psiquiátrico, enviou pelo correio uma última carta para uma figura pública que ele "amava" e depois se suicidou. Impossível esquecer aqueles que mataram outras pessoas e, de alguma forma, envolveram uma figura da mídia em seu crime. Acima de tudo, não podemos e não esqueceremos aqueles que talvez tentem prejudicar nossos clientes.

Na busca de atenção e identidade, a maioria dos assassinos se dirige, como Park Dietz explica, "para aqueles que dispõem de mais identidade: as pessoas famosas". Os assassinos sabem que se alguém mata ou tenta matar uma pessoa famosa na América, passa a ser a notícia mais importante na mídia. Um repórter da televisão está com a sua equipe de filmagem a muitos metros de outra repórter também com a sua equipe e, invariavelmente, os dois dirão que o crime "não faz sentido".

Mas o assassinato não é uma coisa sem sentido para quem o comete, e os repórteres fazem parte desse sentido. Os literalmente milhões de dólares gastos com gravações em fitas de vídeo todas as vezes em que o presidente entra e sai de um carro ou helicóptero também fazem sentido. Alguns chamam de "vigília do assassinato", e uma organização de noticiários eletrônicos concluiu obviamente que o custo de todas essas equipes e todas essas vans equipadas para transmissões por satélite, todo esse aparato e todo esse desperdício de fitas de vídeo valerão as imagens que captarão se alguém começar a atirar. Portanto, a televisão e o assassino estão interessados no mesmo crime e, volta e meia, juntos, eles colhem os seus lucros.

Você se lembra de Arthur Bremer, que resolveu assassinar o presidente Nixon mas depois mudou o seu alvo para o candidato a presidente, George Wallace? Ele avaliou o seu ato em termos que fariam Nielsen se sentir orgulhoso. Em seu diário (que pretendia publicar quando ficasse famoso), Bremer se preocupava com os índices que alcançaria: "Se alguma coisa importante acontecer de repente em Nam, [meu ataque] não ficará mais do que três minutos no ar."

Estes atos sem sentido fazem muito sentido.

Em nós mesmos devemos buscar a segurança.
Com nossa mão direita ela deve ser forjada."
- *William Wordsworth*

Todos nós encontraremos em nossas vidas pessoas que nos assustarão ou nos colocarão em risco, mas, como você já viu, uma figura pública importante pode ter literalmente centenas de pessoas buscando um encontro que não é desejado. Não estou falando de fãs; estou falando de gente que acha que está obedecendo a ordens divinas para machucar uma pessoa famosa, ou que acredita que está destinado a se casar com uma determinada estrela, ou que pensa que uma figura da mídia está presa como refém, e outras coisas mais. Há muito o que aprender com estes casos. Quero apresentar um que vai provar que é possível administrar até os riscos mais extremos à segurança.

Este livro explorou obsessões, ameaças de morte, perseguições, doenças mentais, violência contra crianças, tiroteios a esmo e crianças que matam os pais. Curiosamente, existe um caso que reúne todos estes elementos, uma virtual galeria da fama da violência americana.

Por volta das quatro horas da tarde do dia 20 de julho de 1983, eu estava num hotel em Los Angeles esperando uma cliente que terminava uma apresentação em público. Ao cruzar o saguão, um dos vários funcionários designados pela Divisão de Segurança e Proteção (DSP) de minha empresa para cuidar da cliente inc fez um sinal. E'eme falou de uma chamada pelo rádio importante que tinha recebido do nosso escritório e qua ele sugeriu que eu atendesse em um dos nossos carros. Como sempre, encontrei os carros em fila, os motoristas a postos, preparados para uma "partida não programada", nosso eufemismo para uma emergência.

A notícia que recebi era alarmante; eu deveria esquecer o que estava programado para aquele dia e para os outros trinta que se seguiriam: "A polícia do Condado de Jennings, Louisiana, descobriu os corpos de cinco pessoas brutalmente assassinadas. O principal suspeito é Michael Perry."

Não era a primeira vez que eu ouvia aquele nome. Michael Perry era um dos milhares de perseguidores psicopatas que o meu escritório mantinha sob avaliação, mas um dos poucos que colocávamos na categoria de maior risco. O telefonema era pessoal para mim, porque a figura pública com quem Perry estava obcecado não só era uma cliente de longa data, como uma grande amiga minha.

A cliente com quem Perry estava obcecado era uma artista de cinema e

do meio musical internacionalmente famosa. Ela já possuía uma equipe de agentes DSP designada para vigiar a sua casa há cerca de um ano. A precaução dos guardas de segurança em tempo integral fora tomada em parte porque previmos que Perry poderia aparecer e, em parte, por causa de um outro perseguidor assassino (Ralph Nau). O rádio fervilhava de boletins entre o meu escritório e o pessoal da segurança na casa da minha cliente, em Malibu. Alguém da nossa divisão de Avaliação e Administração de Ameaças (TAM) já estava falando com a polícia local, e marcaram uma reunião para mim no escritório do FBI.

Relatórios assustadores sobre figuras importantes da mídia não são raros, mas em geral quanto mais se sabe sobre uma situação, menos grave ela se torna. Aconteceu exatamente o contrário no caso de Michael Perry. Enquanto uma pessoa revia nossos arquivos na TAM sobre Michael Perry, outra colhia informações com a polícia do Condado de Jennings, Louisiana.

Para isolar os clientes do trabalho de rotina com questões de segurança, a minha política é não lhes dizer nada sobre um determinado caso, a não ser que haja alguma coisa que eles possam fazer pessoalmente. O caso Perry tinha chegado àquele ponto e isto é o que eu pretendia dizer à minha cliente: Perry estava obcecado com ela há aproximadamente dois anos. Ele era um desses sujeitos preocupados em se preparar para sobreviver a grandes catástrofes e já tinha estado em Los Angeles várias vezes atrás dela. Os pais de Perry estavam entre as vítimas do homicídio, e um rifle de alta potência e pelo menos dois revólveres estavam faltando na casa deles. Perry já tivera tempo suficiente para chegarem Los Angeles. Ele dissera recentemente a um psiquiatra que minha cliente era "nociva e devia morrer".

Antes de dar aquele telefonema, entretanto, fui informado de mais um detalhe que mudou tudo. Baseado no que fiquei sabendo a partir de algumas palavras que Perry escreveu num pedaço de papel encontrado na cena do crime, eu fiz uma coisa que nunca tinha feito antes, e nunca mais voltei a fazer, mesmo que meus clientes estivessem enfrentando riscos seriíssimos. Liguei para a minha cliente e lhe pedi que colocasse algumas roupas numa mala porque eu estaria lá em uma meia hora para levá-la para um hotel. Pelo que estava sabendo agora, achei que não seria adequado tentar protegê-la na sua casa, mesmo com uma equipe de guardas de segurança.

Quando cheguei no bairro onde morava minha cliente, a polícia tinha fechado a rua e o helicóptero do xerife zunia ruidosamente no alto. Em poucos minutos, eu respondia às perguntas ansiosas da minha cliente enquanto saíamos de carro de sua casa seguidos de perto por um carro de apoio da DSP. Nós entraríamos pelo portão de carga e subiríamos pelo elevador de serviço. Um quarto perto da suíte da minha cliente estava sendo arrumado para funcionar como central de comando da segurança.

Duas pessoas do meu escritório tinham saído de Los Angeles para Louisiana. Quando chegaram à cena do crime na manhã seguinte, os corpos tinham sido removidos, mas as fotografias revelavam um aspecto medonho dos homicídios: Perry tinha atirado nos olhos dos pais com um revólver. Tinha matado também um sobrinho ainda bebê que eslava na mesma casa, depois invadiu outra e matou mais duas pessoas.

Na sala de estar da casa dos seus pais, vimos que ele tinha disparado vários tiros de revólver em um calefator de parede. O calefator danificado era um mistério que resolveríamos no dia seguinte, junto com o dos tiros nos olhos das vítimas, mas, naquele momento, passávamos por cima destes detalhes a cata de um único pedaço de papel.

Perto do lugar onde os corpos foram encontrados havia um bloco de notas impresso como propaganda de uma lavanderia local. Na primeira folha havia vários nomes, alguns rabiscados e escritos de novo, alguns interceptados por linhas que os ligavam a outros nomes, outros envolvidos num círculo, ou sublinhados, colocados em colunas, ou ainda separados em grupos de três ou quatro. Os nomes e as linhas eram o esforço de Perry para reduzir a dez o número de pessoas que ele pretendia matar. Uns estavam em Louisiana, um no Texas, um em Washington, D.C., e um em Malibu (a que mais me preocupava). Essas pessoas nem sabiam que estavam concorrendo numa estranha competição entre os inimigos de Michael Perry. Elas nem sabiam que numa casinha velha e pobre em Louisiana, um homem sentado ao lado do corpo de três pessoas da sua família, que ele tinha acabado de matar, analisava calmamente se elas deveriam morrer ou não.

Perry escreveu a palavra céu perto dos nomes daqueles que eleja havia matado, e riscou outros que ele achou que não eram os dez mais importantes. Ao terminar, sobrou o nome da minha cliente. Agora eu tinha de encontrar Michael Perry.

Sua lista não só nos levou ao úmido braço de rio, como iniciou as minhas escavações na história de Perry. Nas semanas seguintes, eu ficaria conhecendo a sua família e o povo do condado de Jennings muito bem, ficaria conhecendo a sua irmã esquizofrênica, os médicos a quem ele tinha contado sobre o seu plano de matar as pessoas em "grupos de dez", o legista que mais tarde nos enviaria pelo correio fôrmas de gesso com as marcas dos sapatos de Perry retiradas na cena do crime, o garoto vizinho que nos contou como Perry degolou o seu cachorro, a bibliotecária que emprestou a Perry os livros sobre sobrevivência a grandes catástrofes que o tornaram tão difícil de apanhar. Em breve, eu conheceria Michael Perry melhor do que qualquer outra pessoa jamais desejou conhecer.

Enquanto o pessoal do meu escritório iniciava o seu segundo dia em Louisiana, outros corriam para tirar a minha cliente do hotel levando-a para uma casa segura que alugamos em outro estado. Outras ainda procuravam pistas na Califórnia, em Nevada, Texas, Washington, D.C, Nova York. Em Louisiana, a pequena delegacia de Jennings colocou os seus três investigadores para ajudar no caso Michael Perry; o meu escritório acrescentou mais outros quatorze.

Grace e Chester Perry há muito haviam previsto que um dia o filho os mataria. Sempre que ele estava na cidade, a mãe se trancava em casa e ele raramente tinha permissão para entrar a não ser que o pai estivesse lá. Eles escondiam as armas da família, davam dinheiro para Perry ir embora sempre que ele ia visitá-los, e dormiam melhor quando ele estava em uma de suas viagens à Califórnia (procurando a minha cliente). Não se sabe exatamente quando ele ficou zangado o suficiente para se transformar num órfão, mas pode ter sido aos sete anos de idade, quando, segundo ele, a mãe o empurrou contra o calefator de parede que tinham em casa. Certamente as marcas nas pernas, deformantes e vergonhosas (para ele), o faziam lembrar-se todos os dias daquele incidente. Os tiros no calefator eram um ato de vingança muito pequeno, muito tardio, pelo qual esperou mais de vinte anos.

À medida que Michael Perry ia crescendo, corriam as histórias sobre ele e os vizinhos desistiram de tentar imaginar por que ele fazia coisas esquisitas. Por exemplo, gostava de ser chamado pelo apelido Crab (Caranguejo), mas depois contratou um advogado para mudar legalmente o seu nome para Eye (Olho). Todos acharam que era mais uma das suas idéias absurdas, mas ela fazia sentido. Michael Perry não era a única criança cujo pai voltava do trabalho e perguntava sobre as suas várias transgressões durante o dia, tais como andar de bicicleta no meio da rua. Mas ele provavelmente era a única cujo pai sabia em detalhes todas as suas artes. O pai de Perry sabia tão bem das coisas porque tinha combinado com uma vizinha para ficar vigiando o menino da varanda da sua casa e depois lhe contar tudo.

O pai dissera a Michael: "Quando saio para trabalhar, deixo meus olhos em casa." Perry passou 28 anos da sua vida tentando se esconder desses olhos; tentou até simbolicamente ser um Olho. Aí, no dia 19 de julho de 1983, ele fechou os olhos do pai para sempre.

A casa de Perry estava construída sobre estacas de 30 centímetros de altura, e era de se esperar que uma criança tivesse medo do que poderia haver ali embaixo, como tantas temem o que está debaixo da cama. Mas ao contrário da maioria delas, o medo de Perry não passou, transformando-se num elaborado delírio de que cadáveres surgiriam de um compartimento sob o piso.

Com tanta coisa na sua própria casa para ocupar a sua psicopatologia, por que a mente de Perry saíria vagando até uma mulher famosa que vivia a uns 2.300 quilômetros de distância? Por que ele achava que encontraria a paz se a

matasse? Eu saberia em breve.

Havia outra mulher importante na lista dele: Sandra Day O'Connor, que tinha acabado de ser designada para o Supremo Tribunal dos Estados Unidos. Por que ela chamou a atenção de Perry? "Porque nenhuma mulher deve estar acima de um homem", explicou ele depois.

Ele estava acostumado com mulheres poderosas: fora criado, como quase todas as crianças, pela mulher mais poderosa do inundo: a sua mãe. Ela abusava desse poder, ele achava, e a raiva que ele sentia com isso o consumia. Embora as queimaduras no calefator estivessem cicatrizadas há muito tempo, Perry ainda envolvia as pernas em bandagens e nunca as descobria em público. Ao voltar de uma das suas viagens de perseguição a Malibu, ele bateu tanto na mãe que foi preso e internado num hospital para doentes mentais. Logo fugiu e foi direto para a casa dela. Os delegados o encontraram lá, mas a mãe se recusou a deixá-lo que o levassem preso. Eles insistiram, mas ela resistiu e sua vontade prevaleceu. Quando os delegados aparecessem novamente por lá, a mulher forte e dominadora estaria morta.

No dia seguinte aos assassinatos, o sociólogo Walt Rislér, filósofo pioneiro na área das previsões de violência e consultor em tempo integral do nosso escritório há mais de dez anos, estava a caminho de Louisiana. Lá ele entrevistou membros da família, analisou os escritos de Perry e estudou outras evidências. Rislér descobriu que a cena do crime era um terreno fértil para o tipo de decodificação de loucura em que ele era um especialista. Num cestinho na sala de estar, Perry tinha amontoado vários itens: um crucifixo, um travesseiro, três fotos da família viradas para baixo, um azulejo com a imagem da Virgem Maria e um caranguejo de cerâmica. Este era um santuário com sentido apenas para Michael Perry até que Rislér começou a juntar as peças.

Era justo supor que Perry estivesse em um desses três lugares, ou em algum ponto entre eles: ainda em Louisiana, atrás das suas vítimas constantes da lista; em Washington, D.C., perseguindo Sandra Day O'Connor; ou em Malibu, provavelmente nos milhares de hectares desertos nos fundos da casa da minha cliente. Prover que ele poderia agir com violência era simples; já tínhamos feito isso antes mesmo dos assassinatos. O difícil era saber como ele faria para encontrar suas vítimas e até que ponto ele teria paciência.

Uma noite, sentado no meu escritório revendo o material do caso pela centésima vez, notei um relatório indicando que na biblioteca municipal do condado de Jennings faltava um livro de Tom Brown, especialista em trilhar montanhas. Sabíamos que Perry tinha retirado outro livro de Brown chamado *The Search* (A busca). Perry estaria usando as informações contidas nestes livros para escapar da prisão escondido nas montanhas atrás da casa da minha cliente? Estaria ele a poucos metros da estrada quando passamos, obviamente, por ele? Eu sabia a quem perguntar.

Tom Brown tinha escrito mais de uma dúzia de livros sobre trilhas e natureza, e já fora chamado para procurar homens perigosos antes. Não estava ansioso para repetir a aventura, mas depois de mais de uma hora ao telefone, eu convenci o desconfiado e relutante rastreador a voar até Los Angeles e nos ajudar a encontrar Michael Perry. Fui recebê-lo no aeroporto, um homem magro com o ar sério e tranqüilo de Clint Eastwood. Ao conduzi-lo de carro até um helicóptero que estava nos aguardando, ele me fez várias perguntas sobre Perry. O que ele gostava de comer? Comia carne? Fumava? Fale-me sobre seus sapatos. Que tipo de roupa ele usa? Como são os seus cabelos?

Mal tinha chegado em Los Angeles, Brown já estava no alto das montanhas de Malibu, ao redor da casa da minha cliente, procurando sinais de Perry. Alguns bombeiros a quem mostramos uma fotografia de Perry nos falaram de um acampamento improvisado onde o tinham visto alguns meses atrás, e Tom sobrevoou a área, apontando para lugares que depois os agentes DSP conferiram a pé ou a cavalo. Nas suas buscas no solo, foi acompanhado por agentes armados do DSP e, durante os poucos dias que passamos juntos, ele me ensinou parte do que sabia sobre rastreamento. Brown era uma maravilha. Sabia dizer por onde uma pessoa tinha caminhado, dormido, até parado. Sua intuição era informada por uma sutil e, às vezes, estranha série de sinais: galhos torcidos, pedrinhas fora do lugar, sombras na poeira, e outros detalhes para os quais a maioria das pessoas nem olharia.

Brown me explicou: "Quando alguém muda alguma coisa de lugar na sua casa, você percebe. Quando alguém muda alguma coisa de lugar no meio do mato, eu percebo."

Dentro de uma mochila, um dos agentes da DSP levava um molde de gesso de uma pegada deixada no chão de terra fora da cena do crime. Ocasionalmente, Brown pedia para vê-lo e o comparava com alguma pequena ruga ou depressão na terra.

Uma tarde, depois de acompanhar Brown de volta para o hotel para descansar um pouco, soube pelo rádio que um morador de Malibu, mais ou menos um quilômetro e meio distante da casa da minha cliente, relatou que um homem estranho tinha batido à sua porta e perguntado sobre a "extraordinária artista de cinema". Ele se dirigiu a pé para as montanhas. Eu pisei no acelerador e corri para a casa da minha cliente, sabendo que chegaria k) antes de alguém andando a pé. Ao chegar lá, vários subdelegados tinham se juntado ao pessoal do DPS. Esperamos cerca de meia hora, e aí os cães começaram a latir e a correr para a encosta da montanha.

Seguimos os cães, e em breve podíamos ver claramente um homem arrastando-se em meio aos arbustos. Alguns subdelegados deram a volta para cercá-lo por trás, e um helicóptero da polícia desceu sobre ele. Numa só descarga de adrenalina de todos nós, o intruso estava no chão, algemado e se

debatendo. Eu subi correndo a montanha para identificá-lo para os policiais, esperando ter encerrado a busca de Michael Perry. Ergueram-no e o colocaram sentado no chão de terra olhando para mim, e eu o reconheci imediatamente - mas não era Michael Perry. Era Warren P., outro perseguidor psicopata a quem havíamos entrevistado anos antes e de quem tínhamos notícias de vez em quando. Era um homem apaixonado que esperava se casar com a minha cliente.

Embora merecesse uma avaliação, Warren não tinha nenhuma intenção sinistra; era um personagem mais trágico do que perigoso. Sua falta de sorte fizera com que, depois de se esforçar anos seguidos, percorrer milhares de quilômetros, finalmente ele chegasse à casa da minha cliente, a meca dos seus delírios românticos, mas na pior tarde possível para uma visita. Caminhando em direção a um dos carros do xerife, ele repetia sem parar: "Não sabia que a segurança era assim tão rígida."

Mais tarde, naquela mesma noite, os agentes da DSP que vasculhavam a área ao redor da propriedade da minha cliente, usando as técnicas de Tom Brown, descobriram uma trilha de aparência suspeita. Levaram-me até lá, e iluminaram com as lanternas o chão, mostrando-me os desenhos na terra. Confesso que não vi o que eles estavam vendo, mas continuamos, atravessando uma vala e entrando num matagal escuro. Ficamos em silêncio, esperando encontrar Perry e, de certa forma, também esperando que ele não estivesse ali. Na nossa frente vimos o que até eu poderia dizer ser um abrigo construído com pedaços de madeira e galhos secos. Dirigimo-nos para lá mas, quando chegamos mais perto, percebemos que não havia ninguém.

Dentro encontramos evidências de que era realmente a casa de alguém que perseguiu a minha cliente: no meio de roupas sujas encontramos a capa de um dos seus discos. Havia também uma faca, alguns fósforos, uma boleadeira rústica feita com duas pedras amarradas na extremidade de uma corda. Quando saímos rastejando da cabana, vimos por uma clareira na vegetação, bem em frente, o lugar por onde a minha cliente passava de carro todos os dias entrando e saindo de casa. Se Michael Perry vivia ali, provavelmente a vigiava daquele posto.

Não demorou muito para ouvirmos o ruído de alguém se movendo na nossa direção no meio dos arbustos. À luz do luar, prendemos a respiração e observamos o homem que se aproximava. Tinha os cabelos escuros em desalinho, mais fartos do que eu achava que Perry poderia ter deixado crescer durante o tempo em que ficou em liberdade. O homem tinha uma coroa na cabeça feita de galhos e folhas. Agarrado de todos os lados, ele gritava, "Eu sou o rei, eu sou o rei!", enquanto era algemado. Não era Perry, e sim mais um perseguidor psicopata. Este estava ali para vigiar a minha cliente, sua "rainha".

(Aqueles dois homens obcecados vivendo na órbita da minha cliente durante o caso Perry deixava claro como a vida pública podia ser ameaçadora.

Na próxima vez em que você ler uma dessas notícias freqüentes nos tablôides sobre alguma atriz perseguida por um "fã louquecido", saberá que é uma publicidade tola - você pode escolher qualquer atriz, em qualquer dia, e a história será verdadeira. O que a torna "notícia" é que o tablôide estava precisando de uma manchete.)

Assim como poderíamos descobrir Michael Perry em Malibu a qualquer momento, Walt Risler e o nosso investigador poderiam encontrá-lo nos bambuzais, ao longo dos canais pantanosos, nas cercanias de Jennings. Ou algum patrulheiro de sorte (ou, se fosse descuidado, com azar) poderia encontrá-lo na auto-estrada com o pé fundo no acelerador do Oldsmobile de Chester Perry, ou a polícia do Supremo Tribunal dos Estados Unidos poderia encontrá-lo vagando pelos corredores do prédio histórico atrás de Sandra Day O'Connor.

Walt Risler, mergulhando fundo nos delírios de Perry, concluiu que Washington, D.C. e Malibu eram a Sodoma e Gomorra perryescas. Colocando na balança tudo que sabia do caso, Risler previu que Perry estava se dirigindo para a capital do país para matar a juíza O'Connor. Baseado nisso, entrei em contato com um investigador especializado em homicídios chamado Tom Kilcullen e o informei sobre o caso e o que Risler pensava. Kilcullen era um pensador criativo influente na área de Washington.

Nossos esforços em Malibu continuaram com entrevistas diárias com pessoas que poderiam ter visto Perry. Pedimos aos lojistas para nos informar se alguém perguntasse sobre a minha cliente, e solicitamos uma atenção especial da biblioteca de Malibu. Isso porque uma busca nos registros telefônicos de Grace e Chester Perry revelaram que o filho tinha ligado a cobrar de lá algumas vezes durante uma das suas visitas à Califórnia. Outro telefonema nesses registros era mais assustador. Seis meses antes, apareceu uma notícia num jornalzinho local sobre o hábito da minha cliente de freqüentar uma determinada loja em Beverly Hills. Os registros revelaram que Perry tinha telefonado para os pais da cabine telefônica bem em frente àquela loja. Estávamos lidando com um hábil perseguidor.

Para saber o que Perry sabia sobre a sua própria caçada, revi as histórias publicadas nos jornais sobre o caso. Examinar o USA Today durante todas aquelas semanas foi interessante porque acabei me deparando com manchetes como "Suspeito de Cinco Assassinos..." e não era erry, "Homem Procurado por Matar a Família..." e não era Perry. Só na América.

Durante 11 dias, equipes em diferentes partes do país procuraram um homem que detestava ser olhado, até o dia 31 de julho, quando a previsão de Risler se confirmou. A polícia de Washington, D.C. recebeu um telefonema de um hotel de segunda classe: um hóspede tinha roubado o rádio de outro hóspede. Despacharam um policial para interrogar os dois engraçadinhos que estavam implicando um com o outro, e ele concluiu que nada de ilegal tinha acontecido. A

visita por uma briguinha-á-toa estaria encerrada assim que o policial terminasse a verificação de rotina dos antecedentes criminais de cada um dos homens. Ele lhes disse para esperarem um momento enquanto os resultados da pesquisa pelo computador chegavam pelo rádio. A questão insignificante se tornou a mais importante da carreira daquele policial porque, de pé diante dele, estava Michael Perry, o assassino em massa.

Em uma hora, o detetive Kilcullen me ligava oferecendo-se para me deixar falar com Perry, que estava agora sob sua custódia. Rapidamente o perseguidor assassino que dominava cada segundo dos meus pensamentos há mais de duas semanas estava do outro lado da linha, pronto para conversar comigo.

Despreparado, entrei de trambolhão numa entrevista com o assassino mais procurado do país. Nós sabíamos que ele tinha estado na casa da minha cliente, portanto a primeira pergunta foi sobre isso. Ele mentiu sem hesitação, parecendo um vigarista esperto de fala rápida.

PERRY: Acho que não estive na casa dela, não senhor. Acho que não. Não mesmo.

GdB: Mesmo?

PERRY: É isso aí. Não mesmo.

GdB: Esteve na Califórnia?

PERRY: Bem, fui só tomar um banho de mar, sabe, e acampe uns dias: só isso.

Então, sem que eu perguntasse, ele me disse como a minha cliente se encaixava nos seus motivos para matar.

PERRY: Quando ela estava naquele filme, e sempre que se virava, tinha um rosto diferente, sabe. Ela parecia minha mãe em 1961, sabe, o rosto que a minha mãe tinha. Era 1961, minha mãe entrou na sala, e eu tinha acordado antes de todo mundo. E a minha mãe entrou e estava com aquela cara feia, e eu olhei para ela, e ela virou a cabeça e eu passei a mão no ombro dela. E aquele rosto no filme me fez lembrar 1961. E estragou tudo, sabe.

Talvez ele estivesse se lembrando do dia do acidente com o calefator, queimando na sua memória como tinha queimado na sua pele. Ele então mudou rapidamente de assunto e, mais uma vez, negou ter estado na casa da minha cliente. É comum os criminosos se negarem a dar as informações desejadas, exatamente por serem desejadas, mas depois ele desistiu de mentir e descreveu com precisão a entrada na casa da minha cliente.

PERRY: Sabe que eles têm uma espécie de encenação para entrar (o

interfone no portão), sabe, você aperta o botão. E uma luz vermelha [parte do programa de segurança]. E eu tive a impressão de que a casa poderia ter tido um abrigo subterrâneo, e é um lugar grande. Toquei a campainha, e tinha uma câmara bem em frente e tudo o mais. Não consegui a atenção daquela garota, nem eia a minha, também. Eu só disse: "não pode ser aqui", sabe, pelo respeito diante de um lugar tão antigo. É um sentimento muito, muito forte.

Perry parou de falar. Quando recomeçou', era sobre a natureza da própria obsessão. No seu estilo simples, ele descreveu o segredo da sua experiência com uma exatidão digna de um psiquiatra.

PERRY: Eu realmente não quero falar nisso. Passou pela minha cabeça. Ela veio devagarinho, e *nada, nada ficou grudado na minha cabeça como isso*. E até hoje, sabe, até hoje, até hoje...

Ele se calou, perdido nos seus pensamentos, e eu esperei l com calma que ele voltasse a falar.

PERRY : No seu especial, na HBO, eu vi seus olhos mudarem de cor. Seus olhos mudam muito de cor.

GDEB: E como foi isso?

PERRY: Não gostei nada. Aquela garota podia ser uma bruxa, sabe.

Ela pode me fazer mal se me ouvir dizer isto. Estou dizendo o que vi. Parecia a minha mãe. Não quero me meter nisso porque sei que é um alívio quando me esqueço. Eu considerei que ela era uma atriz de cinema, e falando realisticamente, não está certo o seu endereço estar numa revista. Por isso tenho um certo medo de encontrar essa garota. É claro que não sei como seria. Sei que é uma situação melindrosa. Passei muitas noites acordado pensando nisso.

GDEB: E se você a tivesse visto em casa?

PERRY: Nunca vi, e de qualquer maneira ela tem um namorado. Mas sabe, ela me pediu e eu fiz, portanto é isso aí, mas não quero falar só de mim. Estou preso agora. Só quero que você saiba disso. Ligaram para a casa dos meus pais, e aconteceu alguma coisa grave por lá, um roubo ou coisa assim, que eu não sei.

Perry se calou de novo. Era evidente que o homem que tinha tentado exorcizar um dos seus demônios dando um tiro na cara da mãe ainda não tinha se libertado dele.

GDEB: Você não está gostando disso tudo, não é mesmo?

PERRY: Não, não estou. O ruim é que ela se virou e estava com aquela expressão feia. A expressão tinha mudado totalmente. Quero dizer, foi um

desastre ela se parecer com ela. Foi terrível, sabe, e eu desliguei a televisão e saí. Não quero falar muito sobre isto porque, cara, porque depois que vi aquilo fiquei pensando muito. "Isto é demais", eu disse. Fiquei pensando muito, e não quero mais.

Sua voz foi desaparecendo e ele desligou. Fiquei sentado diante da minha mesa, sem acreditar. A situação de emergência que consumira quase todas as horas de todas as pessoas da minha empresa tinha chegado ao fim, sem um cerco, um tiroteio, uma equipe da SWAT, mas com um simples telefonema. O homem que eu tinha tentado conhecer e compreender usando todos os meios possíveis acabara de me dizer francamente por que tinha perseguido minha cliente e porque queria matá-la. Entrei na sala da TAM, alvoroçada em torno do caso e disse: "Acabei de falar com Michael Perry pelo telefone." Ninguém entendeu nada, mas como piada não tinha graça.

Voei para Washington na manhã seguinte para saber de coisas relevantes ao caso e obter informações que ajudassem na acusação. Visto que a nossa próxima tarefa seria ajudar a garantir que Perry fosse condenado, eu estivera em contato regularmente com o promotor do condado de Jennings, com quem ia me encontrar na capital.

Quando cheguei, Kilcullen me disse que o carro de Perry fora encontrado e estava guardado num depósito de carros rebocados. Fomos juntos até lá para dar uma olhada e ver se encontrávamos alguma prova.

O velho Oldsmobile de Chester Perry estava coberto de poeira da longa viagem. Um funcionário olhou pela janela do banco da frente e recuou. "Está cheio de sangue", ele disse. Sem dúvida, havia um líquido escuro, viscoso, grudado no estofamento. Quando abrimos a porta, vi sementes de melancia no chão; não era sangue no assento, era suco de melancia. Em vez de parar em algum lugar para comer, Perry comprou uma melancia e a comeu com a mão direita, enquanto seguia acelerado pela auto-estrada até a capital.

Perry tinha escolhido ficar num lugarzinho barato chamado Annex Hotel, a uns dois quilômetros e meio do Supremo Tribunal. Quando fomos até lá, ficou claro que ele tinha gasto quase todo o seu dinheiro. Ficamos surpresos com o que ele fez do quarto 136, um museu bizarro da idade média, um trabalho de arte pop ligando violência, loucura e televisão. Naquele quatinho minúsculo, Perry tinha entalhado nove aparelhos de televisão, todos ligados, todos ligados mas fora de sintonia. Em um, ele tinha rabiscado as palavras "Meu corpo" com caneta vermelha. Vários aparelhos tinham olhos gigantes desenhados nas telas. Num deles, o nome da minha cliente estava escrito afrontosamente na lateral.

O detetive de Louisiana encarregado dos homicídios de Perry, Irwin Trahan, veio até a capital para levar Perry de volta para ser julgado em casa. Com frequência esses prisioneiros são transportados em aviões comerciais ou no

"Con Air"- o apelido da esquadrilha de jatos do U.S. Marshals - , mas Trahan e seu colega tinham decidido levar Perry de carro até a Louisiana. Este trio incomum seguiu pelas mesmas estradas que Perry tinha percorrido para chegar à capital. Hospedando-se em motéis no caminho, os detetives se revezavam para vigiar Perry, que não dormia. Quase no final dos dois dias de viagem, Perry lhes disse que queria me mandar uma mensagem. Era sobre a minha cliente: "E melhor não tirar os olhos de cima dela, vinte e quatro horas por dia."

Com uma ironia que eu percebi só depois de muitos anos. Perry também disse aos detetives que, se o seu caso fosse parar no Supremo Tribunal, nas mãos da juíza Sandra Day O'Connor: "Eu não teria nem chance, porque aquela é uma mulher." (O seu caso foi parar no Supremo Tribunal.)

Pouco depois de Perry já estar de volta à Louisiana, conseguimos que Walt Risler o entrevistasse na cadeia para se informar melhor dos avisos sobre a minha cliente. Um agitado Perry lhe explicou: "Diga a ela para ficar longe da Grécia. É só o que quero lhe dizer agora, cara. Estou enjoado, tão enjoado; minha cabeça está cheia de vômito."

Para impedir que a entrevista parasse por ali, Risler perguntou sobre um dos assuntos preferidos de Perry: televisão. Perry respondeu: "Cara, a televisão está uma droga ultimamente. Não sei o que quer dizer isso. Depois de um pouco ficou tão ruim que para mim só fazia sentido ficar assistindo canais que não passavam nada. Eu interpretava e entendia melhor do que o que estava acontecendo nos programas."

Ele em seguida pediu ao seu advogado que o deixasse falar com Risler em particular. Pegou entre as suas as mãos de Risler e explicou que se não saísse da cadeia, seria o inferno. Se ele fosse executado, isso detonaria a explosão de um míssil atômico escondido nos pântanos perto da cidade. "Portanto, entende, me tirar daqui é importante para todo o mundo. Só estou tentando salvar vidas."

Perry se ergueu para encerrar a entrevista: "Oh, cara, minha cabeça está cheia de vômito. Está vendo que a minha cabeça está uma droga, não está, com as coisas que penso?"

Perry não estava fingindo insanidade - ele era a própria insanidade.

De volta a Los Angeles, me aguardava uma carta gentil da juíza O'Connor agradecendo a ajuda e lamentando o fato de "existirem pessoas neste país instáveis o bastante para representar autênticas ameaças aos outros".

Poucos anos mais tarde, depois que o Supremo Tribunal adotou o programa MOSAIC que eu projetei, estive com a juíza O'Connor no seu gabinete. Michael Perry, na época sentenciado por cinco assassinatos e condenado à morte, tinha voltado a cruzar a sua vida de uma forma interessante. Os funcionários da penitenciária disseram aos médicos que dessem a Perry remédios que o deixassem lúcido o suficiente para saber o que estava

acontecendo no dia da execução. Os médicos se negaram argumentando que, se a medicação seria ministrada só para que ele pudesse morrer, isso não era do interesse do paciente. A questão foi parar no Supremo Tribunal, e, numa das decisões mais imparciais da história, os juizes decidiram que o assassino que perseguira um deles não poderia ser forçado a tomar remédios para ser executado. Michael Perry continua vivo por causa dessa decisão.

O caso Perry mostra que até os crimes mais públicos são motivados pelas questões mais pessoais. Embora seja enorme a chance de que você jamais apareça na lista de morte de um serial killer, discuti o caso para fazê-lo compreender melhor o que é a violência, e revelar a verdade humana que existe nas histórias sensacionalistas que vemos nos noticiários. As reportagens sobre esses assassinatos na televisão, apresentados numa única dimensão, sem perspectiva e sem o tipo de detalhes que você acabou de ler, em geral nada mais fazem do que aumentar ainda mais o medo injustificado nas pessoas. E basta o medo que elas já sentem.

15 - A inteligência do medo

"Medo é uma coisa que se aprende e é possível, se quisermos, desaprender."

- *Karl A. Menninger*

Todos nós sabemos que existem razões suficientes para temer as pessoas de vez em quando. A questão é: quando? Tem muita gente que anda por aí num estado constante de vigília, com a intuição mal informada sobre o que realmente representa perigo. Não precisa ser assim. Se você acatar os sinais intuitivos corretos e os avaliar sem negações (acreditando que tanto os resultados favoráveis quanto os desfavoráveis são possíveis), não precisará ficar em estado de alerta, porque terá confiança em que será notificado se houver algo que mereça a sua atenção. O medo ganhará credibilidade porque não será em vão. Quando você aceita um sinal de sobrevivência como uma mensagem bem-vinda, avaliando rapidamente o ambiente ou a situação, o medo deixa de existir no mesmo instante. Assim, confiar na intuição é o oposto de viver com medo. De fato, o papel do medo na sua vida diminui à medida que sua mente e seu corpo ficam sabendo que você vai ouvir o tranqüilo repicar dos sinos, e não precisará de buzinas.

O medo real é um sinal que deve ser muito rápido, um mero servo da intuição. Mas embora muita gente afirme que o medo prolongado, sem resposta, é destrutivo, milhões de pessoas preferem continuar assim. Talvez tenham esquecido, ou jamais souberam, que o medo não é uma emoção como a tristeza ou a felicidade, que duram um certo tempo. Não é um estado, como a ansiedade. O verdadeiro medo é um sinal de sobrevivência que soa apenas na presença do perigo, mas o medo injustificado exerce um poder sobre nós que não tem sobre nenhuma outra criatura na terra. Em *The Denial of Death*, Ernest Becker explica que "os animais, para sobreviver, tinham de estar protegidos por reações de medo". Alguns darwinistas acreditam que os primeiros humanos que sentiram mais medo foram os que tiveram mais chances de sobreviver. O resultado, diz Becker, "é o surgimento do homem como o conhecemos; um animal hiperansioso que inventa constantemente motivos de ansiedade até quando eles não existem". Não precisa ser assim.

Aprendi isso mais uma vez numa visita recente a Fiji, onde existe menos medo em toda a república do que em alguns cruzamentos em Los Angeles. Certa manhã, numa ilha pacífica e hospitaleira chamada Vanua Levu, caminhei alguns quilômetros pela estrada principal cercada de ambos os lados por samambaias rasteiras. Ocasionalmente, além do som tranqüilo do mar à minha esquerda, eu ouvia o ruído de um carro ou caminhão se aproximando. Dirigindo-me para a

plantação onde estava hospedado, fechei os olhos por um momento enquanto andava. Sem pensar no início, eu fiz isso apenas porque intuitivamente confiava que caminhar no meio desta estrada com os olhos fechados era seguro. Ao analisar esse estranho sentimento, descobri que estava certo: na ilha não existem animais perigosos nem crimes violentos; eu sentiria as samambaias tocando as minhas pernas se me desviasse para a esquerda ou para a direita, e ouviria um carro se aproximando com tempo suficiente para abrir os olhos. Para minha surpresa, antes que aparecesse um carro, eu já havia caminhado mais de um quilômetro e meio com os olhos fechados, confiando em que os meus sentidos e minha intuição estavam tranquilamente vigilantes.

No que se refere aos sinais de sobrevivência, quando começamos a imaginar o que pode estar acontecendo, nossas mentes já atuaram da melhor maneira possível. Com efeito, chegamos à linha final e ganhamos a corrida antes mesmo de ouvir o tiro de partida - se ouvirmos apenas, sem discutir.

Não nego, a caminhada às cegas foi em Fiji, mas, e numa cidade americana? Não faz muito tempo, eu estava num elevador com unia senhora idosa que descia para a garagem no subsolo depois do horário de expediente. As chaves estavam enfiadas entre os dedos como se fosse uma arma (o que também revelava o seu medo). Ela teve medo de mim quando entrei no elevador assim como deve ter medo de todos os homens que vê pela frente quando está nessa situação vulnerável.

Compreendo o seu medo e me entristece saber que milhões de pessoas sentem o mesmo com tanta frequência. O problema, entretanto, é que, se alguém tem medo de todo o mundo o tempo todo, não sobra um sinal reservado para os momentos em que ele é realmente necessário. Um homem que entra no elevador num andar diferente (e que, portanto, não a está seguindo), um homem que não lhe dá atenção, que aperta o botão para descer num andar que não é o dela, que está vestido adequadamente, que é calmo, que se mantém a uma distancia adequada, não vai machucá-la sem dar antes um sinal. Esse medo é um desperdício; portanto, não o invente.

Recomendo sempre cautela e precaução, no entanto muita gente acredita - e até aprendemos isso - que para nossa segurança devemos estar mais do que alerta. Na verdade, em geral essa atitude diminui a probabilidade de percepção de riscos e, portanto, reduz a segurança. Olhar ao redor alarmado enquanto pensamos, "alguém pode sair de repente de trás daquele muro; talvez alguém esteja escondido naquele carro" substitui a percepção do que realmente está acontecendo por fantasias do que poderá acontecer. Estamos muito mais perceptivos a todos os sinais quando não nos concentramos na expectativa de sinais específicos.

Você acha que um animalzinho que sai correndo em ziguezague faz isso porque está com medo, mesmo que não exista perigo nenhum. Na verdade, a

disparada é uma estratégia, uma precaução, não é uma reação a um sinal de medo. Precauções são construtivas, enquanto que permanecer com medo é destrutivo. Pode até levar ao pânico, que em geral é mais perigoso do que o resultado que temos. Os montanhistas e os nadadores de longos percursos no oceano lhe dirão que não é a montanha ou a água que mata - é o pânico.

Meg é uma mulher que trabalha com doentes mentais de tendência violenta todos os dias. Ela raramente sente medo no seu trabalho, mas, longe dali, ela me diz, tem pânico iodar, as noites ao caminhar do seu carro até a porta do apartamento. Quando lhe sugeri, como de costume, que ela na verdade estará mais segura se relaxar durante a caminhada, ela me disse: "Isso é ridículo. Se eu relaxar, provavelmente serei morta." Seu argumento é que ela tem de estar bem alerta a qualquer possibilidade de risco. Possibilidades, eu explico, estão dentro da sua cabeça, enquanto que a segurança aumenta com a percepção do que está fora dela, com a percepção do que está acontecendo, não do que poderá acontecer.

Meg porém insiste que seu medo noturno salvará a sua vida, e mesmo que ela defenda com insistência o valor do medo que sente, sei que ela quer se ver livre dele.

GDEB: Quando você sente medo?

MEG: Assim que estaciono o carro.

GDEB: É a mesma coisa todas as noites?

MEG: Sim, e aí se ouço um ruído ou alguma outra coisa, fica dez vezes pior. Portanto, tenho de estar mais do que alerta. Vivendo em Los Angeles, tenho de estar alerta o tempo todo.

(Note a referência a Los Angeles - um satélite.)

Eu explico que, se ela morre de medo todas as noites, concentrada intensamente no que poderá acontecer, então não sobra nenhum sinal para quando ela estiver realmente correndo um risco ao qual precisará estar atenta. Teoricamente, quando temos medo, olhamos ao redor, seguimos o medo, esperamos o perigo, e tendemos menos a ver um perigo inesperado. Insisto para que ela preste atenção ao ambiente em que se encontra de uma forma relaxada, em vez de ficar atenta apenas a sua própria imaginação.

Sei que Meg está se sentindo ansiosa, e isso é sinal de alguma coisa, embora não de perigo, neste caso. Pergunto que risco ela corre quando se afasta do carro todas as noites.

MEG: Não é uma pergunta tola, vindo de você? Quero dizer, existem tantos riscos. Los Angeles é uma cidade muito perigosa, não é o lugar onde eu escolheria morar.

GDEB: Mas você escolheu morar aqui.

MEG: Não, não escolhi; estou presa a este emprego. Tenho de morar aqui, e é tão perigoso, tem gente sendo assassinada o tempo todo, e eu sei disso, portanto tenho medo quando saio do meu apartamento, fico aterrorizada, na verdade, e com razão!

GDEB: Sem dúvida, qualquer coisa pode acontecer a qualquer pessoa a qualquer momento, mas se você já fez esse percurso mais de mil vezes sem lhe acontecer nada, é provável que o terror que sinto seja sinal de algo que não é o perigo. Como você se comunica normalmente consigo mesma?

Uma Meg agitada diz que não compreende a minha pergunta, mas não quer mais discutir isso - v a i pensar no assunto à noite. Ao me ligar na tarde seguinte, ela não só já compreendeu a minha pergunta como já está se comunicando consigo mesma, e também já encontrou a resposta. Ela concorda que a sua intuição estava mesmo lhe dizendo alguma coisa, e não era sobre um perigo iminente: era que ela não queria continuar em Los Angeles e no seu emprego. A caminhada noturna do carro até o apartamento era simplesmente o cenário para a sua voz interior falar mais alto.

Todos os dias, meu trabalho me coloca em contato com gente que está com medo, ansiosa ou apenas preocupada. Minha primeira tarefa é imaginar o que está acontecendo. Se é um medo real, haverá informações importantes a recolher, possivelmente relevantes para a segurança.

Existem duas regras sobre o medo que, se você as aceitar, poderão melhorar a sua forma de usar esse medo, reduzir a frequência dele e, literalmente, transformar a sua vida. É muita pretensão, eu sei, mas não tenha "medo" de considerá-las sem preconceitos.

Regra nº 1. O próprio fato de você temer alguma coisa é uma forte evidência de que ela não está acontecendo

O medo conchama recursos de previsão poderosos que nos dizem o que pode vir em seguida. É isso o que tememos, o que pode vir em seguida - o que pode acontecer, não o que está acontecendo agora. Um exemplo absurdamente literal ajuda a demonstrar isso: quando você está no alto de um rocha, próximo à beira, pode ter medo de chegar muito perto. Se você já está na beira da rocha, não teme mais chegar perto, agora você teme cair lá de cima. Edward Gorey, com seu humor negro, nos dá uma aguçada interpretação para o fato de qt-e, se você está caindo, o medo não é de cair - é de aterrissar.

The Suicide, as she is falling,

*Illuminated by the moon,
Regrets her act, and finds appalling
The thought she will be dead soon. **

[* A Suicida, quando está caindo./ Iluminada pelo luar./ Lamenta o seu ato, e acha aterradora /A idéia de que estará morta em breve. (N da T.)]

O pânico, o grande inimigo da sobrevivência, pode ser visto como um caleidoscópio incontrolável de medos que pode ser reduzido adotando-se a segunda regra:

**Regra nº 2. O que você teme raramente é o que você pensa que teme -
é o que você associa ao medo**

Considere qualquer coisa que já lhe tenha despertado um medo profundo <* associe a cada um dos possíveis resultados. Quando é um medo real, ele acontece numa situação de perigo, ou está associado a dor ou morte. Quando recebemos um sinal de medo, nossa intuição já fez muitas conexões. Para responder melhor, torne conscientes as associações e as acompanhe até seus destinos de alto risco - se elas o levarem até lá. Quando nos concentramos numa única associação, por exemplo, o medo de que alguém venha ao nosso encontro numa rua escura, em vez de o medo de ser machucado por alguém vindo na nossa direção numa rua escura, o medo que sentimos é um desperdício. Isso porque muitas pessoas se aproximam de nós - raras são as que nos machucam.

Os estudos mostraram que muito perto do medo da morte está o medo de falar em público. Por que alguém sentiria um medo profundo, visceral, de falar em público, uma coisa tão distante da morte? Porque não está assim tão longe na nossa associação. Quem teme falar em público na verdade teme a perda de identidade que está associada ao mau desempenho, e tem raízes firmes na nossa necessidade de sobrevivência. Para todos os animais sociais, desde as formigas até os antílopes, a identidade é o seu Ivo-conduto para inclusão, e a inclusão é a chave para a sobrevivência. Se um bebê perder a sua identidade como filho dos seus pais, um dos resultados possíveis é o abandono. Para um bebê humano, isso significa morte. Quando adultos, sem a nossa identidade como membro da tribo ou aldeia, comunidade ou cultura, um dos resultados possíveis é o abandono ou a morte.

Portanto, o medo de se erguer e falar para quinhentas pessoas na convenção anual dos profissionais da sua área não é apenas o medo de se sentir constrangido - ele está associado ao medo de ser visto como incompetente, que está associado ao medo de perder o emprego, o lar, a família, a sua capacidade de contribuir para a sociedade, o seu valor, em resumo, a sua identidade e a sua vida. Associar um medo injustificado com o destino último e terrível em geral

ajuda a aliviar esse sentimento. Embora você talvez pense que falar em público possa levar à morte, verá que essa é uma viagem longa e improvável.

Aplique estas duas regras ao medo de que um ladrão entre na sua sala de estar. Primeiro, o medo em si pode ser percebido como uma boa notícia, porque confirma que o resultado temido não está acontecendo agora mesmo. Visto que a vida tem riscos suficientes que recaem sobre nós sem avisar, saudaríamos o medo com um "obrigado, meu Deus, por um sinal de que poderei agir". Com mais frequência, entretanto, aplicamos primeiramente a negação, tentando ver se seremos capazes, quem sabe, de não pensar mais nisso.

Lembre-se, o medo diz que alguma coisa pode acontecer. Se acontece, paramos de temê-la e começamos a reagir, a exercer um controle sobre ela, a aceitá-la; ou começamos a temer que o próximo resultado que estamos prevenindo está para acontecer. Se um ladrão realmente entra na nossa sala de estar, não tememos mais essa possibilidade: agora tememos o que ele poderá fazer em seguida. Seja lá o que isso for, enquanto tememos, não está acontecendo.

Vamos nos aprofundar um pouco mais nesta exploração do medo: na década de 1960, desenvolvia-se um estudo para saber que palavra, isolada, tinha mais impacto psicológico nas pessoas. Os pesquisadores testaram reações a palavras como aranha, cobra, morte, estupro, incesto, assassinato. Foi a palavra tubarão que despertou a maior reação de medo. Mas por que os tubarões, com os quais nós humanos raramente temos contato, nos assustam tanto?

A aparente aleatoriedade da descoberta explica. É a falta de aviso, o fato de que essa grande criatura pode se aproximar silenciosamente e separar corpo e alma de um modo tão frio. Para o tubarão, não temos identidade, não passamos de carne, e, para os seres humanos, a perda da identidade por si só já é uma espécie de morte. No seu livro *Great White Shark*, Jean-Michel Cousteau chama o tubarão de "o animal mais assustador do planeta", mas existe, é claro, um animal muito mais perigoso.

Os cientistas ficaram maravilhados com a competência predatória do grande tubarão branco, louvando a sua velocidade, força bruta, acuidade sensorial e aparente determinação, mas o homem é um predador com uma capacidade muito mais espetacular. O tubarão não tem destreza, perfídia, não engana, não é esperto nem se disfarça. Ele também não tem a nossa brutalidade, pois o homem faz coisas com outros homens que os tubarões nem sonhariam em fazer. Bem no íntimo das nossas células, nós sabemos disso, portanto o medo ocasional de outro ser humano é natural.

Como acontece com o ataque de um tubarão, a aleatoriedade e falta de aviso são atributos da violência humana que mais tememos, mas você sabe agora que a violência humana raramente é aleatória e, raramente, chega sem avisar. Não há dúvida de que o perigo representado pelos seres humanos é muito mais

complexo do que o perigo que vem dos tubarões; afinal de contas, tudo o que você precisa saber para se defender dos tubarões resume-se em quatro palavras: não entre no mar. Tudo o que você precisa saber para se defender das pessoas está em você também, aprimorado por uma vida inteira de experiências (e espero que melhor organizado por este livro).

Podemos preferir ficar sentados na poltrona de um cinema cultivando o medo de perigos improváveis de vez em quando, mas o nosso medo de gente, que pode ser uma bênção, quase sempre está no lugar errado. Como vivemos diariamente com o animal mais assustador do planeta, compreender como o medo funciona pode melhorar drasticamente as nossas vidas.

Usa-se a palavra *medo* com muita facilidade, mas para colocá-la no seu contexto adequado de pânico, preocupação e ansiedade, é só lembrar o medo avassalador que se apossou de Kelly quando ela percebeu que o seu estuprador pretendia matá-la. Embora se costume dizer de uma experiência assustadora: "Fiquei petrificado", exceto naquelas vezes em que ficar parado é uma estratégia, o medo real não paralisa - ele energiza. Rodney Fox aprendeu isso quando enfrentou um dos maiores medos do homem: "De repente percebi que estava me movendo dentro d'água mais rápido do que nunca. Aí percebi que estava sendo puxado para baixo por um tubarão que me pegara pelo peito." Quando o predador afundou com ele, uma força muito mais poderosa impeliu Rodney a passar a mão pela cabeça e pela cara do tubarão à procura dos olhos. Ele enfiou os polegares bem fundo no tecido mole que encontrou. O tubarão o largou de imediato, mas Rodney se abraçou com ele mantendo-o firme para que não se virasse, atacando-o de novo. Depois do que lhe pareceu um longa viagem pelo oceano, ele se livrou do animal com um chute e saiu nadando em meio a uma nuvem vermelha até a superfície.

O medo injetava sangue nos braços e pernas de Rodney usando-os para fazer coisas que ele, sozinho, jamais teria feito. Ele nunca decidiria lutar com um grande tubarão branco, mas, como o medo não permite pensar duas vezes, ele sobreviveu.

A ação selvagem e automática de Rodney, e a ação calma e contida de Kelly foram ambas alimentadas pela mesma energia condensada: o medo real. Pare um pouco para evocar esse sentimento e reconhecer como é diferente da preocupação, da ansiedade ou do pânico. Mesmo a maior preocupação não o levaria a lutar contra um tubarão, ou seguir seu provável assassino num corredor.

Recentemente me pediram para falar a um grupo de funcionários de uma empresa sobre a segurança deles, mas, como de hábito, a palestra logo se transformou numa discussão sobre o medo. Antes que eu começasse, várias pessoas disseram: "Fale com a Célia, ela está esperando por essa reunião há semanas." Célia, como fiquei sabendo, estava ansiosa para me falar do seu terror

de estar sendo seguida, sobre o qual seus colegas já tinham escutado muito. Quando as pessoas se aproximam de mim com medo (de um estranho, de um colega de trabalho, do cônjuge, de um fã), a primeira coisa que faço é determinar sempre se é realmente medo, ou uma preocupação ou fobia. É simples porque, como já observei, o medo real ocorre na presença do perigo e se associa facilmente a dor ou morte.

Para saber se Célia estava reagindo a um sinal de medo (que não é voluntário) ou se estava preocupada (o que é voluntário), eu lhe perguntei se tinha medo de estar sendo seguida naquele momento, ali, na sala onde estávamos.

Ela riu: "Não, claro que não. Tenho medo quando estou caminhando sozinha do escritório até o meu carro, de noite. Eu utilizo um grande estacionamento com portão, e o meu carro é sempre o último a sair porque trabalho até tarde, e o estacionamento está vazio e silencioso." Visto que ela não tinha me dado nenhum indício de risco real, o seu terror não era um sinal de medo natural, mas a preocupação que só os humanos sentem.

Para fazer com que ela associasse o medo, perguntei o que a assustava no fato de estar sendo seguida. "Não é o fato de estar sendo seguida que me assusta, é ser apanhada. Tenho medo de que alguém me agarre por trás e me puxe para dentro de um carro. Como não tem mais ninguém por ali, podem fazer o que quiserem comigo." Ela lançou este satélite sobre ser a última pessoa a sair do trabalho várias vezes.

Como a preocupação é uma escolha, as pessoas se preocupam porque isso lhes é útil de alguma forma. A preocupação de falar em público pode ser útil ao anfitrião ou anfitriã como uma desculpa para nunca fazer isso, ou para cancelar uma apresentação ou por ter tido um mau desempenho ("estava com tanto medo"). Mas de que servia a Célia a preocupação de Célia? As pessoas sempre lhe dirão qual é o verdadeiro problema e, de fato, Célia já havia dito.

Perguntei por que ela não podia sair mais cedo do trabalho todas as tardes: "Se eu fizer isso, vão pensar que sou preguiçosa." Então Célia estava preocupada em não perder a sua identidade como funcionária que sempre trabalhou até tarde. Suas freqüentes discussões sobre riscos e medos garantiam que ela levasse rapidamente qualquer conversa para o fato de trabalhar depois do expediente. Era assim que a preocupação lhe servia.

As sábias palavras de Franklin Delano Roosevelt, "a única coisa a temer é o próprio medo", poderiam ser corrigidas pela natureza dizendo, "não há nada a se temer quando não se tem medo". Preocupação, cautela, ansiedade, tudo isso tem um propósito, mas não são medo. Portanto, sempre que o resultado temido não estiver razoavelmente associado a dor ou morte, e não for um sinal na presença de perigo, então não deve ser confundido com medo. Pode ser algo que mereça ser compreendido e administrado, mas a preocupação não soluciona nada. Vai é afastar você do caminho para as soluções.

Na forma original da palavra, preocupar alguém era assediar, reprimir ou sufocar. Da mesma forma, preocupar-se é uma forma de auto-assédio. Para diminuir a importância que essa preocupação tem nas nossas vidas, é preciso compreender o que ela é realmente.

Preocupação é o medo que fabricamos - não é autêntico. Se você preferir se preocupar com alguma coisa, fique à vontade, mas faça isso sabendo que foi uma escolha. Com mais frequência nós nos preocupamos porque isso nos dá uma recompensa secundária. Existem muitas variações, mas estas são algumas das mais comuns.

- A preocupação é uma forma de evitar mudanças; quando nos preocupamos não fazemos nada a respeito.

- A preocupação é uma forma de evitar admitir a impotência diante de alguma coisa, visto que quando nos preocupamos parece que estamos agindo. (Rezar também nos faz sentir que estamos fazendo alguma coisa, e até o agnóstico mais ferrenho admitirá que rezar é mais produtivo do que se preocupar.)

- A preocupação é uma forma sentimentalóide de se relacionar com os outros, a idéia de que se preocupar com alguém é demonstração de amor. O outro aspecto disso é a crença de que não se preocupar com uma pessoa significa não se importar com ela. Como muita gente que é alvo de preocupações lhe dirá, a preocupação não substitui o amor ou o amar.

- A preocupação é uma proteção contra futuras decepções. Depois de fazer um teste importante, por exemplo, um estudante pode ficar preocupado com a possibilidade de fracasso. Se ele puder experimentar o fracasso agora, ensaiar essa experiência, por assim dizer, preocupando-se com ele, o fracasso depois, se ele vier, não será tão ruim. Mas existe aí uma troca interessante. Como o estudante não pode fazer nada neste momento, o que seria melhor: passar dois dias se preocupando e depois saber que fracassou, ou passar os mesmos dois dias não se preocupando e depois saber que fracassou? Talvez o mais importante, ele gostaria de saber que foi aprovado e passou dois dias ansioso atoa?

No livro *Inteligência emocional*, Daniel Goleman conclui que a preocupação é uma espécie de "amuleto mágico" que algumas pessoas pensam que afasta o perigo. Elas acreditam que preocupar-se com alguma coisa impede que ela aconteça. Ele também observa corretamente que a maior parte daquilo com que as pessoas se preocupam tem pouca probabilidade de acontecer, porque tendemos a tomar atitudes com relação ao que achamos ser provável ocorrer. Isto significa que, freqüentemente, o simples fato de você estar preocupado com alguma coisa já é uma previsão e não tenderá a acontecer!

A relação entre medo real e preocupação é análoga à que existe entre dor e sofrimento. A dor e o medo são componentes necessários e valiosos da vida. Sofrimento e preocupação são componentes destrutivos e desnecessários. (Grandes líderes humanitários, lembre-se, trabalharam para acabar com o sofrimento, não a dor.)

Depois de várias décadas vendo a preocupação em todas as suas formas, concluí que ela prejudica as pessoas mais do que as ajuda. Ela interrompe o pensamento claro, desperdiça tempo e encurta a vida. Quando estiver se preocupando, pergunte a si mesmo: "De que me adianta isso?" E poderá descobrir que o custo de se preocupar é maior do que o de mudar. Para se libertar do medo, mas conservá-lo como um dom, são três os objetivos pelos quais devemos lutar. Não são fáceis de alcançar, mas vale a pena tentar:

- 1) Quando sentir medo, ouça.
- 2) Quando não sentir medo, não o invente.
- 3) Quando se descobrir inventando preocupações, investigue e descubra por quê.

Assim como algumas pessoas são rápidas em prever o pior, existem outras que relutam em aceitar que podem estar realmente correndo perigo. Isto em geral é causado pela falsa crença de que, identificando e dando um nome ao risco, estamos favorecendo ou provocando a sua concretização. Esta maneira de pensar diz: se não vemos e não aceitamos, não vai acontecer. Só os seres humanos podem olhar diretamente para alguma coisa, ter todas as informações necessárias para fazer uma previsão correta, talvez até momentaneamente fazer a previsão certa, e depois dizer que as coisas não são bem assim.

Um dos meus clientes é uma empresa cuja sede em Nova York tem um excelente programa de segurança e proteção. Todas as portas que levam aos seus escritórios ficam trancadas. Ao lado de cada porta de entrada há uma placa diante da qual os funcionários abanam um cartão magnético para ter pronto acesso. O presidente da empresa me pediu para falar com uma das funcionárias, Arlene, que se recusava sempre a carregar o seu cartão de acesso. Ela se queixava de que os cartões assustavam as pessoas porque lembravam da necessidade de segurança. (Isso se chama medo de sentir medo.) Sim, ela concordou, como muitos funcionários trabalham à noite, é necessário um programa de segurança, mas os cartões e as portas trancadas deveriam ser substituídos por guardas no saguão porque "os cartões fazem o lugar ficar parecendo um campo armado, e assustam as pessoas".

Tentando associar este medo dos cartões com dor ou morte, perguntei a Arlene de que as pessoas tinham medo. "Os cartões aumentam o perigo", explicou, "porque a existência deles diz que existe aqui alguma coisa que vale a pena pegar."

Os cartões na verdade, perguntei, não reduziram o medo e o risco porque o seu uso significa que os escritórios não estão acessíveis a qualquer pessoa que passa na rua? Não, disse-me ela, as pessoas não pensam assim. "Elas preferem não ser lembradas do risco." Arlene explicou que os detectores de metal nos aeroportos evocam o espectro do seqüestro em vez de tranquilizar as pessoas. A embalagem inviolável não acrescenta conforto, e sim preocupação e, ela observou, "é um convite as violações".

Encerrando a sua confiante apresentação sobre a natureza humana e o porquê dos cartões assustarem as pessoas, eu perguntei se ela concordava que haveria risco para os funcionários se as portas ficassem destrancadas. "Claro que sim. Fui assaltada uma noite quando fiquei trabalhando até tarde no meu último emprego. Lá não se trancavam as portas e aquele sujeito simplesmente entrou. Não havia ninguém no prédio inteiro - portanto, não venha me falar de perigo!"

Com essa história, Arlene revelou que tinha medo dos cartões. Ela também externou claramente a sua filosofia de administração do medo: "Não venha me falar de medo." Mais tarde, depois de me questionar extensamente sobre a segurança no seu apartamento, no metrô, nas lojas, nos seus encontros, ela concordou em usar os cartões.

Ocasionalmente, respondemos a medos que não estão nos chamando; às vezes, ignoramos os que nos chamam; em outras, como aconteceu com o médico Bill McKenna, ficamos em algum ponto intermediário.

"Minha mulher, Linda, estava viajando a negócios, e eu levei as meninas para jantar fora. Chegamos tarde em casa; certifiquei-me de que elas já estavam dormindo e fui para a cama. Eu já estava cochilando quando ouvi um barulho no andar de baixo que, por algum motivo, realmente me assustou. Não foi assim tão alto, e nem me lembro bem o que era, mas não consegui me desligar. Então, levantei da cama e desci para ver se estava tudo certo. Dei uma volta pela casa e voltei para a cama. Meia hora depois, ouvi um som tão baixinho que ainda não entendi como me acordou; era o ruído de alguém respirando. Acendi a luz e lá estava aquele cara de pé, no meio do quarto, com o meu revólver na mão e o nosso toca-discos debaixo do braço."

Se a missão de Bill ao descer foi "garantir que tudo estivesse certo", como ele falou, então ele conseguiu admiravelmente. Se, entretanto, foi para responder a um sinal de sobrevivência - aceitar o dom do medo - ele fracassou. Ao ouvir o barulho lá embaixo, se tivesse conscientemente associado o medo que senti aos seus possíveis resultados perigosos - como sua intuição já havia feito - ele teria reconhecido que o risco era grande, e teria conduzido a sua pesquisa visando a encontrar o risco em vez de ter como objetivo não encontrar nada.

Se ele tivesse respeitado o seu medo, teria descoberto o intruso antes que ele encontrasse a sua arma. Se ele tivesse dito, "Como estou com medo, sei que

existe um motivo, então qual é?" e teria tido consciência do que a sua intuição já sabia e que ele mais tarde me contou: a luz da sala de estar estava acesa quando ele chegou em casa, o gato tinha conseguido sair e estava esperando na varanda, um carro velho desconhecido estava estacionado na entrada da sua garagem com o motor ainda rodando para esfriar, e outras coisas. Só no contexto de todos estes fatores aquele ruído, que seria irrelevante em outra situação, provocou medo.

Bill MacKenna e suas filhas (de quatro e cinco anos) ficaram sob a mira do revólver na mão do intruso por mais de uma hora. O homem deixou as meninas sentarem no chão do quarto do casal assistindo ao filme *A bela e a fera* no vídeo. Ele disse a Bill que precisava de tempo para tomar o que disse ser "a decisão mais difícil da minha vida". Ele perguntou: "Já teve de enfrentar um problema realmente difícil?", e Bill concordou com a cabeça.

Bill me disse que ficou em estado de alerta até o intruso sair, mas que não sentiu nenhum medo. "Quando alguém está com um revólver apontado para você, já é tarde demais para sentir medo. Eu tinha coisas mais importantes para pensar, como manter as meninas tranquilas mostrando para elas que eu estava bem - e mantendo aquele sujeito calmo. De qualquer maneira, o meu medo tinha desaparecido e, depois de algum tempo, o sujeito, assim como chegou, também tinha ido embora."

A falta de medo de Bill, assim como o medo anterior ao ouvir o ruído, fazia sentido. Primeiro, o assaltante não tinha trazido uma arma, portanto não era um intruso com a idéia de matar ou preparado para isso. Segundo, seu objetivo era o roubo leve, como evidenciado pelo toca-discos que tinha pegado. Finalmente, ele falou sério quando disse que estava avaliando "a decisão mais difícil" da sua vida. Um homem disposto a matai não precisaria discutir dúvidas pessoais sobre o que é certo ou errado com suas pretensas vítimas. De fato, ele desumanizaria e distanciaria suas vítimas, certamente não as faria participar de suas liberações.

O intruso não só foi embora como deixou o toca-discos. Prestou outro favor para a família também. Levou a arma, que agora não está à disposição de outro intruso mais perigoso. (Bill não a substituiu.) Bill deixou as meninas assistirem ao resto do filme antes de voltar para a cama. Elas ainda se lembram da visita do "policiaI armado" naquela noite, e não é uma história traumática. Elas não perceberam o medo no pai porque, como ele me disse, Bill não estava com medo.

O medo real é objetivo, mas é evidente que nós não somos. Meg tinha medo de ser morta, e Célia tinha medo de ser seguida, mesmo não havendo ninguém por perto. Arlene tinha medo dos cartões de acesso, mesmo que eles lhe garantissem maior segurança. Bill não teve medo do intruso, mesmo com o homem de pé no seu quarto com uma arma na mão. Tudo isto prova, como notei

no início do livro, que temos maneiras estranhas de avaliar o risco. O fumo mata mais gente todos os dias do que os raios num período de dez anos, mas há pessoas que se acalmam durante uma tempestade - fumando um cigarro. Não é lógico, mas lógica e ansiedade raramente andam lado a lado.

Recentemente conheci um casal de meia-idade da Flórida que tinha acabado de conseguir uma autorização para porte de armas. O homem explicou por quê: "Se um sujeito qualquer entrar num restaurante e começar a disparar, como aconteceu no Lubi's, no Texas, quero estar em condições de salvar vidas."

Claro que existe uma infinidade de coisas que ele poderia carregar no cinto com muito mais chances de salvar vidas num restaurante. Uma injeção de adrenalina trataria um choque anafilático (a reação potencialmente alérgica a determinados alimentos). Ou um tubinho para fazer traqueotomias de emergência em pessoas que estão morrendo engasgadas. Quando eu lhe perguntei se carregava alguma dessas coisas, ele disse: "Eu jamais enfiaria um negócio na garganta de alguém!" Mas ele se sentia capaz de disparar um pedaço de chumbo para dentro de alguém como um rojão.

Estatisticamente falando, aquele homem e a sua mulher tinham muito mais probabilidade de atirar um no outro do que num criminoso, mas a ansiedade dele não era causada pelo medo da morte - se fosse, ele se desfaria dos vinte quilos a mais que poderiam lhe causar um ataque cardíaco. A ansiedade que ele sentia era causada pelo medo de gente, e pela crença de que não poderia prever a violência. *A ansiedade, ao contrário do medo real, é sempre causada pela incerteza.*

Ela é causada, basicamente, pelas previsões em que você tem pouca confiança. Quando você prevê que vai ser despedido do emprego e tem certeza de que a previsão está correta, a demissão não o deixa ansioso. Você pode se sentir ansioso a respeito de coisas que não consegue prever com certeza, tais como as ramificações da perda do emprego. Previsões em que você tem muita confiança o liberam de responder, ajustar, sentir tristeza, aceitar, se preparar ou fazer seja lá o que for preciso. Conseqüentemente, a ansiedade se reduz quando você melhora as suas previsões, aumentando assim a sua certeza. Vale a pena fazer isso, porque a palavra ansiedade, como preocupação, tem origem num verbo que significa "sufocar" e é isso exatamente o que acontece.

Nossas imaginações podem ser o solo fértil em que a preocupação e a ansiedade se transformam de sementes em ervas daninhas, mas quando assumimos que o resultado imaginado é a coisa certa, entramos em conflito com o que Proust chamou de lei inexorável: "Só o que está ausente pode ser imaginado." Em outras palavras, o que você imagina - assim como o que você teme - não está acontecendo.

Donna é uma cineasta em Nova York, de 29 anos, que corajosamente

largou o seu emprego, pegou o carro e foi para Los Angeles esperando fazer importantes documentários. Ela usou sua inteligência e seu entusiasmo para conseguir uma reunião com um famoso executivo da indústria cinematográfica. A uns quinze quilômetros da reunião, seu carro velho decidiu que não ia mais levá-la a lugar nenhum, e ela ficou parada ali, no meio da rua. Imediatamente ela associou o seu atraso a todos os piores resultados possíveis: "Vou perder a reunião, e não vão concordar em marcar outra. Se você deixa uma pessoa importante assim esperando, suas chances de carreira acabam, e aí não vou conseguir pagar o aluguel, vou ser expulsa do meu apartamento, vou acabar vivendo com o auxílio desemprego", e outras coisas mais. Como este tipo de associações imaginativas vai construindo etapa por etapa um cenário, parece lógica, mas não passa de um arremedo de lógica. É também uns dos nossos exercícios de criação mais tolos.

Um carro passando por ali, com um homem e uma mulher, diminuiu a velocidade para olhar Donna, e o homem gritou oferecendo ajuda. Donna fez um sinal recusando. Muito estressada, ela desceu do carro e saiu correndo pela rua à procura de, um posto de gasolina, enquanto ia acrescentando capítulos criativos à história de sua ruína financeira. Ela notou que aquele mesmo carro vinha ao seu lado, mas continuou correndo. Ao encontrar um telefone público, ela ligou para o escritório do executivo no estúdio e explicou que se atrasaria. Como previra, disseram-lhe que a reunião não poderia ser remarcada. A carreira que ela imaginara terminou na cabine telefônica.

Donna curvou os ombros e começou a chorar exatamente na hora em que aquele mesmo carro vinha se aproximando devagar. Ainda que aquelas pessoas pudessem estar seguindo Donna, ela não teve medo. O homem ficou no carro enquanto a mulher desceu, bateu no vidro e disse: "É você que está aí?" Em meio às lágrimas, Donna olhou para cima e viu Jeanette, uma amiga com quem tinha dividido um apartamento quando estavam na faculdade.

Jeanette e o namorado levaram Donna até a reunião (ela não conseguiu o emprego) e depois para almoçar. Em poucas semanas, Donna e Jeanette eram sócias num novo negócio, o de procurar antiguidades e objetos de arte no mundo inteiro para revender nos Estados Unidos Tiveram tanto sucesso que, em dois anos, Donna conseguiu juntar dinheiro suficiente para co-financiar o seu primeiro filme documentário.

Entre todas as projeções criativas de Donna quando seu carro enguiçou, não estava incluída a possibilidade de que isso a levaria a se encontrar com uma velha amiga com quem formaria um negócio que a levaria a viajar pelo mundo inteiro e lhe daria os recursos para fazer os seus próprios filmes.

É raro prevermos bons resultados a partir de coisas que não esperamos nem desejamos que aconteçam, mas quase sempre acertaríamos com mais frequência. A história das invenções está repleta de supostos fracassos que se

tornaram sucessos imprevistos (como o fracasso de James Watt em fazer uma bomba funcionar e o seu sucesso inesperado inventando o vácuo). Já me beneficiei muito aplicando o ceticismo com que costumava ver a minha intuição aos resultados assustadores que imaginava iminentes. A preocupação quase sempre cede a um vigoroso interrogatório.

Se você conseguir usar a sua imaginação para descobrir os resultados favoráveis possíveis de ocorrências indesejadas, mesmo que apenas como um exercício, verá que isso favorece a criatividade. Esta sugestão é mais do que uma forma de encontrar aquele raio de esperança que nossas avós nos incentivavam a procurar. Eu a incluo neste livro por que a criatividade está associada à intuição, e intuição é a saída para os desafios mais sérios que você poderá ter de enfrentar. Albert Einstein disse que, se você seguir a sua intuição, "as soluções lhe ocorrem, e você não sabe como nem por quê".

Um rapaz chamado Andrew estava há muito tempo querendo sair com uma determinada garota e prometeu levá-la a um filme que ela mesma escolheu. Começou não conseguindo encontrar o cinema, e depois que encontrou não foi possível comprar os ingressos. Ele e a garota, já decepcionada, entraram na fila para ver outro filme mas, depois de quarenta minutos de espera, avisaram que a lotação estava esgotada. O programa de Andrew foi um fracasso, e caíram por terra todas as esperanças de acontecer aquilo que os rapazes esperam que aconteça. Ele estava, previsivelmente, desapontado e também aborrecido com a confusão para tentar ver um filme. Ele não decidiu imediatamente: "Talvez a decepção desta noite sirva para que eu desenvolva um sistema telefônico computadorizado que as pessoas que querem ir ao cinema possam usar para escolher um filme, saber onde está passando e até comprar os ingressos com antecedência."

Mas foi exatamente isso o que Andrew Jarecki fez, fundando o MovieFone (que os americanos talvez conheçam como 777-FILM), o serviço inovador usado todas as semanas por milhões de pessoas, em todas as cidades dos Estados Unidos. (Ele também se casou com aquela garota.)

Depois de falar de tantas histórias de riscos e danos, quero contar algumas com resultados mais favoráveis que provam isto: a preocupação é uma escolha, e a criatividade que usamos nela pode ser aproveitada de outra forma, também por escolha. Esta verdade não interessa muito se o risco é pouco, como a preocupação a respeito de uma entrevista de emprego ou de um encontro, mas, nas situações de alto risco, ela pode salvar a sua vida.

Passei grande parte da minha carreira tentando fazer previsões exatas sobre o que poderia acontecer de ruim em seguida. Sem dúvida, esta capacidade tem me servido muito, porque as pessoas estão sempre querendo ouvir previsões sobre possíveis tragédias. Uma das coisas que indicam esse desejo são os canais

de televisão das grandes cidades, que dedicam até quarenta horas diárias para nos dizer quem foi vítima de que desastre, e explorando as calamidades mais iminentes: "NOVOS ESTUDOS REVELAM QUE TELEFONES CELULARES MATAM. MAIS INFORMAÇÕES ÀS ONZE!" "PERU CONTAMINADO NO JANTAR MATA TRÊS! SUA FAMÍLIA SERÁ A PRÓXIMA VÍTIMA!?"

Notícias promocionais tolas e alarmantes para mim têm um interesse mais do que passageiro, porque compreender como funcionam é fundamental para saber como funciona o medo na nossa cultura. Nós assistimos atentamente porque a nossa sobrevivência exige que fiquemos sabendo de coisas que podem nos prejudicar. É por isso que diminuímos a marcha ao passar por um acidente terrível de trânsito. Não é por nenhuma perversão desnaturada; é para aprender. A maioria das vezes, aprendemos: "Devia estar bêbado"; "Devem ter tentado ultrapassar"; "Esses carrinhos esporte são mesmo um perigo"; "Não se enxerga nada neste cruzamento". Nossa teoria é arquivada, talvez para salvar nossas vidas num outro dia.

Ernest Becker explica que "nossos medos são moldados segundo a nossa percepção do mundo". Os animais sabem o que temer por instinto, "mas um animal sem instinto [homem] não tem medos programados". Bem, os noticiários locais os programam para nós, e a audiência está virtualmente garantida por uma das forças mais poderosas da natureza - nossa vontade de sobreviver. Os jornais locais raramente nos dão informações novas ou relevantes sobre segurança, mas a sua urgente distribuição simula importância e chama a nossa atenção, atuando como alguém que entra de repente na nossa casa gritando: "Não saia ou você morre! Ouça o que estou dizendo para salvar a sua vida!" É assim que funciona a indústria dos noticiários transmitidos pela televisão. O medo tem o seu lugar de direito nas nossas vidas, mas esse lugar não é o supermercado.

(Numa observação pessoal, mesmo tendo um interesse profissional por perigos e riscos, nunca assisto aos jornais pela televisão, e não faço isso há anos. Experimente e encontrará coisas melhores para fazer antes de dormir do que ficar assistindo a trinta minutos de imagens perturbadoras apresentadas com uma urgência artificial e implicações, em geral falsas, de que é importantíssimo vê-las.)

Táticas eletrônicas de medo apresentam-se de várias formas. Quando há carência de notícias, ressuscitam-se histórias antigas. Você deve se lembrar do estranho seqüestro de um ônibus escolar ch^oio de crianças, numa cidade da Califórnia chamada Chowchilla. Quem o cometeu enterrou o ônibus - com as crianças dentro - numa vala enorme sob uma pedreira. A história terminou com o resgate das 26 crianças e a prisão dos seqüestradores. Um ano depois veio a atualização: foi mostrado o filme inteiro de novo, o incidente original voltou a ser contado todo novamente, e um repórter desceu uma rua de Chowchilla oferecendo esta pérola de previsão: "Mas os habitantes desta cidadezinha ainda

acordam de noite, preocupados com a possibilidade de que isso tudo volte a acontecer."

É mesmo? Preocupados com a possibilidade de que isso tudo volte a acontecer - outro seqüestro em massa, de um ônibus cheio de crianças, enterrado numa pedreira? Acho que não. Esses sumários quase sempre ridículos são usados para dar importância a notícias novas, ou deixá-las na incerteza e abertas, portanto, a outras histórias, por exemplo: "Resta saber quantos mais morrerão." No mundo das notícias locais, as histórias assustadoras não têm fim. Raramente ouvimos as palavras "e pronto!"

Os noticiários locais têm várias frases favoritas. Uma delas é: "A polícia fez uma descoberta assustadora hoje em [nome da cidade]." A era dos satélites aumentou a biblioteca de fitas chocantes disponíveis, de tal forma que agora, se não estiver acontecendo nada de pavoroso na sua cidade, você poderá ouvir: "A polícia fez uma descoberta importante em Reno", ou Chicago, ou Miami, ou até Caracas. Pode não ser local, mas é pavoroso, e foi filmado, e daí? Se eles voltam ao passado para encontrar alguma coisa chocante, ou se dão a volta no planeta, em nenhum dos casos a informação é necessária ou relevante para a sua vida. Os noticiários locais passam a ser nada mais do que aquilo que o autor de Information Anxiety, Richard Saul Wurman, chama de "uma lista de mortes, acidentes e catástrofes inexoráveis - o violento papel de parede das nossas vidas".

Discuto tudo isso aqui não só para me queixar. Compreender como as notícias transmitidas pelos canais de televisão funcionam e o que elas fazem com você é importante para a sua segurança e bem-estar. Primeiro, o medo do crime por si só já é uma forma de vitimização. Mas existe uma questão muito mais prática envolvida nisso: estarmos expostos constantemente a sustos e situações de urgência nos choca tanto que fica impossível separar o que é sinal de sobrevivência do que é apenas um ruído de fundo. Porque isso é sensacionalismo e não informação, temos uma visão distorcida do que realmente representa perigo para nós.

Imagine uma reportagem divulgada amplamente pela televisão: "Golfinho ataca banhista!" Uma história assim estabeleceria uma nova conexão nas mentes de literalmente milhões de pessoas: golfinhos são perigosos para o homem (o que eles não são). Embora ataques incomuns de animais sejam um ótimo alimento para os noticiários, os seres humanos não são as presas favoritas de nenhum predador. (Somos um tanto ossudos, com pouca carne e espertos como o diabo.) A questão é que a sua inteligência, quando se trata de sobrevivência, será inútil se você estiver concentrado em riscos improváveis.

Infelizmente, basta dar nome a um risco criminoso para que ele tenha um lugar nas nossas mentes e nós tenhamos mais um motivo para sentir um medo injustificado das pessoas. Lembre-se dos chamados tiroteios nas auto-estradas em Los Angeles. Apesar dos noticiários estarem repletos de entrevistas com

motoristas que mostravam os furos das balas nos seus pára-brisas, o fato é que houve menos tiroteios nas auto-estradas naquele ano do que no ano anterior. Não houve nenhuma tendência, nenhuma ocorrência exagerada de ataques, nenhum modismo criminoso, nada diferente do que aconteceu antes ou depois. Mas hoje não se escuta mais nada sobre tiros nas auto-estradas. Acabaram os dias infernais e não existem mais motoristas armados aborrecidos por estarem presos num engarrafamento? Os tiroteios nas auto-estradas realmente acabaram, ou acabaram as reportagens porque essa história é um episódio do ano passado?

A única tendência real é a forma como os noticiários descobrem duas histórias semelhantes com alguns elementos visuais surpreendentes ou uma entrevista exageradamente exaltada, dão a esse risco um nome e o repetem durante um certo tempo com vítimas diferentes. Quando acontece um desses crimes, o noticiário local dirá às pessoas como isso aconteceu. Portanto, formas supostamente novas de violência criminal podem na verdade se tornar um modismo - usando o mesmo método de outros modismos: a publicidade.

Uma celebridade aparentemente séria dos noticiários fala do perigo mais atual que é preciso conhecer para salvar as nossas vidas: "Estou na cena do último assalto em que o criminoso seguiu a sua vítima até em casa, nesta área elegante do bairro, parte de um modismo crescente de ataques aleatórios. Como você pode evitar este terror?" Em seguida vem uma lista de precauções, algumas tão óbvias que chegam a ser cômicas (exemplo: "Não convide estranhos para entrar no seu carro"). Haverá uma entrevista com alguém rotulado a sério como "especialista em assaltos quando o ladrão se faz acompanhar da vítima". Aí, de repente, chega o dia em que você acha que esses assaltos acabaram, porque a televisão passa a falar do próximo crime. Em breve será: "Ladrões que se escondem dentro da sua bolsa até você chegar em casa!", acompanhado de uma relação de sinais de alerta: "A bolsa fica muito pesada, é difícil fechá-la, sons estranhos vêm lá de dentro..."

Embora os jornais pela televisão desejassem que pensássemos de outra forma, o importante não é perguntar como poderemos morrer, mas sim "Como devemos viver?" e isso compete a nós.

Na minha vida e no meu trabalho, já vi os aspectos mais turvos do lodaçal humano. (Pelo menos, espero que sejam os mais turvos.) Isso tem me ajudado a ver com mais clareza a luminosidade do espírito humano. Tendo eu mesmo sentido a agulhada da violência, isso me ajudou a ser mais sensível ao toque da mão humana generosa.

Diante do frenesi e do poder das diversas indústrias da violência, o fato de a maioria dos americanos viver sem violência é sinal de que existe algo de maravilhoso em nós. Ao resistirem tanto aos aspectos obscuros da nossa espécie e da nossa herança, são os americanos comuns, e não os ícones de vingança na

tela grande, os verdadeiros heróis. Abraham Lincoln se referiu aos "melhores anjos da nossa natureza", e eles devem sem dúvida existir, pois a maioria de nós sobrevive diariamente com decência e cooperação.

Depois de anos me preparando para o pior, finalmente aprendi isto: embora o mundo seja um lugar perigoso, ele também é um lugar seguro. Você e eu sobrevivemos a riscos extraordinários, principalmente porque todos os dias entramos em máquinas poderosas, passamos por elas e atravessamos o seu caminho, máquinas que poderiam nos matar sem prejuízo de um só cilindro: aviões, metrô, ônibus, escadas rolantes, elevadores, motocicletas, carros - meios de transporte que levam alguns de nós ao desastre, mas a maioria chega ao destino pretendido. Estamos rodeados de substâncias químicas tóxicas, e nossas casas estão ligadas a circuitos com gases explosivos e correntes letais de eletricidade.

O mais assustador de tudo, vivemos entre conterrâneos armados e muitas vezes irados. Juntando tudo, essas coisas fazem de cada dia uma corrida de obstáculos de alto risco que faria estremecer os nossos ancestrais, mas o fato é que ela em geral nos liberta. Não só isso, em vez de se encantarem com toda essa maravilha, milhões de pessoas estão na verdade procurando com que se preocupar.

No final de sua vida, Mark Twain disse sabiamente: "Tive muitas preocupações na minha vida, mas quase sempre com coisas que jamais aconteceram."

Você agora já sabe muito sobre como prever e evitar a violência, desde o perigo representado por estranhos até a brutalidade a que estão sujeitos amigos e membros de uma família, desde a violência diária que pode afetar qualquer pessoa até o crime extraordinário que afetará apenas um ou outro indivíduo. Com sua intuição melhor informada, espero que você perca um pouco do seu medo injustificado das pessoas. Espero que você utilize e respeite a sua capacidade de reconhecer os sinais de sobrevivência. E o mais importante, espero que você veja naquelas nuvens negras, lá na frente, apenas os riscos reais, e viva uma vida mais plena no céu azul entre elas.

Agradecimentos

Quando se aprende do jeito que eu aprendi, são muitos os professores a agradecer por muitas lições. Não vou relacionar tudo o que aprendi com minha agente e querida amiga, Kathy Robbins, ou com meu excepcional editor e treinador, Bill Philips. Direi apenas que o que eles me ensinaram é evidente para as pessoas que leram e comentaram os meus primeiros rascunhos; a apaixonada Erika Holzer, o lógico Ted Calhoun, o intuitivo Eric Eisner, o encorajador Sam Merrill, o sereno Harvey Miller, a legalista Madeleine Schachter, o honesto Rod Luire, a protetora Victoria Principal, os incentivadores Kate Bales, Betsy Uhrig, Lara Harris, David Joliffe, Linden Gross, Allison Burnett e a minha pesquisadora-chefe compulsivamente meticulosa, Connie Nitzschner. Obrigado a todos.

Obrigado a Charles Hayward, cujo apoio senti do início ao término do livro, e a Sarah Crichton e Peter Benedek

Quanto a seguir rastros na mata, fui abençoado com três ótimos guias: Park Dietz, Walt Rislér e John Monahan. Obrigado a cada um de vocês pela luz de suas mentes e experiências.

Obrigado a Bryan Vosekuill e ao dr. Robert Fein do U.S. Secret Service por me levarem junto nas suas explorações de novas idéias. O seu Exceptional Case Study Project é excepcional, e reduzirá os riscos do emprego mais perigoso do mundo: o de presidente dos Estados Unidos.

Obrigado à secretária de Justiça, Janet Reno, e ao diretor Eduardo Gonzalez do U.S. Marshals Service pelo incentivo ao MOSAIC, e a Steve Weston e sua equipe da Unidade de Investigações Especiais da Polícia do Estado da Califórnia, a Robert Ressler, Clinton Van Zandt, Jim Wright e Roy Hazlewood da Unidade de Ciências Comportamentais do FBI, a vários colegas não citados da Central Intelligence Agency - a CIA -, a Dennis Chapas e sua equipe do Supremo Tribunal dos Estados Unidos, ao xerife Sherman Block, ao xerife-assistente Mike Graham, à tenente Sue Tyler do County Sheriff's Department de Los Angeles pelo seu entusiasmo e apoio, a John White e Jim MacMurray no LAPD, a Steven Devlin da Universidade de Boston, a Jim Perotti da Universidade de Yale, a William Zimmerman e Richard Lopez na U.S. Capitol Police, a Tomas Taylor do National Governor's Security Association. Obrigado ao meu amigo Robert Martin, que concebeu e fundou a Threat Management Unit da LAPD.

Aos que assistiram à minha primeira palestra sobre Avaliação e Administração de Ameaças, em 1983: Wall Rislér, Mike Carrington, Cappy Cagnon, Bill Mattman, Burton Katz e Pierce Brooks. Vocês me colocaram numa

espécie de faculdade, e eu sou grato por isso.

Obrigado aos amigos extraordinários cujas lições são apresentadas neste livro: Linda Shoemaker, Arthur Shurlock, Rosemary Clooney, Miguel, Gabriel, Monsita, Raphael e Maria Ferrer, Jeanne Martin, Gina Martin, Stan Freberg, Donna & Donna Freberg, Michael Gregory, Pamela, Portland e Morgan Mason, Peter, Alice, Andrea e Tom Lassaly, Cortney Callahan, Gregory Orr, Cher, Joan Rivers, Allan Carr, Brooke Shields, dr. Harry Glassman, Jennifer Grey, Michael Fox e Tracy Pollan, Ren, Ed Begley Jr., Tom Hanks e Rita Wilson, Tony e Bekky Robbins, Nina Tassler, Jerry Lcvinc Jeff Goldblum, Lesley Ann Warren, Laura Dern, Ron Taft, Jaime Frankfurt, Jim Miller, David Viscott, Tom Nolan, Mark Bryan, Lisa Gordon, Garry Shandling, Tom & Lynne Scott, Erice Tanya Idel, Andrew e Nancy Jarecki.

E a outros professores de lições de vida: Beatriz Foster, Jeff Jacobs, Norman Lear, Walt Zifkin, Norman Brokaw, Darrel Wright, Bill Sammeth, Bruce King, Sandy Litvak, Harry Grossman, Bob Weintzen, Michael Cantrell, Roger Davies, Jim Chafee, Gary Beer, Linden Gross, John Wilson, Walt Decuir, James "Chips" Stewart, Francis Pizzuli, Stephen Pollan, Donna Kail, Lisa Gaeta, Peggy Garrity e Barbara Newman. Um agradecimento especial a Richard Berendzen pela coragem e incentivo.

E obrigado aos que me ensinaram lições adultas sobre violência familiar e que se esforçam para reduzi-la: Scott Gordon, Mareia Clark, Chris Darden, Gil Garcetti, Bill Hodgman, Carol Arnett, Casey Gwinn, Tom Sirkel, Betty Fisher e todos os membros do Victory Over Violence Board. A família Goldman e a Peter Gelblum e Daniel Petrocelli: obrigado por me aceitarem no seu time.

E a alguns amigos que são importantes modelos de vida para mim e muitos outros: Oprah Winfrey, Robert Redford, Tina Turner, Michael Eisner. Todos vocês me ensinaram muito sobre honra, integridade e responsabilidade.

Obrigado a Steven Spielberg, Barbra Streisand, Meryl Streep, Steve Martin, Tom Hanks e muitos outros que provaram que os filmes podem ensinar mais do que apenas novas formas de matar sujeitos maus que mantêm pessoas como reféns em arranha-céus, porta-aviões, aeroportos, aviões, trens, metrô ou ônibus.

E obrigado por sua coragem a: Theresa Saldaria, Cheryle Randall, Ruben e Lisa Blades, Jackie Dyer e Olivia Newton-John.

Obrigado aos meus colegas na Gavin de Becker, Incorporated: Michael LaFever, David Batza, Tracy Spencer, Michael Kolb, Michelle Taylor, Robert

Martin, David Falconer. Jo Ann Ugolini, John Jackson, I lank Rivera, Jeff Marquart, Raquel Rimando. E a todos vocês cujo trabalho não é público: RNI. GCO, BMI, MDE, GPO, RGÁ, TIA, KMR. SMR, SAB. MVA, BWA, SBA, WHA. NU. Ji IA, J.IC, KKI, GTO, AMN, SMA, APR, ALI. ESO, MMLSMM, JDE. Vocês e suas equipes participam de algo importante, e fico impressionado com a sua capacidade, profissionalismo, dedicação e resultados obtidos. Principalmente, tenho orgulho de fazer parte desta equipe.

Aos meus amigos em Fiji: fui estudá-los e acabei amando vocês.

Este livro não teria sido escrito sem Charlie Rose, que me apresentou a Richard Berendzen e Sherwin Nuiand, e que nos apresentou a tantos escritores extraordinários.

Finalmente, minha gratidão e o meu amor a Michelle Pfciffcr, uma querida amiga ou a melhor atriz do mundo (ou ambas), a Shaun Cassidy (mi hermano), pelos 24 anos de amizade e incentivo, a Carrie Fisher, que me agradeceu no final de um de seus livros dizendo: "Sem ele jamais teria sido possível fazer estes agradecimentos." Carry: sem você, jamais eu poderia fazer estes agradecimentos.

E, é claro, obrigado a Kelly.

Apêndice Um - Sinais de sobrevivência e estratégias para previsão

PINS (indicadores pré-incidentes) ASSOCIAÇÃO FORÇADA
AGIOTAGEM
EXCESSO DE DETALHES PROMESSAS NÃO SOLICITADAS
UM "NÃO" IGNORADO
A ENTREVISTA
REGRA DOS OPOSTOS
LISTA DE TRÊS PREVISÕES ALTERNATIVAS
JACA (Justificativas, Alternativas, Conseqüências, Capacidade)
RICE (Confiabilidade, Importância, Custo, Eficácia)

MENSAGEIROS DA INTUIÇÃO

Sensações insistentes

Idéias persistentes

Humor

Espanto

Ansiedade

Curiosidade

Palpites

Pressentimentos

Dúvida

Hesitação

Suspeita

Apreensão

Medo

Delegacias Especiais de Atendimento à Mulher (DEAMs)

Foram criadas em julho de 1986, com a finalidade específica de dar atendimento e orientação à mulher vítima de crimes. As delegacias especiais têm competência para apurar crimes, como, por exemplo, de lesão corporal, ameaça, estupro e atentado violento ao pudor, maus-tratos, abandono de incapaz, constrangimento ilegal, cárcere privado, sedução, corrupção de menores e rapto. Central de serviços de apoio: (021) 690 3520

Centro de Valorização da Vida (CVV)

É uma entidade reconhecida de Utilidade Pública Federal que promove apoio e aconselhamento emocional. Pioneiro no Brasil, começou em 1962, em São Paulo, é um trabalho integrado por voluntários, cuja atitude é de confiança, aceitação, compreensão e respeito à pessoa humana em aflição, vítima de qualquer tipo de violência. Posto de atendimento: (021) 233-9191

Centro Brasileiro de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente (CBDDCA)

É uma organização que trabalha a nível local, nacional e internacional em defesa e pela promoção dos Direitos Humanos. Atua nas situações que envolvam crianças e adolescentes e toda forma de violação de direitos. Atendimento multidisciplinar em situação de risco a crianças e adolescentes, assim como às famílias. Essa instituição, entre outras coisas, se propõe identificar as necessidades de crianças e adolescentes e encontrar soluções por meio da articulação e encaminhamento para serviços públicos e privados disponíveis, com perspectiva de inserção social. Recebe apoio da Anistia Internacional, com parceria no Resgate de Direitos Humanos, do Departamento de Proteção a Testemunhas, do FBI (EUA). Central de denúncias: (021)220-9009

Associação dos Alcoólicos Anônimos (AAA)

Prestação de serviços de auxílio às famílias afetadas pelo alcoolismo. Central de serviços: (021) 253-9283

Victory Over Violence (VOV)

Essa organização, formada por pessoas dos setores de entretenimento, negócios e governo americanos, é pessoalmente presidida pelo autor desse livro - Gavin de Becker - e presta serviços de natureza similar àqueles nacionais citados nesse apêndice. Dedicada a aumentar a conscientização do público e apoiar diretamente as famílias que fogem da violência doméstica, entre seus muitos projetos, o VOV financia cuidados e alimentação para mães e crianças nos

abrigos, proporciona sessões de arteterapia para as crianças, coordena programas de cirurgia cosmética para mulheres desfiguradas pela violência doméstica, e proporciona a crianças áreas de jogos nos escritórios da promotoria para que as mulheres possam relatar os crimes sem serem ouvidas por seus filhos pequenos.

Sua ajuda é bem-vinda, seja financeira ou não.

VICTORY OVER VIOLENCE BOARD

Victoria Principal, presidente

Gavin de Becker, presidente

Ed Begley Jr.

Carrie Fisher

Jeff Goldblum

Jennifer Grey

Stephanie Kopflichsch

Jerry McGee

Michelle Pfeiffer

John Stozdas

Lesley Ann Warren

Laura Dern

Betty Fischer

Mark Fleischer

Dr. Harry Glassman

David E. Kelley

Marlee Matlin

Rosie O'Donnell

Meg Ryan

Caroline Thompson

Scott Gordon, Linda Ikeda-Vogel

Presidentes, Domestic Violence Council

Carol Ainert

Diretora executiva, Domestic Violence Council

Victory Over Violence

3175 West 6th Street

Los Angeles, CA 900020

Apêndice Três - Segurança armada

Para algumas pessoas, proibir o uso de armas equivale psicologicamente a uma castração imposta pelo governo, portanto, quero ser bem claro: não estou contestando o nosso suposto direito de andar armado (em nome do qual, por falar nisso, já morreram mais americanos dentro das suas próprias casas do que na guerra). E não estou defendendo o controle de armas. Eu defendo algo muito mais prático, algo que podemos chamar de *controle das balas*.

Proponho que se obrigue os fabricantes de armas a obedecerem aos mesmos padrões de confiabilidade para os seus produtos que exigimos de outros. Imagine se um líquido cáustico para desentupir ralos fosse vendido numa embalagem fácil de abrir, de derramar, com sistema de pistola, cujo apoio de celebridades fosse dado de uma forma que as crianças achassem atraente. Ora, desentupidores de ralo podem machucar as pessoas, mas não foram feitos com esse propósito. Os revólveres são feitos exatamente com esse objetivo, portanto os fabricantes não deveriam colocar neles dispositivos de segurança, tecnologicamente práticos há décadas? Até as furadeiras elétricas têm gatilhos de segurança, mas os revólveres não.

As armas poderiam ter componentes para inibir o seu uso por crianças, ou tecnologias que permitissem o seu funcionamento só nas mãos do proprietário (com um anel codificado ou punho, por exemplo, ou uma combinação de tranca montada dentro da arma). Enquanto isso, é mais fácil atirar com a maioria dos revólveres do que abrir um vidro de vitaminas de uso infantil.

Falando de embalagens invioláveis, o desenho de bilhões de frascos de produtos para o consumidor mudou depois que oito pessoas morreram envenenadas com Tylenol - uma tragédia totalmente fora do controle do fabricante - enquanto que os fabricantes de armas intencional e entusiasticamente fabricam produtos que matam quinhentos americanos por semana, e não exigimos deles uma única característica de segurança. Faz sentido para você que os fabricantes que vendem produtos projetados especificamente para ferir os tecidos do nosso corpo, e de uma forma eficiente, rápida, portátil e letal, tenham a obrigatoriedade de respeitar um número de exigências menor do que virtualmente todos os outros produtos que você usa?

A indústria de armas dirá que seus compradores compreendem e aceitam os riscos das armas de fogo, mas isso não responde pelos quarenta noventa e nove mortos, vítimas de balas perdidas, num só ano, ou por todas as outras pessoas que se tornarão consumidoras relutantes de munição.

Para garantir que os fabricantes de armas entendam bem o que estou dizendo, vou fazer agora mesmo o que espero que outros americanos também façam, avisá-los disso formalmente:

Quanto a mim, não aceito os riscos que seus produtos representam e que podem ser evitados. Como vítima em potencial, não tenho nenhum acordo implícito com a Colt, com a Smith & Wesson ou Ruger, e as considero plenamente responsáveis por não acrescentarem mecanismos à prova de crianças e outros dispositivos de trava que clara e previsivelmente reduziriam o número de mortes.

Alguns proprietários de armas explicam que não precisam travar suas armas porque não têm filhos. Mas outras pessoas têm, e essas crianças visitarão as suas casas um dia. O bombeiro hidráulico atendendo a um chamado de emergência no final de semana trará o filho de nove anos que, entediado e procurando o que fazer, pode acabar encontrando a arma.

A outra razão muito citada para não travar as armas é que elas devem estar prontas para disparar imediatamente numa emergência, talvez no meio da noite. Imagine-se profundamente adormecido e, numa fração de segundo, você já está atrás do volante de um caminhão, capotando numa estrada a mais de cem quilômetros por hora. Essa é a condição que os defensores das armas insistem tanto para que permaneça disponível, a capacidade de se sentar na cama e começar a disparar no escuro sem dar um tempo antes para soltar a trava de segurança. Numa história publicada pela Associated Press, a dona de uma arma nem precisou se sentar na cama; colocou a mão sob o travesseiro, pegou o 38 e, pensando que era o remédio para asma, deu um tiro no rosto.

Todos os anos, só na Califórnia, são roubadas aproximadamente 100.000 armas. As pessoas no meu estado compensam a perda comprando 650.000 armas todos os anos. Não é de se espantar que, numa semana típica, quase mil californianos sejam alvejados. A maioria sobrevive para contar a sua dor, assim, quem ouve as histórias terríveis sai correndo... e compra uma arma. Há muito o que se pensar aqui, mas o meu argumento principal é que essas armas roubadas seriam inúteis e inofensivas se um sistema de trava as tornasse inoperáveis.

Enquanto isso, se você tiver uma arma, pode fazer algo que os fabricantes não tiveram o cuidado de fazer: tranque-a, não só a sala, o armário ou a gaveta onde ela se encontrar, mas ela mesma. Este parágrafo é um sinal de sobrevivência para alguma criança, porque ela é que provavelmente encontrará a arma que o dono tinha certeza de estar guardada fora do seu alcance, ou de precisar muita força para apertar o gatilho.

Travas para armas podem ser encontradas em lojas especializadas ou de artigos esportivos. Embora não estejam marcados como de uso específico para armas, muitos tipos de cadeado podem ser colocados através do guarda-mato por trás do gatilho dos revólveres. Um cadeado excelente para isso é o Sesamee, fabricado por Corbin, encontrado em muitas lojas de ferragens. Uma das suas vantagens é ficar visível. O Sesamee da Corbin também permite que o

comprador programe a sua própria combinação, podendo ser retirado facilmente se a pessoa a conhecer.

Apêndice Quatro - Violência no trabalho

Compreender e Prevenir a Violência no Ambiente de Trabalho é uma série de vídeos para treinamento avançado de gerentes de órgãos governamentais, de grandes empresas e universidades. Não são para o público em geral. O programa inclui entrevistas com as vítimas e com os indivíduos que cometeram grandes atos de violência no ambiente de trabalho. Um trabalho conjunto de Park Dietz e Gavin de Becker (ambos exaustivamente entrevistados), recebeu a Medalha de Ouro do Mercury Video Awards para a melhor fita de treinamento e foi avaliado pela Employee Assistance Association of America com 100% das pontuações.

Narrado por Efrem Zimbalist Jr. e produzido por Gregory Orr, cineasta indicado para um Emmy, o programa fala de tópicos como prever comportamentos violentos, perceber os sinais de alerta de violência no trabalho, tratar de questões legais, da seleção de candidatos a emprego e do processo de demissão. Os temas são orientados por um conselho de representantes da Kraft Foods, da Walt Disney Company, da United States Marshals Service, da Pfizer e da Target Stores.

Originalmente vendida a \$ 1.750 (com os lucros beneficiando o National Victims Center), a série, em oito partes, com duração de quatro horas, pode ser comprada por \$875 na:

Video Distribution
3727 West Magnolia Boulevard, Suite 162
Burbank, CA 91510-7711

Apêndice Cinco - Gavin De Becker, Incorporated

A Gavin de Becker Incorporated dá consultoria e apoio a figuras públicas, órgãos governamentais, empresas e outros que enfrentam previsões de alto risco de violência. A empresa de 46 membros aconselha figuras da mídia em questões de segurança e privacidade. A Protective Security Division (PSD) dá apoio logístico, facilita negociações e protege figuras públicas.

A Threat Assessment and Management Division (TAM) avalia e analisa comunicações inadequadas, alarmantes e ameaçadoras. Atua como perito e testemunha nos processos que envolvem perseguições, ameaças e a previsibilidade ou prevenção de violência. Desenvolve também sistemas de intuição artificial, que atualmente incluem:

MOSAIC-2: Usado por órgãos governamentais para avaliar comunicações inadequadas enviadas a funcionários públicos.

MOSAIC-3: Usado para avaliar ameaças a juizes e promotores.

MOSAIC-5: Usado por empresas, universidades e outras grandes organizações para avaliar atuais e ex-funcionários que podem representar risco para os outros no ambiente de trabalho.

MOSAIC-10: Usado para avaliar riscos a instalações de saúde reprodutora.

MOSAIC-20: Usado pela polícia e promotorias para determinar quais as situações em que a violência tem mais probabilidade de aumentar.

MOSAIC-50: Usado para avaliar quais os casos em que a violência contra a criança tem mais probabilidade de crescer.

(Observação: MOSAIC 2, 3 e 10 estão disponíveis apenas para órgãos do governo.)

A Gavin de Becker, Incorporated oferece treinamento avançado para avaliação de ameaças, administração de casos e previsão de comportamento violento a departamentos de polícia, promotores, órgãos estaduais e federais, grandes empresas e universidades. Cursos com duração de um, dois e três dias são administrados em Boulder Creek, instalações para treinamento com 72.000 m2 de extensão, nos arredores de Los Angeles.

Gavin de Becker, Incorporated
11684 Ventura Boulevard, Suite 440
Studio City, CA 91604
Fax: 818-605-0426
Endereço on-line: INFOLINE@GDBINC.COM

Cidadãos comuns que estejam enfrentando previsões de alto risco

envolvendo perseguidores funcionários zangados ou cônjuges violentos podem saber mais sobre os recursos de avaliação na página de Gavin de Becker, Incorporated, na Internet: WWW.GDBINC.COM

Apêndice Seis - Os elementos de previsão

1) MENSURABILIDADE DO RESULTADO

4 óbvio, claro

3 possível de ser descoberto e definição compartilhada

1 possível de ser descoberto, mas fluido e inconsistente

0 não mensurável/impossível de ser descoberto

2) VANTAGEM

3 visão de perspectiva

2 visão indireta

0 visão obstruída ou falta de visão

3) IMINÊNCIA

4 iminente

2 previsível

0 remota

4) CONTEXTO

3 plenamente revelado

0 oculto

5) INDICADORES PRÉ-INCIDENTES

5 vários, confiáveis, detectáveis

3 poucos, confiáveis, detectáveis

0 não confiáveis ou não detectáveis

6) EXPERIÊNCIA

5 extensa com ambos os resultados

3 com ambos os resultados

2 com nenhum resultado

0 elementar/parcial/irrelevante

7) EVENTOS COMPARÁVEIS

4 substancialmente comparáveis

1 comparáveis

0 não comparáveis

8) OBJETIVIDADE

1 acredita que os dois resultados são possíveis

0 acredita que um só resultado ou nenhum resultado é possível

9) INVESTIMENTO

3 interessado no resultado

1 emocionalmente interessado no resultado

0 não interessado no resultado

10) DUPLICABILIDADE

5 facilmente duplicável

2 duplicável por amostragem ou substituição

0 não prática ou não duplicável

11) CONHECIMENTO

2 relevante e acurado

0 parcial ou não acurado

Esta escala ajuda a determinar se uma determinada previsão pode ser feita com êxito (o que é diferente de ter ou não êxito). Para avaliar uma previsão, responda às 11 perguntas descritas no Capítulo 6 selecionando entre as possíveis respostas anteriores. Depois some os pontos.

22 ou menos: Não confiantemente previsível, uma questão de sorte

23-27: Pouca probabilidade de sucesso

28-32: Previsível

32 ou mais: Altamente previsível

Observação: Em VANTAGEM a pergunta é se a pessoa que está prevendo pode observar os indicadores pré-incidentes e o contexto. Se você pode observar a situação e os indicadores pré-incidentes diretamente, então você tem Visão de Perspectiva, mas se só pode observá-los através de algum outro meio (tal como relatórios ou outras evidências), selecione a Visão Indireta.

A seguir apresentamos algumas previsões comuns, pontuadas supondo-se que a pessoa que responde está interessada no resultado e é o mais objetiva possível:

QUEM GANHARÁ O OSCAR?

22, mero acaso

(previsto por um historiador do cinema, Rod Lurie)

UMA PESSOA CONHECIDA E IDENTIFICADA POR AMEAÇAR O PRESIDENTE VAI SE APROXIMAR DELE COM UMA ARMA?

33, altamente previsível

(previsto por Bryan Vosekuill e Robert Fein do U.S. Secret Service)

UM BOM AMIGO VAI DEIXAR DE PAGAR UMA DÍVIDA?

33, altamente previsível

(previsto pelo credor, que costuma emprestar dinheiro aos amigos)

O CÃO NA MINHA FRENTE VAI ME ATACAR?

37, altamente previsível

(previsto pelos especialistas em comportamento de cães, Jim e Leah Canino)

UM EDITOR VAI SE INTERESSAR PELA IDÉIA DE UM DETERMINADO LIVRO?

37, altamente previsível

(previsto pela agente literária Kathy Robbins)

UM DETERMINADO LIVRO VAI VENDER?

29, previsível

(previsto pelo editor, Bill Phillips, na hora de adiantar o pagamento do autor)

UM CONVIDADO VAI SE APRESENTAR BEM NUM PROGRAMA DE ENTREVISTAS NA SEMANA QUE VEM?

30, previsível

(previsto por Peter Lassaly, produtor executivo de The Tonight Show Starring Johnny Carson e The Late Show Starring David Letterman)

UM DETERMINADO COMEDIANTE ACOSTUMADO A SE APRESENTAR SOZINHO VAI SE SAIR BEM NUM PROGRAMA DE ENTREVISTAS NA SEMANA QUE VEM?

36, altamente previsível

(previsto por Peter Lassally)

(Esta previsão tem urna pontuação mais alta do que um convidado comum porque todos nós temos a mesma idéia sobre o que significa um comediante se sair bem: a platéia ri. O que significa para um convidado comum se sair bem é algo mais instável - a platéia pode ficar informada, se divertir ou se emocionar. Esta previsão também tem uma pontuação mais alta porque o desempenho do comediante pode ser duplicado com outra platéia antes.)

VAI HAVER UM GRANDE TERREMOTO EM LOS ANGELES ESTE ANO?

22, mero acaso

(previsto pelo geólogo Gregory Dern)

O AVIÃO ONDE ESTOU VAI CAIR?

24, previsão de pouco êxito

(previsto por Tom Nolan, membro do "Million Mile Club", enquanto voava

tranqüilamente de um ponto a outro do país)

MINHA FILHA DE SEIS ANOS VAI GOSTAR DE UMA DETERMINADA COMIDA?

34, altamente previsível

(previsto por Lisa Gordon, mãe)

VOU PARAR DE FUMAR NA SEMANA QUE VEM?

35, altamente previsível

(previsto por uma fumante que desistiu no passado, mas depois voltou a fumar)

HAVENDO UM SEQÜESTRO, QUE PASSAGEIRO ENTRE OS QUE ESTÃO ENTRANDO NO AVIÃO VAI COMETÊ-LO?

19, mero acaso

(previsto por um funcionário no balcão de venda de bilhetes)

QUEM NA PRIMEIRA FILA VAI SE LEVANTAR E TENTAR SUBIR NO PALCO DURANTE UM CONCERTO, SE ISSO ACONTECER?

33, altamente previsível

(previsto durante um show por Jeff Marquart, segurança profissional treinado em "AMMO", Audience Management, Monitoring and Observation)

UM DETERMINADO FUNCIONÁRIO QUE SABE QUE VAI SER DEMITIDO SAIRÁ DISPARANDO A ESMO?

35, altamente previsível

(previsto por David Batza, diretor de TAM, na Gavin de Becker, Incorporated)

UM MARIDO AGRESSIVO VAI FICAR MAIS VIOLENTO QUANDO SOUBER QUE A MULHER PEDIU DIVÓRCIO?

35, altamente previsível

(previsto pela mulher dele)

Apêndice Sete - Perguntas a serem feitas à escola do seu filho

- Existe um manual com a política da escola ou um guia de orientação para os professores? Posso ter uma cópia, ou analisá-lo aqui?
- A segurança dos alunos é o primeiro item tratado no manual ou no guia? Se não é, por quê?
- Nele se fala da segurança dos alunos?
- Existem políticas no que se refere a violência, porte de armas, uso de drogas, abusos sexuais, abusos sexuais de criança por outra criança, visitantes não autorizados?
- Investigam-se os antecedentes de todos os funcionários?
- Que áreas são examinadas durante estas investigações?
- Quem colhe as informações?
- Quem na administração analisa as informações e determina se a contratação é adequada?
- Quais os critérios que desqualificam um candidato?
- O processo de seleção se aplica a todos os funcionários (professores, zeladores, pessoal da cantina, seguranças, funcionários de meio expediente etc.)?
- Existe uma enfermeira, ou enfermeiro, sempre a postos quando as crianças estão na escola (inclusive antes e depois das aulas)?
- Qual é o nível de formação e treinamento da enfermeira, ou enfermeiro?
- Meu filho pode me ligar a qualquer hora?
- Posso visitar meu filho a qualquer hora?
- Qual o critério da escola para entrar em contato com os pais?
- Quais os procedimentos de notificação dos pais?
- Quais os procedimentos para se pegar as crianças na saída da escola?
- Como se determina que uma outra pessoa, que não seja eu, pode apanhar meu filho na escola?
- Como a escola resolve situações especiais (disputas de custódia, preocupações de seqüestros de crianças etc.)?
- As crianças mais velhas ficam separadas das mais novas durante o recreio, almoço, hora de ir ao banheiro etc?
- Os atos de violência ou criminalidade na escola ficam documentados? Existe uma estatística dessas ocorrências?
- Posso analisar as estatísticas?
- Que tipo de violência ou criminalidade ocorreu na escola nos últimos três anos?
- São realizadas reuniões regularmente com professores e administradores para discutir questões relacionadas com segurança e proteção?
- Os professores são notificados formalmente quando uma criança com histórico

de má conduta grave ingressa nas suas turmas?

- Qual a relação aluno-professor na sala de aula? Durante o recreio? Durante as refeições?
- Como os alunos são supervisionados na ida ao banheiro?
- Serei informado da má conduta de um professor que possa ter afetado a segurança ou o bem-estar do meu filho?
- Existe uma equipe de segurança nas instalações?
- O pessoal da segurança recebe por escrito a política e as normas da escola?
- A segurança dos alunos é a primeira questão tratada nas políticas de segurança e no material relacionado com as normas da escola? Se não, por quê?
- Existe uma investigação de antecedentes na contratação do pessoal responsável pela segurança, e o que ela abrange?
- Existe um controle das pessoas que entram no prédio?
- Se houver uma emergência na sala de aula, como o professor solicita ajuda?
- Se houver uma emergência no playground, como o professor pede ajuda?
- Quais são as políticas e os procedimentos nos casos de emergência (fogo, tumulto, intruso violento etc?)
- Com que frequência são realizados os exercícios de emergência?
- Quais os procedimentos adotados quando uma criança se machuca?
- Para que hospital o meu filho será transportado no caso de um ferimento grave?
- Posso escolher outro hospital? Um médico específico da família?
- Que delegacia de polícia atende à escola?
- Quem é o contato da escola na delegacia de polícia?

A escola deve ter uma resposta pronta para todas essas perguntas. Já durante o processo de indagação (que pode ser feito por escrito) é possível identificar as áreas que não foram consideradas ou amplamente tratadas pelos funcionários da escola.

Bibliografia recomendada

- ABBOT. JACK HENRY. In the Belly of the Beast: Letters from Prison. Nova York: Random House. 1991.
- BECKER. ERNEST. The Denial of Death. Nova York: Free Press, 1985.
- BERENDZEN. RICHARD e LAURA PALMER. Come Here A Man Copes with the Aftermath of Childhood Sexual Abuse. Nova York: Random House, 1993.
- BINGHAM. ROGER e CARL BYKER. The Human Quest. Princeton. NJ: Films for the Humanities and Sciences. 1995. Série em videocassete.
- BLANKENHORN. DAVID. Fatherless America: Confronting Our Most Urgent Social Problem, Nova York: Basic, 1995.
- BRANDLN. NATHANIEL. Honoring the Self: The Psychology of Confidence and Respect. Nova York: Bantam, 1985.
- BURKE. JAMES. The Day the Universe Changed. Boston: Little, Brown. 1995.
- CLINTON, HILLARY RODHAM. // Takes a lillage: And Other Lessons Children Teach Us. Nova York: Simon and Schuster, 1996.
- DUTTON, DONALD e SUSAN K. GOLANT. The Batterer: A Psychological Profile. Nova York: Basic. 1995.
- FALUDI. SUSAN. Backlash: The Undeclared War Against American Women. Nova York: Crown, 1991.
- FEIN. ELLEN e SHERRIE SCHNEIDER. The Rules. Nova York: Warner. 1995.
- GOLEMAN, DANIEL. Emotional Intelligence: Why It Can Matter More Than IQ. Nova York: Bantam. 1995. [Ed. bras.: Inteligência emocional. Editora Objetiva.]
- GOREY. EDWARD. Amphigorey. Nova York: Putman. 1980.
- GROSS. LINDEN. To Have or To Harm: True Stories of Stalkers and Their Victims. Nova York: Warner. 1994.
- HARE. ROBERT D. Without Conscience: The Disturbing World of the Pyscopaths Among Us. Nova York: Pocket, 1995.
- JONE.S, ANN R. e SUSAN SCHECHTER. When Love Goes Wrong: What to Do When You Can't Do Anything Right. Nova York: HarperCollins. 1993
- KONNER. MELVIN. Why the Reckless Survive: And Other Secrets of Human Nature. Nova York: Vikinu. 1990.